

SIMONE MENDONÇA SOARES

A CONCORDÂNCIA VERBAL DE TERCEIRA PESSOA DO PLURAL NA FALA DE
CRIANÇAS DE UMA CRECHE COMUNITÁRIA DE PORTO ALEGRE:
APRENDIZAGEM DE UMA REGRA VARIÁVEL

PORTO ALEGRE

2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM
ESPECIALIDADE: LINGUÍSTICA APLICADA

A CONCORDÂNCIA VERBAL DE TERCEIRA PESSOA DO PLURAL NA FALA DE
CRIANÇAS DE UMA CRECHE COMUNITÁRIA DE PORTO ALEGRE:
APRENDIZAGEM DE UMA REGRA VARIÁVEL

SIMONE MENDONÇA SOARES

ORIENTADORA: PROF^a DR^a LUCIENE JULIANO SIMÕES

Tese de Doutorado em Linguística Aplicada, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PORTO ALEGRE

2012

CIP - Catalogação na Publicação

Soares, Simone Mendonça

A concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala de crianças de uma creche comunitária de Porto Alegre: aprendizagem de uma regra variável / Simone Mendonça Soares. -- 2012.
263 f.

Orientadora: Luciene Juliano Simões.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2012.

1. Variação linguística. 2. Concordância verbal. 3. Aquisição da linguagem. I. Simões, Luciene Juliano, orient. II. Título.

Às crianças, educadoras e funcionários da creche e moradores da comunidade, que, ao abrirem suas vidas para as 'visitas', tornaram este trabalho possível

dedico.

AGRADECIMENTOS

A realização desta tese só foi possível graças à colaboração inestimável, incentivo e amizade de algumas pessoas. Agradeço a elas as valiosas discussões, sugestões, críticas, e suporte afetivo sem os quais este trabalho não teria sido concluído.

Agradeço, em especial:

à minha orientadora, Professora Luciene Simões, pela inteligência e firmeza com que conduziu minha orientação, e, sobretudo, pela valiosa amizade;

à colega e grande amiga Bibiana Silva, cujo incentivo e amizade tornaram o trabalho menos árduo;

às colegas Andréa Mangabeira e Simone Schneider pela colaboração e amizade;

a todos os bolsistas PET que trabalharam no projeto, em especial Joana da Luz e Renata Corrêa, pelo apoio na geração dos dados, e Maria Fernanda Viegas e Simone Grams Land, pela dedicação com que conduziram o trabalho de campo;

aos professores Luís Amaral, Cléo Altenhofenn e Pedro Garcez, pelas valiosas discussões e esclarecimentos em diferentes momentos da pesquisa;

ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS, pela oferta de um curso tão qualificado, e ao Ministério da Educação, pelo financiamento;

ao meu trio, Thomas, Vinicius e Leonardo, pelo amor e paciência;

ao meu pai, Sandoval, e à minha mãe, Veronica, por tudo.

RESUMO

Com este estudo, meu objetivo é analisar os contextos linguísticos e sociais em que se dá a produção da desinência de concordância variável de terceira pessoa do plural na fala infantil. A amostra é constituída por dados de trinta crianças, estratificadas em três faixas etárias, 3, 4 e 5 anos de idade, e em gênero, quinze meninos e quinze meninas, pertencentes a uma comunidade de classe baixa do município de Porto Alegre. Dados foram gerados especificamente para análise quantitativa de concordância variável. A geração dos dados foi realizada em sessões de interação entre criança e pesquisador, através de atividades elaboradas especificamente para este fim. Para estabelecer um quadro descritivo da constituição social da comunidade e, com isso, dar suporte à análise das variáveis sociais, gerei dados de natureza interpretativa, com técnicas de observação participante. A análise dos dados foi feita através de metodologia quantitativa, e utilizei, para tal, o Programa *GOLDVARB* de análise estatística. A interpretação dos resultados estatísticos teve por base estudos anteriores sobre o sistema variável de concordância verbal em dados de crianças de classe média, e também pesquisas referentes a este sistema linguístico em outras comunidades brasileiras sobre dados de adultos. Os resultados mostraram que a variação sociolinguística na infância responde tanto a fatores linguísticos e discursivos (*saliência fônica, tempo verbal, tonicidade, tipo de sujeito, posição do sujeito e focalização*) descritos para a fala adulta, quanto a fatores sociais (*pesquisador, faixa etária e ocupação da mãe*) relacionados à dinâmica socioeconômica da comunidade onde as crianças vivem. De modo geral, em relação às variáveis linguísticas, o comportamento das crianças sob estudo não divergiu significativamente do comportamento linguístico das crianças das pesquisas anteriores nem daquele dos adultos de classe média, descrito em pesquisas da área. Os resultados das variáveis sociais, por sua vez, indicam que há variação sociolinguística específica da infância. A análise mostrou que as crianças do estudo, nos termos da variável observada, estão atentas à condição social da família em termos locais, e às experiências letradas, tanto escolares, quanto da sociedade urbanizada mais ampla.

ABSTRACT

This work aims at describing and analyzing the use of variable third person plural agreement in the speech of Brazilian children, between the ages of 3 and 6. . The sample is constituted by data from thirty children, stratified in three age groups, 3, 4 and 5 years old, and by gender, fifteen boys and fifteen girls, belonging to a lower socioeconomic class community in the city of Porto Alegre. The data were generated specifically for the quantitative analyses of variable agreement. The data generation was performed in interaction sessions between child and researcher, through activities specifically elaborated to this end. In order to establish a descriptive picture of the community social constitution and, therefore, support the analyses of social variables, interpretative data were also generated, through techniques of participant observation. The data analyses was performed through quantitative methodology, and, in order to achieve it, the statistical analyses software *GOLDVARB* was used. The interpretation of the statistical results was based on previous studies regarding the variable system of verbal agreement in data of middle class children, as well as research concerning this linguistic system in other Brazilian communities, focused on adults' data. The results have shown that the production of the third person plural suffix is influenced by linguistic and discursive factors (*phonic salience, verbal tense, tonicity, type of subject, subject position* and *focalization*) described for adult speech, as well as social factors (*researcher, age group and mother's occupation*) related to the socioeconomic dynamics of the community where the children live. In general, regarding the linguistic variables, the linguistic behavior observed in our data is not significantly different from that of middle class children observed in previous studies, neither from middle class adults. The results concerning social variables indicate that there are specific sociolinguistic variation patterns in childhood. The analysis has shown that the children here focused, regarding the observed variable, are aware of their families' social conditions in local terms, as well as of literate experiences both in school and in the urban society more widely.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Distribuição dos morfemas de flexão verbal nas seis pessoas gramaticais..	107
Tabela 2. Nominais com concordância de número padrão nos dados de crianças em fase de letramento (5;0-9;0)	113
Tabela 3. Relação entre a aplicação da marca de plural e a variável contexto de coleta.....	114
Tabela 4. Relação entre a aplicação da desinência de primeira pessoa do plural e a variável tipo de sujeito.....	115
Tabela 5. Relação entre a aplicação da desinência de primeira pessoa do plural padrão e a faixa etária.....	115
Tabela 6. Relação entre a aplicação da marca de plural e a variável alfabetização ..	116
Tabela 7. Relação entre a aplicação da desinência de terceira pessoa do plural e a variável posição do sujeito.....	119
Tabela 8. Relação entre a aplicação da desinência de terceira pessoa do plural e a variável gênero.....	120
Tabela 9. Nominais com concordância padrão nos dados de meninos e meninas em fase de letramento.....	120
Tabela 10. Relação entre a aplicação da desinência e a variável <i>saliência fônica</i>	190
Tabela 11. Relação entre a aplicação da desinência e a variável <i>saliência fônica</i> recodificada.....	192
Tabela 12. Relação entre a aplicação da desinência e a variável <i>tempo verbal</i>	194
Tabela 13. Cruzamento da variável <i>tempo verbal</i> com as variáveis <i>saliência fônica</i> , <i>tonicidade</i> e <i>focalização</i> em termos de percentuais de aplicação da marca	195
Tabela 14. Relação entre a aplicação da desinência e a variável <i>posição do sujeito</i>	197
Tabela 15. Relação entre a aplicação da desinência e a variável <i>tonicidade</i>	199
Tabela 16. Relação entre a aplicação da desinência e a variável tipo de sujeito.....	202
Tabela 17. Relação entre a aplicação da desinência e a variável <i>focalização</i>	204
Tabela 18. Relação entre a aplicação da desinência e a variável <i>pesquisador</i>	206
Tabela 19. Relação entre a aplicação da desinência e a variável <i>faixa etária</i>	207
Tabela 20. Relação entre a aplicação da desinência e a variável <i>gênero</i> aos 3 anos ..	210
Tabela 21. Relação entre a aplicação da desinência e a variável <i>pesquisador</i> aos 4 anos.....	211
Tabela 22. Relação entre a aplicação da desinência e a variável <i>ocupação do pai</i> aos 4 anos.....	212
Tabela 23. Relação entre a aplicação da desinência e a variável <i>tema da interação</i> aos 5 anos.....	212

Tabela 24. Relação entre a aplicação da desinência e a variável <i>pesquisador</i> aos 5 anos.....	213
Tabela 25. Relação entre a aplicação da desinência e a variável <i>ocupação do pai</i> aos 5 anos.....	213
Tabela 26. Relação entre a aplicação da desinência e a variável <i>microrregião de moradia</i> aos 5 anos.....	214
Tabela 27. Relação entre a aplicação da desinência e a variável <i>ocupação da mãe</i> ..	215
Tabela 28. Relação entre a aplicação da desinência e a variável <i>ocupação da mãe</i> ..	216
Tabela 29. Frequências de aplicação da desinência da variável <i>paralelismo formal</i> ...	223
Tabela 30. Frequências de distribuição dos fatores da variável <i>paralelismo formal</i> ...	224
Tabela 31. Relação entre aplicação da desinência e <i>tema da interação</i> sem amalgamações.....	227
Tabela 32. Relação entre a aplicação da desinência e a variável <i>tema da interação</i> ..	232
Tabela 33. Diferença de percentual de aplicação entre meninos e meninas por faixa etária.....	234

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Distribuição geral do tipo de desinência por porcentagem	183
Gráfico 2. Distribuição geral da aplicação de desinência por porcentagem	184
Gráfico 3. Atuação da variável <i>saliência fônica</i>	193
Gráfico 4. Cruzamento entre as variáveis <i>tonicidade</i> e <i>posição do sujeito</i>	200
Gráfico 5. Cruzamento entre as variáveis <i>tipo de sujeito</i> e <i>posição do sujeito</i> em relação ao número de ocorrências de presença da marca	203
Gráfico 6. Produção da marca de concordância de acordo com a faixa etária	208
Gráfico 7. Número de ocorrências de sujeito singular e verbo plural por faixa etária ..	221
Gráfico 8. Diferença de percentual de aplicação entre meninos e meninas por faixa etária.....	235
Gráfico 9. Presença/ausência de nasalização na desinência	237

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Presença/ausência do pai em casa dentre as crianças das turmas do Jardim em março de 2010	55
Quadro 2. Horários da rotina da turma de Jardim A	60
Quadro 3. Divisão das classes sociais com ocupações gerais correlatas	91
Quadro 4. Os paradigmas da flexão verbal na tradição normativa e na língua	95
Quadro 5. Sinopse de estudos sociolinguísticos sobre concordância verbal de terceira pessoa do plural.....	104
Quadro 6. Relação dos diários de campo	132
Quadro 7. Relação das entrevistas semiestruturadas	133
Quadro 8. Relação de registros audiovisuais	134
Quadro 9. Organização da geração de dados	147
Quadro 10. Composição da amostra	157
Quadro 11. Distribuição das turmas de Jardim A e B em dezembro de 2009 relativamente a gênero e faixa etária.....	158
Quadro 12. Quadro geral de interações realizadas na faixa etária 5 anos	158
Quadro 13. Percentuais de aplicação da desinência de terceira pessoa do plural em diferentes amostras	185
Quadro 14. Ocupação dos pais na faixa etária 5 anos	216

LISTA DE FIGURA, MAPA E FOTOGRAFIAS

FIGURA

Figura 1. Representação da distribuição do espaço físico da creche	60
--	----

MAPA

Mapa 1. Vista aérea da comunidade e seu entorno	38
---	----

FOTOGRAFIAS

Fotografia 1. Entrada do Beco das Palmeiras	39
Fotografia 2. Entrada do Beco das Palmeiras	40
Fotografias 3. Vista da Avenida Conquista	40
Fotografia 4. Abertura no muro	42
Fotografia 5. Trecho de passagem para a Avenida Artur Taborda	43
Fotografia 6. Casas na Av. Conquista	45
Fotografia 7. Casas na Av. Conquista	46
Fotografias 8. A área próxima ao valão	47
Fotografia 9. Pátio da creche	58
Fotografia 10. Pátio interno, entrada do refeitório e da sala do MII	58
Fotografia 11. Pátio interno e entradas das salas do MI e Jardim B	59
Fotografia 12. Entrada da sala do berçário	59

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1. O BECO DAS PALMEIRAS, SUA HISTÓRIA, SUAS CRIANÇAS ...	25
1.1 A questão da habitação	26
1.2 A Vila Jardim das Palmeiras	32
1.3 A dinâmica da vida na comunidade	37
1.4 A heterogeneidade socioeconômica: os de cá e os de lá	44
1.5 A creche Terra Santa	56
1.6 Nossa presença em grupo no Beco	64
1.7 Língua e sociedade no Beco	66
2. UMA BASE TEÓRICA PARA O ESTUDO DA APRENDIZAGEM DA REGRA VARIÁVEL	69
2.1 A variação linguística na aprendizagem de uma regra variável	70
2.2 Dois construtos centrais na aprendizagem da variação linguística: idade e gênero	79
2.3 O conceito de letramento	88
2.4 A estratificação em classes pelo critério de ocupação	90
2.5 A base conceitual do projeto de pesquisa	92
3. A CONCORDÂNCIA VERBAL VARIÁVEL	93
3.1 O sistema de concordância verbal	94
3.2 O sistema de flexão verbal na linguagem infantil	96
3.3 A concordância verbal variável	99
3.4 De onde partimos	106
3.5 Resultados anteriores	109
3.6 A revisão da literatura	121
4. AS QUESTÕES DE MÉTODO	122
4.1 A geração dos dados qualitativos	124
4.1.1 A aproximação com o campo	125
4.1.2 Os dados obtidos	131
4.2 A articulação entre as metodologias qualitativa e quantitativa	136

4.3	A geração do banco de dados para a pesquisa quantitativa	138
4.3.1	A preparação das brincadeiras para geração de dados	141
4.3.2	As interações de geração de dados	146
4.3.3	A seleção das crianças	156
4.4	A análise quantitativa	159
4.4.1	Procedimentos de armazenamento e etiquetagem dos dados	160
4.4.2	Procedimentos de análise dos dados	161
4.4.3	Dados descartados	162
4.4.4	O envelope de variação	164
4.4.4.1	A variável dependente	164
4.4.4.2	As variáveis linguísticas	165
4.4.4.2.1	Saliência fônica	165
4.4.4.2.2	Tempo verbal	166
4.4.4.2.3	Tonicidade da forma verbal	166
4.4.4.2.4	Tipo de sujeito	167
4.4.4.2.5	Tipo de verbo	168
4.4.4.2.6	Posição do sujeito em relação ao verbo	168
4.4.4.2.7	Paralelismo formal	169
4.4.4.2.8	Animacidade do sujeito	170
4.4.4.3	As variáveis discursivas	170
4.4.4.3.1	Discurso reportado	170
4.4.4.3.2	Focalização	171
4.4.4.3.3	Tema da Interação	171
4.4.4.4	As variáveis sociais	172
4.4.4.4.1	Gênero	173
4.4.4.4.2	Faixa Etária	174
4.4.4.4.3	As variáveis de estratificação socioeconômica	175
4.4.4.4.4	Pesquisador	178
4.4.4.4.5	Participante.....	178
4.5	A pesquisa com crianças de classe baixa: integração entre metodologias e adaptações na geração de dados	179
5.	RESULTADOS	181
5.1	Resultados gerais	182
5.2	Rodada principal: presença/ausência da marca de concordância	183

5.2.1	As variáveis linguísticas	189
5.2.1.1	Saliência fônica	189
5.2.1.2	Tempo verbal	193
5.2.1.3	Posição do sujeito em relação ao verbo	196
5.2.1.4	Tonicidade	198
5.2.1.5	Tipo de sujeito	200
5.2.2	A variável discursiva	203
5.2.3	As variáveis sociais	205
5.2.3.1	Pesquisador	205
5.2.3.2	Faixa Etária	207
5.2.3.2.1	Faixa Etária 3 anos	209
5.2.3.2.2	Faixa Etária 4 anos	210
5.2.3.2.3	Faixa Etária 5 anos	211
5.2.3.3	Ocupação da mãe	214
5.3	Análises secundárias	219
5.3.1	Fatores e grupos de fatores retirados da análise	220
5.3.2	Rodada secundária: tema da interação	226
5.3.3	Gênero	233
5.4	Presença/ausência da nasalização na marca de concordância	236
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	238
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	243
	ANEXOS	255

INTRODUÇÃO

Este projeto de pesquisa assinala, no meu caminho como pesquisadora, mais uma etapa na busca pelo entendimento dos processos envolvidos no uso variável do sistema de concordância verbal por crianças. Nesse momento, quero compreender como 30 crianças, entre três e seis anos de idade, moradoras de uma comunidade de classe social baixa de Porto Alegre, e atendidas numa instituição municipal de educação infantil lidam com o repertório de concordância verbal variável de terceira pessoa do plural. E isso significa desbravar um universo pouco conhecido pela Pesquisa Sociolinguística Brasileira: a aquisição da fala variável de crianças de classe baixa.

Tal questionamento, no modo como foi formulado e no arranjo metodológico que o embasa, é fruto de minha história de participação, como autora e/ou interlocutora, em projetos anteriores que se debruçaram sobre os sistemas variáveis de concordância verbal e nominal na fala infantil, todos orientados pela Prof^a Dr^a Luciene Simões. Tais projetos tiveram como base a perspectiva da aquisição de regras variáveis, valendo-se de metodologia sociolinguística quantitativa cruzada com abordagens psicolinguísticas (CAPELLARI, 2004; SANTOS, 2005; SOARES, 2001 e 2006; SCHNEIDER, 2012).

No âmbito da pesquisa linguística brasileira, os estudos que envolvem o exame do sistema de concordância verbal na produção de crianças pequenas se inscrevem numa tradição de estudos aquisicionistas que consideram as formas da língua adulta, tomadas como homogêneas, como ponto de chegada da linguagem da criança. Em geral, são pesquisas que discutem a constituição do paradigma da flexão verbal na fala infantil (NICOLAU, 1998; RUBINO e PINE, 1998; MALDONADE, 2005, 2009, 2010; SOUZA e CARDOSO-MARTINS, 2010). Formas características da fala da criança (*sabo, fazí, comiu, machuqui*),¹ valorizadas por diferentes correntes teóricas da área por deixarem às claras instâncias da produção infantil, são tratadas como “desvios” ou “erros”.

Nos trabalhos de cunho interacionista, como os de Maldonade (2005 a 2010), diferentes tipos de “erros” de flexão verbal são acomodados a diferentes *posições* da criança relativamente à fala do adulto, “na medida em que revelam a dependência da fala da criança à fala do outro” (MALDONADE, 2010:463).

Por outro lado, na pesquisa sociolinguística brasileira há um grande número de trabalhos de base quantitativa laboviana voltados para a descrição do sistema de concordância verbal variável, tratando sobre comunidades distintas, de classes sociais distintas, mas todos sobre dados de informantes adultos (AMARAL, 2003; BORTONIRICARDO, 1985; LEMLE E NARO, 1977; LUCCHESI et al., 2009; GUY, 1981; ZILLES et al., 2000, dentre muitos outros).

Eckert (1998) levanta a importância de estudos aquisicionistas sobre a regra variável. Segundo a autora, a ênfase dada pelas pesquisas sociolinguísticas ao mercado linguístico estabelecido dentre as classes socioeconômicas, numa abordagem que olha somente dados de adultos, coloca o adulto como foco da variação linguística,

¹ Exemplos discutidos em Maldonade (2005).

tendendo a mostrar os padrões do adulto como definidores dos padrões de variação, e o desenvolvimento de tais padrões como subsequentes ao desenvolvimento inicial da linguagem. Segundo a autora, se o *input* linguístico é variável, não é possível crer que as crianças ignoram inicialmente a variabilidade para, só depois, adquiri-la.

Com esse quadro, fica evidente o quanto se sabe pouco sobre os processos envolvidos na aquisição de regras variáveis por crianças em fase anterior à da alfabetização. Os tímidos estudos variacionistas com dados de aquisição na pesquisa brasileira (SOARES, 2001, 2006; VIEIRA, 2006) apontam o longo caminho que ainda precisa ser percorrido para que se compreenda quais processos linguísticos e sociais estão envolvidos na aquisição de uma regra variável: em que medida podem ser comparáveis àquele descrito para os indivíduos adultos, e em que medida se configuram como particulares da infância.

A implicação de termos aprendido a respeito das crianças e de sua fala variável através de diferentes projetos de pesquisa foi – e ainda é – a diversificação de olhares analíticos sobre mesmas bases de dados. Pôde-se, assim, fazer avançar de forma mais ampla o entendimento do sistema linguístico de concordância variável na fala infantil, já que algumas variáveis se mostraram atuantes nos dois subsistemas, verbal e nominal, reiterando alguns achados. Além disso, o fato de ser uma história de diferentes pesquisas, com diferentes abordagens sobre os mesmos dados, fez do diálogo entre os trabalhos uma prática importante e que está fortemente incorporada ao próprio projeto que aqui se desenvolve.

Este trabalho teve início em 2007, antes mesmo de meu ingresso no doutorado, em 2008. Minha pretensão inicial era poder examinar contrastivamente, em termos de classe social (alta e baixa), dois grupos, de 30 crianças cada, estratificados por gênero e três faixas etárias (3, 4 e 5 anos). Um dos resultados que posso adiantar

da presente pesquisa é que uma empreitada como essa não é realizável no âmbito de um doutorado, no prazo de 4 anos.

O projeto inicial, planejado por nossa orientadora, Prof^a Dr^a Luciene Simões, integrava três subprojetos: o de doutorado da Prof^a Simone Schneider, que inicialmente investigaria o sistema variável de concordância nominal de número na fala das mesmas 60 crianças nas quais eu investigaria a concordância verbal no meu projeto de doutorado; e o projeto de mestrado de Bibiana Silva, que trataria, a partir de técnicas de observação participante, sobre as práticas letradas circulantes na comunidade de baixa renda investigada por mim e por Simone Schneider. Assim, o resultado de cada uma das pesquisas independentes e o trabalho realizado em campo por cada pesquisadora serviria, em alguma medida, às três. Além disso, havia o conforto de não estarmos sozinhas no trabalho de campo.

Quando entrei no projeto, em 2007, Simone Schneider já havia feito os contatos para proceder à geração de dados em duas instituições, ambas no município de Novo Hamburgo: um maternal localizado no centro da cidade, que atendia famílias de classe média-alta, e um Projeto de Extensão da FEEVALE que funcionava no bairro Canudos, um bairro pobre localizado na divisa de Novo Hamburgo com Campo Bom, e atendia, nos moldes de uma creche, crianças daquela comunidade.

A preparação da geração de dados começou em 2007, quando nós três iniciamos o trabalho em grupo. De dezembro de 2007 a maio de 2009 (eu já como doutoranda e Bibiana Silva como mestranda) realizei (com a ajuda de Bibiana) a geração de dados de uma faixa etária completa (a de 4 anos) das crianças do maternal, em NH. Em junho de 2009, Bibiana e eu iniciamos o trabalho de campo em Canudos, que por problemas técnicos precisou ser abandonado. A descrição desta

etapa, abordando também a preparação e pilotagem das atividades envolvidas na geração de dados será feita no Capítulo 4.

Nesta época, após a necessidade de mudar a comunidade de classe baixa estudada, percebemos a impossibilidade de os projetos avançarem tal como o planejamento inicial. Assim, a fala das crianças de classe alta de Novo Hamburgo foi analisada na tese sobre concordância variável de número (SCHNEIDER, 2012). E mesmo que eu não tenha me valido de tais dados nesta investigação, a experiência de geração de dados foi crucial para o êxito da produção do banco sob estudo aqui.

A (então) mestranda Bibiana Silva e eu mantivemos o plano de alicerçar as duas investigações na mesma comunidade de classe baixa, na mesma instituição, com um grupo de mesmas crianças², possibilitando um cruzamento entre os resultados obtidos nas duas pesquisas. Os dois trabalhos foram, então, realizados no Beco das Palmeiras, uma comunidade de papaleiros na zona nordeste de Porto Alegre, sendo as crianças todas alunas da Instituição de Educação Infantil Terra Santa, que funciona na vila. A comunidade será apresentada no Capítulo 1. O projeto de pesquisa de Bibiana Silva (2012) teve por objetivo entender quais são e qual a importância dos eventos de letramento que perpassam o dia a dia das crianças e, em alguma medida, na comunidade.

A presente pesquisa é uma análise quantitativa laboviana do sistema de concordância variável de terceira pessoa do plural da fala de trinta crianças, estratificadas por gênero, 15 meninos e 15 meninas, e por faixa etária, 3, 4 e 5 anos. Na perspectiva laboviana de variação linguística há que ser considerada a importância da questão do encaixamento, ou seja, de se discutir como se dá o imbricamento do linguístico no social no âmbito da regra variável. Além disso, na problemática tomada

² Grupo parcial, já que as crianças focais de Silva (2012) são um subgrupo das trinta observadas na presente tese.

aqui, fica expressa a importância de que na pesquisa brasileira sobre linguagem e sobre práticas letradas, o foco da descrição se encontra na classe média, tendo-se pouco material disponível sobre crianças de outras classes sociais. Relativamente a tais questões, os Capítulos 2, de fundamentação teórica, e 3, de revisão da literatura sobre estudos de concordância verbal variável manifestam o entendimento que tenho relativamente a alguns conceitos importantes, e como as pesquisas feitas em diferentes comunidades brasileiras encaminharam as questões pertinentes na análise de dados aqui empreendida.

A investigação aqui empreendida tem por base uma pergunta de pesquisa da sociolinguística clássica:

De que maneira as crianças da amostra do Beco das Palmeiras operam com o repertório de realizações de concordância verbal de terceira pessoa do plural?

Sob uma perspectiva que acomoda na análise sociolinguística laboviana dados de crianças escolarizadas, em idade de pré-alfabetização e moradoras de uma comunidade de classe baixa, as perguntas a serem respondidas são: o que as crianças do Beco das Palmeiras fazem com o *input* variável de concordância verbal? É possível vislumbrar, no sistema variável de terceira pessoa do plural na fala das crianças, processos que caracterizem algum tipo de variação que seja particular da infância no Beco?

Para dar conta da complexidade das características sociais da amostra, esta pesquisa previu que paralelamente à metodologia laboviana de geração e análise de dados, fosse feita uma geração e análise qualitativa de dados, com técnicas utilizadas em pesquisa interpretativa de observação participante e análise documental. A

combinação dos dois métodos, bem como a importância de tal combinação para os objetivos da presente investigação serão apresentadas e comentadas no Capítulo 4.

As hipóteses que nortearam a pesquisa foram formuladas a partir dos resultados de estudos anteriores, tanto sobre dados de crianças, quanto sobre concordância verbal variável de dados de adultos, e são as seguintes:

1) A variação de concordância verbal de terceira pessoa do plural é condicionada por fatores linguísticos:

- a. motivada por saliência fônica: a presença da marca de concordância é favorecida pelas forma de plural mais salientes em relação à forma de singular;
- b. motivada pela posição do sujeito em relação ao verbo: a presença da marca de concordância é favorecida pelas estruturas em que o sujeito antecede o verbo;
- c. motivada pelo tipo de verbo: a presença da marca de concordância é favorecida pelos verbos transitivos;
- d. motivada pelo caráter de animacidade do sujeito: a presença da marca de concordância é favorecida pelos sujeitos com o traço [+] animado;

2) A variação de concordância verbal de terceira pessoa do plural é condicionada por fatores discursivos:

- a. motivada por características da estrutura narrativa: a presença da marca de concordância é favorecida pelas ocorrências dispostas em *foreground*;
- b. motivada pelo caráter estilístico do contexto em que se dá a produção: a presença da marca de concordância é favorecida pelos contextos discursivos letrados;

3) A variação de concordância verbal de terceira pessoa do plural é condicionada por fatores sociais:

- a. motivada por idade: a presença da marca de concordância é favorecida na fala das crianças mais velhas;
- b. motivada por gênero: a presença da marca de concordância é favorecida pelas meninas;
- c. motivada pelo tipo de ocupação dos pais: a presença da marca de concordância é favorecida por filhos de pais com ocupação formal;
- d. motivada pelo local de moradia: a presença da marca de concordância é favorecida pelas crianças que moram na avenida principal da comunidade.

Assim sendo, o documento possui a seguinte organização: o Capítulo 1 apresenta a comunidade em que se deu a pesquisa. Partindo da descrição do contexto histórico em que se desenvolveu a área urbana de Porto Alegre, narra o surgimento do Beco das Palmeiras e fatos de sua origem. Mostra aspectos da vida cotidiana na comunidade, abordando, também, características socioeconômicas dos moradores. A seguir, faz um quadro descritivo da creche em que se deu a pesquisa e da rotina diária das crianças na instituição. Por fim, narra o trabalho dos bolsistas do projeto PET Letras da UFRGS junto às crianças.

O Capítulo 2 faz a revisão conceitual que embasa a análise dos dados. Inicialmente, é abordado o conceito de variação linguística e os caminhos trilhados pela sociolinguística variacionista nos termos das três vertentes discutidas por Eckert (2008). A seguir, são tratados alguns conceitos que embasam a análise: o de *letramento*, como tendo um caráter explicativo mais abrangente que o de escolaridade nesta amostra; e

os de *idade* e de *gênero* refletindo sobre suas implicações na estratificação social de uma amostra de dados de crianças.

O Capítulo 3 será dividido em dois blocos. O primeiro faz uma revisão do sistema flexional do português, reportando, depois, resultados de pesquisas aquisicionistas sobre o tema. Apresenta, a seguir, uma revisão dos estudos sobre concordância verbal variável que estarão na base da análise empreendida nesta investigação.

O Capítulo 4 trata do aporte metodológico utilizado neste trabalho. Descreve, inicialmente, como se deu a geração dos dados da análise interpretativa: a aproximação com o campo e as técnicas utilizadas na geração de dados, descrevendo e discutindo, na sequência, a articulação entre as metodologias quantitativa e qualitativa. Depois, aborda o processo de geração do Banco de Dados para a análise quantitativa: a produção e pilotagem das brincadeiras iniciais, a descrição das interações de geração de dados e o processo de seleção das crianças. Trata, por fim, dos procedimentos metodológicos envolvidos na análise quantitativa: armazenamento, etiquetagem e análise dos dados, culminando na apresentação do envelope de variação.

O Capítulo 5 apresenta e discute os resultados das rodadas estatísticas. Trata, inicialmente, dos achados da rodada principal, que opõe a presença à ausência da marca; é seguido dos resultados obtidos em rodadas secundárias para a investigação de variáveis que não foram selecionadas pelo programa estatístico, e, por fim, traz os resultados gerais da análise sobre a presença da nasalização.

1. O BECO DAS PALMEIRAS, SUA HISTÓRIA, SUAS CRIANÇAS

Neste capítulo, apresentarei a comunidade onde se deu a pesquisa. O aqui nomeado Jardim das Palmeiras, ou Beco das Palmeiras, ou simplesmente Beco, é uma comunidade de ocupação irregular localizada num bairro³ na Zona Nordeste de Porto Alegre.

Estudando a história de Porto Alegre e o processo de desenvolvimento econômico e geográfico que culminou na formação de sua periferia, percebi que esta seria uma boa perspectiva para, a partir dela, entender a história de formação do Beco, e a inserção social e econômica dos indivíduos que vivem ali. Por isso, antes de descrever a comunidade propriamente dita, tratarei sobre o movimento de expansão da área urbana de Porto Alegre, quando famílias foram deslocadas do centro para a periferia, ampliando geograficamente a área ocupada da cidade. A sequência desse processo, que já fora de êxodo interno entre regiões ocupadas irregularmente, resultou

³ Até fevereiro 2012, e portanto durante o tempo em que se deu a pesquisa, o bairro era considerado *não oficial* pela prefeitura de Porto Alegre. Segundo informação extraída do próprio site da prefeitura (http://www2.portoalegre.rs.gov.br/observatorio/default.php?p_bairro=147&hist=1&p_sistema=S), o bairro integrava “uma das áreas do território da cidade sem delimitação oficial, mas a região é conhecida e delimitada por seus moradores enquanto bairro”. Tal situação mudou em fevereiro de 2012, quando foi aprovado, na Câmara de Vereadores de Porto Alegre o projeto que regulamenta esse e mais outros cinco bairros como oficiais da cidade. Hoje, segundo o Observatório da Cidade de Porto Alegre, projeto mantido pela prefeitura, a cidade conta com 81 bairros oficiais e 83 bairros, somando oficiais e não oficiais.

na formação do Jardim das Palmeiras, dentre várias outras comunidades irregulares da região.

Assim, na primeira seção descreverei a cena histórica, social e geográfica de Porto Alegre desde o fim do século dezenove até o final da década de 1980 (antes do surgimento da comunidade, em 1992). Nas três seções seguintes, apresentarei o Beco das Palmeiras, tratando de sua origem e um pouco de sua história, de aspectos do cotidiano na comunidade e da constituição socioeconômica dos moradores. Depois, traçarei um perfil da instituição de educação infantil na qual se realizou a geração de dados, apresentando as crianças em sua rotina diária na instituição e, na medida do possível, também na vida da comunidade. Por fim, relatarei o trabalho realizado com a colaboração de vários pesquisadores, a fim de caracterizá-lo como um complexo trabalho de campo, ligado à constante atividade de devolução na instituição, por meio de ações de extensão universitária.

1.1 A QUESTÃO DA HABITAÇÃO

No final do século dezenove, tiveram início, no Brasil, as primeiras iniciativas do processo de industrialização depois do fim da Primeira Guerra Mundial. Nas cidades, pequenas oficinas iam se transformando em fábricas que exigiam um número crescente de operários. Tais modificações acarretavam mudanças na dinâmica estrutural dos centros urbanos já que, preferencialmente, os operários deveriam morar perto de seus locais de trabalho (FUNCK et al., 2002).

Nessa época, a economia do Rio Grande do Sul era baseada na pecuária extensiva e no setor agrícola de tipo colonial. As colônias, sobretudo alemãs e italianas, situadas às margens dos rios Sinos, Caí, Jacuí e Taquari tinham um papel fundamental

na economia do estado, já que eram responsáveis pelo maior volume das exportações para os outros estados. Por outro lado, como afirmam Funck et al. (2002:21), *as colônias, sendo exportadoras de produtos primários, tornavam-se um potencial mercado consumidor para os produtos industriais da Capital*. O estabelecimento de tal quadro foi facilitado pelo acesso entre as colônias e a capital por via fluvial, entre o Guaíba e os rios do Vale dos Sinos. A situação torna evidente a importância estratégica da área do centro de Porto Alegre para a economia do estado, em virtude do porto, área essa que futuramente viria a ser o núcleo de interesse do projeto de modernização da cidade.

Com o desenvolvimento da indústria, que cada vez demandava mais trabalhadores, houve um importante incremento na mobilidade da população, saída dos campos para tentar a vida na capital. Como salientam Funck et al. (2002), tais fatos *conferiram mudanças significativas na geografia de Porto Alegre*, resultando no aumento da ocupação de seu espaço. O crescimento do número de habitantes foi grande: a cidade passou de 50 mil para 275 mil habitantes entre 1890 e 1945. Dado que a indústria não era capaz de absorver tamanho contingente populacional, o resultado foi um grande número de trabalhadores desempregados. Com o desenvolvimento econômico e o crescente aumento do número de habitantes, a cidade se deparara com uma situação de “crise urbana” (MONTEIRO, 1995), criada pela falta de infraestrutura que pudesse sustentar o ritmo em que se dava seu crescimento.

Na década de 1920, foi traçado um plano de *rearranjo espacial* (FUNCK et al., 2002) pela administração pública juntamente com membros da elite dirigente, visando não só à organização mas também à modernização do espaço urbano. Tal reorganização da ocupação foi implantada a partir do plano urbanístico de Moreira Maciel. “O ‘Plano de Melhoramentos’, como era chamado, consistia no alargamento de

várias ruas do Centro e na ligação do Centro com áreas periféricas." (FUNCK et al., 2002:21).

Estudos que tratam dessas mudanças (FREIRE, 2000; FUNCK et al., 2002; MONTEIRO, 1995) salientam o caráter de exclusão social do chamado Plano de Melhoramentos, que levava em conta o trinômio urbanismo, higienização e embelezamento (FREIRE, 2000), tendo como modelo os grandes centros urbanos europeus. A obra de modernização era fortemente associada a um discurso de luta contra ameaças à ordem, como vadiagem, mendicância, prostituição, crianças de rua e cortiços. Quanto a esse processo, Monteiro (1995:101) afirma o seguinte:

A obra de remodelação do espaço urbano continha uma relação direta entre a higienização do meio físico e do meio 'moral' da sociedade porto-alegrense. Ou seja, modernizar o espaço urbano era modernizar, também, as formas de sociabilidade no meio político-social urbano.

O objetivo era eliminar o que fosse identificável com o velho, o tradicional,

fossem prédios (como os cortiços ou casas de madeira), costumes ou qualquer outra coisa, em nome da construção desses espaços radicalmente novos que atendia às necessidades do desenvolvimento econômico, aos caprichos da nova estética urbana e à criação de novos espaços de sociabilidade pública em conformidade com esse ideal de modernidade. (MONTEIRO, 1995:116)

Assim, o processo de embelezamento do centro da cidade envolvia retirar dali a população pobre para assentá-la na periferia. O resultado desse processo, segundo Funck et al. (2002:23), é o seguinte:

serão justamente as famílias afetadas pelos planos urbanísticos e deslocadas do centro de Porto Alegre que irão formar os primeiros núcleos habitacionais periféricos da Cidade.

O bairro onde hoje se encontra a comunidade Beco das Palmeiras começou a se desenvolver no final da década de 1950, como resultado deste êxodo. Funck et al.

(2002:23) apresentam o depoimento da Coordenadora Pedagógica de uma ONG⁴ que realiza projetos sociais no bairro desde a década de 1960, a respeito do processo de migração das famílias no início da ocupação dessa zona de Porto Alegre:

[O bairro] começou a existir a partir do planejamento urbano do doutor Ildo Meneguetti, então prefeito. Ele retirou do centro da cidade os casebres que enfeiavam a cidade, que tinham numerosa população de filhos e salário baixo. Então ele resolveu tirar esses casebres que enfeiavam a cidade, levá-los para um lugar bem distante de onde eles não pudessem retornar. E de fato ele conseguiu, trouxe para um lugar bem distante porque entrava carro só até o Triângulo. Para cá nem estrada de carroça tinha. (...) O bairro começou já com quinhentas e dez famílias, que foram retiradas do centro e trazidas pra cá. (FUNCK et al., 2002:23)

Por outro lado, é preciso pensar que os processos que acomodavam o reordenamento espacial da cidade, juntamente com o discurso higienista que o acompanhava, eram expressão das profundas mudanças econômicas e sociais que aconteciam no Brasil naquele momento, relacionadas à transformação de uma economia de base agrícola em uma economia de base industrial. Funck et al. (2002:25), quanto a essa questão, afirmam:

a estratégia era mesmo que as pessoas do campo se sentissem atraídas pelos benefícios do trabalho nas indústrias, aumentando dessa forma o êxodo rural e a disponibilidade de mão-de-obra nas cidades.

Além disso, a maior oferta de mão-de-obra era uma forma de pressionar a baixa do valor dos salários a serem pagos. Nesse quadro, a situação que se estabeleceu em termos de espaço é que, ao mesmo tempo em que havia um aumento do contingente de pessoas na cidade, a *terra urbana* tornou-se uma mercadoria valiosa (FUNCK et al., 2002). A remodelação espacial de Porto Alegre, iniciada por José Montauray e continuada nos dois governos seguintes – Otávio Rocha e Alberto Bins – acelerou a grande valorização urbana da capital, que contrastava com as condições

⁴ OSICOM (Obra Social Imaculado Coração de Maria), ONG da Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria, fundada em 1961, que, desde então, desenvolve um projeto social de acolhimento de crianças pobres daquela região.

daqueles que chegavam em busca de emprego. Frente à dificuldade de encontrar um lugar para morar, os trabalhadores vindos do campo se instalavam *irregularmente em áreas públicas ou privadas totalmente carentes de infra-estrutura adequada* (FUNCK et al., 2002:25). Diante desse quadro, Porto Alegre vê surgir os primeiros agrupamentos de subabitações, que passaram a ser chamados de *vilas* ou *malocas*. É preciso ter em mente que, para o projeto de fortalecimento da industrialização, essa era uma situação favorável, já que, se os operários diminuíssem seus gastos com habitação, aceitariam receber salários mais baixos.

O que esse quadro faz pensar é que não havia (e, de fato, ainda não há) possibilidade de resolução do problema social dos indivíduos e suas famílias, sem emprego e sem lugar para morar. Além disso, cria-se toda uma condição de desvalorização e estigma social relacionado a essas pessoas. Funck et al. (2002) apresentam uma nota⁵ bastante interessante a respeito dos termos de referência que surgiram em torno do processo sócio-histórico de mobilidade urbana e que refletem o estigma criado sobre as pessoas que sofreram (e ainda sofrem, já que é um processo que ainda se mantém) com a situação que as envolve:

marginal era o termo utilizado para denominar aqueles que viviam em aglomerados marginais. O mesmo Estado que gera o problema habitacional, discrimina seu produto. (...) constata-se uma evolução na concepção do fenômeno social, genericamente tratado com termos como malocas, maloqueiros; favelas, favelados; marginais, aglomerados marginais; subabitações, núcleos de subabitações, submoradias, aglomerados subnormais⁶, núcleos e vilas irregulares. Os termos, quaisquer que sejam, trazem uma conotação de exclusão sócio-econômica-cultural e moral tanto mais forte quanto mais recuados no tempo. O sistema social que exclui se encarrega de estigmatizar os excluídos como se estes não fossem um

⁵ Funck et al. (2002:144), nota 11.

⁶ *Aglomerado subnormal* é o termo utilizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para definir “cada conjunto constituído de, no mínimo, 51 unidades habitacionais carentes, em sua maioria, de serviços públicos essenciais, ocupando ou tendo ocupado, até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular) e estando dispostas, em geral, de forma desordenada e densa.” (Cf. informação extraída da página do IBGE no endereço eletrônico http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2051).

subproduto seu.' (Mapa da Irregularidade Fundiária de Porto Alegre, apud FUNCK et al., 2002:144)

Essa era a situação na qual, na década de 1950, parte da zona nordeste de Porto Alegre foi criada. Funck et al. (2002:20) resumem a situação em que o processo se deu:

... o bairro (...) foi afetado por acontecimentos externos que, gradativamente, o fizeram incorporar-se à paisagem urbana de Porto Alegre com uma função específica: ser um local alternativo para a resolução do problema habitacional da Cidade.

Naquele bairro, as décadas de 1960 e 70 foram marcadas por lutas das famílias instaladas em lugares sem nenhum saneamento básico, como água, esgoto e iluminação; eram lutas contra o poder público, pelo direito à moradia, e contra as ondas de especulação imobiliária, que incorporavam uma dificuldade a mais na busca pela estabilidade de terem um lugar digno para morar.

Na cidade, com o passar do tempo, os problemas relacionados à questão da habitação vão tomando contornos um pouco diferentes. Sobre isso, Funck et al. (2002:93) esclarecem:

A década de oitenta do século vinte foi marcada por um aumento significativo do número de ocupações de áreas urbanas. Esse crescimento da população das subabitações não tinha mais origem no êxodo rural; eram as migrações internas na Cidade que faziam crescer o número de favelas. Situação que se agravava mais diante da crescente especulação imobiliária.

Assim, na época da ocupação que viria a ser o Jardim das Palmeiras, a situação já era de famílias que se instalaram em certas áreas e que depois foram expulsas, sobretudo pela valorização imobiliária, em virtude ou da instalação de indústrias ou da especulação financeira.

Com isso, as pessoas que se encontravam nessa situação, entenderam a necessidade de estarem organizadas, tanto como estratégia para buscar benefícios

junto ao poder público, quanto para evitar que as lutas e ocupações não se desvirtuassem em especulação. E nesse sentido, inicialmente, as escolas eram espaços importantes de articulação e reivindicação dos moradores na conquista de serviços públicos, papel esse posteriormente substituído pelas creches (FUNCK et al., 2002). Assim, será possível entender, na sessão a seguir, a importância da creche (que tendo iniciado como tal, teve posteriormente sua denominação modificada para Instituição de Educação Infantil, o que tem evidentes implicações institucionais) juntamente com a Associação de Moradores e com o posto de saúde para a organização social da comunidade.

Todo esse quadro faz pensar o quanto as condições socioeconômicas dos indivíduos que viveram e vivem esse processo são instáveis e vão depender de uma série de fatores relacionados, por exemplo, a certa capacidade de mobilização comunitária, a ter ou não ter certas oportunidades sociais, à sua capacidade de inserir-se e adaptar-se ao mercado de trabalho, etc.

Tendo tratado, de modo conciso, da história do bairro em que se localiza a comunidade Jardim das Palmeiras, relatarei, a seguir, sua origem, mais recente, e sua constituição como comunidade.

1.2 A VILA JARDIM DAS PALMEIRAS

A Vila Jardim das Palmeiras, que abriga hoje uma comunidade de aproximadamente 6.000 pessoas⁷ é, segundo Funck et al. (2002), "*a maior das ocupações irregulares da recente história do bairro*". A área total teve sua ocupação

⁷ Informação extraída do site da PROCEMPA.

dividida em três etapas: a primeira ocorreu em maio de 1992, a segunda em 1994 e a terceira em 1995.

Em minha tentativa de mapear um pouco da história dos moradores, percebi que perguntar “qual sua origem” ou “de onde vinham” gerava respostas sobre a mobilidade recente dessas pessoas, o que me fez entender que a insegurança a respeito de ter um lugar digno onde morar com a família em alguma medida já havia sido incorporado em suas identidades sociais. As histórias que nos foram contadas (a mim e a Bibiana Silva) por três das pessoas responsáveis pela organização das ocupações da vila davam conta de que muitas das famílias que se estabeleceram ali moravam antes em terrenos particulares nas proximidades, de forma irregular, algumas expulsas de onde estavam por ações judiciais de despejo, algumas por causas de outra natureza (uma enchente que inundou o lugar onde viviam é uma delas). De qualquer forma, eram histórias de pessoas, com suas famílias, que saíam de um lugar incerto para se estabelecerem em outro, tão incerto quanto o anterior, e sem absolutamente nenhuma estrutura de urbanização: “Não tinha nada, só mato”, nos conta D. Noeli⁸. “As mulheres ficavam reunidas, faziam chimarrão, enquanto os homens derrubavam o mato”, confirma D. Cátia em outra conversa.

O lugar onde se encontra a vila era, em parte, uma chácara de plantação de agrião, e em parte, um terreno que pertencia ao DEMHAB⁹. A história da primeira ocupação nos foi contada por D. Noeli. Ela morava nas proximidades, numa outra comunidade de ocupação constituída por aproximadamente 300 famílias. Ela era membro da Associação Comunitária. Depois de uma disputa na justiça, as famílias foram despejadas. Ela soube que ali havia uma área de propriedade do DEMHAB, o que

⁸ D. Noeli e D. Cátia foram algumas das pessoas que participaram da primeira ocupação da vila, sendo a primeira a principal líder da ação. Os depoimentos foram obtidos através de entrevistas semiestruturadas. Todos os nomes, de adultos e crianças, foram substituídos por pseudônimos, para preservar a identidade das pessoas.

⁹ Departamento Municipal de Habitação do município de Porto Alegre.

significava que posteriormente poderia vir a ser regulamentada. No diário de campo feito a partir do que me foi narrado por D. Noeli sobre a chegada das famílias na vila, escrevi:

Durante sete dias as famílias que haviam sido despejadas daquele terreno receberam auxílio de caminhões da prefeitura para fazerem a mudança; depois desse tempo foi por conta deles. No início, tudo era improvisado, não havia água, luz. As casas eram feitas com o que eles conseguiam de material de doações, madeira velha, lonas plásticas. D. Noeli trabalhava anteriormente numa creche, com carteira assinada, e havia pedido demissão, e, nessa época, recebia seguro desemprego. Com isso pôde comprar algumas lâminas de compensado. Ela e outros faziam pastéis para vender. "A comida e essas coisas de higiene era como dava", ela me disse.

(Excerto de diário de campo, 25 de novembro de 2010.)

Segundo D. Noeli, iam chegando grupos de pessoas de outros lugares, que não tinham onde morar, ou como pagar aluguel.

Lia, uma das responsáveis pela organização da segunda e da terceira ocupações, também morava anteriormente numa área particular ocupada irregularmente. Em sua fala, é possível perceber o tanto de organização que experiências anteriores conferiam às ações:

Foi feita em várias vezes essa ocupação. Na primeira, a Noeli foi a liderança. Na segunda e na terceira, fui eu a liderança junto com outro companheiro, que chamava-se Carlos Alberto. Aí nós íamos, eu era encarregada dessa parte, de irmos na, em todas as partes de Porto Alegre, nas casas de aluguel, e aí a gente combinava um horário xis pra invadir. Era invadir mesmo, era invadir o resto, da ponte pra lá. Tinha quinze cabecinha de vaca e um rapaz que se dizia proprietário. Nós descobrimos que ele não era proprietário, que ele era um posseiro. Aí nós resolvemos, entre as vaca e nós, ficamos nós.

(Entrevista semiestruturada realizada por mim com Lia, 05/12/2009.)

Em 15 de junho de 1992, foi fundada a Associação Comunitária, presidida inicialmente por D. Noeli e, nos últimos 10 anos, por Lia. A Associação teve (e ainda tem) um papel fundamental na luta da comunidade perante o poder público por melhorias sociais como água, luz, saneamento básico, coleta de lixo, entre outros. Em 1997 as três ocupações foram unificadas numa única vila e a comunidade foi inscrita no

Orçamento Participativo. Além da Associação Comunitária, a vila conta com a creche, conveniada com a Prefeitura, e com um Posto de Saúde. A importância da creche na vida da comunidade desde seu início é salientada por Lia:

E cada ocupação que nós fazíamos nós já fazíamos o núcleo de creche. (...) Porque a maioria das ocupações, os chefe de família são mulheres e elas não tinham onde deixar suas crianças, então a maioria das nossas ocupações nós fazíamos primeiro o núcleo de creche, e tentávamos uma associação, que nem sempre tem sede, como é o caso da nossa.

(Entrevista semiestruturada realizada por mim com Lia, 05/12/2009.)

O Posto de Saúde foi fundado em 2001. Em conversa com o médico responsável, Dr. Eduardo, que foi nosso contato com a comunidade, como será descrito na sessão sobre a entrada em campo, ele salientou o quão importante é a função institucional do Posto, que representa o poder estatal atuando dentro da comunidade e fazendo com que as pessoas tenham que aprender a se relacionar com isso. Pessoas até então completamente abandonadas pelo poder público precisam se organizar em termos de horários, de regras. As regras existem, são institucionais, e os indivíduos precisam aprender a se organizar em função delas. Ele conta que, no início, a comunidade era muito violenta: as pessoas chegavam para atendimento em horários não adequados e exigiam ser atendidos, com gritos e violência. Agora, segundo ele, as pessoas entendem e aceitam a necessidade de organização. Perguntei a Lia sobre o Posto e ela me disse:

Ah é tudo de bom! É uma das coisa assim que eu sempre desejei, porque quando não tinha o Posto de Saúde, uma hora, duas hora, três hora, quatro hora, a qualquer hora do dia eles batiam na minha casa, na casa da falecida Maria, para nós aplicarmos injeção. Nós fomos obrigadas a tirar um cursinho, um curso de enfermagem caseira, então nós é que fazíamos esse elo com eles.

(Entrevista semiestruturada realizada por mim com Lia, 05/12/2009.)

Em minhas conversas com os moradores, queria saber sobre a história de vida deles. Lia é nascida em Santa Rosa. O pai era militar tendo vindo para Porto Alegre enquanto ela ainda era pequena. Já adulta, morava com a irmã num bairro próximo:

A casa era da minha irmã. Digo não, vou fazer a minha. Aí começamo nesse grupo, assim.

(Entrevista semiestruturada realizada por mim com Lia, 05/12/2009.)

A história de D. Cátia é diferente:

D. Cátia tem 62 anos e pertence a uma família de "posses", dona de duas lojas de tapetes na Av. Presidente Roosevelt. Na família, como mulher, ela não podia fumar, nem beber vinho, e tinha que frequentar jogos de bolão na Sogipa. Uma vida em que não podia fugir das convenções sociais. Aos 36 anos decidiu, então, sair de casa: "conheci uma vila pela primeira vez com 36 anos". Reiterou algumas vezes que agora pode ficar no bar conversando, pode tomar seu "vinhozinho". A família não aceita as condições em que vive: "meu irmão nunca vêm me visitar". E depois de sair de casa construiu sua vida na vila; casou, teve filhos: "minha família era de cinco pessoas, mas agora sou sozinha".

(Excerto de diário de campo, 05 de agosto de 2010)

Ouvindo as histórias, percebi o quanto, como pesquisadores, sabemos pouco sobre as ricas experiências de vida das pessoas que vivem na vila. Com as informações que obtivemos a partir das conversas durante o longo trabalho de campo, foi possível formar um entendimento geral de como a dinâmica de organização social da vila se estrutura e se movimenta. Entretanto, o acesso à história de vida das famílias de cada uma das trinta crianças que compõem a pesquisa demandaria um número enorme de visitas e entrevistas, o que não foi possível realizar. Além disso, nossa circulação na vila, mesmo com 30 meses de permanência em campo, foi limitada. A questão da segurança dos participantes da pesquisa sempre esteve em pauta durante o trabalho. Nossa circulação também era dificultada em função do quanto os moradores não confiam nos de fora. Na creche, éramos bem recebidas, pelos educadores e funcionários e, sobretudo, pelas crianças, como "as visitas", mas nas casas das pessoas era diferente. D. Cátia, e depois uma das educadoras da creche, nos falou que uma pessoa de fora

precisa deixar claro que não é oficial de justiça para ser bem recebida. No capítulo sobre metodologia tratarei sobre o problema de eu não ter conseguido produzir um questionário social com as famílias das crianças pesquisadas.

Na próxima seção apresentarei aspectos do cotidiano da vila.

1.3 A DINÂMICA DA VIDA NA COMUNIDADE

Enquanto caminhávamos pela Av. Conquista, eu e a Bibiana víamos, à esquerda, o muro. Partindo dele, ruelas estreitas de chão batido, com alguns casebres bem pequenos e pobres; lembrei do outro lado, que vimos quando chegamos: as casas do condomínio, novas, grandes, e ruas muito largas.

(Excerto de diário de campo, 05 de agosto de 2010.)

A vila apresenta certas particularidades relativamente à mobilidade. As entradas e saídas, ou seja, as possibilidades de acesso à vila salientam o quanto ela é delimitada em relação ao seu entorno. O mapa a seguir mostra seus limites espaciais.

Mapa 1. Vista aérea da comunidade e seu entorno



- ◆◆◆◆◆ Beco das Palmeiras
- Posto de Saúde
- Creche Terra Santa

Para chegar-se de carro, pelo sul, entra-se numa ruela, cujo nome é o mesmo da vila, aqui, Beco das Palmeiras. As fotografias 1 e 2 mostram o caminho: uma área não urbanizada, sem pavimentação, onde carroceiros depositam lixo que é frequentemente recolhido pela empresa de limpeza urbana do município. Desde quando começamos a frequentar a vila, em 2009, até meados de 2010, chamava nossa atenção a quantidade de pedaços cortados de carros que eram depositados ali, como lixo. Em 2010, foi publicada no jornal Zero Hora uma notícia bem pequena falando sobre isso (a frequência com que carcaças de carros eram jogadas naquele lugar). Ao longo de 2010, esse tipo de lixo parou de aparecer ali, sem que soubéssemos o porquê. O trânsito de pessoas a pé nesse trecho é pequeno, por ser um caminho mais longo para entrar e sair da vila, comparativamente às outras possibilidades, que descrevo a seguir. Além disso, as condições do piso ali são muito ruins, sobretudo nos dias de chuva. No início de 2011, o córrego que passava ao longo da rua foi aterrado, diminuindo um pouco a precariedade do lugar. No mapa, este trajeto está assinalado pelo símbolo



Fotografia 1. Entrada do Beco das Palmeiras¹⁰



¹⁰ As fotografias foram, com algumas exceções, captadas pela autora. Aquelas vindas de outro acervo serão indicadas por nota.

Fotografia 2. Entrada do Beco das Palmeiras



Ao final deste trecho, tem-se, à esquerda, a Avenida Conquista, única asfaltada e que corta a vila no sentido norte/sul. As fotografias em 3 mostram um panorama da Av. Conquista.

Fotografias 3. Vista da Avenida Conquista





Além da Avenida Conquista, a única outra rua a receber nome é a Rua Esperança. Todo o resto da organização viária é feita por acessos identificados por uma letra seguida de um número.

De volta ao mapa, vê-se uma linha muito definida no limite oeste da vila. Neste trecho, ela faz divisa com um loteamento de classe média, aqui chamado Campos do Marquês. A urbanização desta área ocorreu em 2002. Em 2008, os responsáveis pelo loteamento, como forma de tentar suprimir a permeabilidade entre os dois universos sociais, construíram um muro ao longo de toda a extensão da

fronteira, muro este pintado de verde do lado do condomínio, e cor de cimento do lado da vila. Tal medida trouxe sérios problemas para a comunidade, já que a vida cotidiana dos moradores depende dessa circulação entre o Beco e a Avenida Artur Taborda¹¹, onde estão as paradas do transporte urbano utilizado pelos moradores e as escolas em que as crianças e jovens estudam. A solução encontrada no impasse entre ambos os lados foi abrir lacunas no muro. A fotografia 4 mostra uma delas.

Fotografia 4. Abertura no muro¹²



Assim, para pegar um ônibus, por exemplo, as pessoas precisam sair da vila por uma das aberturas do muro, atravessar a área do loteamento, para então chegar à Av. Artur Taborda. A fotografia 5 mostra o caminho por onde as pessoas passam após atravessarem o loteamento e antes chegarem à avenida.

¹¹ Os nomes das ruas e avenidas também são fictícios.

¹² Imagem cedida por Dr. Eduardo, médico responsável pelo Posto de Saúde na época da pesquisa.

Fotografia 5. Trecho de passagem para a Avenida Artur Taborda



As pessoas que moram na metade sul da vila utilizam principalmente o transporte público que passa na Av. Artur Taborda. Os moradores da parte norte utilizam principalmente o ônibus que circula pela Av. Doze de Junho (também indicada no mapa), na zona mais a leste. Há uma linha de ônibus que entra na vila, cruzando a Avenida Conquista. Mas por causa do trecho sem calçamento no Beco das Palmeiras, por onde o ônibus passa, o número de viagens da linha é limitado a três no início da manhã e três ao fim da tarde. Numa entrevista com uma das educadoras, ela me falou sobre a importância de eles terem ganho o asfaltamento do Beco das Palmeiras (o trecho na entrada sul) no Orçamento Participativo¹³, já que com isso a linha de ônibus que entra na vila pode vir a ser regular.

Quando se anda pela comunidade, chama atenção o número elevado de pontos comerciais. Sobre isso, escrevi num dos diários de campo:

A Bibiana e eu saímos para caminhar pela Av. Conquista. Andamos uns 500m e nesse percurso passamos por cinco mercadinhos e uma loja de roupas, pequena e com vitrine de vidro.

(Excerto de diário de campo, 05 de agosto de 2010.)

¹³ O anúncio foi feito na imprensa em janeiro de 2012.

Conversei com duas professoras, Rosane e Mariana, sobre os hábitos de compras e de lazer dos moradores. As compras são feitas nos mercadinhos da vila. As pessoas compram *no caderninho* e pagam depois, quando têm dinheiro. Segundo as educadoras, no mês, sempre há os que não pagam, *mas no mês seguinte ele vai lá e paga. Então não dá problema pros donos dos armazéns*, diz Rosane. Mariana comenta que os preços são bons, que os moradores não acham que nesse sistema pagam mais caro que se comprassem no supermercado. Sobre comprar nos supermercados fora da vila, as educadoras me disseram que não é comum. *É muito raro. Só faz isso quem usa cartão de crédito, como eu*, afirmou Rosane. Ela compra num supermercado na Avenida Artur Taborda, que fica bem perto da vila. Em conversa com outra das educadoras, mãe de uma das crianças estudadas e atual coordenadora da creche, ela afirmou que prefere comprar roupas no Centro, por ser mais barato.

Sobre lazer, Rosane me disse: *lazer aqui é internet*. Segundo ela, há muitas *lan-houses* na comunidade, pelo menos três na Avenida Conquista, perto da creche. Perguntei sobre o lazer das crianças já que, ao longo das sessões de geração de dados, várias afirmaram terem ido ao McDonald's. Eu quis saber quais são as lojas do McDonald's mais frequentadas pelos moradores dali. Ela afirmou que depende de onde estiverem, no Centro, no Shopping Lindóia, no Iguatemi, e explicou como funciona: *se tem que ir fazer uma faxina perto do Iguatemi, por exemplo, leva a criança junto e quando terminar, vai no Mac do Iguatemi*.

Na próxima seção, discutirei a configuração socioeconômica da comunidade.

1.4 A HETEROGENEIDADE SOCIOECONÔMICA: OS DE LÁ E OS DE CÁ

Conversando com as educadoras do berçário, perguntei se elas acham que há algum tipo de divisão social na comunidade, se elas acham que há famílias mais pobres e outras nem tão pobres assim. A Rosane e a Cecília foram muito incisivas afirmando que sim. Perguntei, então, se elas poderiam me ajudar com informações. A Rosane disse que a Cecília não é da comunidade, mas que ela e a Mariana são, que ela poderia falar sobre as crianças “do lado de cá” e que a Mariana poderia ajudar com informações sobre as famílias “do lado de lá”. As do lado de lá são as realmente pobres, na área próxima ao valão. Perguntei se a Adriana poderia me levar a algumas das casas para eu pedir a assinatura do termo de consentimento e ela concordou. A Cecília então disse para eu “preparar o chinelinho”, referindo-se às más condições de acesso àquela microrregião.

(Excerto de diário de campo, 09 de novembro de 2011.)

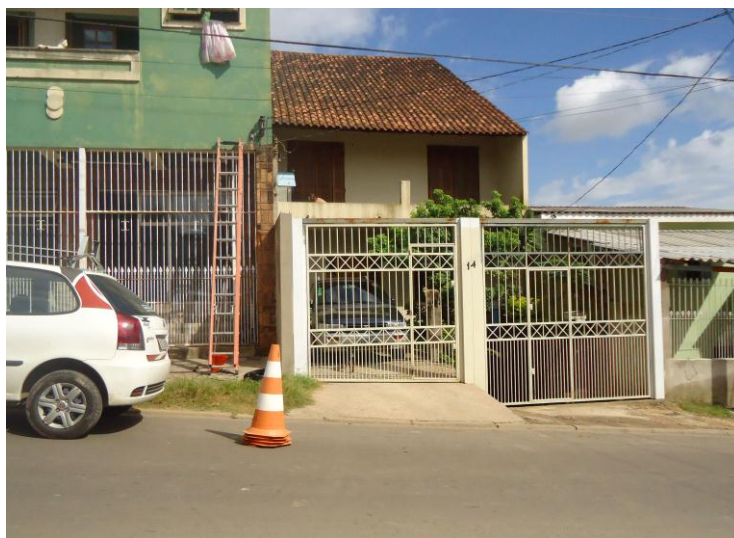
Quando se anda pelo Beco, percebe-se o quanto as condições socioeconômicas das famílias diferem umas das outras:

Caminhando pela Av. Conquista chamou atenção uma casinha, pequena, mas bem pintada, de alvenaria, com um jetski no pátio.

(Excerto de diário de campo, 05 de agosto de 2010.)

Ao longo da Avenida Conquista, há casas de alvenaria¹⁴ e casebres sem condições mínimas de infraestrutura básica, sobretudo nas ruelas que saem da avenida. As Fotografias 6 e 7, ambas tiradas na Av. Conquista, distantes uns 50 ou 100 metros uma da outra, atestam um tanto dessa diferença.

Fotografia 6. Casas na Av. Conquista



¹⁴ Fonseca (2009) discute o valor, na comunidade carente, da casa “de material” como símbolo de prestígio, de *status* social.

Fotografia 7. Casas na Av. Conquista



A situação piora no extremo norte, na área próxima ao valão. Funck et al. (2002:131), ao tratarem da transformação sofrida pelo arroio que cruza o bairro ao longo de todo o processo de urbanização e de ocupações irregulares, dizem o seguinte: “a poluição das águas e a presença crescente de zoonoses vão conferindo uma nova denominação ao arroio. Agora ele é chamado de valão.”

Duas palavras diferentes, mas que muitas vezes confundimos e esquecemos: arroio e valão. Valão é algo morto, sujo, onde corre esgoto, matéria orgânica, dejetos, lixo, atrai moscas, mosquitos e baratas, gerando doenças, pestes e contaminações para nós e o nosso ambiente. Arroio é fonte de vida, é água correndo, nascente, sinônimo de pureza. Um arroio tem suas margens com fauna e flora, ecossistemas se desenvolvendo. (TÜRCK JÚNIOR e GRASSO, 2000)

A distinção social, embora não categórica, parece estar relacionada aos diferentes momentos de ocupação da vila. Os primeiros moradores se estabeleceram na Avenida Conquista ao sul. A ocupação mais recente, localizada na parte norte, é considerada “área de risco” pela CUTHAB¹⁵ (cf. SILVA, 2012), sendo a microrregião mais pobre da vila, com seus moradores vivendo basicamente de coleta e venda de lixo reciclável. As fotografias em 8 mostram a área próxima ao valão.

¹⁵ Comissão de urbanização, transporte e habitação.

Fotografias 8. A área próxima ao valão¹⁶



¹⁶ Imagens cedidas por Dr. Eduardo.



A heterogeneidade socioeconômica pode ser percebida também na fala de membros da comunidade. Lia, em momentos diferentes da entrevista, se refere ao descarte do lixo pelas famílias. Ao que parece, o modo de descarte está relacionado a marcas de estratificação social. No primeiro segmento abaixo, eu havia perguntado sobre as famílias que vivem de reciclagem; no segundo, ela me falava sobre a organização de um "bota-fora", a vinda de um caminhão da empresa de limpeza urbana para que as pessoas jogassem fora o lixo acumulado¹⁷:

Nós temos algumas famílias nos acessos, no acesso P4 e P5, B1 e B2. No fim, tudo perto do valão é reciclador. (...) Os resíduos que sobram, eles tiram o filé, e jogam o resto no valão, e esse é o porquê das enchentes.

(Entrevista semiestruturada realizada por mim com Lia, 05/12/2009.)

Eu não sei se tu viu o lixo aqui do lado? [referindo-se ao terreno ao lado da creche]. É porque já teve um botafora e agora é o próximo botafora. Eu tô ligando pro DMLU pra confirmar, porque eu pedi que todo o pessoal daqui que se dizem, que se dizem a burguesia do Palmeiras [risos], mas que botam o lixo no seu pátio e fica lá e se esquecem da vida. Aí eu faço um dia de botafora com eles.

(Entrevista semiestruturada realizada por mim com Lia, 05/12/2009.)

¹⁷ O Programa Bota-Fora é um programa permanente do Departamento Municipal de Limpeza Urbana de Porto Alegre que atende às vilas da cidade com o objetivo de dar um destino adequado ao lixo e ao entulho.

A “burguesia” do Beco das Palmeiras, embora não trate apropriadamente de seu lixo, já que ele se acumula, não o descarta de modo inapropriado como fazem as pessoas realmente pobres, os recicladores.

Em relação às famílias que vivem na pobreza extrema, surge nos discursos de algumas das pessoas que trabalhavam em diferentes instâncias na organização institucional, como a líder comunitária e o médico responsável pelo Posto de Saúde, uma questão relativa à incapacidade de organização social dos indivíduos como um dos pontos a dificultar sua inclusão econômica e social de modo estável. Lia me contava sobre a tentativa de instituir uma cooperativa entre os recicladores:

[Os recicladores, perto do valão] eles não são organizados, porque não querem aceitar a gente organizar. Nós tentamos fazer uma cooperativa, mas aí não funcionou, porque esse povo é assim, trabalham muito, trabalham feito bicho, só que um levanta às nove, outro levanta às 10, outro levanta às 11, outro sai 6 e meia. Entendeu? Só que não se organizaram ainda.

(Entrevista semiestruturada realizada por mim com Lia, 05/12/2009.)

Dr. Eduardo conversava comigo e com Bibiana Silva sobre o papel das religiões na vida da comunidade. Num mapeamento geral sobre a atuação social de cada religião em relação ao seu grupo, ele considerou a importância de a religião ajudar as pessoas a aprenderem a se organizar socialmente. No extrato a seguir, aponta a importância da Igreja Evangélica nesse sentido:

(...) perguntamos a ele sobre as religiões que atuam na vila. Ele falou que há a Pastoral da Criança, da Igreja Católica; há um grupo de umbandistas, e, também, religiões evangélicas. A importância da Igreja Evangélica, segundo ele, é o resgate do indivíduo. Através do dízimo, por exemplo, há um movimento em direção à organização: *se a pessoa ganha R\$70,00 e precisa dar R\$7,00 para a Igreja, ele para pra pensar o que fazer com os outros R\$63,00*. A Umbanda é um resgate do grupo, menos individual, no sentido de que se falta comida para um dos indivíduos do grupo os outros se cotizam para ajudar aquele. A Igreja Católica não tem muita entrada na comunidade, porque tem menos o trabalho com o indivíduo. Segundo ele, para os católicos que atuam na expansão da Igreja na vila, o trabalho com as crianças acaba sendo mais rentável do que com o adulto, e deu exemplo de um menino de 7 anos que, por causa dele (do menino), toda a família passou a frequentar a Igreja.

(Excerto de diário de campo, 09 de dezembro de 2009.)

O que fica evidente é que na comunidade há pessoas que conseguem estabelecer formas de inserção socioeconômicas que são relativamente estáveis, e há outras que não conseguem. Isso está relacionado tanto a sua atividade econômica, como a sua vinculação ou não a instituições como a Igreja e a organização comunitária, representada pela Associação. Os depoimentos de Rosane, abaixo, apontam critérios que embasam a avaliação da hierarquia social. No primeiro excerto, ela fala sobre Kelly, uma das meninas de 5 anos, cuja família é composta de 10 adultos (a avó, a mãe, e as irmãs adolescentes), além das crianças (algumas das adolescentes já têm filhos). No segundo, sobre Marcelo, um dos meninos de 3 anos da pesquisa:

a mãe dela começou a trabalhar agora, faz meses. A mãe dela trabalhava na noite [sussurrando]. (...) Agora a mãe dela tá trabalhando, acho que deve ser numa casa de família ou coisa assim. (...) Ela nunca teve assim quarto dela, as coisa dela. É todo mundo junto. Um quarto da mãe dela e de todo mundo junto.

(Entrevista semiestruturada realizada por mim com Rosane, 25/11/2011.)

o pai e a mãe dele vivem junto, ele tem uma irmã, catorze ou quinze anos. (...) aquela coisa que foi planejado, mora com o pai (...) [O pai dele trabalha com o quê?]. Ah ele faz construção assim de casa, é tipo, essas coisa de obra, esgoto, cano, eletricidade. Ele tem o quarto dele, a motoca dele.

(Entrevista semiestruturada realizada por mim com Rosane, 25/11/2011.)

Para entender melhor o espectro socioeconômico das famílias das crianças estudadas, busquei informações sobre a ocupação dos pais nas fichas de anamnese¹⁸ e em entrevistas com as educadoras e com as crianças. Além disso, me vali de informações obtidas por Bibiana Silva em visitas às casas das crianças estudadas por ela, e também de algumas visitas feitas por mim à casa de algumas crianças. O Anexo 1 contém os quadros descritivos de ocupações do pai e da mãe das crianças pesquisadas na época da geração de dados. Há mecânico, auxiliar de serviços gerais,

¹⁸ Ficha de inscrição das crianças nas Instituições de Educação Infantil.

educador(a), serralheiro, motoboy, taxista, babá, balconista, cozinheira, dono de armazém, reciclador¹⁹, cadeieiro²⁰, faxineira, carroceiro, entre outros.

No estudo de Fonseca (2004), sobre a comunidade Vila do Cachorro Sentado, a autora afirma que lá a maioria dos adultos não tem “emprego estável”, e que vivem de atuar nos “setores informais”: são papeleiros, pedintes, operários da construção civil e jardineiros. Ter emprego estável e trabalhar em setores formais ou informais são construtos consolidados na antropologia e na sociologia para tratar sobre classe social, mas examinar a dinâmica socioeconômica do Jardim das Palmeiras sob essa ótica não permite entender, por exemplo, o porquê de o indivíduo “trabalhar em obra”, por exemplo, estar relacionado a seu *status* social elevado, como percebi na fala de algumas das pessoas da comunidade. Parece ser mais produtivo, aqui, lidar com o termo “estabilidade” em outro sentido. Estável, na vila, é a colocação socioeconômica que proporciona a entrada regular de dinheiro para as despesas da família. Assim, uma família cujo pai é, por exemplo, pedreiro ou instalador hidráulico, e que consegue trabalho com frequência, pode viver em casa de alvenaria e levar os filhos ao McDonad’s, diferentemente das famílias que vivem de reciclagem, de faxinas eventuais, ou de rinhas de galo. O que entra no cômputo é que a renda regular proporciona à família operar com certos bens simbólicos, como visto na fala de Rosana a respeito de Cristóvão, um dos meninos de 3 anos:

ele é bem esperto, a mãe lê leitura, ela leva no cinema, ele vai no Mac uma vez por mês, duas vezes por mês. (...) É outro nível também.

(Entrevista semiestruturada feita por mim com Rosana, 25/11/2011)

Na fala de Rosane é possível perceber que a uma maior inserção social corresponde uma maior inserção da criança na sociedade letrada. As experiências

¹⁹ Na comunidade, o termo ‘papeleiro’ é considerado pejorativo, embora utilizado eventualmente pelos moradores.

²⁰ Os detentos do sistema prisional recebem um salário mínimo por mês para sustento da família.

proporcionadas pela renda regular são, para as crianças, meios de enriquecer seu repertório relativamente a eventos de letramento.

Um tipo de estabilidade, num universo em que há uma grande fluidez nas formas de obtenção de renda, pode ser, justamente, a manutenção do tipo de ocupação, que, em alguma medida, garante a sistematicidade do emprego formalizado. Um exemplo desse tipo é o da neta de D. Noeli, Alessandra, e mãe de um dos meninos pesquisados, Iago. Na época em que começamos a pesquisa, ela era a educadora de uma das turmas da creche. Em termos de escolarização, ela não tinha o ensino fundamental completo. Por causa da exigência da Secretaria Municipal de Educação²¹ de que os educadores tenham, no mínimo, o curso de educador assistente (e ela não tinha) teve que deixar o quadro de funcionários da instituição no final de 2009. Conversei com ela em março de 2012 e ela me disse que havia trabalhado em outra creche depois de ter saído da Terra Santa (segundo D. Noeli, uma escolinha particular de uma tia), e que agora estava desempregada, mas recebendo seguro desemprego. Assim, da mesma forma que um instalador hidráulico, mesmo com rotatividade de empregos, o indivíduo se mantém empregado, nesse caso, tendo direito, inclusive, a seguro desemprego.

Entendendo desse modo, estável, no universo do Beco, são tanto os postos formais de ocupação (como auxiliar de serviços gerais, cozinheira, pizzaiolo), quanto alguns postos de setores informais (como operários da construção civil). Além disso, de um modo indireto, abarca a questão colocada anteriormente sobre a capacidade de organização social dos indivíduos, já que essa acaba por ser um pressuposto para a manutenção da estabilidade socioeconômica de cada família.

²¹ Doravante, SMED. Essa questão será mais detalhada adiante neste capítulo.

Outra característica da ocupação dos indivíduos no Beco é seu caráter pouco fixo. Eles mudam com frequência seu modo de ganhar a vida. É o caso, por exemplo, de uma das auxiliares de serviços gerais da creche, que me contou que pediu para ser demitida porque já fazia dois anos que trabalhava lá. Perguntei se ela tinha outro emprego em vista, e ela me disse que não, que só estava cansada de trabalhar lá há tanto tempo.

Uma possibilidade de lidar com a heterogeneidade social no Beco seria refletir sobre ela por meio de critérios de estratificação social em classes. Na pesquisa sociolinguística quantitativa, classe social é um conceito central. Mesmo que não haja consenso sobre os critérios que devem determinar a classe social dos indivíduos na pesquisa variacionista, essa é uma variável “universalmente usada e extremamente produtiva” (ASH, 2003: 402). Os critérios que determinam a classe social dos indivíduos giram em torno de renda/patrimônio, ocupação/profissão e escolaridade (LABOV, 1966; CHAMBERS, 1995).

Amaral (2003) produziu um banco de dados para examinar com mais acuidade as implicações linguísticas da estratificação social em classes na cidade de Pelotas. A dimensão social dos informantes, dada por uma rede de informações obtidas através do questionário social, incluiu o cruzamento entre aspectos econômicos (como localização da residência, bens pessoais, renda familiar e hábitos de consumo), ocupação do indivíduo (distinguido em manual, técnico ou intelectual) e escolaridade. A aplicação desses critérios para as famílias das crianças do Beco implicaria, inicialmente, em lidar-se com somente dois níveis de ocupações, já que dentre os pais das crianças pesquisadas não há intelectuais. Além disso, a quantidade de técnicos é pequena. Talvez fosse necessário distinguir subfaixas na ocupação manual.

Outro problema, comentado por Amaral (2003), é o fato de a ocupação dos indivíduos não ser fixa. Seria possível pensar que talvez, em alguns casos, a mobilidade se dê no mesmo tipo de ocupação. Por exemplo, o indivíduo deixa de vender DVDs no centro da cidade para vender churrasquinho num ponto fixo dentro da vila. Entretanto, seria necessário mapear essa mobilidade. Além disso, uma questão que precisaria ser estudada para o entendimento das diferenças sociais no Beco é a possível relação entre renda e escolaridade. A dificuldade com esses possíveis encaminhamentos é o fato de eu não ter realizado o questionário social. Sem informações dessa natureza, mas com aquelas que obtive sobre as famílias das crianças, foi possível traçar um perfil social, embora limitado pelas dificuldades já relatadas aqui.

Há ainda outra questão importante para a compreensão da heterogeneidade social no Beco. Desde o início de nossa entrada em campo²², ficou evidente que havia uma situação que não entendíamos, relacionada à presença ou não do pai em casa. Na Ficha de Anamnese, que pode ser vista no Anexo 2, na seção sobre os dados de identificação da criança, a pergunta que vem logo a seguir dos dados do pai é: *O pai mora com a família?* Essa pergunta havia sido colocada na ficha por Jane, então coordenadora da creche. Antes de proceder à primeira seleção das crianças (as de 5 anos) que participariam do projeto, examinei suas fichas. Na época, fiz um levantamento sobre a presença paterna em casa, em março de 2010, nas turmas de Jardim A e B. O resultado, mostrado no Quadro 1, mostrou que, de fato, nestas turmas, a ausência do pai prevalecia:

²² Era um estranhamento compartilhado entre mim e a mestranda Bibiana Silva.

Quadro 1. Presença/ausência do pai em casa dentre as crianças das turmas do Jardim em março de 2010

Pai não mora em casa	19
Pai mora em casa	14
Falecido	1
Não informado	3
Total	37

Fonte: produzido pela autora

O que os dados qualitativos mostraram foi que a relevância de tal informação é que ela pode ser relacionada ao tipo de constituição familiar em que a criança vive.

Dentre as famílias pobres, estudos com abordagens antropológicas (FONSECA, 1987, 2009; SARTI, 2004) distinguem concepções familiares que diferem da concepção tradicional, de família constituída como um núcleo. Nessa outra, constituída em rede, as ramificações envolvem “a rede de parentesco como um todo” e configuram uma trama de obrigações morais que, se por um lado dificulta a individualização, por outro garante o sustento do indivíduo (SARTI, 2004:49). Além disso, pode haver um deslocamento de papéis familiares que redefinem a hierarquia homem/mulher e a diferenciação de papéis sexuais. Nessa configuração, há famílias em que a mulher tem diferentes parceiros ao longo da vida, tendo filho com cada um deles. São casos em que avós e tias (estas muitas vezes adolescentes) são as cuidadoras das crianças, configurando a forte solidariedade dos laços de sangue e a precariedade dos laços conjugais (Cf. FONSECA, 2009). As famílias desse tipo chegam a ser bastante grandes pelo crescente aumento do número de seus membros. E a consequência socioeconômica é o grande número de pessoas a serem sustentadas.

No Beco, há as duas constituições familiares, em núcleo e em rede. Assim, a informação de pai que não mora em casa não é necessariamente índice do tipo de

família pobre²³. Há casos de separação do casal em que o pai vai morar fora da comunidade e a mãe fica com a criança. E nos casos de família pobre, o fato de o pai deixar a casa e a mãe ter outro namorado não significa que a criança não tenha mais contato com ele. Dentre as crianças pesquisadas, há casos em que o pai dá a pensão alimentícia, garantindo, com isso, o direito de regularidade de estar com o (a) filho (a).

Como veremos no capítulo de metodologia, dos aspectos percebidos como relevantes para a constituição das identidades sociais das crianças, apenas a ocupação²⁴ do pai e da mãe e a microrregião de moradia puderam receber tratamento quantitativo, uma vez que foi possível obter as informações necessárias para realizar a categorização dos dados das crianças participantes.

A ocupação do pai e da mãe, bem como a microrregião em que mora, serão, então, examinados como índices de estratificação social e pertencimento social das crianças pesquisadas. Na interpretação dos achados estatísticos obtidos, entretanto, serão retomadas as complexas questões implicadas numa experiência social que é, em muitos sentidos, tão estranha à nossa e às de crianças de classe média, mais frequentemente observadas na pesquisa ligada à aprendizagem do português.

Na próxima seção, descreverei a Instituição de Educação Infantil na qual foi realizado grande parte do trabalho de campo.

1.5 A CRECHE TERRA SANTA

A Instituição de Educação Infantil Terra Santa, chamada de creche pela comunidade, foi fundada em agosto de 1992, como forma de atender à necessidade

²³ Os trabalhos citados anteriormente utilizam esta nomenclatura referindo-se às famílias constituídas em rede.

²⁴ Para uma discussão consistente sobre índices de ocupação para a constituição de variáveis sociais ligadas a classe ver Chambers (1995) e Amaral (2003).

das mulheres de “procurar serviço”. A narrativa de D. Noeli mostra a precariedade da situação enfrentada pelo grupo que decidiu fundar a creche:

A gente teve a ideia de levantar aquele pavilhão grande, levantar aquela peça e fazer de madeira, assoalho e botar as crianças tudo ali. Pelo menos pra meio-dia, pra horário de almoço. E o mais nós forrava o chão, chão puro, nós forrava com tapetão, nós ganhava tapetão.

(Entrevista semiestruturada realizada por mim com D. Noeli, 25/11/2010.)

Tarso Genro, prefeito de Porto Alegre na época, foi pessoalmente na comunidade e deu instruções sobre como deveriam proceder para a fundação de uma creche comunitária. O marido de D. Noeli fez o encaminhamento burocrático e eles fundaram a creche, tendo o marido de Noeli como diretor, ela como coordenadora, e mais 7 ou 9 funcionárias, com carteira assinada. A creche atendia, na época, 60 crianças, embora recebesse verba para 40. Recebiam crianças a partir de 5 dias de idade, porque as mães precisavam trabalhar. Perguntei se essas crianças não mamavam, e ela disse que tomavam mamadeira com leites especiais. O sustento da creche era muito difícil. Faltava dinheiro para pagar água, luz; às vezes, para comprar carne. Ela e outras pessoas faziam pastéis para vender e, às vezes, “pedágio” em sinaleiras.

Em 1995, com a criação da Associação Comunitária, esta passou a ser mantenedora da creche. Em 2006, foram estabelecidos convênios (chamados também de parcerias) através dos quais a Associação Comunitária obteve melhorias efetivas para a instituição. Um exemplo pode ser visto na fala de Lia:

E daí com essa parceria da Aldeia SOS e daí mais as telefonias nós conseguimos esses três prédios e mais a sala pro SASE²⁵.

(Entrevista semiestruturada realizada por mim com Lia, 05/12/2009.)

²⁵ Serviço de Apoio Socioeducativo. É um programa da Prefeitura de Porto Alegre que atende a crianças e adolescentes de 6 a 14 anos de idade, desenvolvido no turno inverso da escola, oferecendo alimentação, apoio pedagógico e psicossocial.

Até 2007, o espaço físico da instituição era bastante precário. Em 2009, logo após termos iniciado a entrada em campo, a creche sofreu uma reforma importante, passando a funcionar em três prédios, e com isso dobrando de 40 para 80 o número de vagas oferecidas. Em 2011, houve nova remodelação; um dos prédios passou integralmente ao SASE e uma nova sala foi construída. As fotografias a seguir foram feitas depois da última reforma.

Fotografia 9. Pátio da creche



Fotografia 10. Pátio interno, entrada do refeitório e da sala do MII



Fotografia 11. Pátio interno e entradas das salas do MI e Jardim B

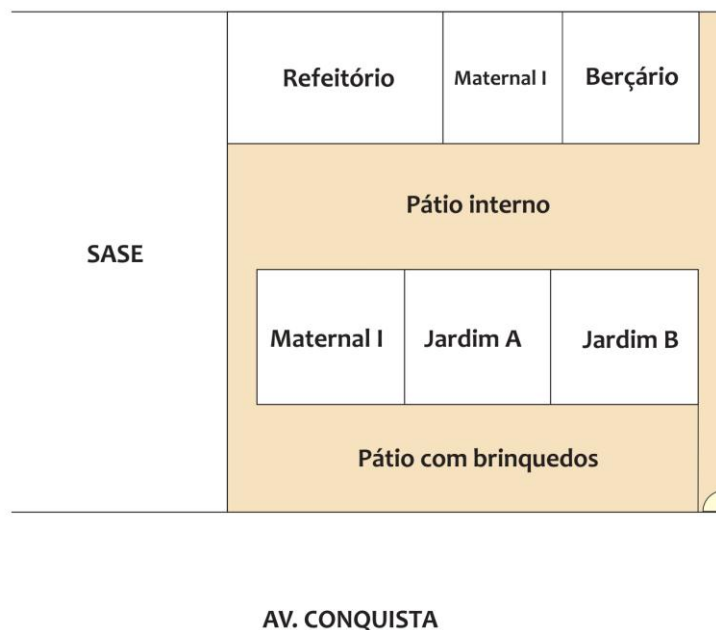


Fotografia 12. Entrada da sala do berçário



Hoje, a creche conta com um espaço privilegiado: quatro salas de aula e mais uma para berçário, refeitório, cozinha e lavanderia. A Figura 1 mostra a distribuição espacial dos prédios:

Figura 1. Representação da distribuição do espaço físico da creche



Fonte: elaborada pela autora

A instituição funciona em turno integral. As crianças chegam pela manhã e ficam até o fim da tarde. A distribuição de horários no dia prevê as refeições, soninho e atividades. No Quadro 2 abaixo, vemos, como exemplo, a organização diária de horários da turma do Jardim A em outubro de 2010, citado em Silva (2012). As atividades são as mesmas para as turmas de Maternal e Jardim, modificando somente a distribuição dos horários em que elas ocorrem, sobretudo por causa do número de lugares disponíveis no refeitório.

Quadro 2. Horários da rotina da turma de Jardim A

07:00 às 08:45	Hora do soninho
08:45	Café da manhã
09h15 às 10h30	Brinquedo livre
10h30 às 11h30	Hora da atividade
11h30	Almoço

12h30 às 14h30	Hora do soninho
14h30 às 15h	Organização da sala
15h	Lanche da tarde
15h30 às 16h30	Hora da atividade
16h30	Lanche da tarde
17h às 18h30	Brinquedo livre

Fonte: Silva (2012)

Em entrevista com Valquíria, mãe de uma aluna do Jardim B, na época, e professora da turma de Jardim A, perguntamos o que ela achava do serviço prestado pela instituição. Ela respondeu:

O que eu acho? Como mãe, assim, acho que tá sendo bom o serviço assim, sabe? As gurias fazem bastante atividade, a Betina, a Betina aprende bastante coisa, é um lugar seguro. (...) Tem uma boa alimentação ali também. Ela não reclama nada, assim.

(Entrevista semiestruturada realizada por mim e por Bibiana Silva em 14/01/2010)

Ao longo de todo o tempo em que estive na creche, pude ver a preocupação da instituição no cuidado das crianças; com a alimentação, a higiene, ensinando às crianças a necessidade de tomarem banho e escovarem os dentes, em alguns casos como forma de pressionar a família a ter os mesmos cuidados em casa. Em épocas de surtos de piolhos, as educadoras trataram as crianças com remédio, sobretudo as meninas, para evitar que as mães cortassem seus cabelos.

Em 2008, foi estabelecido convênio com a SMED e a creche passou a Instituição de Educação Infantil. Os ganhos com a mudança foram importantes: apoio financeiro, garantia de alimentação para crianças e funcionários, entre outras formas de apoio institucional; as exigências, em contrapartida, também foram importantes por implicarem maior necessidade de organização da instituição, além de terem um viés de qualificação do serviço pedagógico oferecido (em termos de formação, as educadoras

devem ter, preferencialmente, o curso de magistério, e, no mínimo, o curso de Educador Assistente oferecido pela própria SMED; o coordenador deve, preferencialmente, ser pedagogo; a última sexta-feira de cada mês é voltada para cursos de Formação Continuada para o quadro de educadores).

Essa mudança teve muitas consequências na contratação de pessoas para trabalhar com as crianças, pois o regimento da creche, anteriormente estabelecido pela Associação de Moradores, exigia que as educadoras fossem da comunidade. Não havendo educadoras na comunidade com a formação específica exigida pela SMED, como era o caso da maioria empregada na creche, foi necessário substituí-las. Isso vem criando circunstâncias novas para a gestão da creche, que começa a enfrentar falta de educadores, substituição de coordenação, entre outras vicissitudes. Como parte do mesmo processo, veremos, a presença da Universidade foi bem acolhida, pois constitui ação de formação.

Desde nossa entrada em campo, a coordenadora da creche era Jane, que ficou no cargo até outubro de 2010. Formada em Pedagogia/ênfase em Educação Popular²⁶ na PUCRS, fazia um importante trabalho voltado para a qualificação do trabalho pedagógico das educadoras. Por exemplo, estimulava-as a estudarem, auxiliando os projetos das que cursavam magistério, pedia que elas fizessem planilha diária de planejamento de atividades pedagógicas, estimulava a produção de projetos pedagógicos nas turmas, entre outros. Com sua saída da instituição, que ficou sem coordenação oficial até fevereiro de 2011²⁷, percebi que os trabalhos de cunho

²⁶ Foi um prazer para mim ter podido comparecer à sua formatura, em janeiro de 2010, tendo em vista os desafios que precisam ser vencidos para que pessoas de classe baixa concluam o ensino superior, nesse caso voltado para o desenvolvimento social da comunidade.

²⁷ Isso porque a SMED não aceitou no cargo a educadora designada pela Associação Comunitária, que como formação escolar, não tinha o ensino fundamental completo. Nas negociações, a SMED exigia minimamente alguém formado em Magistério.

pedagógico ficaram a cargo exclusivamente de cada educadora com sua turma, não só sem nenhuma exigência por parte da instituição, mas também sem auxílio para isso.

Na pesquisa de Silva (2012), a autora descreve a creche como uma importante agência de letramento na comunidade (assim como o é, também, o Posto de Saúde), e salienta a importância da escrita na interlocução da instituição com as famílias e a comunidade em geral. A circulação consistente de agenda, bilhetes, cartazes, documentos oficiais, dentre uma série de outros portadores de texto, deixaram evidentes, desde o início da pesquisa, o quanto se trata de um ambiente letrado. A situação da relação com pais analfabetos é levantada. Diz a autora:

Ao presenciar Cecília escrevendo na agenda de um aluno pela primeira vez, questionei como faziam os pais analfabetos. Ela respondeu que geralmente os pais ignoravam as mensagens enviadas pela creche, disse que muitas crianças perdiam as agendas logo no início do ano. "Mas tem aqueles mais interessados, né? Esses quando veem a mensagem colada não sabem o que está escrito, mas sabem que é alguma coisa importante. Se não fosse importante não ia estar no computador e colado aqui. Daí eles vêm na escola perguntar ou pedem para um vizinho ler. Sempre tem alguém por perto que pode ajudar com essas coisas de ler e escrever, tem que ter, né?" (Depoimento de Cecília em 20 de outubro de 2009).

(SILVA, 2012:75)

Também na relação com as crianças, a rotina é fortemente permeada e mediada pela cultura escrita. Em todas as salas há uma estante de livros chamada *Cantinho da Leitura*; eles assistem DVDs, fazem atividades com jornais e revistas; a organização dos materiais é feita por etiquetas com o nome da criança escrito, regras de convivência são mostradas em cartazes, etc.

Na organização das atividades diárias das crianças²⁸ (mostrado anteriormente no Quadro 2), um dos momentos da rotina é a "hora da atividade". Silva (2012) registrou quatro tipos de atividades que ocorriam neste momento: hora da rodinha, hora do conto, jogos em grupos e atividades de pintura e colagem. A partir da

²⁸ Silva (2012) relata como ocorreu a organização das atividades diárias da creche que, a partir do convênio com a SMED, teve como exigência a reformulação de seu Projeto Político Pedagógico, que deveria partir do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.

análise da organização e do andamento das atividades, a autora mostrou que efetivamente as crianças têm experiências diárias de letramento escolar, e salienta o quão forte é o objetivo de disciplinamento que tais atividades carregam. A autora afirma que, segundo depoimentos das educadoras, este é o momento em que as crianças *treinam para a escola*. Ao longo do trabalho de campo ficou evidente que a rotina das crianças na creche é perpassada pela circulação da escrita, que, ainda que tenha funções e sentidos próprios à comunidade e, em larga medida, distintos das funções e sentidos que os textos escritos têm no entorno de crianças de classes mais altas, cercadas de adultos com escolarização mais extensa, se faz presente na vida das crianças acolhidas pela creche.

Na próxima seção, relatarei os projetos realizados na creche como elementos de troca e devolução.

1.6 NOSSA PRESENÇA EM GRUPO NO BECO

Sobre o projeto²⁹ de pesquisa levado a cabo no Beco, há ainda uma consideração importante que não pode deixar de ser feita: ele só foi possível, e no tempo em que foi feito, devido a algumas condições institucionais alcançadas por

²⁹ Refiro-me, aqui, ao projeto coordenado pela Prof^a Luciene Simões, que, além da orientação do presente projeto de doutorado e do projeto da (agora) Mestre Bibiana Cardoso da Silva, envolve a coordenação de um Grupo PET. O Programa de Educação Tutorial é mantido pelo MEC há mais de 20 anos. Implanta, mediante concorrência por editais de nível nacional, grupos de bolsistas de graduação que recebem fomento equivalente aos programas de Iniciação Científica do CNPq, mas exige do grupo o cumprimento de planos de trabalho anuais que se fundamentem nas relações entre pesquisa, ensino e extensão. Ou seja, como parte das atividades do grupo, são desenvolvidos projetos de pesquisa, mas é exigência do programa que os estudantes estejam também envolvidos em ações de extensão e que todas as ações estejam voltadas a questões pertinentes às terminalidades profissionais dos cursos, complementando seus currículos. Os programas de extensão e pesquisa aqui desenvolvidos lidam com formação diretamente pertinente ao curso de Licenciatura em Letras, oferecendo formação ligada a questões de aprendizagem no início da escolarização, usualmente ausentes dos currículos formais do curso. Ver <http://www.ufrgs.br/petletras/> para um panorama mais amplo do trabalho desenvolvido pelo grupo, sob a tutoria da orientadora desta pesquisa de doutorado.

nosso grupo à época do início do trabalho de campo. Falo sobre a importância da presença do Grupo PET/Letras³⁰ na creche, e no valor de o trabalho não só de geração dos dados, mas também daquele que serviu como elemento de troca com a instituição – o projeto de extensão de contação de histórias³¹ lá mantido pelo grupo.

Em 2007 a Prof^a Luciene Simões foi contemplada com a abertura de um grupo do Programa de Educação Tutorial (PET), mediante edital do Ministério da Educação, o que proporcionou a integração de doze bolsistas do programa ao grupo de trabalho dedicado aos projetos mantidos no Beco.

Um mês após nossa entrada em campo, teve início o projeto de contação de histórias para cada uma das turmas da Instituição de Educação Infantil. Onze dos petianos (Abel Prates, Ana Paula Vial, Bruno Scortegagna, Camila Felipe, Cristina Bordinhão, Dafne Rosa, Joana da Luz, Maria Fernanda Viegas, Nádia de Castro, Renata Corrêa e Simone Grams Land) se revezavam em duplas no trabalho semanal de contação de histórias para as turmas. Esse trabalho seguiu ao longo de 2010 e de 2011, durante todo o tempo de nossa estada em campo.

A importância da contação de histórias para as crianças foi enorme, sobretudo no sentido de proporcionar um modo novo, mais lúdico, de vivenciar a experiência com um gênero tradicional como é o de narrativas, em comparação com a experiência que eles tinham nas atividades escolares³².

³⁰ Programa de Educação Tutorial. Email: <http://www.ufrgs.br/petletras/>

³¹ E posteriormente no de transcrição dos dados, como será relatado no capítulo de metodologia.

³² Silva (2012) discute o papel das atividades com narrativas tradicionais na instituição. Conforme a análise da autora, elas têm, sobretudo, um caráter de disciplinamento ligado às concepções das educadoras do que seja uma boa preparação para a escola. Convivem, contudo, com essas demandas das educadoras por atenção e organização centralizada da tomada de turnos outras interpretações concorrentes das histórias lá contadas durante as atividades pedagógicas, demonstradas pelas crianças em momentos de brincadeira livre; a autora denomina tais eventos de “eventos emergentes de letramento” e aponta a importância da presença dos estudantes do grupo PET para uma maior permeabilidade entre esses eventos e os eventos mais institucionais. Ver Silva (2012) para uma análise mais detalhada dessa questão.

Além disso, na interação com as crianças para a geração de dados³³, fui auxiliada por quatro bolsistas (Joana da Luz, Maria Fernanda Viegas, Renata Corrêa e Simone Grams Land), as três últimas realizando seus projetos de iniciação científica ligados à bolsa PET. Sem esse apoio, e com a autonomia (sobretudo de Maria Fernanda e Simone) e a qualificação com que as bolsistas trabalharam depois de terem sido treinadas, eu não teria tido tempo de realizar a observação participante e gerar parte dos dados interpretativos³⁴.

A importância institucional da atuação do Grupo PET/Letras no Beco fica evidente diante da produção intelectual fruto dos projetos de Iniciação Científica (CORRÊA, 2010; CORRÊA, VIEGAS, BORDINHÃO e CASTRO, 2010; LAND, 2011 e 2011b; SIMÕES, VIEGAS e LAND, 2009; VIEGAS e LAND, 2010; VIEGAS e SIMÕES, 2011 e 2011b), ressaltando ainda que LAND (2011b) e VIEGAS e SIMÕES (2011) foram premiados com destaque nos respectivos eventos de iniciação científica de que tomaram parte.

Por fim, outro trabalho também foi realizado a título de elemento de troca. Inicialmente no âmbito de uma das disciplinas cursadas por nós (eu e Bibiana Silva) no Programa de Pós-Graduação, e com o apoio de duas colegas, Cristina Uflacker e Janaína Fortes, participamos de seis dos encontros de Formação Continuada, que ocorrem na creche na última sexta-feira do mês, por exigência da SMED. Nosso objetivo foi de promover, junto às educadoras da creche, reflexões dirigidas, acerca de letramento e produção de projetos pedagógicos nas atividades realizadas com as crianças na creche.

1.7 LÍNGUA E SOCIEDADE NO BECO

³³ O trabalho de geração de dados será relatado na metodologia.

³⁴ A metodologia qualitativa que foi utilizada na pesquisa será relatada no Capítulo 4.

Quando cheguei pela primeira vez ao Beco das Palmeiras, junto com Bibiana Silva, apesar da formação acadêmica na área de sociolinguística, não sabia, ao certo, o que procurar e, muito menos, o que encontraria. O que ocorreu foi que, na medida em que a pesquisa avançava e aquele universo social ia se descortinando, fui percebendo o quão limitada era minha capacidade de conhecê-lo, a não ser parcialmente. Ao longo do trabalho de campo, muitas das concepções e valores que me acompanhavam foram postos à prova, e muitas situações me mostraram o quanto minha perspectiva social é moldada pelo indivíduo de classe média que eu sou. E, sobretudo, o quanto muitas das concepções e valores que carregamos como pesquisadores não correspondem à realidade daquelas pessoas.

Apesar do importante apoio institucional com que podia contar, mas no tempo curto de que dispunha, tentar compreender a dinâmica social do Beco das Palmeiras se mostrou uma tarefa enorme. A complexidade que está na base da vida social da comunidade só pôde ser vislumbrada por mim em termos de alguns aspectos para os quais consegui dar sentido.

Ao longo deste capítulo, busquei situar o leitor no contexto social em que se deu a pesquisa. Iniciei falando (mesmo que rapidamente) sobre o panorama sócio-histórico e econômico que fez surgir as comunidades da periferia de Porto Alegre, e nesse contexto, como se deu a ocupação que culminou na comunidade Beco das Palmeiras. A partir disso, apresentei o panorama a que foi possível chegar nesta tese sobre a dinâmica da vida cotidiana na comunidade, bem como sobre a complexa rede socioeconômica ali constituída. É somente a ponta do *iceberg*, mas espero que seja suficiente para que o leitor entenda o modo como os aspectos socioeconômicos que discuti no capítulo foram tratados em termos de variáveis sociais na análise

quantitativa. Espero que as informações que levantei neste capítulo sejam suficientes para que o leitor acompanhe como se deu o processo que culminou na análise que ofereço ao final desta tese sobre os aspectos sociais e linguísticos envolvidos na aquisição da regra variável de concordância de terceira pessoa do plural pelas crianças do Beco.

No próximo capítulo, passarei à discussão da base teórica a que a pesquisa se afilia.

2. UMA BASE TEÓRICA PARA O ESTUDO DA APRENDIZAGEM DA REGRA VARIÁVEL

Tratar sobre a aquisição de uma regra variável na infância requer uma base conceitual que acomode o encaixamento linguístico e social das formas variáveis, tendo em vista, sobretudo, a idade das crianças do estudo; além disso, precisa poder abarcar aspectos cognitivos, que, mesmo entendendo como Eckert (1998) que a condição biológica em cada fase de vida do indivíduo é um atributo de sua constituição social (revelado em termos de idade e gênero), devem ser discutidos enquanto elementos atuantes do processo. Assim, a fundamentação teórica na qual esta pesquisa se apóia busca na sociolinguística variacionista um suporte para entender o modo como as formas variáveis de terceira pessoa do plural tomam parte tanto dos processos linguísticos de aquisição quanto dos processos de pertencimento social das crianças.

O problema de que se ocupa este capítulo é a discussão dos conceitos aos quais a pesquisa se afilia. A primeira seção abordará a fundamentação teórica da sociolinguística quantitativa, tratando da variação linguística. A segunda seção explicitará a abordagem assumida na presente pesquisa relativamente a dois conceitos

de ordem tanto macrossociológica quanto local: idade e gênero. A seção seguinte discutirá a noção de letramento como mais adequada que escolaridade para o tratamento da aprendizagem de uma regra variável. Por fim, na quarta seção, será apresentada a proposta de Chambers (1995) sobre a divisão em classes sociais, operacionalizada através da ocupação dos indivíduos.

2.1 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA APRENDIZAGEM DE UMA REGRA VARIÁVEL

Na concepção sociolingüística laboviana clássica, a regra variável é definida como o *locus* em que diferentes formas (ao menos duas) concorrem como diferentes possibilidades de dizer “a mesma coisa” (cf. LABOV, 2008 [1972]). Esta é uma definição largamente difundida entre os sociolinguistas brasileiros. No entanto, o que as pesquisas de base laboviana, incluindo aquelas realizadas no Brasil, têm mostrado consistentemente é que o significado social de uma determinada variante em oposição a outra (e variantes são escolhas, e quando se escolhe uma, se deixa de escolher outra) é parte constituinte da identidade social do indivíduo. Se a opção por uma das realizações possíveis num sistema linguístico variável reflete papéis e identidades sociais, compondo em alguma medida o panorama macrossocial, aquilo que é dito de forma alguma se restringe a seu valor de verdade, não cabendo separação entre forma e conteúdo: o social é parte essencial da vida das pessoas (ECKERT, 2008).

Uma regra variável é concebida como parte da gramática operacional de um falante, e aponta diferentes contextos em que a variável dependente é afetada pelas variáveis independentes. Como os diferentes contextos possíveis não aparecem na produção de um único falante, a amostra deve abarcar a fala de vários indivíduos da comunidade (essa é a natureza da importância da quantidade de dados). Assim,

uma amostra é composta por diferentes falantes que produzem ocorrências nos vários contextos lingüísticos possíveis. Guy e Zilles (2007: 219) levantam uma questão controversa na teoria: no modo como é concebida, a concepção de regra variável dá conta da variação que ocorre na fala da comunidade, e não na fala do indivíduo. Sobre isso, dizem os autores:

Acabamos, implicitamente, tratando a regra variável como se estivesse localizada na gramática da comunidade de fala, e cada indivíduo, ou grupo social (por exemplo, faixa etária ou classe social), funciona como um 'contexto' no qual a regra tem determinada chance de ser aplicada.

Além disso, as variáveis sociais, recebendo o mesmo tratamento das variáveis lingüísticas, são abordadas como categorias que compõem contextos de possíveis ocorrências para que daí seja configurado o panorama macrossocial, produzindo um quadro no qual não é possível examinar o processo variável como prática social a não ser num âmbito generalizante. Diante disso, os autores salientam a importância de que a metodologia quantitativa seja articulada com outra metodologia. A sugestão é de que a amostra seja definida a partir de um estudo etnográfico, histórico ou antropológico da comunidade (GUY e ZILLES, 2007:111).

Eckert (2000) já havia sinalizado as limitações da abordagem quantitativa laboviana no trabalho que apresenta como *um estudo quantitativo de variação integrado numa etnografia*³⁵. A autora afirma que a sociolinguística variacionista, fixada na significância estatística e na compreensão da cena global, encaixa os indivíduos como membros de certos grupos e categorias sociais, sendo que as categorias são vistas a partir das características que os membros compartilham. Dessa forma, perde-se o significado que a variação adquire em termos da experiência local de cada indivíduo. A autora afirma que a variação se traduz em diferentes possibilidades de o

³⁵ The research described in this book is a quantitative study of variation embedded in a ethnography. (ECKERT, 2000:xiii).

indivíduo atuar em sua comunidade, possibilitando diferentes modos de ele construir significados em sua vida (ECKERT, 2000:2-3).

Para o exame da variação do sistema de concordância verbal na fala de crianças, tal como está sendo empreendido na presente pesquisa, é importante considerar, com base em estudos na área de Socialização da Linguagem (OCHS e SCHIEFFELIN, 1997; DURANTI et al., 2012) que na experiência linguística infantil há concomitância entre dois processos distintos: ao mesmo tempo em que a criança usa a língua para aprender a participar dos grupos sociais de que faz parte, ela participa dos grupos sociais adquirindo os usos da língua (SCHIEFFELIN e OCHS, 1986). Assim sendo, o processo de variação (tanto na fala de crianças quanto na de adultos) não pode ser concebido na sua complexidade se, em alguma medida, não puder ser examinado localmente. Por um lado, ser capaz de associar a produção variável da fala das crianças com categorias macrossociais, e por outro, poder entender a produção das crianças relacionada a sentidos sociais locais.

A afiliação teórico-metodológica à sociolinguística quantitativa põe centralidade no conceito de variação linguística como um fenômeno inerente a qualquer língua. O sistema interno, constituinte do processo dinâmico da variação, é bastante caro no contexto da presente pesquisa. Resultados consistentes relativos a algumas variáveis internas (a posição do sujeito em relação ao verbo no sistema variável de concordância verbal é um caso) em estudos importantes na literatura da área mostram que a variação opera a partir de restrições do próprio sistema (só há variação onde pode haver variação; além disso, ela é regular – sistemática – dentro do próprio sistema linguístico). Na presente pesquisa, será importante poder discutir questões estruturais da língua, já que nas faixas etárias observadas parece haver, ainda em andamento, processos de aprendizagem do sistema de flexão verbal pelas

crianças, provavelmente ligados à experiência inicial dos participantes com a língua, ou mesmo o funcionamento de uma língua, no sentido estrutural, ligado a mecanismos morfossintáticos, neste caso.³⁶

Em relação à natureza social da variação, faz-se necessário discutir qual é a melhor abordagem para o exame de dados de aprendizagem. Uma perspectiva esclarecedora quanto a abordagens possíveis é a de Penelope Eckert.

Discutindo o tratamento dado às variáveis sociais e ao modo como o significado social é concebido nos estudos de variação nas últimas cinco décadas, Eckert (s/d) propõe uma divisão dos estudos variacionistas em três vertentes. Sem que cada qual substitua a anterior, mas a refine, se desenvolvendo a partir de seus achados, cada uma das vertentes representa um modo diverso, tanto metodológico quanto analítico, de abordar (e refletir sobre) a variação linguística.

A primeira vertente, fundadora dos estudos de variação, partiu da pesquisa de William Labov (1966). Através deste estudo, que propôs uma relação direta entre variáveis linguísticas e categorias macrosociológicas primárias (como classe social, gênero, etnia e idade) numa amostra de moradores da cidade de Nova York, Labov estabeleceu uma base consistente para os estudos quantitativos de variação, buscando, através de métodos replicáveis, padrões regulares de estratificação social das variáveis. O significado social da variação linguística, tido como consequência de categorias demográficas abstratas, colocou os fundamentos da pesquisa linguística na estrutura socioeconômica – classe, gênero e etnia. Eckert (2008:455) afirma que:

³⁶ Esta observação é fundamental aqui, uma vez que não partimos de um ponto de vista segundo o qual a aprendizagem da língua se completa ao final da infância ou mesmo da adolescência. Ao contrário, usar, aprender e conhecer uma língua ou a linguagem são processos complexos, dinâmicos e interconectados que pouco conhecemos, malgrado já se tenha avançado muito nos últimos dois séculos, com a investigação acumulada nesta área. De todo modo, as crianças participantes desta pesquisa estão em etapa inicial de sua socialização e usam apenas o português como sistema linguístico integrante de suas interações cotidianas. Desse modo, há processos de aprendizagem em curso que são iniciais em suas vidas e que, como tais, revelam muito sobre o aprender uma, ou sua própria língua, no início da vida. Esta questão será discutida mais adiante no capítulo.

Nesta visão, a hierarquia socioeconômica é um espaço social através do qual a mudança se espalha, e o lugar do falante naquele espaço determina quando ele “recebe” a mudança. A agentividade dos falantes no uso das variáveis tem sido vista como limitada para fazer reivindicações sobre seu lugar no espaço social, tanto por enfatizar quanto por minimizar sua afiliação a cada categoria por meio da manipulação quantitativa de marcadores.³⁷

Nas décadas que se seguiram, este estudo foi largamente replicado³⁸, fornecendo um panorama da distribuição estratificada da fala variável de comunidades urbanas em diferentes países. Grande parte dos estudos variacionistas realizados no Brasil³⁹ aderiram (e ainda aderem) a esta vertente, explorando não só a fala dos centros urbanos⁴⁰, mas também a de comunidades rurais⁴¹. A análise do encaixamento social da variação linguística nas comunidades estudadas de forma geral acolhe as bases teóricas da proposta laboviana, fornecendo subsídios que reforçam a regularidades dos primeiros achados.

A hipótese que embasa a teoria variacionista laboviana é de que as variedades linguísticas carregam o *status* social dos falantes. Nesse contexto, as formas variantes são tratadas como *padrão* e *não padrão*, relacionadas, respectivamente, às formas legitimadas e estigmatizadas socialmente. Assim sendo, a estratificação socioeconômica da linguagem é abordada num contínuo linguístico de prestígio e estigma, correlacionada com o *status* socioeconômico do falante (LABOV, 1966; 2008 [1972]).

³⁷ In this view, the socio-economic hierarchy is a social space through which change spreads, and speakers' place in that space determines when they 'receive' the change. Speakers' agency in the use of variables has been viewed as limited to making claims about their place in social space by either emphasizing or downplaying their category membership through the quantitative manipulation of markers.

³⁸ Cedergren (1973) e Trudgil (1974), entre outros.

³⁹ A pesquisa variacionista no Brasil teve início com os estudos pioneiros de Scherre (1976; 1988) e Lemle e Naro (1977).

⁴⁰ Os estudos realizados com dados do Banco de Dados do Projeto VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil) são uma amostra da importância dos estudos sociolinguísticos na pesquisa linguística brasileira.

⁴¹ Bortoni-Ricardo (1985); Almeida (2006), Silva (2005), Lucchesi et al. (2009) dentre outros.

Nesta vertente, o conceito de variação estilística, relacionado a diferentes graus de monitoramento do falante sobre sua fala, também foi explorado em vários outros estudos, tornado igualmente base da concepção laboviana de significado social. Um estilo formal ou relacionado à leitura tende a se aproximar das formas *padrão*, contrariamente ao que ocorre com a fala casual, relacionada a formas *não padrão*. Na análise do cruzamento entre classe social (baixa, trabalhadora, média-baixa e média-alta) e três diferentes estilos de fala (casual, monitorada e leitura), Labov (1966; 2008 [1972]) mostra que a escolha pela variante apical da forma (ing), morfologia de gerúndio em inglês, é parelha em todas as classes sociais, no sentido de a fala casual apresentar mais usos enquanto que o estilo leitura apresenta índices mais baixos da variante. Eckert (s/d:3) salienta que:

A uniformidade dos padrões estilísticos ao longo da hierarquia de classe sugere uma visão consensual da hierarquia socioeconômica e do significado social da variação linguística dentro daquela hierarquia.⁴²

Labov mostrou também, através de medidas de avaliação subjetiva, que a relação existente entre variáveis linguísticas e *status* social é reconhecida pelos falantes, sendo fundamental, portanto, para o sistema de variação.

Apesar das regularidades encontradas nos estudos sociolinguísticos de estratificação social, alguns resultados mostraram exceções, que, associadas com resultados de rupturas na variação esperada nos contínuos de idade e classe social, e nos efeitos binários de gênero, motivaram os estudos da segunda vertente (ECKERT, s/d).

A primeira questão levantada pela autora como envolvida nesta problemática diz respeito ao achado de Labov mostrando que, na hierarquia

⁴² The uniformity of stylistic patterns across the class hierarchy suggests a consensual view of the socioeconomic hierarchy, and of the social significance of linguistic variation within that hierarchy.

socioeconômica, os indivíduos que parecem empregar mais as formas vernaculares não são os integrantes das classes mais baixas, mas sim aqueles cuja condição socioeconômica se encontra nas posições intermediárias. Segundo Eckert, o uso do vernáculo por tal segmento social não reflete uma falta de interesse no mercado linguístico padrão, mas um grande interesse no mercado linguístico vernacular. Diz a autora (s/d:4):

Este é o segmento da sociedade que é mais localmente organizado, sugerindo que as variantes vernaculares não são simplesmente o modo mais natural de falar, mas têm algum tipo de valor simbólico relacionado à vida local, enquanto o padrão está associado com a abrangência mais global de grandes instituições.⁴³

Entendida desse modo, a variação linguística não é somente um modo de refletir posições sociais, mas também de produzi-las, numa dinâmica que só pode ser verificada a partir do exame de constituintes locais de identidade e inserção.

Outra questão discutida pela autora, relacionada também aos segmentos intermediários da hierarquia social, amplia a possibilidade de análise dos resultados dos testes de avaliação subjetiva. Para Labov, os integrantes das classes sociais intermediárias, mostrando-se mais sensíveis à avaliação das formas variáveis, refletem, por isso, um tanto de insegurança linguística. Para a autora, a maior sensibilidade pode ser efeito tanto de uma circulação social mais heterogênea entre a vida na comunidade e a ocupação dos indivíduos, quanto de uma necessidade maior de ampliação de sua competência estilística. Tal análise só é verificável por meio de metodologias de pesquisa mais focalizadas nas categorias de falantes tomados como representativos destes segmentos da sociedade (ECKERT, s/d:5).

Há ainda outro ponto levantado por Eckert que é particularmente importante quando o interesse é a pesquisa variacionista com dados de crianças. O

⁴³ This is the segment of society that is the most locally-based, suggesting that vernacular variants are not simply the most natural way of speaking, but have some kind of symbolic value related to locally-based life while the standard is associated with the more global reach of large institutions.

tratamento dado à idade para os autores da primeira vertente toma por base que o sistema linguístico do falante reflete o estado da língua até a época de sua puberdade (o chamado *período crítico*), já que a língua do falante não mudaria depois esta época (ECKERT, s/d). No entanto, pesquisas sobre aquisição dialetal por crianças (CHAMBERS, 1995, dentre outros) mostram que pode haver modificação nas características do sistema fonológico do falante antes do período crítico. Para Eckert, o uso de características da fala vernacular relacionada à mudança linguística por crianças e adolescentes é um indicativo de que o papel da idade nos sistemas variáveis “não é simplesmente uma questão de exposição e atenção dada à fala, mas envolve algum tipo de agentividade social”⁴⁴ (ECKERT, s/d:5).

Em termos metodológicos, a possibilidade de réplica dos estudos, virtude dos métodos de pesquisa da sociolinguística quantitativa, depende de que a análise dos dados seja feita a partir de categorias sociais pré-determinadas. Assim sendo, o significado social da variação pode ser compreendido somente a partir das categorias que selecionam e classificam os falantes, sem a possibilidade de revelar “o que falantes em diferentes lugares da hierarquia socioeconômica estão fazendo socialmente com aquelas variáveis”⁴⁵ (ECKERT, s/d:6).

Os estudos da primeira vertente estabeleceram as bases para todos os trabalhos sobre variação linguística que se seguiram. Além disso, mostraram que nos pontos para os quais a análise por estratificação social não oferece uma explicação satisfatória dos dados, esta deve ser buscada na dinâmica da cultura local. As pesquisas da segunda vertente, através do uso de métodos etnográficos, partiram dos achados estabelecidos pelos primeiros estudos e exploraram o engajamento e a

⁴⁴ (...) is not simply a matter of exposure and attention to speech, but involves some kind of social agency.

⁴⁵ (...) what speakers at different places in the socioeconomic hierarchy are doing socially with those variables.

identidade local dos falantes na comunidade na tentativa de entender a dinâmica da variação a partir de categorias sociais salientes. As categorias podem ser ou instâncias locais de categorias gerais, ou outras, reveladas em termos de seu valor na prática social da comunidade. O que os resultados advindos dos estudos desta natureza oferecem é a perspectiva de que o significado social da variação está imbuído de significado local (ECKERT, s/d).

O estudo que inaugurou o que a autora denomina de segunda vertente dos estudos de variação (e que por sua perspectiva teórico-metodológica se estabeleceu como ponto de referência também para a terceira vertente) foi o de Labov (1963) sobre a ilha de Martha's Vineyard (salientando que a proposta das três vertentes não está estabelecida numa base puramente cronológica). A situação encontrada por Labov na ilha foi uma correlação entre a centralização do núcleo de /ay/ e de /aw/ e uma disputa ideológica relacionada às formas de subsistência na ilha, que colocava de um lado o turismo e as residências de verão, e de outro, a economia local baseada na pesca. Os indivíduos comprometidos com a economia pesqueira produziam núcleos mais altos da vogal do que aqueles engajados em outros tipos de ocupação. A variação fonológica da vogal funcionava como um índice da ideologia local, sinalizando a valorização de um modo de vida de Vineyard (ECKERT, s/d).

Para a autora, o recrutamento da vogal como parte da ideologia local sugere que a variação pode ser fonte de construção de significado e uma parte integrante da mudança social (ECKERT, 2008:454). Nesta vertente, o entendimento de significados sociais da variação, estabelecidos localmente na comunidade, adquirido através da metodologia de pesquisa etnográfica, permite que seja feita a conexão entre as categorias configuradas localmente e aquelas macro-sociológicas, ou seja, "a

conexão entre dinâmicas locais e a economia política mais ampla deve ser buscada na articulação entre o local e o extra-local⁴⁶ (ECKERT, s/d:11).

Os estudos da terceira vertente, diferentemente dos da primeira e da segunda que focam em categorias de falantes, tratam sobre as relações de natureza indiciária entre variáveis e categorias sociais. A busca é pela agentividade nas atividades diárias dos indivíduos, "dando sentido às suas vidas e conduzindo seus projetos face às restrições impostas pela estrutura social e por relações de poder"⁴⁷ (ECKERT, s/d:14).

No modo como a presente pesquisa se constituiu, tanto metodológica quanto analiticamente, o conceito de variação linguística que a embasa deve operar com categorias a partir das quais seja possível traçar análises comparativas com resultados obtidos em outros estudos sociolinguísticos. Além disso, devido à configuração social particular do Beco das Palmeiras, e ao modo como os dados que a descrevem foram obtidos⁴⁸, os estudos da segunda vertente dos estudos de variação são os que oferecem o aporte teórico mais proveitoso para o trabalho aqui empreendido. Passo a seguir à discussão de dois outros conceitos: idade e gênero.

2.2 DOIS CONSTRUTOS CENTRAIS NA AQUISIÇÃO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: IDADE E GÊNERO

Na perspectiva teórico-metodológica adotada neste projeto de pesquisa, um conceito fundamental é o de idade. Para Eckert (1998), a passagem de uma idade à

⁴⁶ (...) the connection between local dynamics and the broader political economy is to be sought in the articulation between the local and the extra local.

⁴⁷ (...) make sense of their lives and move their projects along in the face of constraints imposed by social structure and the power relations.

⁴⁸ Conforme será descrito no Capítulo 4.

outra (*aging*), tido como o processo que ocorre com o indivíduo ao longo da passagem do tempo, é fundamental para a experiência humana. Segundo a autora:

É a conquista de capacidades e habilidades físicas e sociais, um contínuo desdobramento da participação do indivíduo no mundo, construção de história pessoal, e movimento através da história da comunidade e da sociedade. (ECKERT, 1998:151)⁴⁹

Se o mudar de idade é um movimento no tempo, a idade situa o indivíduo numa determinada época em relação a uma determinada ordem social: *um estágio, uma condição, um lugar na história*; e, sendo uma experiência tanto da ordem do individual quanto do social, a idade é uma experiência que diz respeito ao grupo de pessoas que, naquela época, naquela sociedade, compartilham aquele estágio de vida.

No âmbito dos estudos da variação sociolinguística, a idade representa o ponto de entrelaçamento do estágio de vida do indivíduo, ou do grupo etário, com o processo histórico que ele vive. A implicação que tem a estratificação de um grupo amostral de uma determinada comunidade por faixas etárias, segundo a autora, é que aquilo que os resultados apontam acaba por ter um caráter ambíguo, já que é uma perspectiva que pode refletir tanto as mudanças históricas da fala daquela comunidade com o passar dos anos, quanto mudanças ocorridas na fala dos indivíduos ao longo de seus estágios de vida. E uma questão que torna mais complexo tal exame é que, às diferentes etapas da vida, correspondem mudanças de ordem de *status* familiar, relações de gênero, redes sociais, local de residência, participação institucional e, na comunidade, engajamento no mercado de trabalho; todas situações que atuam nos padrões de variação da fala das pessoas.

Para Eckert (1998), resolver a ambiguidade requer, do pesquisador, conhecer o *curso da vida linguística* dos indivíduos, tendo em vista que, como o

⁴⁹ It is the achievement of physical and social capacities and skills, a continual unfolding of the individual's participation in the world, construction of personal history, and movement through the history of the community and of society.

gênero, a idade está relacionada à variação por seu caráter social, e não, biológico. Embora, como salienta a autora, a etapa biológica em que o indivíduo se encontra seja parte da construção social de sua idade e de seu gênero. Assim, tomar a idade como variável sociolinguística requer, do pesquisador, focar na natureza e no *status* social não só da idade, mas também do processo de passagem de uma idade a outra, e consequentemente, de uma etapa de vida a outra.

Na sociedade moderna, a idade cronológica, medida em termos de acumulação de anos de vida, serve como medida do lugar do indivíduo tanto no curso da vida, quanto na sociedade, já que, com o avançar da vida, as mudanças que ocorrem servem como marcos de trajetória no tempo. Tais marcos estão associados a diferentes papéis sociais, liberdades e responsabilidades, deixando ver o quanto o sistema etário é de natureza social normativa. É possível pensar o quanto a educação das crianças é marcada por situações que associam a idade cronológica a permissões ou restrições. Não ter mais idade para “chupar bico” ou tomar mamadeira, ou já poder dormir na casa de um amiguinho são marcos na vida das crianças plenamente reconhecíveis nas sociedades urbanas modernas.

Mas o fato de tais marcos serem reconhecíveis (ou não) por determinadas sociedades aponta o caráter particular que eles possuem relativamente à classe social e ao sistema cultural dos indivíduos. No trabalho de campo que fizemos (Bibiana Silva e eu) nas duas comunidades de classe baixa com que tivemos contato (a do Beco das Palmeiras e também no curto espaço de tempo que estivemos em Canudos, experiência que será rapidamente relatada no Capítulo 4), nos chamou atenção a desenvoltura com que as crianças de 4, 5 e 6 anos incorporavam trabalhos domésticos, como varrer o chão, por exemplo, tanto a suas brincadeiras, quanto à rotina diária da sala de aula. Em entrevistas com pais e com as educadoras, soubemos que, em alguns

casos, o serviço doméstico diário (lavar a louça, organizar o material das crianças menores, até mesmo o banho dos menores) fica em grande medida a cargo dessas crianças. Por outro lado, nos 10 meses em que frequentei a creche em que se deu a geração dos dados para o trabalho de Schneider (2012)⁵⁰, uma instituição de classe média-alta no centro de Novo Hamburgo, nunca presenciei nenhum tipo de situação que indicasse a possibilidade de as crianças, ali, realizarem trabalhos domésticos. Além disso, foi possível perceber que as crianças do Beco desfrutam de certas liberdades, como brincar na rua, por exemplo, que, em geral, crianças de classe média não possuem. Isso exemplifica o quanto certas atribuições sociais, certos marcos sociais, mudam de acordo com a classe social e com a comunidade e precisam ser consideradas em termos das diferentes implicações sociolinguísticas que acarretam.

Segundo Eckert (1998), duas são as abordagens que os estudos sociolinguísticos de caráter quantitativo assumem para a definição dos grupos etários de uma comunidade focalizada: ou os agrupamentos são definidos *eticamente* ou *emicamente*. A primeira é uma abordagem que determina arbitrariamente a abrangência etária do grupo de falantes (em décadas, por exemplo). A maioria das pesquisas de base sociolinguística feitas no Brasil assume este critério. Na presente pesquisa, tal como será apresentado na descrição metodológica, esta foi a abordagem adotada, distinguindo as faixas etárias em termos de idade cronológica das crianças em intervalos de tempo de um ano (3 anos, 4 anos e 5 anos).

A outra abordagem agrupa os falantes de acordo com experiências que são compartilhadas pelos indivíduos que compõem o grupo, relacionadas ao estágio de vida, ou à história. A possibilidade de distinguir a dinâmica das experiências sociais relevantes para a estratificação etária dos indivíduos pelo pesquisador é obtida a partir

⁵⁰ Este experiência será, também, rapidamente relatada no capítulo de metodologia.

de acompanhamento etnográfico da comunidade, o que nem sempre é metodologicamente viável.

Para Eckert, o problema que existe no agrupamento etário feito pela idade cronológica dos indivíduos é que não há necessariamente uma correspondência direta entre os diferentes planos relacionados à idade. Segundo a autora (1998:154):

visto que nem o desenvolvimento biológico, nem o social se movem par e passo com a idade cronológica, nem um com o outro, a idade cronológica pode prover somente uma medida aproximada do lugar relacionado à idade do falante na sociedade.⁵¹

Ou seja, os resultados que referem a idade cronológica dos indivíduos relativamente a um sistema de variação linguística podem oferecer um valor aproximado, mas não uma compreensão consistente acerca da atuação da idade naquele sistema variável, naquela amostra.

Um argumento que, conforme Eckert, reforça o problema, se refere, justamente, ao tratamento de dados de aquisição da linguagem, uma área que, mesmo lidando com estratificações com pequenas diferenças temporais, obtém resultados que não são suficientes para, sozinhos, explicarem a atuação da idade nos sistemas variáveis:

Uma vez que a estratificação em idade reflete, sozinha, mudanças históricas, épocas de aquisição seriam suficientes para agrupar falantes em relação ao tempo. E como as diferenças individuais naquela idade são relativamente pequenas em relação ao curso de vida, a idade cronológica seria uma medida adequada. Entretanto, evidências de que algum tipo de mudança individual acontece ao longo da vida necessita de uma visão mais ampla do desenvolvimento, e a investigação das mudanças sociais que subjazem às correlações com a idade cronológica.⁵² (ECKERT, 1998:155)

⁵¹ (...) inasmuch as social and biological development do not move in lock step with chronological age, or with each other, chronological age can only provide an approximate measure of the speaker's age-related place in society.

⁵² To the extent that age stratification reflects historical change alone, the date of acquisition would be sufficient to group speakers in relation to time. And since individual differences in that age are relatively small in relation to the life span, chronological age would be an adequate measure. However, evidence that some kind of individual change takes place throughout life necessitates a longer view of development, and investigation of the social changes that underlie correlations with chronological age.

Outra questão levantada pela autora é que o foco dado pela pesquisa variacionista à prática social do adulto pode obscurecer o conhecimento a respeito do uso e da interpretação da variação linguística pelas crianças. Por esta razão, diz ela, para o tratamento sociolinguístico da idade é necessário que haja equilíbrio entre uma perspectiva desenvolvimentista e uma perspectiva de uso maduro (*mature-use*) para os grupos etários.

A perspectiva desenvolvimentista reconhece o desenvolvimento que se dá ao longo da vida: na medida em que o falante percebe o movimento que deve ser feito em relação à maturidade, ele antecipa o passo seguinte de seu estágio de vida assumindo modos novos de ser – e falar. O que a autora denomina perspectiva de uso maduro reconhece que a competência sociolinguística é específica da idade, sendo a fala dos integrantes de um grupo etário plenamente apropriada para aquele estágio de vida, o que inclui os estágios iniciais da vida. Assim, a cada estágio de vida do indivíduo, os recursos linguísticos são por ele empregados de forma a mostrarem o significado social referente tanto ao esforço do indivíduo de passar à etapa seguinte de seu curso de vida, quanto ao estabelecimento das características da fala dos indivíduos daquele grupo etário.

Tendo em vista as características socioeconômicas (dentre elas as faixas etárias) das crianças sob estudo na presente pesquisa, o tratamento a ser dado à idade deve levar em conta que é possível que as crianças ainda estejam passando por processos de aprendizagem do sistema de flexão verbal, em termos das materialidades linguísticas que lhe dão suporte; ou seja, em termos de recursos oferecidos por relações morfossintáticas e em termos de suas realizações fonético-fonológicas. Além disso, é preciso tentar entender como as crianças lidam, nas idades observadas, com a

esfera socioeconômica da vida na comunidade, que, no caso do Beco das Palmeiras, é marcada por condições bastante heterogêneas⁵³. Tais focos podem possibilitar que se chegue a um quadro que reflita um sistema de variação particular da infância.

Outro conceito central na abordagem assumida nesta pesquisa é o de gênero. Para Cameron (2010), a segregação das crianças por gênero (menino brinca com menino e menina brinca com menina) é uma característica da ordem social da infância, que tem início por volta dos três anos de idade, quando outras características variáveis do dialeto local também são adquiridas (conforme, por exemplo, o trabalho pioneiro sobre variação na infância de ROBERTS, 1997; 2002). Eckert e McConnell-Ginet (2003) discutem o quanto ser menino ou menina é um construto social trabalhado continuamente através de diferentes mecanismos semióticos envolvendo de forma ativa o indivíduo (categorizado) e os outros com quem ele interage. As autoras afirmam que, inicialmente, o bebê “depende de outros para *fazer* seu gênero”⁵⁴, e que isso diz respeito não somente à criança enquanto indivíduo mas também como parte da comunidade que, como estrutura social, vai estabelecer vínculos entre o indivíduo/criança, e instituições sociais e ideologias culturais. Cameron (2010) salienta que o processo de “fazer o gênero” da criança envolve a fala dirigida a ela pelo adulto, uma fala variável, diversificada por gênero. Segundo Roberts (2002:342), “as escolhas que os pais fazem servem para introduzir a criança em alternativas linguísticas socialmente estruturadas”⁵⁵.

A questão levantada por Cameron (2010) é que, ao assumirmos que as restrições sociolinguísticas de gênero são aprendidas (e há estudos que mostram que crianças operam variavelmente com gênero de forma similar aos adultos) é preciso

⁵³ Conforme Capítulo 1 desta pesquisa.

⁵⁴ (...) depends on others to *do* its gender.

⁵⁵ (...) the choices parents make serve to introduce children to socially structured linguistic alternatives.

saber quando, como e por que tais restrições emergem. Uma possibilidade operacional é que as restrições linguísticas relacionadas a gênero podem surgir na infância como tendência, para, mais tarde, se estabelecerem consistentemente (mostrando resultados de significância estatística em estudos quantitativos). Além disso, o autor discute a possibilidade de que nem todos os sistemas variáveis sejam operados na infância em termos de distinção de gênero.

A proposta de Cameron (2010) é, inicialmente, através de métodos variacionistas, testar a predição de que há divergência linguística entre meninos e meninas de tal forma que ela aumenta à medida que aumenta a segregação das crianças em função do gênero (fenômeno descrito na literatura da área da psicologia social como tendo início por volta de 5 a 6 e 7 a 8 anos de idade). O autor assume que os grupos que se constituem na infância e adolescência, em grande medida segregados em meninos e meninas, são "poderosos contextos de aprendizagem". A amostra sobre a qual se dá a pesquisa é constituída por um grupo de crianças de uma escola pública, estratificadas em duas faixas etárias, 7 a 8 e 10 a 11 anos de idade, duas etnias, afroamericanos e euroamericanos. A análise, feita através de duas variáveis fonológicas, (dh) e (ing), previa a testagem por etnia, dialeto, e, em alguma medida, classe social. O objetivo é tentar discutir a segregação de gênero relacionada à classe social e etnia, ou seja, uma perspectiva macrosociológica que entende que gênero é uma categoria cruzada com outras categorias da experiência social do indivíduo. A hipótese testada na pesquisa é de que o grau de divergência estatística de uso das variáveis entre meninos e meninas aumenta na medida em que a idade aumenta.

Os resultados mostram (dentre outros achados que apontam variação linguística na fala das crianças como marca de estratificação tanto em relação à etnia

quanto à classe social) que, no caso da variável (dh), a diferença percentual de uso da variante fricativa entre meninos e meninas é de 6 pontos no grupo de crianças menores e de 27 pontos no grupo de crianças maiores. O padrão é repetido tanto entre os afroamericanos como entre os euroamericanos, mostrando que o significado social da variante é antes distinguir gênero que distinguir etnia. O resultado em frequência da variável (ing), em que o grau de diferença entre a fala produzida por meninos e por meninas é estabelecido pela variante velar, também mostra um aumento da divergência entre gêneros do grupo de menor idade para o de maior idade, também nos dois grupos étnicos.

O autor atribui o aumento na diferença percentual de uso das variáveis por meninos e meninas ao aumento da segregação entre os gêneros da infância para a adolescência. Cameron (2010:309) conclui que:

A segregação resulta no aumento da distância, ou diminuição da densidade da interação entre eles, e o aumento da distância contribui para o aumento da divergência dos usos linguísticos entre os gêneros.⁵⁶

Os resultados são discutidos também em termos de aquisição de variação relacionada a gênero:

Além disso, no processo, as crianças reproduzem correlações entre gênero e forma linguística que são encontradas também na comunidade adulta. Se eles reproduzem os padrões adultos, então eles também estão aprendendo. Portanto, eu interpreto a divergência gradual entre essas crianças como evidência da aquisição de expressão linguística generificada em termos variacionistas.⁵⁷ (CAMERON, 2010:309)

⁵⁶ The segregation results in increased distance, or lessened density of interaction, between them, and the increased distance contributes to increased divergence of linguistic usage between the genders.

⁵⁷ Additionally, in the process, the children reproduce correlations between gender and linguistic form that are found in the adult community as well. If they reproduce adult patterns, then they are also learning. Therefore, I interpret the stepwise divergence among these children as evidence of the acquisition of gendered linguistic expression in variationist terms.

O trabalho de Cameron (2010) representa um encaminhamento importante para o tratamento a ser dado à estratificação por gênero na pesquisa sociolinguística de aquisição. Duas questões se colocam frente ao estudo aqui empreendido: i) o sistema de concordância verbal é adequado para fazer surgir diferenças dessa natureza? e ii) se a diferença linguística opera neste sistema, a partir de que idade ela pode ser observada por metodologia quantitativa?

Na próxima seção, discuto o conceito de letramento.

2.3 O CONCEITO DE LETRAMENTO

Dentre as categorias sociológicas de estratificação social, o grau de escolaridade figura como um critério robusto, de modo que a níveis mais altos de escolaridade são associadas classes sociais mais altas e uso de variedades linguísticas mais prestigiadas. A maioria dos estudos sociolinguísticos no Brasil reforça tal efeito, tanto aqueles que discutem a produção oral de falantes de comunidades urbanas quanto aqueles que examinam a fala de comunidades rurais.

A questão que se coloca na presente pesquisa é que nas faixas etárias examinadas, esse é um critério inadequado, a não ser que seu efeito pudesse ter sido medido em função da escolaridade dos pais (conforme feito em Schneider, 2012), e caso se tratasse de um universo social mais bem descrito na literatura sociológica e sociolinguística. A amostra do Beco das Palmeiras é formada por crianças escolarizadas, já que frequentam regularmente uma Instituição de Educação Infantil, e não alfabetizadas, que fazem parte de um universo social do qual se conhece pouco acerca tanto dos níveis de escolarização dos adultos quanto dos efeitos desta experiência na fala variável dos indivíduos.

Por outro lado, relativamente a classes sociais desprivilegiadas, a influência da escolarização é analisada de modo a buscar a relação da comunidade com a língua culta, com a forma prestigiada. Na análise de Jorge Silva (2005), que discute o efeito desta variável numa comunidade de falantes do interior da Bahia, vemos que a concepção *escolaridade* é complexa, porque vai além da experiência escolar em si, pois se constrói também através dos contextos de “urbanização” e “contato com a mídia”:

Ao controlarmos a variável “escolaridade” pretendíamos provar que o letramento⁵⁸, mesmo precário, é um fator decisivo para a aquisição de marcas de concordância (...). O distanciamento dos benefícios da urbanização e a falta de meios de contato com grupos prestigiados, certamente, faziam com que falantes de pequenas comunidades reproduzissem os padrões de seus pais e avós. A modificação da situação espacial e social com a entrada de novos recursos linguageiros, guiados pela presente urbanização e seus benefícios, pelos contatos com a mídia e com a escola, estaria alterando o quadro linguístico dos falantes do português popular no interior do estado da Bahia.” (SILVA, 2005:283)

Assim, vê-se que por trás da escolaridade, que, como categoria estatística tem a vantagem de ser facilmente quantificável, é preciso olhar as práticas sociais que acontecem através da cultura escrita nas comunidades sob estudo. Tendo isso em vista, e somado à necessidade de ajustar a análise à amostra aqui sob estudo, conforme apresentado acima, o conceito de *letramento* se mostra mais adequado do que *escolaridade*, tendo um caráter explicativo mais amplo.

Segundo Soares (2001:72), letramento é “o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social.” Ou seja, as práticas sociais em que o indivíduo se engaja nas quais a escrita figura como elemento fundamental para aquele contexto vão determinar o grau de aproximação e de envolvimento com a cultura letrada. Assim, *eventos de letramento* (HEATH, 1982) são situações em que a língua escrita é um componente essencial para o sentido social daquele evento.

⁵⁸ O termo *letramento*, na pesquisa, é utilizado como sinônimo de *alfabetização*.

Nesta perspectiva, a escola é uma das agências de letramento disponíveis, certamente das mais importantes, junto com a família, mas não a única. A descrição das experiências letradas que motivam o uso variável da concordância verbal pelas crianças deve incluir outras práticas sociais que não só as escolares, categorias essas que podem tanto ser locais, relacionadas a práticas sociais locais da comunidade, quanto mais amplas na sociedade, relacionadas a fatores como urbanização e mídia, por exemplo.

Passo, a seguir, à discussão sobre estratificação socioeconômica.

2.4 A ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL EM CLASSES PELO CRITÉRIO DE OCUPAÇÃO

Chambers (1995), numa reflexão sobre o tratamento a ser dado pela pesquisa sociolinguística à estratificação social, parte do princípio de que nas sociedades industrializadas, a divisão social mais importante se dá entre aqueles que ganham a vida trabalhando com suas próprias mãos, e aqueles cuja ocupação não envolve os trabalhos braçais, e estabelece a ocupação como o critério mais adequado para a divisão em classes sociais.

A proposta de uma divisão geral coloca de um lado os trabalhadores manuais (referenciados como classe trabalhadora) e de outro os não-manuais (ou classe média); estes, normalmente, com maior escolaridade, contando, no trabalho, com equipe de apoio, com atribuições de supervisionar os trabalhadores manuais e ganhando salários mais altos. Os primeiros são chamados colarinho azul, e os últimos, colarinho branco, como referência à roupa utilizada no local de trabalho. Para Chambers, a metáfora sobre a cor do colarinho instancia dois fatos sociológicos sobre o conceito de classe:

primeiro, classes sociais são percebidas, principalmente, como uma função da ocupação (...); e segundo, a classe de um indivíduo é também expressa por certos traços não essenciais, tais como estilo de vestir (...) e também por condutas, recreação, entretenimento e gostos no sentido mais amplo.⁵⁹ (CHAMBERS, 1995:41)

Entendendo classe social como uma categoria difusa, o autor afirma que cada classe é mais bem definida através dos membros prototípicos. O Quadro 3 sintetiza a proposta do autor:

Quadro 3. Divisão das classes sociais com ocupações gerais correlatas

Classe Média (MC)	Alta (UMC)	Proprietários, diretores, pessoas com riqueza herdada
	Média (MMC)	Profissionais liberais, gerentes executivos
	Baixa (LMC)	Semi-profissionais, chefes de setor
Classe Trabalhadora (WC)	Alta (UWC)	Trabalhadores manuais qualificados
	Média (MWC)	Trabalhadores manuais semi-qualificados
	Baixa (LWC)	Trabalhadores sem treinamento, trabalhadores sazonais

Fonte: (CHAMBERS, 1995:42)

Para discutir o critério que deve embasar a distinção das classes, Chambers apresenta uma amostra canadense de ocupações com os respectivos escores socioeconômicos, que relacionam ocupação, renda e escolaridade. A partir da discussão, Chambers (1995:46) afirma que:

Embora o índice pareça ser estabelecido em termos de ocupação, é importante notar que a pontuação do índice para cada ocupação incorpora também dados de renda e de educação. Como notamos acima, (...) a ocupação é o marco da afiliação à classe social.⁶⁰

Ou seja, para o autor, a ocupação, indiretamente, reúne renda e escolaridade. No entanto, "a prática de derivar índices socioeconômicos através da combinação de *status* ocupacional com *meios* de renda e escolarização é uma

⁵⁹ (...) first, social classes are perceived primarily as a function of occupation, (...); and, second, one's class is also expressed by certain non-essential traits such as style of dress (...) and also manners, recreation, entertainment, and tastes in the broadest sense.

⁶⁰ Although the index appears to be stated in terms of occupations, it is important to note that the index score for each occupation incorporates income and education data as well. As we noted above (...), occupation is the touchstone of social-class membership.

abstração”⁶¹ (CHAMBERS, 1995:46) que não é capaz de caracterizar as pessoas individualmente.

Tendo em vista o quadro social que foi possível estabelecer do Beco das Palmeiras, o objetivo aqui é pensar em que medida a proposta de Chambers pode contribuir para o entendimento da configuração social da comunidade.

2.5 A BASE CONCEITUAL DO PROJETO DE PESQUISA

Neste capítulo, apresentei e discuti os conceitos que serviram de base tanto para a metodologia empregada no projeto, quanto para a análise dos dados. Diante das diferentes concepções que envolvem o tratamento dado ao significado social da variação linguística nas três vertentes dos estudos de variação, tive por objetivo esclarecer o leitor acerca da afiliação do presente estudo. Além disso, busquei junto ao conceito de idade, de Penelope Eckert, ao estudo de Richard Cameron sobre gênero, ao conceito de letramento e a perspectiva de estratificação social de Chambers, modos de abordagens dos dados a partir das quais seja possível relacionar a produção variável de terceira pessoa do plural na fala das crianças com a constituição social local em sua complexidade.

No próximo capítulo, apresentarei a revisão da literatura que servirá de apoio à análise.

⁶¹ The practice of deriving socioeconomic indices by combining occupational status with *means* for income and education is an abstraction.

3. A CONCORDÂNCIA VERBAL VARIÁVEL

No Brasil, desde a década de 1970, a Sociolinguística Quantitativa tem encontrado um campo profícuo de desenvolvimento, e à medida que os estudos foram tomando impulso, foi se ampliando o quadro descritivo a respeito da realidade linguística brasileira. Em tal perspectiva, o sistema de concordância verbal variável de terceira pessoa do plural tem recebido especial atenção. A atribuição de usos sociais pelos falantes a este subsistema linguístico torna seu estudo muito adequado através do modelo analítico-metodológico da Teoria da Variação e Mudança, permitindo a testagem sistemática de várias hipóteses associadas à sua dinâmica. Como resultado deste quadro, tem-se uma ampla gama de pesquisas sobre este subsistema, o que permite, aos pesquisadores, conhecer muito sobre sua dinâmica, linguística e social.

Numa outra perspectiva, dado o interesse desta pesquisa pela linguagem infantil, alguns estudos sobre a aquisição da morfologia de concordância verbal pelas crianças são necessários para iluminar a tarefa de entender a complexidade envolvida na aprendizagem desta regra variável.

O presente capítulo será dedicado à revisão bibliográfica a partir da qual a pesquisa aqui levada a cabo se constituiu, tanto metodológica quanto analiticamente. Partirei, inicialmente, de uma breve descrição do sistema de concordância verbal,

considerando o tratamento dado a este sistema pela gramática normativa e pela sociolinguística, opondo os respectivos paradigmas de flexão verbal. Na segunda seção, apresentarei alguns dos trabalhos que discutem o sistema verbal na gramática da criança, tanto de base sociolinguística quanto sob outras perspectivas teóricas. A terceira seção será dedicada às pesquisas variacionistas sobre a concordância verbal de terceira pessoa do plural. Por fim, revisarei os estudos feitos anteriormente no âmbito dos projetos orientados pela Prof^a Dr^a Luciene Simões a respeito dos sistemas de concordância variável (verbal e nominal de número), cujos resultados nos permitiram proceder a uma geração de dados capaz de proporcionar um exame mais aprofundado sobre a aquisição dos dois sistemas, e também encaminhar questões analíticas para seu entendimento.

3.1 O SISTEMA DE CONCORDÂNCIA VERBAL

O sistema de concordância verbal na língua portuguesa, operando através dos elementos flexionáveis do verbo, é estabelecido, na gramática normativa, em termos de "solidariedade entre verbo e sujeito" (CUNHA e CINTRA, 2010). Ali (2001:206) faz menção sobre o caráter instintivo da concordância:

Nos casos mais elementares empregamos em português instintivamente a forma variável mais adequada. (...). O verbo, variável em número e pessoa, se empregará com a terminação que se harmonizar com o respectivo sujeito.

Para Câmara Jr. (1982), devido à "complexidade e multiplicidade" de suas flexões, o verbo é o termo "flexional, por excelência", indicando as noções gramaticais de tempo e modo, e de pessoa e número do sujeito através das duas desinências correspondentes.

Diferentemente da perspectiva normativa, para a qual a concordância entre sujeito e verbo é uma regra categórica, na perspectiva sociolinguística:

A concordância verbal de número e pessoa ao lado da concordância nominal de número são os aspectos da gramática da língua portuguesa no Brasil que exibem os mais amplos processos de variação. (LUCCHESI et al., 2009)

Lucchesi et al. (2009) salientam as diferenças existentes entre a língua portuguesa culta e a tradição normativa, no Brasil, no que se refere ao paradigma da flexão verbal. Na gramática normativa, “cada pessoa do discurso tem uma forma verbal morficamente diferenciada” (LUCCHESI et al., 2009:331). Na língua consagrada pelo uso, as desinências verbais de concordância são reduzidas a quatro formas. O Quadro 4 explicita os dois paradigmas:

Quadro 4. Os paradigmas da flexão verbal na tradição normativa e na língua

Tradição normativa	Norma culta
Eu brico	Eu brinco
Tu brincas	Tu/você brinca
Ele/ela brinca	Ele/ela brinca
Nós brincamos	Nós brincamos/A gente brinca
Vós brincais	Vocês brincam
Eles/elas brincam	Eles/elas brincam

Fonte: elaborado pela autora⁶²

Para os autores, no paradigma da norma culta, é possível afirmar, sobre as categorias flexionais de pessoa e número, que:

a 1ª pessoa do singular é marcada na forma verbal quanto à categoria de pessoa; a 2ª e a 3ª pessoas do singular se relacionam com formas verbais não marcadas morficamente; as formas verbais da 2ª e da 3ª pessoas do plural são marcadas apenas quanto ao número; e a forma verbal da 1ª pessoa do plural é marcada cumulativamente nas categorias gramaticais de pessoa e número. (LUCCHESI et al., 2009:332)

⁶² Inspirado no quadro produzido por Lucchesi et al. (2009:331).

A flexão de número que envolve a segunda e terceira pessoas do plural (o acréscimo do morfema –s) passa, no português brasileiro, por um processo de variação amplamente investigado pela pesquisa sociolinguística e está na base da discussão teórica acerca das origens sociolinguísticas no Brasil. Tal processo variável afeta tanto a norma culta quanto a norma popular, porém em diferentes frequências, como atestam Lucchesi et al. (2009:333):

Esse processo de variação, que atinge a regra de concordância verbal com a 2ª e a 3ª pessoas do plural, atinge tanto a norma culta quanto a norma popular, porém há que se destacar a enorme diferença entre os dois polos desse contínuo relativamente à frequência de uso do morfema de número na norma culta, que é superior aos noventa pontos percentuais, enquanto, no português afro-brasileiro, fica abaixo dos vinte pontos percentuais.

Meu objetivo é verificar de que modo a produção variável de terceira pessoa do plural na fala das crianças do Beco das Palmeiras se coloca dentro deste contínuo.

Passarei, a seguir, à revisão dos estudos que examinam a flexão verbal na gramática infantil.

3.2 O SISTEMA DE FLEXÃO VERBAL NA LINGUAGEM INFANTIL

Os estudos sobre o sistema de flexão verbal na fala de crianças, realizados no Brasil, são, em sua maioria, fundamentados em aporte teórico-metodológico ou gerativista (NICOLAU, 1998; RUBINO e PINE, 1998), ou cognitivista (SOUZA e CARDOSO-MARTINS, 2010; SCLiar-CABRAL, 2007), ou interacionista (FIGUEIRA, 1998; 2000; MALDONADE, 2005; 2009; 2010). De modo geral, estão interessados em estabelecer quadros descritivos da emergência das formas flexionais do português brasileiro. Em virtude do tipo de interesse que colocam, tais pesquisas acabam por se

concentrar na produção de flexão verbal de crianças por volta de 12 a 36 meses de idade.

Os dois trabalhos gerativistas citados testam diferentes abordagens explicativas para o desenvolvimento sintático e morfológico da fala das crianças, ambos com base nas proporções de “erros” que elas produzem. Os estudos cognitivistas examinam a emergência das formas de flexão, dos verbos regulares (SOUZA e CARDOSO-MARTINS, 2010) e das categorias aspecto e modalidade (SCLIAR-CABRAL, 2007). Os estudos interacionistas focalizam seu interesse nos “erros” de flexão, entendendo que “propriedades estruturais da linguagem da criança podem derivar-se dos processos dialógicos” (MALDONADE, 2005:213-14). Sobre o interesse nos “erros”, Maldonade (2009) afirma que:

Na área de Aquisição da Linguagem, os erros na aquisição verbal sempre ocuparam lugar privilegiado nas discussões, pois passaram a constituir argumentos, ao longo da história da área, a favor de (ou contra) diferentes posições teóricas: inatistas, construtivistas, conexionistas e interacionistas.

O fato de as formas produzidas particularmente por crianças serem tratadas como “erros” implica, na base teórica, uma concepção homogênea de língua.

Maldonade (2005) afirma que:

Para o interacionismo, que não perde de vista nem o sujeito nem a língua, a saída para o problema de descrever a fala da criança tem sido encontrada no estruturalismo, enquanto programa teórico, freqüentemente evocado na teorização desenvolvida por De Lemos, pois tanto em Saussure quanto em Jakobson, o sujeito está implicado na descrição de um estado de língua. O verbo é, sim, uma categoria na qual código e mensagem figuram relacionados, e, portanto, uma categoria advinda do discurso. (MALDONADE, 2005:214)

Para o tratamento sociolinguístico da flexão verbal por crianças, a importância de tais estudos reside, sobretudo, no quadro descritivo que, no seu conjunto, produzem relativamente à idade em que determinadas formas surgem na produção infantil. Dado o foco da presente pesquisa nas formas de terceira pessoa do

plural, cumpre salientar o quão tardio é seu surgimento na gramática infantil. Perroni-Simões e Stoel-Gammon (1977), num estudo sobre o desenvolvimento da flexão verbal de pessoa na fala de uma menina entre 2;1 e 2;8 de idade só constataram formas flexionadas nas três pessoas do singular, a não ser pela forma *Vamos*. Ou seja, na primeira (ao menos) das faixas etárias sob estudo aqui, aos três anos de idade, o processo de socialização da criança também envolve aprender estruturas da gramática de sua língua materna, processo esse que precisa ser levado em conta, sobretudo, na análise interpretativa dos resultados quantitativos das variáveis linguísticas.

O estudo de Vieira (2006) investiga a emergência do padrão flexional de primeira e terceira pessoas do plural em dados de fala de crianças cariocas entre 1 ano e 1 mês e 5 anos de idade, a partir de uma perspectiva sociolinguística⁶³. Sete foram as variáveis submetidas à análise: posição do sujeito, saliência fônica, traço humano do núcleo do sujeito, tempos verbais, efeito gatilho⁶⁴, marcas do sujeito no nível oracional e faixa etária. A análise estatística contou com 252 ocorrências de terceira pessoa do plural, sendo quatro variáveis selecionadas como relevantes: efeito gatilho, posição do sujeito, saliência fônica e idade. O principal resultado a ser reportado aqui é que “é após os três anos de idade que as marcas de concordância vão começar a ser compreendidas e, assim, adquiridas” (VIEIRA, 2006:103).

⁶³ Não pude explorar mais o estudo (que por seu caráter sociolinguístico sobre a fala de crianças seria de grande interesse aqui) em virtude de lacunas de ordem metodológica e analítica, que, em certa medida, não permitem ao leitor avaliar a adequação de certos procedimentos adotados. Em relação aos dados de terceira pessoa do plural, por exemplo, não há comentários sobre como foram realizadas as formas arroladas como dados (que para a faixa etária de 1;11 a 2;01 contabilizam 60 ocorrências). Segundo os estudos citados anteriormente, tais formas não são encontradas nesta idade.

⁶⁴ A variável é composta por dois fatores: quando a criança reproduz a mesma forma verbal (que a autora chama de “mesmo item lexical”) da fala do entrevistador, e quando a criança não utiliza a forma usada pelo adulto. O problema com esta perspectiva é que as ocorrências de não realização da marca de terceira pessoa do plural com sujeito elíptico na fala das crianças são inferidas como plural através da fala do adulto, o que leva ao tratamento da produção do adulto como parte do sistema variável da fala da criança.

Na próxima seção, abordarei os principais trabalhos sociolinguísticos sobre a concordância variável de terceira pessoa do plural que irão fundamentar a análise aqui empreendida.

3.3 A CONCORDÂNCIA VERBAL VARIÁVEL

Desde o início dos estudos sociolinguísticos no Brasil, na década de 1970, até agora, muitos foram os estudos sobre o sistema variável de concordância verbal, focalizando as pessoas gramaticais em que há variação: segunda do singular, e primeira, segunda e terceira do plural. Ao longo dos anos, as variáveis (linguísticas e não linguísticas), bem como o modo de atuação de cada uma delas relativamente às respectivas comunidades estudadas, foram sendo testadas, e, assim, estabelecidas as bases de referência para os estudos que se seguiam. Nesta subseção, apresentarei alguns dos estudos que estão na base da pesquisa variacionista de concordância de terceira pessoa do plural, apontando variáveis que são importantes na dinâmica deste sistema.

Lemle e Naro (1977), no âmbito do projeto Competências Básicas do Português, averiguaram a atuação da variável *saliência fônica* em dados de falantes analfabetos participantes do projeto MOBREAL, numa amostra composta de 20 informantes (9 mulheres e 11 homens), com idades entre 17 e 50 anos, naturais do Rio de Janeiro. A hipótese testada pela variável é de que quanto maior a quantidade de material fônico presente na distinção entre a forma de terceira pessoa do singular e a de terceira pessoa do plural, mais saliente é esse dado lingüístico, acarretando maior aplicação da regra de concordância. Os fatores foram estabelecidos dentro de uma escala que vai da menor para a maior saliência. Os resultados do estudo, em termos

de percentuais e pesos relativos, ratificaram a hipótese: para a distinção *come/comem*, 13,6% - 0,06; para *fala/falam*, 29,6% - 0,17; para *teve/tiveram*, 72,5% - 0,69; para *é/são*, 82,4% - 0,81.

Estudos posteriores reiteraram a importância deste condicionador linguístico. Alguns autores (LOREGIAN, 2001; AMARAL, 2002), no entanto, chamam atenção para a inter-relação (ou sobreposição) existente entre esta variável e outras (*tempo verbal, apresentação do verbo, tonicidade e vogal temática do verbo*)⁶⁵; ou ainda, casos em que a *saliência fônica* mostra sua atuação cruzada com alguma variável social, em situações de produção de formas estigmatizadas. Amaral (2002) sugere que o pesquisador busque a expressão mais enxuta da variável através de testes de significância estatística.

Monguilhott (2001) e Monguilhott e Coelho (2002), na perspectiva da sociolinguística paramétrica, investigaram a concordância de terceira pessoa do plural em dados de fala de 24 informantes da comunidade de Florianópolis, estratificados por sexo (masculino e feminino), idade (15 a 24 anos, 25 a 45 anos e 52 a 76 anos) e escolaridade (4 anos de escolarização e 11 anos de escolarização), em entrevistas extraídas do Banco de Dados do projeto VARSUL.

Do total de 1583 dados obtidos, 1251 (79%) mostraram manutenção da desinência, enquanto que 332 (21%) mostraram a variante zero. Foram selecionadas pelo programa *VARBRUL* como relevantes: *saliência fônica, posição do sujeito em relação ao verbo, paralelismo formal, traço humano no sujeito, tipo de verbo e tipo de sujeito*. A *saliência fônica*, controlada pelas autoras em dois níveis (o nível 1 de oposição não acentuada e o nível 2 de oposição acentuada) apresentou índices que, em parte, corroboram os de outras pesquisas: a oposição acentuada favoreceu a

⁶⁵ Cf. Amaral (2002).

marca enquanto que a não acentuada desfavoreceu. Entretanto, os resultados não mostram atuação da hierarquia de saliência dentro de cada nível.

A variável *posição do sujeito em relação ao verbo* mostrou o sujeito anteposto favorecendo a desinência em 84% dos casos, com peso relativo de 0,58, enquanto que o sujeito posposto a desfavoreceu (52% e peso relativo de 0,17).

A posição do sujeito de anterioridade ao verbo como um fator que leva à produção da marca de concordância e a posição posterior ao verbo como forte desfavorecedor da marca é um resultado bastante consistente, encontrado em diversas pesquisas sobre concordância verbal variável (dentre eles, SOARES, 2006). É explicado através da hipótese inacusativa (verbos que aceitam argumentos à sua direita, sem apresentarem marcas de concordância).

No estudos, em relação ao *tipo de verbo*, a cópula apresentou maior retenção da marca, com frequência de 78% e peso relativo de 0,63. Os transitivos e intransitivos ficaram numa posição intermediária, pouco abaixo do ponto de indiferença estatística, com resultados de 82% e 0,49 e 82% e 0,46 respectivamente. Os inacusativos se mostraram os mais influentes na ausência da marca, com 71% de frequência e peso relativo de 0,37.

Monguilhott (2001) e Monguilhott e Coelho (2002) afirmam, em função dos resultados das duas variáveis, *tipo de verbo* e *posição do sujeito em relação ao verbo*, que é preciso averiguar o possível cruzamento na atuação delas.

Rodrigues (1992) examina a concordância de primeira e terceira pessoas do plural na fala de quarenta informantes analfabetos ou semi-escolarizados de uma comunidade de favelados da periferia de São Paulo (Zona Oeste – Carombé). Segundo a autora, esses falantes utilizam uma variedade linguística desprestigiada, não normatizada e de cunho oral. O estudo investiga dois grupos de fatores. O primeiro é a

presença/ausência de sujeito pronominal, averiguando a hipótese de que a elipse do sujeito formal favoreceria a manutenção das marcas de concordância, compensando uma possível perda de informação de pessoa e número a respeito do sujeito; as formas verbais não marcadas seriam favorecidas pelo sujeito pronominal explícito. Os fatores considerados para a testagem da hipótese foram: sujeito não pronominal, explícito e não explícito. Em relação à terceira pessoa do plural, a frequência e o peso relativo mostram o primeiro como maior favorecedor de manutenção da marca: 52% e 0,62 (elíptico); 28% e 0,55; (pronominal); 18% e 0,33 (não-pronominal).

O outro grupo de fatores investigado no estudo é sexo, sob a hipótese de que nas sociedades urbanizadas as mulheres tendem a usar as formas de prestígio com mais frequência que os homens. A variável mostrou, em relação à terceira pessoa do plural, índices que corroboraram a expectativa, mas próximos do ponto neutro: 0,47 (masculino) e 0,53 (feminino). No entanto, os índices relativos à primeira pessoa do plural contrariaram a hipótese com os homens tendendo a produzir mais formas marcadas que as mulheres. A análise da autora é que a distinção entre sexos é um fator complexo, atuando, provavelmente, de forma cruzada com outros fatores.

Lucchesi et al. (2009) reúnem um conjunto de pesquisas que abordam diferentes sistemas linguísticos variáveis na fala de três comunidades afro-brasileiras isoladas do interior do Estado da Bahia. Sobre a concordância de terceira pessoa do plural, seis variáveis linguísticas foram selecionadas como estatisticamente relevantes: *saliência fônica, forma de indicação do plural no sujeito, concordância nominal no SN sujeito, realização e posição do sujeito, caracterização semântica do sujeito e tipo de verbo*. O *princípio de saliência fônica*, estabelecido em três níveis, atuou conforme o esperado, com vocábulos de nível baixo de saliência desfavorecendo a concordância, seguido por vocábulos com nível intermediário de saliência (favorecendo a marca) e,

por fim, as formas com nível alto de saliência favorecendo fortemente a marca. Segundo os autores, esta é uma evidência de processo aquisicional de mudança em andamento.

A variável *caracterização semântica do sujeito* mostrou a tendência (fraca) de que sujeitos com o traço semântico [+] humano tendem a favorecer a manutenção da marca (com peso relativo 0,52), enquanto que sujeito [-] humano tende à não produção da marca (com peso relativo 0,40), resultados atribuídos à atuação da agentividade do sujeito sobre a forma verbal.

Das variáveis sociais, três foram selecionadas: *faixa etária, comunidade e sexo*. Em relação à faixa etária, a tendência à produção decresce com o aumento da idade:

Faixa 1 (20 a 40 anos): p.r. 0,62

Faixa 2 (41 a 60 anos): p.r. 0,48

Faixa 3 (61 em diante): p.r. 0,36

Neste estudo, os homens favorecem a produção da marca (0,56) e as mulheres desfavorecem (0,45), num quadro que, segundo os autores, contraria aquele dos grandes centros urbanos industrializados, em que as formas de prestígio são atribuídas às mulheres. Lucchesi et al. salientam que os papéis de homens e mulheres precisam ser examinados em cada situação cultural e sócio-histórica específica.

A pesquisa de Barden (2004) investiga a concordância variável de terceira pessoa do plural numa amostra do projeto VARSUL composta por informantes de Porto Alegre, estratificados por nível de instrução (de 1 a 4 anos de escolaridade, de 5 a 8 anos, e de 9 a 11 anos), sexo (masculino e feminino) e idade (menos de 50 anos e mais de 50 anos). As variáveis linguísticas consideradas foram *saliência fônica, paralelismo formal, tipo de sujeito explícito* (opondo pronomes a nomes quantificados)

e *posição do sujeito* (imediatamente anteposto ao verbo, anteposto com material interveniente de 1 a 3 sílabas, anteposto com mais de 3 sílabas entre sujeito e verbo, e posposto ao verbo). A distribuição percentual dos dados em relação à variável dependente é a seguinte: concordância total, 57%; concordância parcial, 22%; e sem concordância, 21%.

Voltarei a cada um destes estudos (e recorrerei a outros, se preciso for) na apresentação dos resultados, na medida em que forem necessários para a discussão dos resultados obtidos aqui.

Apresento, a seguir, um quadro sinóptico resumitivo das principais informações referentes aos trabalhos citados.

Quadro 5. Sinopse de estudos sociolinguísticos sobre concordância verbal de terceira pessoa do plural⁶⁶

Autor	Amostra	Variáveis Linguísticas	Variáveis Sociais	Resultados
Lemle e Naro (1977)	20 falantes analfabetos do projeto MOBRAL, naturais do Rio de Janeiro	- saliência fônica		- a variável saliência fônica atua conforme o esperado relativamente aos níveis de distinção entre a forma marcada e a forma de terceira pessoa do singular;
Monguilhott (2001)	24 informantes de Florianópolis, do banco de dados do Projeto VARSUL	- saliência fônica, - posição do sujeito em relação ao verbo, - paralelismo formal, - traço humano do sujeito, - tipo de verbo, - tipo de sujeito.	- sexo, - idade, - escolaridade.	- em relação à saliência fônica, a oposição acentuada favorece a marca e a não acentuada a desfavorece; - sujeito anteposto favorece a marca e sujeito posposto a desfavorece; - em relação ao tipo de verbo, a cópula mostrou maior realização da marca, seguidos por transitivos e intransitivos, e inacusativos mostraram tendência de ausência da marca
Rodrigues (1992)	40 informantes analfabetos ou semi-escolarizados de uma comunidade de favelados da periferia de São Paulo	- presença/ausência de sujeito pronominal	- sexo	- sujeito elíptico favorece a manutenção da marca; - as mulheres favorecem a marca e os homens a desfavorecem
Lucchesi et al. (2009)	Três comunidades	- saliência fônica; - forma de indicação	- sexo, - faixa etária,	- a hierarquia estabelecida pelo princípio de saliência fônica foi

⁶⁶ Inspirado naquele produzido por Schneider (2012) sobre estudos variacionistas referentes a concordância nominal de número.

	rurais afro-brasileiras isoladas do interior do Estado da Bahia: Cinzento, no Município de Planalto; Helvécia, no Município de Nova Viçosa; e Barra e Bananal, no Município de Rio de Contas	do plural no sujeito; - concordância nominal no SN sujeito; - realização e posição do sujeito; - caracterização semântica do sujeito; - tipo de verbo.	- comunidade.	respeitada; - o sujeito lexical, sem marca mórfica de plural é o tipo de sujeito que mais favorece a presença da desinência, seguido por sujeito numeral ou quantificador; - a concordância de número no SN sujeito favorece a presença da marca, enquanto que se não há tal concordância no sujeito a marca é desfavorecida também no verbo; - sujeito nulo favorece a presença da desinência; sujeito realizado (anterior ou posposto) não interfere na marca; e pronome relativo a desfavorece; - sujeito que se refere a seres humanos propicia a marca de concordância; - verbos intransitivos e transitivos favorecem a marca; verbos auxiliares e inacusativos a desfavorecem.
Barden (2004)	Informantes de Porto Alegre, do banco de dados do Projeto VARSUL	- saliência fônica, - paralelismo formal, - tipo de sujeito explícito, - posição do sujeito.	- sexo, - idade, - escolaridade.	- sujeito anteposto (imediatamente ou com até 3 sílabas de distância) conduz à aplicação da marca; sujeito anteposto com mais de 3 sílabas de distância e sujeito posposto desfavorecem a marca; - em relação ao paralelismo há forte correlação entre um verbo flexionado e a presença da marca no verbo seguinte - sujeitos pronominais conduzem à presença da marca e sujeitos com nomes quantificados à sua ausência; - à medida que aumenta o número de anos de escolarização aumenta a tendência à marcação; - sexo e idade não se mostraram relevantes.

Fonte: elaborado pela autora

Foi principalmente a partir dos estudos aqui discutidos que estabeleci o envelope de variação que conduziu a análise da pesquisa anterior (SOARES, 2006) e também desta. Os resultados a que chegaram estas pesquisas, e contra os quais os achados na fala das crianças serão confrontados na análise, encaminharam minhas decisões sobre quais grupos de fatores deveriam ser examinados na fala das crianças e também quais fatores compoariam cada grupo. Além disso, estão na base das hipóteses aqui testadas.

Nas próximas duas seções, relatarei as pesquisas anteriores, de concordância verbal (e também nominal), a partir das quais a presente pesquisa foi planejada.

3.4 DE ONDE PARTIMOS

Para examinar a aquisição do sistema de concordância verbal variável por crianças pequenas seria importante partir de um quadro descritivo do uso que as crianças fazem desse sistema em sua produção oral comparativamente aos resultados das pesquisas sobre a fala adulta. Esse trabalho foi empreendido em minha pesquisa de mestrado, Soares (2006), que investigava o sistema de concordância verbal na fala de nove crianças, quatro meninos e cinco meninas, entre dois anos e cinco meses e oito anos de idade, todos de classe média, filhos de pais escolarizados, moradores do município de Porto Alegre. O trabalho tinha como objetivos produzir um quadro descritivo do sistema flexional dos verbos, e examinar a concordância variável de primeira e terceira pessoas do plural. De modo geral, os resultados das variáveis lingüísticas mostraram que por volta dos 3 anos as restrições lingüísticas operantes na produção do adulto já operam também na fala da criança, cruzadas com elementos de ordem cognitiva. Os resultados das variáveis não lingüísticas – sociais e discursivas – tais como idade, escolarização e o gênero discursivo da produção sinalizam a atuação das crianças como agentes sociais, ou seja, que precocemente incorporam mecanismos de socialização da linguagem em sua produção oral. Os resultados deste trabalho serão comentados mais extensivamente na próxima sessão.

O fato de ter-se chegado a resultados importantes na pesquisa com metodologia quantitativa laboviana reforça a importância de manter a mesma linha

metodológica na sequência aqui empreendida. No mínimo, os resultados podem ser comparados.

Ao longo do andamento das pesquisas anteriores sobre concordância variável verbal e nominal, um fato importante foi se mostrando um problema: nenhuma das amostras havia sido montada com dados gerados especificamente para o estudo quantitativo de concordância variável. Na fala espontânea das crianças, em conversas livres (como era em parte o procedimento utilizado nas entrevistas que compuseram os *corpora* dos trabalhos), a produção de itens de plural, nominal ou verbal, era bastante restrita. Para uma análise estatística consistente, o problema criado dizia respeito, sobretudo, à má distribuição dos dados na amostra, produzindo resultados pouco confiáveis. A Tabela 1, resultado da rodada inicial de Soares (2006), mostra a diferença percentual entre a produção de singular e a de plural relativamente às seis pessoas do discurso num recorte dos dados.

Tabela 1. Distribuição dos morfemas de flexão verbal nas seis pessoas gramaticais

		Ocorrências	Total	%
P1	presença	233	238/1047	23
	ausência	4		
	supergeneralização	1		
P2	presença	-	85/1047	8
	ausência	85		
P3	desinência não marcada	623	624/1047	60
	marca de DNP-P6 ⁶⁷	1		
P4	marca padrão ⁶⁸	14	38/1047	4
	marca não padrão	15		
	ausência	9		
P5	presença	1	1/1047	0
	ausência	-		
P6	presença	55	61/1047	6
	<i>ausência</i>	6		

Fonte: Soares (2006:101)

⁶⁷ Desinência de terceira pessoa do plural.

⁶⁸ Marca padrão assinala a desinência com manutenção da marca de plural /-mos/ enquanto que a não padrão assinala seu apagamento /-mo/.

Vemos uma grande concentração das ocorrências nas formas de singular – 90% contra 10% de plural. Esses resultados foram interpretados a partir de características da geração de dados: conversas informais entre o entrevistador e a criança e também fatos e situações pessoais relatadas pelas crianças, solicitados pelo entrevistador. Em ambos os casos o foco de interesse era a criança, falando dela mesma, utilizando, sobretudo, primeira pessoa do singular. As atividades de geração de dados eram compostas também por narrativas que a criança conhecesse e por histórias em sequência, contadas pela criança a partir da manipulação de imagens. Tais atividades conduziam, principalmente, à produção de terceira pessoa do singular, já que as narrativas infantis costumam lidar muito mais com um único personagem numa mesma ação que com vários. Além disso, alguns estudos psicolinguísticos, como o de Hyams (1992) e Pizzuto e Caselli (1992), mostram que a produção de plural por crianças pequenas é bastante baixa. Perroni-Simões e Stoel-Gammon (1977), sobre dados de português brasileiro, relatam um desenvolvimento tardio das formas verbais de plural, adquiridas somente pouco antes dos 3 anos de idade, tal como comentado anteriormente.

Assim, ficou evidente que para a sequência da investigação, a primeira tarefa a ser empreendida deveria ser a produção de um novo banco de dados, voltado especificamente para a análise quantitativa de concordância variável, com algum tipo de provocação de formas de plural. As crianças deveriam falar sobre ações com sujeitos plurais, para fins de análise de concordância verbal, e sobre itens plurais, para fins de análise de concordância nominal, já que havia o mesmo problema de falta de ortogonalidade relatado nos resultados relativos aos estudos de nominais plurais (CAPELLARI, 2004). O empreendimento de uma nova geração de dados foi levado a cabo neste projeto de pesquisa.

3.5 RESULTADOS ANTERIORES

A seguir apresento os resultados obtidos em Soares (2006). De modo geral, eles mostram uma paridade entre a atuação de variáveis linguísticas na fala das crianças com a atuação das mesmas na fala de informantes adultos, mostrando que, desde cedo, a produção infantil opera com as regras variáveis da gramática do português adulto. Além disso, alguns índices nos dados das crianças se apresentaram próximos àqueles obtidos em outras pesquisas sobre a produção de adultos da mesma comunidade de fala que a das crianças pesquisadas e distanciados de resultados de adultos de outra classe social. Isso indica que, no processo de aquisição da regra variável, a criança se faz atuante desde cedo como membro do grupo social, em relação à classe social, ao nível de escolaridade – seja por sua própria experiência, seja pelo nível de escolaridade dos pais, refletido nas experiências de letramento que fazem parte da vida da criança – e ao gênero a que pertence.

Em Soares (2006), foram feitas quatro análises a partir das rodadas estatísticas através do programa *VARBRUL* (Pintzuk, 1988). A primeira, uma análise preliminar que tinha um caráter mais especulativo, realizado para algumas tomadas de decisão, não será tratada aqui. A segunda e a terceira eram referentes à primeira pessoa do plural, uma considerando manutenção *versus* apagamento da desinência (*nós anda/nós andamos*) e a outra opondo a marca padrão, com manutenção do morfema de plural */s/*, à marca não padrão, com apagamento do */s/* (*andamo/andamos*).

A última rodada examinava a desinência de terceira pessoa do plural, considerando aplicação *versus* não aplicação da respectiva desinência (*eles andam/eles*

anda). O envelope de variação é apresentado a seguir. A variável *realização da forma verbal* foi utilizada somente na primeira análise.

- 1) *Realização da forma verbal*:
para P1: (c) marca; (a) ausência de marca; (g) supergeneralização;
para P2: (v) marca não padrão; (p) marca padrão; (n) ausência de marca;
para P3: (h) marca; (i) marca de P6;
para P4: (u) *-mo*; (s) *-mos*; (z) ausência de marca;
para P5: (k) marca; (y) ausência de marca;
para P6: (m) marca; (x) ausência de marca.
- 2) *Tempo verbal*: (P) presente do indicativo; (M) pretérito imperfeito do indicativo; (T) pretérito perfeito do indicativo; (F) futuro do pretérito do indicativo; (E) futuro do presente do indicativo; (S) presente do subjuntivo; (R) pretérito imperfeito do subjuntivo; (U) futuro do subjuntivo; (V) infinitivo; (I) imperativo; (Y) ir + infinitivo; (@)locução.
- 3) *Paralelismo formal*: (I) verbo em construção isolada; (P) primeiro verbo de uma série; (M) mistura de marcas em que o elemento anterior ao elemento analisado é marcado; (N) mistura de marcas em que o elemento anterior ao elemento analisado é não marcado; (T) verbo em uma seqüência com todas as marcas de concordância; (S) verbo de uma seqüência sem marcas de concordância.
- 4) *Discurso reportado*: (H) discurso reportado direto de histórias; (D) discurso reportado direto de outra pessoa; (S) discurso reportado de si mesmo; (N) discurso não reportado.
- 5) *Contexto seguinte*: vogais: (a) /a/ átono; (1) /a/ tônico; (e) /e/ átono; (2) /e/ tônico; (i) /i/ átono; (3) /i/ tônico; (o) /o/ átono; (4) /o/ tônico; (u) /u/ átono; (5) /u/ tônico; e as consoantes correspondentes aos códigos: (b); (c); (d); (f); (g); (j); (l); (m); (n); (o); (p); (q); (r); (s); (t); (v); (x); (z), e também (0) pausa.
- 6) *Saliência fônica*: (0) não se aplica; 0 – não se aplica; (A) (*falava/falávamos*); (B) (*fala/falamos, trouxe/trouxemos*); (C) (*está/estamos, tem/temos*); (D) (*comeu/comemos, partiu/partimos, vai/vamos, foi/fomos*); (E) (*falou/falamos*); (F) caso único: *é/somos*; (1) *come/comem, fale/falem*; (2) *fala/falam, ia/iam*; (3) *faz/fazem, quer/querem*; (4) *dá/dão, está/estão, falará/falarão*; (5) *sumiu/sumiram, comeu/comeram, falou/falaram*; (6) *fez/fizeram, teve/tiveram*; (7) caso único: *é/são*; (8) caso único: *foi/foram*; (9) caso único: *veio/vieram*.
- 7) *Tonicidade*: (M) monossílabo tônico; (O) oxítona, (P) paroxítona; (R) proparoxítona.
- 8) *Tipo de verbo*: (T) transitivo; (I) intransitivo e reflexivo; (E) ergativo; (C) cópula; (H) *ter/haver* com função apresentativa; (V) *vamos*.
- 9) *Tipo de sujeito*: (s) SN pleno; (p) pronome reto; (i) pronome indefinido; (n) nulo expletivo; (z) nulo de pronome; (g) *a gente*; (y) nulo de *a gente*; (d) pronome demonstrativo; (j) pronome de uso genérico.
- 10) *Posição do sujeito em relação ao verbo*: (A) anterior adjacente; (D) anterior distante; (F) posterior distante; (P) posterior adjacente; (Z) não se aplica (casos de sujeito nulo).
- 11) *Tipo de coleta*: (r) relato pessoal; (n) narrativa; (h) história em seqüência; (l) leitura; (c) conversa informal; (d) leitura de desenho; (m) música.
- 12) *Animacidade do sujeito*: (A) sujeito [+] animado; (M) sujeito [-] animado; (N) não se aplica.
- 13) *Focalização*: (f) *foreground*; (b) *background*.
- 14) *Gênero*: (F) feminino; (M) masculino.
- 15) *Faixa etária*: (d) 2;0 a 2;5; (2) 2;6 a 2;11; (3) 3 anos; (4) 4 anos; (5) 5 anos; (6) 6 anos; (7) 7 anos; (8) 8 anos.

No exame de presença *versus* ausência da desinência de primeira pessoa do plural, do total de 146 ocorrências, 140 (95%) foram de manutenção da desinência contra 6 (5%) de apagamento. Na rodada, três variáveis foram selecionadas como estatisticamente relevantes: tipo de verbo, tipo de sujeito e tipo de coleta. Dado o pequeno número de ocorrências de ausência de marca, os casos foram apresentados e discutidos individualmente. Seguem listados abaixo:

(01) **nós três era** namorada dele. (Cam06'219)

(02) **nós tava** XXX (Mat05'22)

(03) **nós tava** brincando de lutar (Mat05'23)

(04) daí **eu e o meu primo tava** vendo o filme do Aladin (Car15'79)

(05) **foi eu a Beth e a Inês**. (Ale03'126)

(06) quando nós voltamo-0s nós pegamo-0s a mochila <e
sen> [//] e **sentá** na rodinha. (Mat 01'40-46)⁶⁹

A literatura sociolinguística (BORTONI-RICARDO, 1984; ZILLES et al., 2000; BATISTA e ZILLES, 2004, entre outros) descreve uma tendência na produção oral do português brasileiro de evitar a produção de palavras proparoxítonas. Os resultados obtidos por Batista e Zilles (2004), num estudo de painel feito nas décadas de 1970 e 1990 com falantes de Porto Alegre (a mesma cidade das crianças sob estudo), mostraram um índice bastante baixo de ausência de desinência: 33/1195, sendo 3 ocorrências na década de 1970 (1%) e 30 ocorrências (5%) na década de 1990. As ocorrências de ausência de marca são interpretadas na pesquisa em razão da tonicidade da forma alvo, 27 casos (82%) são de tempos verbais que produziram uma

⁶⁹ Soares (2006:128), ocorrências 60 a 65.

forma proparoxítona caso a desinência fosse mantida. No entendimento das autoras, é mais forte a tendência de escapar da produção da proparoxítona que a de produzir uma forma estigmatizada.

Na fala das crianças sob estudo, 4/5⁷⁰ ocorrências (80%) são situações em que a forma alvo seria proparoxítona (casos em (01), (02), (03) e (04)), um percentual bastante próximo daquele atestado pelas autoras, mesmo sendo pequeno o número de dados.

Outra interpretação possível para as ocorrências de redução da desinência é de que talvez os contextos não tenham sido analisados como proparoxítonas, pelas crianças, mas como um morfema separado.

Dado o fato de, no estudo, os casos de ausência de marca de concordância terem sido interpretados por influência da tonicidade, os resultados das variáveis linguísticas dessa rodada se mostraram inconsistentes. Mesmo assim, serviram para indicar caminhos futuros para a pesquisa e por isso serão tratados aqui.

Com a variável tipo de coleta, o objetivo era verificar a influência de marcas estilísticas na opção por uma determinada forma verbal. A hipótese era de que as variantes relacionadas às narrativas estruturadas, aquelas que poderiam caracterizar um evento de letramento (narrativa ficcional, história em seqüência e leitura), favoreceriam mais a manutenção da desinência que a conversa informal ou o relato pessoal. Contudo, por não haver dados de ausência de marca em alguns fatores, a rodada contou somente com dois, que, justamente, eram os que poderiam ser amalgamados no rearranjo da variável – conversa informal e relato pessoal. Tal situação, em parte corroborava a hipótese (com a manutenção categórica nos gêneros

⁷⁰ O quinto caso de produção de proparoxítona, discutido em outro momento do trabalho, é:
estávamos em casa.

discursivos relacionados à estrutura narrativa), mas não permitia que se pudesse fazer um exame consistente através da análise estatística.

Os mesmos dados considerados nesse trabalho foram analisados também relativamente à concordância nominal de número (SIMÕES, 2005). As sessões de geração de dados eram embasadas em três gêneros discursivos:

- 1) relato pessoal – a criança era convidada pela entrevistadora a realizar narrativa espontânea sobre algo que lhe tivesse acontecido; 2) história ficcional – a criança era convidada a recontar história que conhecesse por tê-la ouvido antes de um adulto (a maioria das histórias contadas são contos tradicionais como *O Chapeuzinho Vermelho*, *Cachinhos Dourados*, *Os Três Porquinhos*; também se registram ocorrências de histórias contadas pela professora na hora da rodinha, a partir de livros); e 3) história em seqüência – a criança era convidada a narrar história que lhe era apresentada em seqüências de quadros impressos. (SIMÕES, 2005:40)

Com relação a essa questão, a Tabela 2 mostra, em percentuais, a maior aplicação da marca padrão de concordância nominal (64,1%) quando a criança está contando uma história, em oposição a 44,1% quando se trata de um relato informal de algo que aconteceu com ela.

Tabela 2. Nominais com concordância de número padrão nos dados de crianças em fase de letramento (5;0-9;0)

	Padrão/Total	%
relato pessoal	136/308	44,1
contando história	195/304	64,1
antes da primeira série	74/167	44,3
primeira série e depois	254/445	57
Total	328/612	53,5

Fonte: Simões (2005:41)

Na análise de tais resultados a autora afirma que:

Todas as crianças marcam mais a concordância de número nas condições 2 e 3 [história ficcional e história em seqüência]. Nelas, as narrativas estão de certo modo ligadas a eventos de letramento de que tais crianças participaram; no caso das histórias ficcionais, por essas histórias participarem da transmissão geracional de uma tradição narrativa letrada e, no caso das histórias em seqüência, por estar uma espécie de livro diretamente presente na situação, livro a partir do qual a história se tecia. Na condição 1 [relato pessoal], de narrativas espontâneas, as

crianças falavam livremente de suas vidas cotidianas; contavam como tinha sido seu aniversário, um passeio ao parque, um acidente no qual se machucaram, etc. (Simões, 2005:40)

Posteriormente à publicação desse estudo, foi feita uma rodada estatística no programa *VARBRUL* com os mesmos dados para verificar se os resultados, em termos de pesos relativos, confirmariam os índices de frequência. A Tabela 3 abaixo apresenta tais resultados, em que R são os contextos de relato informal e H os de histórias estruturadas:

Tabela 3. Relação entre a aplicação da marca de plural e a variável contexto de coleta

	Ocorrências	/	Total	%	Peso Relativo
R – relato informal	123	/	282	43	0,39
H – histórias estruturadas	206	/	312	66	0,59
TOTAL	329	/	594	55	

Fonte: Simões (s/d)

Vemos que, na amostra, a aplicação da marca de plural é favorecida nos contextos de H (0,59 de peso relativo) e desfavorecida nos contextos de R (0,39).

Ficou evidente que tanto para análise de concordância nominal quanto de concordância verbal essa variável discursiva precisaria ser controlada já na coleta de dados, para que se tivesse um número equilibrado de ocorrências em cada um dos fatores que a compõem.

Voltando a Soares (2006), o resultado da variável tipo de sujeito foi comprometido por problemas de distribuição irregular dos dados na amostra, já que os números de ocorrências nas três variantes consideradas eram muito diferentes, como pode ser visto na Tabela 4.

Tabela 4. Relação entre a aplicação da desinência de primeira pessoa do plural e a variável tipo de sujeito

	Ocorrências	/ Total	%	Peso Relativo
pronome nulo	102	103	99	0,58
pronome reto	32	34	94	0,57
SN pleno	6	9	66	0,01
TOTAL	140	146	95	

Fonte: Soares (2006:132)

Novamente ficou claro que uma quantidade maior de dados proporcionaria resultados mais confiáveis.

Na análise seguinte, o exame das formas padrão *versus* não padrão, considerando o apagamento do morfema de plural na desinência de primeira pessoa (*fomos/fomo*), duas variáveis foram selecionadas como estatisticamente relevantes pelo programa: faixa etária e tipo de coleta. Os resultados relativos à faixa etária são apresentados a seguir.

Tabela 5. Relação entre a aplicação da desinência de primeira pessoa do plural padrão e a faixa etária

	Ocorrências	/ Total	%	Peso Relativo
8 anos	11	16	68	0,83
7 anos	9	15	60	0,79
2;6 a 2;11	4	15	26	0,52
5 anos	2	9	22	0,51
6 anos	9	37	24	0,46
3;0 a 3;11	7	53	13	0,32
TOTAL	42	146	28	

Fonte: Soares (2006:134)

As faixas de 2 anos (2;1 a 2;5) e de 4 anos não foram consideradas por falta de dados. Além disso, o número de ocorrências em cada faixa é bastante baixo, sobretudo na de 5 anos, indicando novamente necessidade de uma geração de dados controlada relativamente a essa variável. Contudo, os índices corroboraram a expectativa de que as faixas etárias de maior experiência escolar (7 e 8 anos)

apresentariam maior produção de formas padrão (com a realização do /s/ de plural). Retornando à discussão de Simões (2005), sobre a mesma amostra, vemos ocorrendo o mesmo fenômeno sob o ponto de vista do ingresso da criança na etapa formal de alfabetização, por volta dos seis anos e meio ou sete: antes da primeira série as crianças utilizam menos formas padrão de concordância nominal de número que depois do ingresso na primeira série. A Tabela 2, apresentada anteriormente, mostra os índices. Como já relatado, os resultados, que nesse trabalho foram dados em termos percentuais, foram submetidos a uma análise estatística pelo programa *VARBRUL* para resultado em peso relativo. O resultado das rodadas mostrou que quando se considerou a variável idade, esta foi selecionada pelo programa como relevante, mas mostrando índices discretos de atuação cruzada com época da alfabetização. Quando se tirou da rodada a variável idade, a variável alfabetização – cujos fatores eram pré (p) ou pós (P) alfabetização – ficou saliente, e os resultados mostraram uma atuação consistente dessa última, no sentido de que antes da alfabetização, a não aplicação da marca de concordância nominal de número (com peso relativo de 0,34) é desfavorecida, em oposição à aplicação da desinênciade depois da experiência escolar (0,55 de peso relativo), conforme vimos na Tabela 6.

Tabela 6. Relação entre a aplicação da marca de plural e a variável alfabetização

	Ocorrências	Total	%	Peso Relativo
p – antes da alfabetização	58	146	39	0,34
P – depois da alfabetização	271	450	60	0,55
TOTAL	329	594	55	

Fonte: Simões (s/d)

Novamente em relação aos resultados da variável faixa etária em Soares (2006), dado o pequeno número de ocorrências, foi feita uma consulta à base de

dados cruzando a variável dependente com os respectivos sujeitos que as produziram.

Diz o texto (SOARES, 2006:135):

O resultado [do cruzamento] mostrou que as ocorrências correspondentes à faixa 5 são de três meninas, Camila, Natália e Alexandra, ao passo que na faixa 6, do total de 37 ocorrências, 26 são de um único menino, Matheus. Quando fazia a seleção dos dados, me chamou a atenção o fato de ele ser a única criança a produzir o pronome *nós* (elíptico) com o verbo na forma não marcada (de terceira pessoa do singular), e também a produzir o único caso da amostra de mudança na qualidade da vogal temática (que não está em estudo aqui) associada à DNP-P4 [desinência de primeira pessoa do plural].

A partir do exame do trecho de fala do menino que contém o episódio citado acima, vemos que de 12 ocorrências de primeira pessoa do plural, apenas uma é de forma padrão. Além disso, é possível pensar que a última ocorrência não envolve um caso de elipse, mas de restrição sintática. Eis o trecho:

ah@i nós chegamo-0s fazemo-0s uma rodinha <e daí> [/] e daí nós fizemos que nem o ajudante e depois nós brincamo-0s e daí depois <nós fizemo-0s um traba> [//] daí nós fazemo-0s um trabalho daí lavamo-0s as mão-0s **lanchemo-0s** e vamo-0s pra pracinha brincar quando nós voltamo-0s nós pegamo-0s a mochila <e sen> [//] e **sentá** na rodinha (Mat 01'40-46).

Possivelmente o peso relativo indicando desfavorecimento de aplicação da desinência na faixa de 6 anos seja devido à produção desse informante. Para entender o fato, foi feita uma busca no perfil social da criança, disponível no banco de dados: filho de pais de nível superior, estudante de pré-escola e escola particulares, pertencente a uma família considerada de categoria sócio-econômica A pelo projeto. Enfim, nenhum dado que pudesse fazer avançar o entendimento de sua produção. Tal situação deixou clara a necessidade de obtenção de dados qualitativos, associados aos quantitativos, que possam fazer-nos conhecer um pouco mais de singularidades nos perfis das famílias das crianças.

Em relação à faixa de 3 anos, há uma forte preferência pelo apagamento do /s/. A consulta ao banco mostrou que das 53 ocorrências, 44 (83%) correspondem à

forma *vamos* sem a desinência de plural (*vamo*). Na faixa de 2; 6 a forma *vamos* corresponde à totalidade de casos, sendo 4 de *vamo*. Na literatura psicolinguística essa forma é descrita como precoce em relação às demais formas verbais de plural. Perroni-Simões e Stoel-Gammon (1977) descrevem essa como a única forma de plural encontrada nos dados de crianças entre 2;1 e 2;8 de idade. Rubino e Pine (1998), mesmo sem discutir tal forma, mostram a produção de flexão verbal de primeira pessoa do plural sem erros, aos 3 anos de idade, discutindo exemplos de construções com essa forma. Na literatura sociolinguística, o resultado das crianças do estudo de Soares (2006) é bastante próximo daqueles encontrados por Batista e Zilles (2004). Segundo as autoras, tal forma responde por 88% do total de apagamentos da desinência de plural. Assim, a preferência pela forma não padrão na faixa de 3 anos foi atribuída à produção da forma *vamos*.

Na rodada que examinava a manutenção ou não da desinência de terceira pessoa do plural, os resultados gerais mostraram que do total de 529 ocorrências, 461 (87%) apresentaram a marca de concordância enquanto que 68 (13%) são de desinência zero. Interessantemente o alto índice de aplicação da marca na fala das crianças se aproxima do comportamento linguístico descrito sobre dados de adultos escolarizados (grau superior) e classe social alta da mesma comunidade que a das crianças (Porto Alegre). Batista e Zilles (2005) encontraram, para uma amostra com essas características, 95% de manutenção de desinência. Por outro lado, Rodrigues (1992) sobre falantes adultos de classe baixa relata um índice de aplicação de 29% apenas. Assim sendo, o ambiente de letramento no qual a criança vive deve influenciar a produção variável de desinência de terceira pessoa do plural. E para um exame consistente da atuação do letramento familiar e da classe social na fala das crianças é preciso que tais variáveis sejam controladas já na geração dos dados.

Nessa rodada, dentre as variáveis testadas, sete foram selecionadas como estatisticamente relevantes: posição do sujeito em relação ao verbo, tonicidade, saliência fônica, tipo de verbo, tipo de sujeito, gênero e faixa etária. Por questões de espaço não discutirei todas aqui.

A atuação da variável posição do sujeito em relação ao verbo mostrou que a presença ou não de material interveniente entre o sujeito e o verbo não é relevante na fala das crianças da amostra. Assim, a análise se concentrou em sujeito anterior ou posterior ao verbo. Na Tabela 7 vemos a tendência de aplicação da marca em situações de sujeitos antepostos (0,63 de peso relativo) e a forte tendência a evitar a marca em ambientes de sujeito posposto ao verbo (0,07 de peso relativo).

Tabela 7. Relação entre a aplicação da desinência de terceira pessoa do plural e a variável posição do sujeito

	Ocorrências	/	Total	%	Peso Relativo
anterior	297	/	307	96	0,63
posterior	18	/	61	29	0,07
TOTAL	315	/	368	85	

Fonte: Soares (2006:140)

Tais resultados mostraram o comportamento linguístico das crianças comparável ao dos adultos (Cf. LEMLE e NARO, 1977; BARDEM, 2004; BATISTA e ZILLES, 2005) referentemente a essa variável.

Relativamente a gênero, os resultados apresentados na Tabela 8 mostram as meninas favorecendo o uso da marca (peso relativo de 0,68) e os meninos preferindo a não manutenção dela (peso relativo de 0,30).

Tabela 8. Relação entre a aplicação da desinênciade terceira pessoa do plural e a variável gênero

	Ocorrências	/	Total	%	Peso Relativo
Feminino	253	/	279	90	0,68
Masculino	208	/	250	83	0,30
TOTAL	461	/	529	87	

Fonte: Soares (2006:150)

Voltando ao trabalho de Simões (2005), vemos o gênero atuante também na produção de concordância nominal de número. Os resultados exibidos na Tabela 9 abaixo atestam a diferença percentual entre a produção de meninos e de meninas. As meninas apresentaram frequência de 48,5% (99/204) nos relatos e 75% (123/164) contando histórias, e os meninos, 23,5% (33/104) e 51,4% (72/140), respectivamente. Andersen (1990); Eckert (1997, 1998, 2000); Goodwin (1990, 1997, 2003) entre tantos outros, mostram que as crianças são sensíveis desde cedo aos processos de socialização relativos aos gêneros.

Tabela 9. Nominais com concordância padrão nos dados de meninos e meninas em fase de letramento

	<i>Meninas</i>		<i>Meninos</i>	
	<i>Padrão/T</i>	%	<i>Padrão/T</i>	%
relato pessoal	99/204	48,5	33/104	23,5
contando história	123/164	75	72/140	51,4
antes da primeira série	51/113	45,1	23/54	42,5
primeira série e depois	171/255	67	83/190	43,6
Total	222/368	60,3	106/244	43,4

Fonte: Simões (2005)

Tais resultados apontam a necessidade de que se compreenda o papel social dos homens e das mulheres na comunidade de fala das crianças para que se compreenda melhor o fenômeno da atuação do gênero na aquisição do sistema de concordância variável.

3.6 A REVISÃO DE LITERATURA

Meu objetivo, neste capítulo, foi apresentar ao leitor a literatura a partir da qual os dados serão confrontados no momento da análise. As pesquisas arroladas ao longo do capítulo tratam sobre o sistema flexional da língua portuguesa sob duas perspectivas: por um lado, investigam a emergência da flexão verbal sob diferentes referenciais teóricos aquisicionistas; por outro, examinam a concordância verbal variável em dados de adultos. Por fim, apresentei as pesquisas que fundaram metodológica e analiticamente o presente estudo.

Passo, a seguir, à discussão das questões envolvidas na metodologia.

4. AS QUESTÕES DE MÉTODO

Para estabelecer a base metodológica da presente pesquisa, três aspectos foram levados em conta. O primeiro está intimamente ligado aos fundamentos teórico-metodológicos dos estudos de variação, que pedem todo um conjunto de artefatos específicos para a realização de uma rodada estatística consistente, desde a geração da amostra até a análise dos dados. O segundo se relaciona ao fato de os participantes da pesquisa serem crianças entre três e seis anos de idade: muitas adaptações foram necessárias em termos metodológicos para a eficácia do projeto como um todo. O terceiro aspecto diz respeito à minha crença, como pesquisadora, no valor da associação entre a metodologia quantitativa com outra, de natureza qualitativa, como forma de entender melhor, no caso deste trabalho, o uso da terceira pessoa do plural pelas crianças do Beco. Este capítulo, que apresenta os procedimentos metodológicos e analíticos utilizados ao longo do projeto, aponta o modo como cada um dos tópicos acima foi abordado, e em que medida foi possível dar conta de sua complexidade relativamente ao objeto da pesquisa.

Numa perspectiva que estuda a estrutura da língua relacionada ao significado social, a compreensão da dinâmica das práticas sociais da comunidade é

parte fundamental da análise. Com base em descrições sociológicas e antropológicas é possível fazer pressuposições acerca do quadro social de falantes de classe média, mas sobre comunidades de classe baixa sabe-se pouco⁷¹, sobretudo relativamente ao papel social das crianças nessas comunidades. Assim, no Beco, desde a entrada em campo, não era possível eu me basear em pressupostos a respeito das práticas sociais da comunidade. Já no início do projeto, ficou claro que eu não poderia abrir mão de uma abordagem metodológica qualitativa, cujo objetivo geral seria entender um contexto social pouco conhecido, ou seja, em alguma medida entender o processo de socialização das crianças, o processo de pertencimento delas à comunidade.

Este capítulo será dividido em cinco seções. A primeira abordará a geração dos dados qualitativos: como se deu a observação participante e a aproximação ao campo; apresentará, também, os dados que foram obtidos a partir desta metodologia. A segunda seção versará sobre a importância que a articulação entre os métodos qualitativo e quantitativo de obtenção e análise de dados tiveram para os fins da pesquisa, discutindo em que medida um foi complementar do outro nas diferentes etapas do projeto. A seção seguinte tratará sobre a produção do Banco de Dados que foi a base da análise quantitativa: as atividades que compuseram a geração de dados, desde as que foram pensadas, testadas e abandonadas, até aquelas efetivamente realizadas, e também a seleção das crianças que compuseram a amostra. A quarta seção apresentará a metodologia envolvida na análise quantitativa: os procedimentos de armazenamento e de análise dos dados e o envelope de variação. A última seção, por fim, abordará de forma sumarizada os objetivos do capítulo.

É preciso deixar claro que esta organização, tal como está proposta, não reflete a ordem em que os procedimentos ocorreram, já que, em verdade, os dois

⁷¹ Fonseca (2004) é uma referência importante sobre comunidades de classe baixa, numa perspectiva etnográfica.

métodos de trabalho, qualitativo e quantitativo foram sendo alternados ao longo de todo o trabalho de campo. E na medida em que descrevo as duas metodologias, espero esclarecer como foi feita a triangulação dos dados, tendo em mente que esta ocorreu não somente entre tipos diferentes de dados, mas também entre os diferentes graus de entendimento, que, como pesquisadora, fui construindo sobre meu objeto de estudo⁷².

4.1 A GERAÇÃO DOS DADOS QUALITATIVOS

São várias as técnicas possíveis para a geração de dados qualitativos. Tal como Jung (2009) e Silva (2012), minha opção foi proceder a uma análise qualitativa interpretativa utilizando alguns dos procedimentos da metodologia etnográfica.

Nessa perspectiva, a observação participante é uma técnica privilegiada na investigação das práticas e representações da vida dos indivíduos na dinâmica social da comunidade. Trata-se de observar, participar, conversar, ouvir, “cidadãos comuns em suas rotinas mais banais” (FONSECA, 2004), de modo que seja possível, a partir daí, criar uma interpretação daquela realidade social (ROCHA e ECKERT, 2008). Hélio Silva (2009) salienta o tanto que o trabalho se dá através do estreitamento de laços, do envolvimento, da interação e da interlocução, implicadas na mutualidade em que o pesquisador “afeta e é afetado” pelo campo de pesquisa. E mesmo não havendo procedimentos definidos em relação ao trabalho de campo, além da necessária postura de respeito à comunidade estudada, o pesquisador deve “estar orientado por uma definição mais ou menos clara do que está fazendo ali, o que implica ter um problema teoricamente constituído e um exercício prévio nos métodos e técnicas da disciplina” (SILVA, 2009:176).

⁷² Agradeço ao Profº Pedro Garcez que me fez perceber isso.

Outra questão importante nesta perspectiva é o papel da escrita. A metodologia de caráter etnográfico requer uma articulação entre a experiência vivida em campo, a cada ida, e um trabalho estritamente acadêmico. E, para tanto, a articulação é uma propriedade da língua escrita. E se a articulação é uma propriedade da escrita, ela toma forma na medida em que é produzida. Só escrevendo o pesquisador tem material de análise; e escrevendo é possível formular as reflexões, os achados, as dúvidas. A escrita é parte constitutiva do processo da metodologia etnográfica, não só resultado. Além disso, deve estar necessariamente enraizada no caráter reflexivo da presença do pesquisador em campo.

4.1.1.1 A APROXIMAÇÃO COM O CAMPO

Como o projeto inicial, em 2007, tinha por objetivo investigar a produção de concordância em dois grupos estratificados, entre outros, por classe social, durante 20 meses trabalhamos⁷³ sob a perspectiva de lidar com dois grupos sociais da região do Vale dos Sinos. A classe alta era representada pelas crianças de uma instituição de educação infantil localizada na área central do município de Novo Hamburgo (SCHNEIDER, 2012). A classe baixa seria representada por crianças de Canudos, um bairro da periferia de Novo Hamburgo. As crianças eram atendidas por um projeto de extensão da FEEVALE. A história linguística daquela região está relacionada a línguas em contato (português e alemão) e a uma história de desenvolvimento comunitário ligado ao desenvolvimento da indústria calçadista na região, que implica em diferenças refletidas na ocupação do espaço físico do município (SCHNEIDER, 2012).

⁷³ Conforme relatado na introdução, eu, a então doutoranda Simone Schneider e a então mestranda Bibiana Silva.

Iniciamos o trabalho pelos informantes de classe alta, e quando este já estava bastante adiantado, nos dividimos; eu e Bibiana Silva começamos o trabalho com os informantes de classe baixa. Fizemos a entrada em campo em Canudos, negociações, observações, e quando começamos as sessões de gravação das crianças, tivemos problemas de ordem técnica. Percebemos que a acústica do lugar (as crianças eram atendidas na igreja da comunidade) dificultava enormemente a posterior audição da gravação. Decidimos mudar o local das gravações, já que tínhamos à disposição uma salinha em uma biblioteca Marista que também oferecia atendimento àquelas crianças. Mas isso implicava em, a cada sessão de interação, sair com a criança da vila, ir de carro até o lugar, e depois voltar. Como estávamos em duas pesquisadoras, ou uma ficava com o equipamento enquanto a outra se ocupava da mobilidade das crianças, ou as duas se concentravam nas crianças, o que permitia que levássemos duas crianças de cada vez, mas o equipamento precisava ser desmontado e guardado a cada duas sessões de gravação. Além disso, dada a dificuldade de acesso em relação a Porto Alegre, não poderíamos contar com o trabalho de bolsistas de iniciação científica. Acima de tudo, sentíamos pouca segurança na mobilidade dentro da vila, já que se trata de uma comunidade com sérios problemas de violência. Chegamos a cogitar a montagem de uma espécie de barraca com isolamento acústico que permitisse que as gravações fossem feitas na igreja, mas fomos informadas de que o padre não aceitaria a solução.

Decidimos, então, começar a busca por outra comunidade que pudesse dar acesso à realização da pesquisa, pensando que, se encontrássemos, tomaríamos a decisão definitiva de mudar ou não a comunidade de baixa renda observada, assumindo a impossibilidade de comparar dois grupos de comunidades diferentes, já que as condições sócio-históricas da região do Vale dos Sinos são bem particulares.

Em pouco tempo, Bibiana Silva conseguiu contato com o médico responsável pelo Posto de Saúde do Beco das Palmeiras. Apresentamos a ele os dois projetos, de mestrado e doutorado, e ele, mostrando grande interesse na pesquisa, pelo valor da discussão sobre a legitimação de práticas sociais de uma comunidade de baixa renda, encarregou-se pessoalmente do contato entre nós e a diretora da creche Terra Santa, Jane. Ela teve um papel crucial no projeto, nos incorporando imediatamente à instituição como colaboradoras. A entrada em campo no Beco deu-se em agosto de 2009.

Embora o trabalho feito durante os meses de junho e julho de 2009 no bairro Canudos tenha sido abandonado, a experiência de entrada em campo, de aproximação com as crianças e com os bolsistas da FEEVALE que atuavam como educadores, de circulação em um universo social tão diferente do nosso, e, sobretudo, de realização das interações para a produção do Banco de Dados com crianças de classe baixa contribuiu enormemente para o sucesso do trabalho definitivo. Quando iniciamos a pesquisa de campo no Beco das Palmeiras, já estávamos mais familiarizadas (e, por isso, mais seguras) com as necessidades da pesquisa. Sabíamos o que precisávamos negociar, o que precisávamos minimamente obter para o andamento adequado do projeto. Como fruto do trabalho anterior em Novo Hamburgo, tanto na creche do centro da cidade (cf. SCHNEIDER, 2012), quanto em Canudos, tivemos uma adaptação mais rápida ao campo, ganhando tempo para aprofundar relações que foram cruciais para o êxito da pesquisa.

Nos primeiros meses, íamos ao Beco duas ou três vezes por semana, e passávamos um turno inteiro (na maior parte das vezes à tarde) na creche, conversando, observando, anotando. Conversávamos com a diretora, com as professoras e funcionárias; ficávamos em sala de aula, com as crianças, observando-

as, brincando com elas, conhecendo-as, ouvindo suas histórias e nos deixando conhecer. Em alguns momentos, ficávamos com as turmas no pátio, sempre brincando, sempre conversando, sempre observando (sempre anotando), aprendendo a conviver com aquelas pessoas.

Algumas vezes, a observação/participação era feita fora da creche; ou no Posto de Saúde, em conversas com o médico e duas das agentes de saúde, ou na casa de algumas das pessoas que nos receberam, ou, eventualmente, em tímidas caminhadas pelo entorno da creche. Silva (2009), sobre o trabalho de campo do etnógrafo, afirma:

trata-se de um percurso marcado pela interação. Ora, interagir pela participação nos rituais, nos trabalhos, no lazer e pela interlocução nas entrevistas informais, nas conversas suscitadas pela participação, nos bate-papos que até parecem escapar dos desígnios do trabalho de campo, alimentados apenas pelas amizades ali contraídas." (SILVA, 2009:178).

Desde os primeiros meses, tivemos acesso a documentos⁷⁴ tais como as fichas de inscrição das crianças, as agendas das crianças, bilhetes enviados aos pais, documentos de orientação pedagógica, planos de trabalho das professoras, etc. Passei parte do tempo examinando tais documentos. A ficha de anamnese, por perspicácia da coordenadora em incluir algumas informações de ordem da condição social da família, oferecia dados importantes para compreender a dinâmica social da comunidade.

Ao final dos três primeiros meses, examinei todos os dados interpretativos que tinha produzido até então para proceder à primeira seleção das crianças para a produção do Banco de Dados. Dessa primeira análise, surgiram índices que, revisados ao longo de todo o trabalho de campo, encaminharam a elaboração das variáveis sociais da análise quantitativa. As gravações das interações para a produção do Banco de Dados tiveram início em dezembro de 2009.

⁷⁴ A relação completa dos documentos analisados será apresentada na próxima subseção.

Desde o início do trabalho de campo, eu planejava realizar entrevistas com a família de cada uma das crianças sob estudo para o preenchimento do questionário social. O questionário teria por base aquele idealizado por Amaral (2006), utilizado também por Schneider (2012). As perguntas que compõem o instrumento são divididas em sete conjuntos: dados pessoais, profissão, escolaridade, situação socioeconômica, orientações, atitudes e papel social, proporcionando uma gama de informações acerca de profissão/ocupação, renda, local de moradia, patrimônio e escolaridade. Além do mapeamento social das famílias, o objetivo era poder proceder à comparação com aqueles e outros estudos sociolinguísticos já realizados em nosso meio.

Entretanto, não consegui realizar as entrevistas, e os questionários nunca foram aplicados. Basicamente, porque a mobilidade dentro da vila por pessoas de fora é restrita. Além da questão da necessidade da conquista da confiança dos moradores, é muito difícil, sem informações de moradores, encontrar endereços específicos, já que a identificação (por letras e números) dos acessos é frequentemente modificada pelos moradores (SILVA, 2012). Conversei com Jane sobre as possibilidades para obter as informações. Uma delas seria enviar documentos a serem preenchidos pelos responsáveis, para a casa de cada uma das crianças, já que precisava também das assinaturas dos termos de consentimento. Ela me disse que boa parte dos adultos da comunidade é analfabeta, e essa prática não teria resultados. Pensei, então, em conversar com os pais quando fossem buscar as crianças na creche, mas Jane me disse que o mais comum é as crianças serem buscadas ou por algum irmão mais velho, tarefa que em geral cabe aos adolescentes, ou por uma vizinha, que se compromete a pegar várias das crianças de sua redondeza. Outra possibilidade, levantada pelo Dr. Eduardo, seria acompanhar os agentes de saúde em suas visitas às famílias. Para isso, encaminhamos ofício para a respectiva Gerência Distrital. Fomos informadas de que,

para isso, o projeto de pesquisa precisaria passar pelo Conselho de Ética (e não souberam nos informar de que órgão, uma vez que a visita não estaria ligada à área da Saúde e tampouco a Creche pertencia de fato à rede municipal de ensino), processo que necessitaria de um tempo de que não dispúnhamos.⁷⁵

Além disso, no transcorrer do trabalho de campo, a produção e a organização do Banco de Dados consumiu muito tempo: as gravações com as crianças duraram do início de dezembro de 2009 ao fim de dezembro de 2011. Assim, a tentativa de realizar visitas à casa de cada uma das famílias das crianças estudadas foi abandonada. Esse procedimento foi substituído por uma busca mais consistente por informações de ordem social de cada uma das famílias em outras fontes, sobretudo através de entrevistas com as educadoras e funcionários da instituição.

O estudo de Cameron (2012) dá suporte à decisão tomada aqui. Aquela pesquisa considerou como variáveis sociais, além de idade e gênero, etnia e ocupação dos pais. As informações a respeito da ocupação dos pais das crianças e das respectivas etnias foram obtidas por procedimentos outros que não o questionário social: através da ficha de inscrição das crianças na escola, perguntando para as próprias crianças, que já tinham idade para fornecer adequadamente certas informações, e, quando, possível, o pesquisador conversou por telefone com os pais.

Na presente pesquisa, as informações contidas nas fichas de anamnese disponibilizadas pela pedagoga da creche cruzadas às informações fornecidas pelas educadoras, que conhecem todas as famílias, pois são moradoras e vivem naquela comunidade, possibilitaram que fosse traçado o perfil social de cada uma das crianças selecionadas para a geração de dados. Além disso, foi possível assinalar num mapa da

⁷⁵ Quanto à questão da aprovação do projeto, cumpre assinalar que conta com parecer da Comissão de Pesquisa do Instituto de Letras/UFRGS e que obtivemos consentimento dos participantes para uso dos dados. O consentimento foi assinado pelos responsáveis alfabetizados e gravado nos demais casos (ver Anexo 3).

comunidade que produzi especialmente para este fim, a localização da residência de cada uma das trinta crianças focais.

4.1.2 OS DADOS OBTIDOS

Um dos pontos fortes do projeto coordenado pela Prof^a Luciene Simões, tal como já comentado na introdução, é o fato de que ele agrega projetos independentes que conversam entre si. Assim pude, em alguma medida, me valer dos achados de colegas (sobretudo SCHNEIDER, 2012 e SILVA, 2012). No entanto, na pesquisa que culminou nesta tese, a relação entre pesquisas (no caso a minha e a de Bibiana Silva) teve início já na geração dos dados. Um aspecto metodológico de grande valor a partir do qual minha experiência como pesquisadora foi enriquecida, foi o fato de a geração dos dados para a análise interpretativa no Beco das Palmeiras ter sido feita concomitantemente à geração que Bibiana Silva fez para fins de sua pesquisa. Como pesquisadoras com diferentes interesses em campo, compartilhamos vários momentos de observação participante na comunidade, experiência que resultou em importantes discussões e reflexões acerca do universo pesquisado. Isso significou um enriquecimento da perspectiva com que observávamos, com que dávamos sentido ao que estávamos presenciando naquela comunidade a respeito do entendimento que construíamos acerca da comunidade.

Assim, na análise interpretativa, me vali de alguns dos diários de campo produzidos por ela, assim como de vídeos gravados por ela nas turmas, ao mesmo tempo em que disponibilizei o material produzido por mim para que ela pudesse, se achasse necessário, utilizá-lo em sua pesquisa. No Quadro 6 é possível ver que há datas em que foram produzidos dois diários de campo, o meu e o dela.

A triangulação de dados interpretativos foi feita a partir de dados gerados em notas de campo e diários de campo, por entrevistas semiestruturadas com membros da comunidade, educadores e funcionários da creche e com o médico e agentes do Posto de Saúde, registros audiovisuais das crianças em diferentes momentos da rotina diária na creche, e também por análise documental. O Quadro 6 mostra a relação dos diários de campo que revisei na análise interpretativa. Como alguns diários foram compartilhados por mim e por Bibiana Silva, o quadro informa por quem cada diário foi gerado.

Quadro 6. Relação dos diários de campo

Data	Gerado por	Data	Gerado por
02/09/09	Simone	05/07/10	Bibiana
09/09/09	Simone	05/08/10	Simone
29/09/09	Simone	10/08/10	Simone
03/11/09	Simone	10/08/10	Bibiana
26/11/09	Simone	12/08/10	Simone
01/12/09	Simone	27/08/10	Simone
07/12/09	Simone	01/09/10	Bibiana
09/12/09	Simone	28/09/10	Simone
07/04/10	Bibiana	28/09/10	Bibiana
15/04/10	Bibiana	04/10/10	Bibiana
06/05/10	Bibiana	06/10/10	Bibiana
13/05/10	Bibiana	25/11/10	Simone
19/05/10	Bibiana	01/12/10	Bibiana
01/07/10	Bibiana	09/11/11	Simone
02/07/10	Bibiana	16/12/11	Simone

Fonte: elaborado pela autora

O Quadro 7 apresenta as entrevistas semiestruturadas que foram realizadas. Em algumas situações, Bibiana Silva estava presente, mas os dados que serviram à análise nesta pesquisa foram gerados por mim. As notas de campo foram um registro bastante importante. Isso porque o tempo exigido para a organização do material que compunha o Banco de Dados para a análise quantitativa era muito grande. Assim, em vários momentos não tive tempo para transformar as notas de campo no respectivo diário, e me vali deste material como tal. Além das entrevistas

semiestruturadas, eu e Bibiana participamos de uma reunião de pais, feita na creche, com os pais das turmas de Jardim; participamos de alguns dos encontros de Formação Continuada⁷⁶, pelo Projeto de Extensão⁷⁷, que ocorreram na instituição; e fiz visitas à casa de algumas crianças, acompanhada por uma educadora (Rosane), para fins de assinatura do Termo de Consentimento pelos responsáveis.

Quadro 7. Relação das entrevistas semiestruturadas

Data	Participante	Local	Formato
26/11/09	Jane – coordenadora da creche na época	Creche	Notas de campo
05/12/09	Lia – presidente da Associação Comunitária	Creche	Arquivo de áudio
09/12/09	Dr. Eduardo – médico responsável pelo Posto de Saúde	Posto de Saúde	Notas e diário de campo
07/04/10	Jane – coordenadora da creche na época	Creche	Notas de campo
14/04/10	Jane – coordenadora da creche na época	Creche	Notas de campo
05/05/10	Cláudia e Samira – agentes de saúde do Posto de Saúde	Posto de Saúde	Notas de campo
05/08/10	D. Cátia – moradora	Av. Conquista, durante um passeio pela comunidade	Notas e diário de campo
10/08/10	Cláudia e Samira – agentes de saúde do Posto de Saúde	Posto de Saúde	Notas de campo
10/08/10	Jane – coordenadora da creche na época	Creche	Notas e diário de campo
12/08/10	Cláudia e Samira – agentes de saúde do Posto de Saúde	Posto de Saúde	Notas e diário de campo
18/08/10	Lia – presidente da Associação Comunitária	SASE	Notas de campo
28/09/10	Juliana – coordenadora temporária da creche na época	Creche	Notas e diário de campo
25/11/10	D. Noeli – moradora	Casa do participante	Arquivo de áudio
14/01/11	Valquíria – educadora e mãe de Betina (criança focal)	Casa do participante	Arquivo de áudio
19/04/11	Valquíria – coordenadora da creche na época	Creche	Notas de campo
09/11/11	Léa – educadora	Creche	Notas de campo
25/11/11	Rosane – educadora	Creche	Arquivo de áudio
11/11/11	Breno – criança focal	Creche	Arquivo de áudio
11/11/11	Betina e Márcio – crianças focais	Creche	Arquivo de áudio
21/03/12	Juliano – educador e pai de Betina (criança focal)	SASE	Notas de campo

⁷⁶ Ver Capítulo 1 deste trabalho.

⁷⁷ Ver seção 1.6 deste trabalho.

21/03/12	Rosane e Adriana – educadoras	Creche	Notas de campo
----------	-------------------------------	--------	----------------

Fonte: elaborado pela autora

Os registros audiovisuais foram feitos nas dependências da creche.

Informações sobre tais registros são vistas no Quadro 8.

Quadro 8. Relação de registros audiovisuais

Data	Atividade	Turma	Gerado por	Formato	Tempo
07/10/09	Pátio	Maternal II	Simone e Bibiana	vídeo	00:52
07/10/09	Dependências da creche		Simone	vídeo	00:34
26/11/09	Aula de culinária	Maternal II	Simone e Bibiana	vídeo	02:31
13/05/10	Hora da Atividade	Maternal I	Bibiana	vídeo	31:20
13/05/10	Brincadeira livre	Maternal I	Bibiana	vídeo	19:08
06/10/10	Hora da Atividade	Jardim B	Bibiana	vídeo	53:56
20/10/10	Contação de Histórias pelo PET	Maternal I	Bibiana e Simone Land	vídeo	48:10
20/10/10	Contação de Histórias pelo PET	Berçário	Bibiana e Simone Land	vídeo	31:36
10/11/10	Hora da Atividade	Maternal II	Bibiana	vídeo	13:44
10/11/10	Pátio	Maternal II e Jardim A	Bibiana	vídeo	08:30
10/11/10	Lanche	Maternal I	Bibiana	vídeo	01:55
23/11/10	Festa de aniversário	Todas as turmas	Bibiana	vídeo	03:51
13/12/10	Hora da Atividade	Maternal II	Bibiana	vídeo	01:08
20/12/10	Hora da Atividade	Jardim B	Bibiana	vídeo	26:27
20/12/10	Entrega de presentes	Jardim A e B	Simone e Bibiana	vídeo	04:17
20/12/10	Entrega de presentes	Maternal I	Simone e Bibiana	vídeo	02:43
20/12/10	Entrega de presentes	Maternal II	Simone e Bibiana	vídeo	03:47
20/12/10	Entrega de presentes	Berçário	Simone e Bibiana	vídeo	02:06
20/12/10	Festa no refeitório	Todas as turmas	Simone	vídeo	26:13
15/04/11	Assistindo DVD	Jardim B	Simone	vídeo	40:58
18/04/11	Contação de Histórias pelo PET	Maternal II	Bolsistas do PET	vídeo	34:09
19/04/11	Organização da sala	Jardim A	Simone	vídeo	08:28
19/04/11	Hora da Atividade	Jardim A	Simone	vídeo	23:39
TEMPO TOTAL					06:06:23

Fonte: elaborado pela autora

Os documentos utilizados na análise documental nos foram cedidos, em sua maioria, em arquivos digitais. As fichas de anamnese foram fotografadas por mim. Assim, sempre que houve necessidade foi possível rever os documentos. São eles:

- Projeto Político Pedagógico da instituição;
- Regimento Escolar da instituição;
- Ficha de Anamnese das 30 crianças focais;
- Modelo da Ficha de Anamnese do SASE;
- Lista com informações de filiação, data de nascimento e endereço de todas as crianças matriculadas;
- Modelo do parecer descritivo de avaliação das crianças;
- Parecer descritivo das crianças da turma do Berçário em dezembro de 2009 (dentre elas estão algumas das crianças focais da faixa de 3 anos);
- O projeto que orienta os cursos de Formação Continuada exigido pela SMED;
- Bilhetes diversos: convite para a comemoração do Dia dos Avós de 2010; comunicado sobre surto de piolhos na escola; mensagem relativa ao Dia das Mães e Dia dos pais, dentre outros;
- As agendas das crianças⁷⁸;
- Alguns documentos relativos a situações específicas: ofício de encaminhamento de criança para o Posto de Saúde solicitando avaliação psicológica; declaração de trabalho voluntariado com objetivo de requerer, junto à SMED, inscrição da voluntária no curso de Educador Assistente; ofícios destinados a empresas pedindo colaboração com

⁷⁸ Destas não disponho de cópias.

materiais para a festa junina de 2010; ofício para a Secretaria da Cultura solicitando o *Ônibus Brincalhão*⁷⁹ para a festa junina de 2009; ofícios de agradecimento pela doação de alimentos e brindes; ofício de solicitação de transporte para passeio das crianças da instituição; relatório do ano de 2008 relativo à parceria com o Programa SESC/Mesa Brasil⁸⁰; relatório do ano de 2009 para o Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente.

A pergunta de pesquisa que conduziu a geração de dados interpretativos é a seguinte⁸¹:

Com base em análise documental e dados de observação participante, é possível localizar, no *continuum* de manutenção/apagamento da marca de concordância verbal variável de terceira pessoa do plural descrito por análise quantitativa laboviana, crianças que respondam a um perfil baseado em:

- 1) ter/não ter pai morando em casa,
- 2) morar na avenida ou nos acessos, e
- 3) ter pais ou responsáveis com ocupação mais/menos formalizada?

4.2 A ARTICULAÇÃO ENTRE AS METODOLOGIAS QUALITATIVA E QUANTITATIVA

⁷⁹ Projeto da Secretaria Municipal dos Esportes de Porto Alegre que atende o público infantil em eventos recreativos de escolas públicas, creches municipais, entidades assistenciais e associações de moradores. Trata-se de um ônibus adaptado com brinquedos e jogos que funciona como uma “brinquedoteca” ambulante.

⁸⁰ O Mesa Brasil SESC é uma rede nacional de bancos de alimentos que opera através de coleta e distribuição de alimentos excedentes ou fora dos padrões de comercialização, mas que ainda podem ser consumidos. Mais informações podem ser obtidas em <http://www.sesc.com.br/mesabrasil/index.html>.

⁸¹ A pergunta de pesquisa foi elaborada no âmbito de uma disciplina ministrada pelo Prof^o Pedro Garcez, no semestre de 2010/1, intitulada Seminário de Pesquisa: metodologia de pesquisa interpretativa. Agradeço ao Prof^o Pedro pela importante colaboração no que diz respeito aos procedimentos de geração de dados qualitativos levados a cabo por mim no projeto.

No presente projeto de pesquisa, não teria sido possível atingir os objetivos propostos se não fosse a articulação entre uma metodologia de caráter interpretativo e a metodologia estatística. O cuidado em realizar pesquisa de campo também através de técnicas ligadas à pesquisa qualitativa foi fundamental para a realização de etapas importantes da pesquisa quantitativa: a seleção das crianças participantes; o entendimento da dinâmica social do Beco, tal como foi possível formular aqui; as informações necessárias para dividir as crianças-participantes em grupos sociais distintos, ainda que sejam membros de uma mesma comunidade de fala. No Capítulo 1, já me vali extensivamente da imagem do Beco que pude construir a partir dos procedimentos qualitativos de pesquisa realizados, e neste capítulo, surgirão ainda outros aspectos da organização da pesquisa que serão apontados como resultados diretos desses procedimentos.

Além disso, os frutos da realização do trabalho de registro da observação participante foram da ordem das relações pessoais. O pleno acesso às crianças e o conhecimento necessário para estabelecer com elas interações frutíferas, em que há sintonia entre adulto e criança para brincar e para conversar são um exemplo.

Em 2011, para fins do Trabalho de Qualificação, realizei uma rodada estatística com os dados da faixa etária de 5 anos. Os resultados mostraram que havia uma forte atuação de alguma variável social, já que a variável *participante* foi selecionada com uma distribuição que colocava de um lado, com tendência (manifesta por peso relativo) de produção do morfema de concordância, crianças que, a partir das informações interpretativas, entendemos tratarem-se ou das famílias de condições socioeconômicas melhores, ou com experiências letradas mais consistentes, e de outro lado, as crianças de condições sociais mais precárias. A partir disso, reli todas as notas e os diários de campo, ouvi todas as entrevistas, assisti aos vídeos e, com base nas

informações, produzi as variáveis sociais que não haviam sido previstas no projeto inicial (*ocupação da mãe, ocupação do pai e local de moradia*). Em novembro de 2011, retomei com mais intensidade a geração de dados interpretativos, voltando a campo com perguntas específicas, em busca de informações específicas, já sabendo com quem eu precisaria conversar.

Assim, sem o entendimento adquirido com as técnicas de observação participante, o trabalho quantitativo teria sido menos qualificado. Por outro lado, somente a partir dos resultados da rodada feita com os dados da faixa etária de 5 anos foi possível vislumbrar as possibilidades que envolviam a influência da produção das crianças pelas variáveis sociais. Buscadas as informações relevantes, foi possível codificar todo o universo de dados da amostra segundo as novas variáveis criadas.

4.3 A GERAÇÃO DO BANCO DE DADOS PARA A PESQUISA QUANTITATIVA

O banco de dados das crianças do Beco, assim como aquele produzido em Schneider (2012), foi projetado para propiciar o exame de três sistemas linguísticos variáveis: concordância nominal de número, concordância verbal de primeira pessoa do plural e concordância verbal de terceira pessoa do plural.

A opção desta pesquisa por examinar a produção de terceira pessoa do plural na fala das crianças, deixando de lado (por ora) a análise da primeira pessoa, levou em conta, inicialmente, a maior quantidade de dados produzidos em contexto de terceira pessoa comparativamente aos de primeira. Em terceira pessoa, como será discutido no capítulo de análise, foi produzida uma quantidade de dados que se mostrou suficiente para a análise. Além disso, no caso das crianças nas faixas etárias estudadas, grande parte dos dados de primeira pessoa se concentra na forma *Vamos*

+ *infinitivo*, que só é variável relativamente à presença/ausência do morfema de plural (*vamo/vamos*), e que, dada sua natureza formulaica, (Cf. ZILLES et al. 2000) precisa ser retirada da análise para a obtenção de resultados adequados.

Uma terceira razão ainda foi levada em conta: a grande quantidade de dados produzidos tendo como sujeito de verbos de primeira pessoa do plural a forma *a gente*. É possível perceber na fala de crianças e também de adultos da comunidade que, diferentemente do que é mostrado em estudos anteriores sobre dados de classe média com crianças (SOARES, 2006) e também com adultos de Porto Alegre (ZILLES et al., 2000), a produção dos moradores do Beco nesse contexto linguístico é variável (realizado ou com concordância não marcada – de terceira pessoa do singular – ou com marca da primeira pessoa do plural), mas não foi possível realizar análises comparativas. Assim, devido à necessidade de recorte, optei pela análise de terceira pessoa do plural.

Uma dificuldade na pesquisa com crianças, sobretudo quando são pequenas, é que o número de pessoas envolvidas no processo de obtenção dos dados não se restringe ao da composição da amostra: há também outros participantes, com diversos papéis sociais. Se a geração de dados em si é feita com as crianças, os dados de outra natureza, como informações de qualquer tipo, entrevistas, autorizações, etc., são obtidos com os adultos responsáveis. Além disso, como é o caso na presente pesquisa, sendo o trabalho feito em ambiente escolar, os responsáveis pela instituição, professores e funcionários também farão parte do processo. As negociações de entrada em campo precisam ser feitas em vários níveis: primeiramente é necessário que a instituição aceite abrir suas portas; depois, que as famílias aceitem liberar a criança como participante; que as famílias aceitem dispor de seu tempo para preenchimento de questionário (se for o caso), além de receber as pesquisadoras em

suas casas. Nas sessões de geração de dados, é preciso negociar com as professoras a liberação de cada participante para a interação, uma vez que o trabalho intervém na rotina de atividades de sala de aula, refeições, soninho, etc.. É preciso, sobretudo, negociar com cada criança, para que ela se sinta confortável e aceite participar.

Assim, desde o início do projeto é preciso considerar o número bastante de alto de pessoas com as quais deve ser feito contato e com as quais é preciso negociar de alguma forma.

Uma preocupação a ser levada em conta na geração de uma amostra do tipo aqui em questão é a necessidade de haver disponibilidade de um local adequado para a realização das interações com as crianças. É importante o controle de ruídos externos, que posteriormente intervenham no trabalho de transcrição. É importante que seja possível deixar o equipamento montado (filmadora no tripé, lugar para os interagentes sentarem com o gravador de áudio perto, e os materiais utilizados na brincadeira organizados na caixa). Esse procedimento agiliza enormemente o processo.

Nos momentos em que ocorrem as interações propriamente ditas, há questões a serem administradas. Se o pesquisador está preparado para lidar com elas, o trabalho transcorrerá sem incidentes; do contrário, há possibilidade de que a interação não se dê adequadamente, prejudicando a geração de dados. Uma das questões é saber considerar em que ponto as crianças cansam. O tempo que elas são capazes de ficar concentradas numa atividade varia com a idade, com a personalidade da criança, com o quanto ela está interessada na brincadeira, entre outras coisas. Depois de certo tempo, algumas crianças pedem para ir embora, pedem para tomar água, levantam e andam pela sala, etc., e se o roteiro não for bem conduzido, pode faltar tempo para alguma conversa importante.

Outra questão que precisa ser levada em consideração na preparação da geração de dados, sobretudo numa comunidade que seja socialmente diferente daquela dos pesquisadores, é a adaptação destes ao universo pesquisado. Percebemos uma situação que ilustra a importância disso, ocorrido com uma das bolsistas. Na conversa com as crianças, era possível depreender do seu discurso que ela se referia a um contexto social diferente do das crianças. Por exemplo, ela falava em vô/vó morando em outra casa que não a da criança, e que a vó fazia biscoitos para receber os netos. É uma realidade diferente daquela da comunidade, em que não raro as crianças moram com os avós; e não falam em "biscoitos". E o resultado dessa distância do pesquisador do universo da criança é que, nessas sessões, a produção de dados foi muito pequena. Os pesquisadores precisam se preparar antes do início do trabalho especificamente em relação ao universo social da comunidade, para que as interações fluam adequadamente. E nesse sentido, quanto mais próxima a experiência social do pesquisador seja daquela do contexto social de pesquisa, mais tranquila será a geração de dados.

Especificamente sobre a geração de dados para análise de concordância variável, foi parte das discussões do grupo para a preparação do trabalho, a combinação de que a fala dos adultos deveria ser variável. Foi preciso que cada pesquisador monitorasse sua fala para evitar a tendência de, em frente a uma filmadora, produzir uma fala que apresentasse muito as marcas esperadas da fala padrão. Passo a seguir à descrição dos procedimentos de idealização e preparação de materiais para as sessões de geração de dados.

4.3.1 A PREPARAÇÃO DAS BRINCADEIRAS PARA A GERAÇÃO DE DADOS

A preparação da geração de dados diz respeito ao fato de que, tal como discutido no Capítulo 3, para obtermos uma quantidade suficiente de dados para uma análise quantitativa segura, precisamos propiciar certo tipo de conversa⁸², já que as crianças devem produzir formas de plural, tanto nominal quanto verbal. No ano de 2007, antes de meu ingresso no Doutorado, passamos a trabalhar (eu e a mestranda Bibiana Silva) na elaboração das situações de interação e dos materiais necessários para sua realização. Naquele ponto do projeto, algumas questões conduziam nossas reflexões:

- as crianças deveriam produzir sintagmas nominais plurais e concordância verbal variável (primeira e terceira pessoas do plural) em quantidade suficiente para rodar de forma segura o programa *VARBRUL* de análise estatística;
- as brincadeiras deveriam ser produtivas nas três faixas etárias, para assegurar que a comparação entre idades não envolveria outras variáveis;
- pensamos na possível necessidade de haver uma sessão de brincadeiras anterior ao início da geração propriamente dita, com o objetivo de que as crianças se sentissem à vontade com as entrevistadoras;
- as crianças deveriam produzir dois tipos de discurso: conversa espontânea e narrativa.

Ainda em 2007, elaboramos, inicialmente, três atividades, e realizamos uma testagem piloto com três crianças, dois meninos e uma menina, de 5 anos de idade, alunos da Escola Estadual Anne Frank, em Porto Alegre. A partir dos resultados desse piloto, reformulamos as atividades e fizemos nova testagem com uma menina de 3 anos e uma de 5 anos (essa última da comunidade de Canudos, no município de NH,

⁸² O objetivo é adequar a entrevista sociolinguística (LABOV, 2008 [1972]) para os propósitos da pesquisa.

onde havia possibilidade de que a geração acontecesse). Esse trabalho foi de enorme valia para entendermos o que estava em jogo nas interações, e foi crucial para produzirmos o que precisávamos e garantir a eficácia do empreendimento desde seu início. As atividades planejadas e testadas nessa etapa piloto são descritas a seguir.

Arca de Noé. Pressupúnhamos que as crianças conhecessem alguma versão da história da Arca de Noé; a brincadeira consistia numa arca, feita por nós de papelão corrugado, e dedoches individuais, com a figura de um animal cada, havendo uma fêmea e um macho de cada espécie (as fêmeas tinham cílios e/ou um laço na cabeça e/ou eram cor-de-rosa); eram casais de lesmas, elefantes, leões, rinocerontes, girafas e sapos e seriam manipulados pela criança e pela entrevistadora; nossa ideia era de que as crianças produziram formas de plural manipulando os dois animais da mesma espécie juntos e conversando com a entrevistadora na medida em que brincavam; não havia um roteiro específico para a brincadeira.

O resultado da atividade foi que as crianças colocaram os dedoches de cada animal que formava o par, um em cada mão, evidenciando que os animais da mesma espécie faziam coisas diferentes, o que não geraria produção de formas verbais no plural; além disso, de imediato os animais eram singularizados pela identidade de gênero: "o menino e a menina", "o namorado e a namorada", "o elefante e a elefanta", contrariando o que havíamos planejado para a produção de sintagma nominal e verbos no plural; também ficou evidente a necessidade de haver um roteiro para as brincadeiras, já que nem as crianças nem as pesquisadoras sabiam, no início, como brincar com aquele material.

Jogo da memória. O material, também produzido por nós, era composto por cartões em pares, sendo que em um cartão havia a figura de um animal realizando uma ação, por exemplo, um urso que dançava balé, uma vaca que andava de patins, e

no cartão correspondente havia a mesma figura repetida três vezes; a regra do jogo era a seguinte: a entrevistadora ficava com todos os cartões que continham uma única figura e espalhava os outros na mesa, com a imagem voltada para baixo; mostrava um cartão (um de cada vez) para a criança e perguntava: "o que tu tem que encontrar?", esperando uma resposta do tipo "três ursos que estão dançando balé".

O jogo da memória não foi produtivo porque as crianças falavam pouco durante a atividade, já que é um jogo que exige concentração; o objetivo de um jogo de memória é jogar, e não conversar; além disso, as regras eram difíceis por terem sido modificadas em relação às regras originais de qualquer jogo de memória.

Os bichos. O estímulo era um conjunto de bichos de borracha (3 porcos iguais, 2 gatos iguais, 2 sapos iguais, uma galinha e um golfinho); não tínhamos roteiro e a ideia era de que os animais fizessem coisas juntos enquanto o adulto e a criança conversavam sobre aquilo que eles estavam fazendo.

Novamente nem as crianças nem as entrevistadoras sabiam bem de que modo brincar; mais uma vez percebeu-se a necessidade de um roteiro, sobretudo pensando que haveria ao menos três entrevistadoras diferentes, além de bolsistas de iniciação científica fazendo o mesmo trabalho, e os dados deveriam ser comparáveis.

As atividades até aqui descritas, abandonadas após os testes piloto, tiveram importância fundamental para compreendermos como chegar às interações adequadas aos nossos propósitos. Percebemos que as brincadeiras seriam mais produtivas se os interagentes, criança e pesquisador, assumissem papéis, ou de faz-de-conta, ou através da manipulação de bonecos, e realizassem ações através desses personagens. Daí surgiu a ideia da fazenda, e com o sucesso dela na pilotagem, do zoológico.

Queríamos também poder testar se haveria diferença na produção de concordância variável na situação de manipulação de um livro, objeto portador de

texto, índice de letramento, em oposição a outros brinquedos menos ligados, como objetos simbólicos, a situações letradas, como era o caso dos outros brinquedos. Além disso, a inclusão de um livro entre as situações de geração de dados nos permitiria examinar as construções narrativas das crianças de uma perspectiva mais controlada. Para o exame de concordância nominal, queríamos testar diferentes desinências de plural, e para isso precisávamos de uma brincadeira capaz de elicitare formas outras além de nomes de bichos (de fazenda e zoológico). Daí surgiu a ideia da loja, em que poderíamos incluir itens (à venda) cuja nomeação atendesse nossas expectativas. Por fim, elaboramos os roteiros das brincadeiras, incluindo o que trataremos a seguir como 'regras'. Essas interações foram testadas no início da entrada em campo, em Novo Hamburgo (cf. Schneider, 2012), e ao longo do trabalho receberam algumas modificações, nos roteiros e de inclusão de alguns materiais.

É importante ressaltar que quando iniciamos o trabalho no Beco, já havíamos gerado dados com as crianças de Novo Hamburgo, pertencentes à pesquisa da Prof^a Simone Schneider, de uma faixa etária completa⁸³, nos mesmos moldes, com os mesmos materiais. Portanto, nessa fase do projeto de trabalho no Beco, o conjunto de atividades já estava largamente testado, mesmo as adaptações que haviam sido incluídas ao longo das interações, e havia se mostrado eficiente para os propósitos de produção de concordância nominal e verbal por crianças pequenas. Eu, como pesquisadora, tinha experiência suficiente nas situações de geração de dados para conduzir os trabalhos no Beco, um contexto social diferente do meu. Contava que talvez houvesse necessidade de adaptações nas atividades, uma vez que os contextos sociais dos dois grupos de crianças são tão diferentes, mas isso não ocorreu. A

⁸³ Eu, com ajuda da pesquisadora Bibiana Cardoso da Silva, conduzi a geração dos dados das crianças de 4 anos e também de algumas das crianças de 3 anos.

experiência que eu já tinha facilitou em muito a tarefa de treinamento de bolsistas de iniciação científica no trabalho.

A seguir, passo à descrição das interações que foram definitivamente fixadas no trabalho de geração de dados.

4.3.2 AS INTERAÇÕES DE GERAÇÃO DE DADOS

As situações em que os dados foram gerados foram de interação entre um adulto (a pesquisadora ou as bolsistas) e uma única criança de cada vez. Sempre que possível, o trabalho foi feito em duplas: enquanto uma pesquisadora brincava com a criança, a outra operava o equipamento de vídeo. O gravador de áudio era operado por quem estava brincando com a criança. Eventualmente, a pesquisadora auxiliar entrava na conversa, sobretudo para estimular a criança sobre algum assunto que emergia. As interações eram feitas nas dependências da instituição escolar, em sala disponibilizada pela coordenação, o que requeria constante renegociação.

Foram previstos cinco a sete encontros com cada criança, e cada encontro girou em torno de uma atividade diferente. As atividades foram nomeadas do seguinte modo: interação inicial, fazenda, zoológico, loja, reconto, narrativa letrada e relato pessoal. O número de encontros variou porque havia a possibilidade de as duas últimas (a narrativa letrada e o relato pessoal) serem produzidas na mesma interação que alguma(s) da(s) outras cinco (o que aconteceu na maioria das vezes). As interações tinham duração entre 15 e 30 minutos cada, dependendo do tipo da brincadeira e da faixa etária da criança.

O trabalho foi organizado através de quadros que cruzavam cada uma das crianças com as atividades a serem realizadas pela data em que a interação foi feita. O Quadro 9 mostra a organização referente a cada uma das faixas etárias.

Quadro 9. Organização da geração de dados

Participante	Interação Inicial	Fazenda	Zoo	Loja	Reconto	Narrativa Letrada	Relato Pessoal
Faixa Etária 5 anos							
Andressa	01/12/09	12/08/10	08/04/10	08/12/09	03/05/10	01/12/09	01/12/09
Betina	01/12/09	19/08/10	21/06/10	10/05/10	20/05/10	01/12/09	21/06/10
Kelly	15/04/10	12/08/10	24/06/10	25/05/10	21/06/10	07/07/10	24/06/10
Jasmin	15/04/10	28/10/10	07/06/10	10/05/10	20/05/10	20/05/10	20/05/10
Glória	07/10/10	28/10/10	11/11/10	23/11/10	18/11/10	07/10/10	11/11/10
Evandro	01/12/09	05/08/10	08/04/10	03/12/09	08/12/09	01/12/09	08/12/09
Márcio	03/12/09	05/08/10	24/06/10	08/12/09	07/12/09	03/12/09	03/12/09
Tierre	15/04/10	28/10/10	01/07/10	24/05/10	07/07/10	07/07/10	13/07/10
Breno	15/04/10	10/11/10	07/06/10	10/05/10	21/06/10	07/07/10	15/04/10
Augusto	10/05/10	12/08/10	07/06/10	20/05/10	21/06/10	10/05/10	20/05/10
Faixa Etária 4 anos							
Carine	11/11/10	20/12/10	16/06/11	15/12/10	30/06/11	30/06/11	16/06/11
Catarina	07/10/10	10/11/10	14/12/10	16/11/10	15/12/10	15/12/10	14/12/10
Melissa	07/04/11	05/05/11	16/06/11	08/04/11	19/04/11	07/04/11	07/04/11
Yamara	07/10/10	25/11/10	14/12/10	16/11/10	18/11/10	15/12/10	25/11/10
Carina	07/12/11	02/12/11	18/11/11	11/11/11	23/11/11	07/12/11	07/12/11
Fernando	03/05/10	10/11/10	21/06/10	10/05/10	07/07/10	11/11/10	13/07/10
Caio	03/05/10	05/08/10	14/07/10	25/05/10	14/07/10	03/05/10	14/07/10
José	10/05/10	25/11/10	21/06/10	07/07/10	01/07/10	14/07/10	14/07/10
Iago	11/11/10	30/11/10	07/12/10	16/11/10	18/11/10	11/11/10	11/11/10
Paulo	07/04/11	05/05/11	16/06/11	08/04/11	30/06/11	30/06/11	16/06/11
Faixa Etária 3 anos							
Clarissa	11/11/10	20/12/10	14/12/10	15/12/10	07/12/10	15/12/10	14/12/10
Manuela	16/11/10	25/11/10	15/12/10	14/12/10	14/12/10	16/11/10	16/11/10
Lúcia	19/04/11	06/07/11	18/11/11	07/07/11	30/06/11	30/06/11	06/07/11
Adriane	02/12/11	09/12/11	14/12/11	07/12/11	20/12/11	02/12/11	14/12/11
Sara	14/12/11	21/12/11	21/12/11	20/12/11	20/12/11	20/12/11	20/12/11
Reinaldo	18/11/10	15/04/11	08/04/11	07/04/11	07/12/10	08/04/11	07/04/11
Manuel	02/12/11	14/12/11	14/12/11	07/12/11	20/12/11	02/12/11	02/12/11
Marcelo	08/04/11	15/04/11	11/11/11	11/11/11	18/11/11	11/11/11	08/04/11
Cristóvão	19/04/11	06/07/11	16/06/11	07/07/11	30/06/11	16/06/11	30/06/11
Daniel	11/11/11	02/12/11	18/11/11	09/12/11	18/11/11	11/11/11	02/12/11

Fonte: elaborado pela autora

Na faixa de 5 anos, pode-se ver em Andressa, por exemplo, pela repetição das datas, que a narrativa letrada e o relato foram produzidos na interação prévia. No caso da menina Kelly, o relato pessoal foi feito na brincadeira de zoológico, mas houve necessidade de mais uma interação para a narrativa letrada. As datas assinaladas nas sessões de narrativa e relato não correspondem a todas as interações em que são produzidas. A preocupação é de que haja ao menos uma produção de cada gênero.

O trabalho foi iniciado com as crianças mais velhas porque julgávamos mais fácil. Depois, foram as de 4 anos. Dessa forma, quando iniciamos o trabalho com as de

3 anos, que pensávamos ser mais difícil, uma vez que, no geral, elas falam menos, já estávamos todas (sobretudo as bolsistas) mais experientes e seguras na condução das sessões.

Das sete atividades fixadas, quatro são roteirizadas (a fazenda, o zoológico, a loja e o reconto), uma é inteiramente livre (a interação prévia) e as outras duas são resultado ou de narrativas espontâneas das crianças, caso, sobretudo, do relato pessoal, ou de solicitação das pesquisadoras. Os roteiros são bastante importantes por diferentes motivos: garantem a comparabilidade das interações, auxiliam as pesquisadoras na condução e no controle do tempo da brincadeira e, também, propiciaram a inclusão sistemática de alguns elementos (os visitantes na fazenda e no zoológico, conforme descrito a seguir) cuja função é ampliar, dentro da atividade, o número de situações possíveis de produção de concordância.

Os roteiros preveem, de modo geral, uma sequência de eventos distribuída em quatro momentos:

1. Abordagem inicial. A pesquisadora faz a apresentação da brincadeira, perguntado à criança se ela conhece, ou sabe o que é, ou já foi, no zoológico, em uma fazenda, etc. Da conversa gerada neste momento, eventualmente surge algum relato pessoal.
2. Combinações sobre a montagem da brincadeira. Na medida em que montam juntos a fazenda, a loja, etc., a pesquisadora e a criança combinam coisas acerca de lugares onde colocar a casa, os bichos, as flores, etc., da distribuição dos bonequinhos; na loja, de quem será o comprador e o vendedor e como serão organizados os objetos à venda, etc. O tipo de discurso surgido nesse momento não é de cunho narrativo.

3. Regras. A pesquisadora explica para a criança como a brincadeira funciona, fazendo as combinações previstas no roteiro.
4. Assuntos emergentes. Enquanto brincam, outros assuntos que não relacionados à brincadeira surgem na conversa. Podem ser narrativas, relatos ou conversa informal.

Passo, então, à descrição das sete atividades, exemplificando os tipos de dados que compõem a amostra.

1. Interação inicial

É o primeiro encontro com cada uma das crianças no trabalho de geração de dados. É uma brincadeira não dirigida, em que levamos um saco de pano com diversos brinquedos, que a criança e a entrevistadora manuseiam à vontade.

O objetivo, originalmente, era que a criança se sentisse desinibida quando a geração efetivamente começasse, na sessão seguinte. No planejamento inicial, esse momento não seria gravado, já que não tinha como objetivo a obtenção de dados. Na produção do banco de NH, ele só foi feito com algumas crianças, no início do trabalho de campo. Com o andamento do trabalho, as crianças que já haviam participado contavam para as outras sobre as brincadeiras, provocando curiosidade, e a consequente diminuição na possível retração das que ainda não haviam participado. Entretanto, no Beco, percebi que era uma possibilidade de verificar se as interações seguintes seriam frutíferas: se a criança, de fato, não se inibia por ficar sozinha com as entrevistadoras; se o volume de sua voz seria audível para a transcrição; se a criança não tinha problemas de dicção que dificultassem a audição posterior; se a criança participava ativamente como interlocutor, etc. Além disso, percebi que era um contexto para produção de concordância, já que, em geral, solicitamos a produção da narrativa

e/ou relato. E como algumas crianças falam bastante, há uma produção significativa de dados. No segmento abaixo, vemos o início da sessão de interação prévia com Andressa, e, sublinhado, um dado.

Andressa_5 anos_interação inicial

P: Pesquisadora

A: Andressa

[00:00] P: De que mais tu gosta de brincar?

[00:02] A: De tigre.

[00:04] P: Ah, de tigre? Isso aqui é um tigre? [pegando o brinquedo] Acho que é né? E como é que tu brinca de tigre?

[00:14] A: Eu brinco com as minhas irmãs de tigre, que elas são leão, a minha irmã é a leoa, que minha irmã é, que a Brenda é a leoa, que a Tati é o tigre, que eu sou o bebezinho tigrezinho.

2. Fazenda

É uma atividade planejada para a produção de dados de concordância nominal e verbal de primeira e terceira pessoas do plural. O estímulo é uma fazendinha, montada sobre uma base de papel cartão com desenhos que identificam uma propriedade rural: caminhos para o trator, um lago, uma plantação de verduras, um milharal, árvores, etc. Quando compusemos a brincadeira, reunimos elementos que proporcionassem ações de personagens relacionadas ao cotidiano de uma fazenda. Assim, incorporamos personagens (três bonequinhos), uma casinha e um curral para os animais, todos em quantidade superior a um; trator, carrinho de mão e pequenos cartões com desenhos de abóboras, melancias, tomates e flores de cores diferentes, que devem ser "plantados" e "colhidos" para a alimentação das pessoas e dos animais e, no caso das flores, serem colhidas para enfeitar a casa; peixes, que podem ser pescados; além disso, é possível levar os animais para beber água e/ou tomar banho no lago. Dos três bonecos, um é manipulado pela criança, um pela pesquisadora e o terceiro é um visitante que chega depois que a fazenda foi montada e que as tarefas já foram feitas. Uma combinação importante é que os personagens devem contar ao visitante o que fizeram na fazenda. O segmento abaixo exemplifica o quanto a regra

da chegada do visitante é produtiva para a produção de dados de plural de primeira pessoa:

Evandro_5 anos_fazenda

P: Pesquisadora

E: Evandro

[11:13] P: Deixa eu ver, ai que legal! Então tá, agora vai chegar o visitante e vai bater na porta de casa, ó: toc, toc,toc!

[11:21] E: Quem é?

[11:22] P: É o seu João. Cadê você? Não tem ninguém nessa casa.

[11:29] E: Tem sim.

[11:31] P: Como é que é o seu nome? Eu queria conhecer a tua fazenda. O que que vocês fazem na fazenda?

[11:45] E: Nós # damo comida # e # damo banho # e damo água pros pato # e damo água pros bicho e bota eles já pra- # no lugar deles.

P: É?

[12:03] E: Depois damo comida.

[12:05] P: E isso aqui? O que que vocês fazem com isso?

[12:07] E: Isso daqui nós planta pra dar pros bicho.

[12:10] P: Ah, vocês plantam, que legal! Tem melancia. E eu posso pegar uma melancia e levar pra minha casa? Então tá, vou pegar uma melancia pra mim.

[12:22] E: Agora eu vou caçar borboleta.

[12:25] P: Ah, vocês caçam borboleta aqui? Legal! E o que mais vocês fazem aqui, a vaca de vocês dá leite?

[12:34] E: Nós pega o leite e depois dá banho nos bicho.

Dados de concordância verbal de terceira pessoa podem ser vistos

produzidos no segmento abaixo, que mostra uma interação com Paulo:

Paulo_4 anos_fazenda

P: Pesquisadora

Pa: Paulo

[07:49] P: E agora? E agora, que que aconteceu com os cavalos?

[07:54] Pa: Cadê o outro?

[07:56] P: Qual outro?

[07:57] Pa: Não, esse pra mim saltar, eu vou saltar aquele ali.

[08:03] P: Claro vocês tem que saltar juntos, todos! Vocês... Que que aconteceu, vocês conseguiram?

[08:11] Pa: Agora # são os boi. Agora os cavalos ficam aqui, issos ficam aqui, agora os cavalos ficam aqui e agora são os boi que eu vou saltar.

[08:30] P: Tá bem, vou botar aqui pra não te atrapalhar, vocês vão saltar junto?

[08:37] Pa: Vamo, vamo, vou saltar.

[08:41] P: Tá.

3. Zoológico

Do mesmo modo que a fazenda, o zoológico é montado sobre uma base fixa. Há dois ou três bichos de cada espécie, cercadinhos, o pórtico de entrada, um laguinho, uma árvore e quatro bonequinhos: dois funcionários, responsáveis por alimentar os animais, organizar o local, dar água, etc., e dois visitantes, que chegam depois que o zoológico está preparado, depois do horário de abertura. Também foi planejado para gerar dados de concordância nominal e verbal de primeira e terceira pessoas. O trecho a seguir mostra uma situação de montagem do zoológico com Andressa:

Andressa_5 anos_zoo

P: Pesquisadora

A: Andressa

[02:46]P: Olha só, no zoológico, eles colocam os bichos dentro de uns cercadinhos, pra eles ficarem lá, pra eles não fugirem, né? Vamos colocar eles num cercadinho, também?

[03:10]P: Tu vai colocar os bichos juntos, será que o elefante não vai brigar com a girafa? Será? Eles são todos amigos?

[03:20] A: São.

[03:21] A: Os filhotinho vão ser aqui.

[03:24]P: Acho que os filhotinhos vão querer ficar com a mamãe.

4. Loja

A loja foi inicialmente planejada para proporcionar produção, sobretudo, de dados de concordância nominal. Já que haveria necessidade analítica de testar diferentes tipos de desinências, buscamos uma brincadeira que incorporasse a nomeação de itens previamente escolhidos. Assim, os itens à venda (sempre em número superior a um) incluem bananas, maçãs, sorvetes e também escorpiões, anéis, entre outros. As ações são entre dois interlocutores individuais, um comprador e um vendedor. Uma parte da combinação é que a pesquisadora e a criança ocuparão os dois postos, em momentos diferentes (a criança inicialmente escolhe se quer ser o vendedor ou o comprador e eles brincam assim, mas depois devem inverter os papéis e brincar novamente – montar a loja e realizar as compras/vendas). Mesmo em poucos

números, há dados de primeira e terceira pessoas do plural. O segmento abaixo mostra dados produzidos no momento final da brincadeira, em que a pesquisadora é o comprador e deve pagar o que comprou:

Andressa_5 anos_loja
P: Pesquisadora
A: Andressa

[15:09]P: Então vamos ver quanto que deu o que que eu tou levando.

[15:13]A: Tá levando # cinco flor.

[15:18]P: Flor.

[15:20]A: Aqui tá os anel. ## Mais 1 real.

[15:26]P: 1 real de anel.

O trecho a seguir mostra que o momento de organização da loja também acaba sendo propício para a produção de dados de concordância verbal:

Evandro_5 anos_loja
P: Pesquisadora
E: Evandro

[09:57] P: E as bananas vão ficar aonde?

[10:03] E: Agora eu quero elas aqui.

[10:10] P: Aí? Do lado das maçãs?

[10:12] E: Aham, aqui vai ser as fruta que ficam aqui.

[10:15] P: E essas coisinhas aqui?

[10:17] E: Essas daí vão ficar aqui na caixa.

5. Reconto

Foi uma atividade também planejada para produção de concordância nominal e verbal principalmente de terceira pessoa. O livro escolhido para a atividade chama-se *Amigos* (Heine, 2006), e conta a história de três amigos, um porco, um rato e um galo que moram numa fazenda e fazem várias brincadeiras juntos ao longo do dia (saem para andar de bicicleta, param no lago para brincar de pirata, brincam com outros bichos, comem frutas, pescam, etc.). A tarefa consiste na contação pela pesquisadora e posterior reconto pela criança, sempre com a manipulação do livro. O andamento mais comum durante a primeira parte da atividade é que pesquisadora e

criança acabam por comporem a narrativa juntas através das imagens do livro. Um cuidado importante que o pesquisador deve ter nessa atividade é quanto à formulação das *perguntas* sobre as ilustrações que vão encadeando a história. Se a pergunta é algo do tipo “e aqui, que eles estão fazendo?”, a resposta é produzida, normalmente, por uma forma de gerúndio, o que reduz a produção de dados. O trecho abaixo mostra uma situação de reconto.

Glória_5 anos_reconto

P: Pesquisadora

G: Glória

[11:28] G: E daí eles tavu andando e o outro tava embaixo da (xx), e ele, e ele, o outro tava bem na frente e o outro tava voando. Outro tava gritando.

[11:45] P: Isso... E depois?

[11:49] G: Eles tava, eles tava pegando peixe.

[11:51] P: Tava pegando peixe?

[11:52] G: E daí quebrou a maderinhas. Daí (xxx) isso daqui daí é a pata deles.

[12:02] P: Isso. Daí depois que eles pescaram os peixe que que eles fizeram?

[12:05] G: Eles pegaram maçã e e e encheram de barriga e daí eles tava sujo.

[12:12] P: É...

[12:15] G: E e eles tavam descansado.

[12:17] P: Tava descansando... e depois que eles descansaram?

[12:20] G: Daí eles foram embora.

[12:22] P: Foram embora. Foram pra casa, né?

[12:26] G: E daí tava escuro, escurinho.

[12:29] P: Tava escurecendo e eles queriam dormir junto, né? E aí eles foram fazer o quê?

[12:33] G: Daí eles tava tentando, tentando dormir.

[12:40] P: Na casa de quem?

[12:42] G: Do ratinho.

6. Narrativa Letrada

Esta atividade foi incorporada ao processo de geração de dados porque era uma das tarefas realizadas na produção do banco DELICRI⁸⁴, cujos dados foram utilizados por mim na pesquisa de mestrado (SOARES, 2006) e por outros pesquisadores em trabalhos anteriores sobre concordância nominal (CAPELLARI, 2004, SIMÕES, 2005). Um dos objetivos da constituição deste banco de dados é ter dados comparáveis aos daquele banco. Como o nome mostra, é um gênero narrativo, de algum modo reproduzido pela criança a partir de um contato anterior com a história contada por um adulto. Essa característica da história tradicional a torna um discurso mais planejado, e sua solicitação um potencial evento de letramento dentro da situação de entrevista. Uma dificuldade da atividade é que, como a solicitação da pesquisadora é de uma história que a criança conheça, sem outras restrições ou encaminhamentos, tal como era feito no DELICRI, há poucos dados de plural, já que, como discutido anteriormente⁸⁵, sem provocação, a maioria das histórias tende a ser sobre sujeitos singulares. Mas mesmo assim, há dados em todas as interações. No segmento a seguir Evandro conta uma história sobre um filme que viu:

Evandro_5 anos_interação inicial

P: Pesquisadora

E: Evandro

[4:20] P: é? E o que que acontece nesse filme? me conta.

[4:23] E: Daí as vaca- # ela- # os porquinho começam a dar tchau por que eles vão # elas viajam # e depois elas voltam pro trem e o homem # ele # um gordo # ele quer pegar os xx.

[4:41] P: Ele queria pegar quem? os porquinho?

[4:42] E: Não, ele queria pegar as vaca, ele mata as vaca. Daí # levaram ele pra cadeia.

[4:50] P: Ah, ainda bem que eles levaram ele pra cadeia.

[4:54] E: Daí ele foi embora lá dentro do carro da cadeia e ele não fugiu, ele ficou amarrado e a boca dele ficou fechada e depois # [XX] eles fizeram aquele negócio # que # que saiu # fumaça # nele.

⁸⁴ O projeto Desenvolvimento da Criança em Fase de Letramento, inicialmente coordenado pela Prof^a Ana Guimarães (cf. GUIMARÃES, 1995), foi constituído com o objetivo de proporcionar, em larga abrangência, estudos do desenvolvimento da linguagem da criança nas faixas etárias entre 4 e 9 anos, em áreas distintas como fonologia, sintaxe, semântica, pragmática e discurso.

⁸⁵ Conforme seção 3.4.

7. Relato Pessoal

Tal como a narrativa letrada, essa atividade tem o objetivo de produzir dados comparáveis aos do banco de dados DELICRI. É um gênero narrativo, de relatos de acontecimentos protagonizados pelas crianças. No segmento a seguir, Evandro faz um relato sobre uma experiência de ir com a família ao zoológico:

Evandro_5 anos_zoo

P: Pesquisadora

E: Evandro

[01:59]P: e com quem que tu foi no zoológico # quando tu foi?

[02:03]E: ah: eu não vai: # eu não fa:z # nada. É que # o meu pai não tinha dinheiro pra andar em nada # né, daí:: # eu não andei em nada # por causa que:: meu pai não tinha dinheiro né # daí:: eu só fiquei vendo.

S: ah: tá.

[02:18]E: e as pessoa tinham e eu não tinha.

S: ah: tá.

As sete atividades programadas foram planejadas de modo a comporem três blocos de gêneros discursivos diferentes: um de conversa informal, cotidiana, outro de produção de narrativas letradas (histórias de livros, filmes, histórias orais, contadas às crianças por adultos) e outro de relatos de eventos (de situações das quais as crianças participaram, de coisas que fizeram, etc.), dando conta do controle de uma variável que permitirá examinar a influência estilística na produção das crianças.

Na próxima sessão, descreverei o trabalho de observação que antecedeu a geração dos dados da amostra.

4.3.3 A SELEÇÃO DAS CRIANÇAS

A amostra constitui-se por gravações de áudio e vídeo da fala de 30 crianças estratificadas nos dois gêneros e em três faixas etárias. O Quadro 10 abaixo apresenta a disposição dos participantes, considerando 5 por célula.

Quadro 10. Composição da amostra

	Meninos	Meninas
3 anos	5	5
4 anos	5	5
5 anos	5	5
Total:	30	

Fonte: elaborado pela autora

Os critérios de seleção foram: 1) ser morador da comunidade; 2) estar dentro da respectiva faixa etária; 3) se enquadrar na distribuição de número de participantes por gênero; e 4) não se intimidar frente à interação com o pesquisador.

Uma consideração importante na montagem de um banco de dados nos moldes como o que foi produzido nesta pesquisa, sobretudo relativamente às faixas etárias, é que os critérios de seleção dos participantes precisam ir além daqueles de representatividade da amostra. É crucial que as crianças interajam oralmente com os pesquisadores. Elas precisam se sentir à vontade, brincar e conversar com seus interlocutores. Do contrário, não há dados.

Na montagem do banco de dados precisei proceder a várias sessões de seleção de participantes. Isso teve basicamente duas causas. Uma é que qualquer motivo que impedia que fossem feitas todas as interações previstas com o participante foi motivo para substituí-lo. Outra é que características da criança na interação podiam ou fazer com que não houvesse produção verbal como esperado (se a criança se intimidava, por exemplo) ou que a qualidade auditiva do material obtido fosse ruim (crianças que falavam muito baixo, por exemplo). Além disso, como a criança deveria estar na mesma faixa etária durante todas as interações previstas, ela era substituída caso não conseguíssemos concluir as gravações antes de seu aniversário.

Sobre o primeiro critério de seleção apresentado acima, o ideal seria ter podido estabelecer um tempo mínimo de moradia da criança na comunidade. Entretanto, pelo fato de a pesquisa estar centrada numa Instituição de Educação Infantil, havia limitação em relação à quantidade de crianças disponíveis. A seleção das crianças da faixa de cinco anos exemplifica o problema. As crianças dessa faixa etária eram as que compunham as turmas de Jardim A e B. Na época da primeira seleção, no segundo semestre de 2009, as duas turmas juntas contavam com a seguinte distribuição:

Quadro 11. Distribuição das turmas de Jardim A e B em dezembro de 2009 relativamente a gênero e faixa etária

	4 anos	5 anos	6 anos
Meninas	1	9	4
Meninos	0	9	3

Fonte: elaborado pela autora

Pelo Quadro 11, é possível ver que a disponibilidade de crianças de 5 anos se resumia a 9 meninos e 9 meninas. Tal como já discutido anteriormente, sempre que houve necessidade de substituição, nova seleção foi feita. A questão que se colocou foi a frequência dessas substituições. O Quadro 12 mostra todas as sessões de geração de dados realizadas até que a faixa de cinco anos de idade pudesse ser completada.

Quadro 12. Quadro geral de interações realizadas na faixa etária 5 anos

Meninas							
Participante	Interação Inicial	Fazenda	Zoo	Loja	Reconto	Narrativa Letrada	Relato Pessoal
Andressa	01/12/09	12/08/10	08/04/10	08/12/09	03/05/10	01/12/09	01/12/09
02	01/12/09			03/12/09		01/12/09	
03	01/12/09				08/12/09	01/12/09	08/12/09
04	01/12/09			03/12/09	07/12/09	07/12/09	01/12/09
Betina	01/12/09	19/08/10	21/06/10	10/05/10	20/05/10	01/12/09	21/06/10
06	01/12/09					01/12/09	
07	15/04/10		03/05/10	20/05/10	12/05/10	15/04/10	20/05/10
Kelly	15/04/10	12/08/10	24/06/10	25/05/10	21/06/10	07/07/10	24/06/10
Jasmin	15/04/10	28/10/10	07/06/10	10/05/10	20/05/10	20/05/10	20/05/10
Glória	07/10/10	28/10/10	11/11/10	23/11/10	18/11/10	07/10/10	11/11/10

Meninos							
Participante	Interação Inicial	Fazenda	Zoo	Loja	Reconto	Narrativa Letrada	Relato Pessoal
01	01/12/09				08/12/09	01/12/09	
02	01/12/09						
Evandro	01/12/09	05/08/10	08/04/10	03/12/09	08/12/09	01/12/09	08/12/09
Márcio	03/12/09	05/08/10	24/06/10	08/12/09	07/12/09	03/12/09	03/12/09
05	01/12/09						
06	03/12/09			08/12/09			
07	03/12/09						
Tierre	15/04/10	28/10/10	01/07/10	24/05/10	07/07/10	07/07/10	13/07/10
Breno	15/04/10	10/11/10	07/06/10	10/05/10	21/06/10	07/07/10	15/04/10
Augusto	10/05/10	12/08/10	07/06/10	20/05/10	21/06/10	10/05/10	20/05/10

Fonte: elaborado pela autora

Pelo quadro é possível ver que para finalizarmos o trabalho com dez crianças foi necessário iniciarmos com 20: exatamente o dobro (e a proporção nas outras faixas etárias foi a mesma). Houve 23 sessões abandonadas, com participantes que não completaram o total de interações necessárias, alguns em estágio avançado do processo. A menina número 07, por exemplo, deixou a instituição quando faltava apenas uma interação para finalizar o conjunto. Comparando os dois quadros, pode-se perceber que a amostra é composta por quase a totalidade das crianças disponíveis naquela faixa etária. Na faixa de três anos, há uma exceção quanto à idade: uma das meninas, Sara, não havia completado três anos durante as gravações. Ela tinha 2 anos e 11 meses de idade. Isso aconteceu porque não havia outra menina de três anos disponível.

4.4 A ANÁLISE QUANTITATIVA

Tradicionalmente na pesquisa brasileira, o sistema de concordância verbal variável é investigado através de análise quantitativa laboviana. Tal metodologia oferece ao pesquisador a possibilidade de apreender a sistematicidade de uma regra variável em seu encaixamento linguístico e social (GUY e ZILLES, 2007). Para tanto,

requer um aparato específico para sua realização. Esta seção tratará sobre os aspectos metodológicos da análise quantitativa levados a cabo na pesquisa.

4.4.1 PROCEDIMENTOS DE ARMAZENAMENTO E ETIQUETAGEM DOS DADOS

O armazenamento dos arquivos de áudio e vídeo gerados nas interações foi feito de forma idêntica em dois HDs externos. Num momento anterior à etiquetagem, os arquivos foram armazenados em pastas separadas por local (NH/PoA), já que o Banco de Dados inclui também os dados de crianças de classe média-alta obtidos em Nova Hamburgo (SCHNEIDER, 2012). A pasta de Porto Alegre contém uma subpasta nomeada Beco das Palmeiras. Dentro desta, outras subpastas são nomeadas por faixa etária, dentro de cada faixa, por gênero, e em cada gênero, por participante. Na pasta do participante, cada arquivo é nomeado pelo tema da interação. Essa organização facilita a posterior etiquetagem dos arquivos. Além disso, as respectivas subpastas das faixas etárias contém também subpastas que organizam as entrevistas que não entraram na composição da amostra mas que, em alguns casos, podem ser utilizadas em pesquisas futuras já que obtivemos a assinatura do Termo de Consentimento dos responsáveis.

Um dos objetivos da etiquetagem é a fácil localização dos arquivos através de informações codificadas em seu título. As informações assinaladas para cada arquivo são as seguintes: local (BP, de Beco das Palmeiras), número do informante, gênero do informante, faixa etária, atividade de interação, pesquisador e formato do arquivo (se áudio ou vídeo)⁸⁶.

Vemos exemplificada abaixo uma linha de etiquetagem:

⁸⁶ Este modelo de etiquetagem foi sugerido pelo Prof^o Cléo Altenhofen, a quem agradeço a colaboração.

A produção dos dados em si foi feita por transcrição ortográfica da totalidade das interações. As instruções que balizaram o trabalho de transcrição podem ser vistas no Anexo 4. O trabalho de transcrição foi feito pelos seguintes bolsistas do Programa de Educação Tutorial: Abel Prates, Aline Lampert, Ana Baratz, Ana Paula Seixas, Camila Felipe, Jonathan Zotti, Maria Fernanda Viegas, Renata Corrêa, Simone Grams Land.⁸⁷ Antes de iniciar os procedimentos de análise, com as interações transcritas, realizei a conferência de todo o material, confrontando as transcrições feitas pelos bolsistas com os arquivos de vídeo, e fazendo anotações importantes (tais como dados de relato/narrativa, eventuais particularidades, etc.).

4.4.2 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS

A análise estatística foi realizada através do *VARBRUL*, “um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística” (GUY e ZILLES, 2007:105), na versão *GOLDVARB 2001* (ROBINSON, LAURENCE e TAGLIAMONTE, 2001). O programa oferece um instrumental de análise que proporciona ao investigador medir os efeitos de ocorrência das diferentes variáveis independentes sobre a produção de cada uma das realizações possíveis da variável dependente. Neste estudo, o uso do programa permitiu investigar como cada uma das variáveis independentes, dentre aquelas incluídas no envelope de variação, tal como descrito a seguir, afetou a realização da concordância de terceira pessoa do plural pelas crianças do Beco. A análise mostrou quais e com que significância estatística as variáveis operaram na produção variável.

⁸⁷ Ver seção 1.6 deste trabalho.

Para a realização da rodada estatística, os dados devem ser previamente codificados segundo os códigos estabelecidos para cada variável. Na presente pesquisa, a codificação dos dados foi feita através de formulário do programa ACCES (cf. AMARAL e BORGES, 2009), que além de proporcionar uma interface muito mais confortável para a tarefa de codificação que o sistema tradicional, permite a verificação instantânea dos erros cometidos, e seu resultado permite análises com outros pacotes de análise estatística (AMARAL, 2003). Amaral e Borges (2009) apresentam um tutorial detalhado sobre este método de codificação⁸⁸.

Neste estudo, durante o processo de codificação, todas as dúvidas que surgiram foram discutidas com minha orientadora. Em alguns casos, os dados foram descartados.

4.4.3 DADOS DESCARTADOS

Algumas ocorrências foram descartadas da composição da amostra. Os casos de verbo *ter* no presente do indicativo não mostram distinção fônica entre as formas de plural e as de singular não sendo passíveis de análise. Ex.: *Por causa que só eles têm isso e o bode.* (Caio_zoo_4anos).

As formas de infinitivo flexionado, como visto em *é que tu tá botando o dedo pra eles cairem* (Caio_zoo_4 anos), são incorporadas à análise de tempos verbais em vários estudos variacionistas de terceira pessoa do plural. No entanto, na gramática normativa do português, este é um contexto em que a presença da desinência tem caráter opcional. Assim, decidimos pela exclusão dos dados correspondentes.

⁸⁸ Agradeço a imensa colaboração do Prof^o Luís Amaral na etapa de análise quantitativa desta tese.

Nos casos em que o pronome *ele* é seguido por vocábulo iniciando com /s/, como em *eles senta assim* (Adriane_fazenda_3 anos), não é possível distinguir se o pronome sujeito mantém a marca de plural ou não. Como na amostra foram encontrados vários casos de pronome sujeito *ele* seguido de verbo com a flexão de plural⁸⁹, não era possível, nestas ocorrências, decidir sobre a codificação do *tipo de verbo* e elas foram eliminadas da amostra.

Algumas ocorrências se mostraram difíceis de serem interpretadas. Em *os parente dela foi os maldito que o tubarão, que o tubarão morreram* (Kelly_zoo_5 anos) não é possível saber ao certo o que a menina quis dizer. Poderíamos supor que há uma estrutura causativa implicada, caso em que teríamos algo como “os parente morreram o tubarão”; ou que foram objeto de ataque pelo tubarão, ou ainda simplesmente que ‘o tubarão’ é o sujeito. Na dúvida, este dado foi descartado, embora haja, como veremos, dados codificados em que um verbo no plural é contíguo a um sujeito sem marca morfológica de plural.

Por fim, foram descartadas da amostra ocorrências de formas não esperadas para o contexto, tais como vistas abaixo:

Aqui ele tãos brincando. (Adriane_reconto_3 anos);

Onde que elas vamu? (José_zoo_4 anos);

E os tigre, onde que vamu? (José_zoo_4 anos);

Eles samo os menininho, ó. (José_zoo_4 anos);

Comem: # ele comens:&. O que que é isso? (José_zoo_4 anos).

Veremos, ao longo da discussão, que, para as crianças desta comunidade, a situação de entrevista que acaba por se impor de uma maneira ou de outra na geração de dados aqui empreendida impôs participação verbal para a qual não tinham

⁸⁹ As ocorrências deste tipo serão discutidas no envelope de variação, a seguir.

familiaridade. É possível que a variedade de formas acima atestadas e que resistem a nosso entendimento como pesquisadoras (e me refiro aqui a mim e minha orientadora) esteja ligado à interpretação que tinham as crianças da tarefa que lhes foi apresentada. De qualquer modo, nesses casos arrolados, julgamos acertado descartar os dados.

4.4.4 O ENVELOPE DE VARIAÇÃO

O conjunto de variáveis que conduziu a análise estatística é resultado desta pesquisa como sequência daquela anterior (SOARES, 2006). Para compor as variáveis utilizadas aqui, parti do mesmo envelope de variação do trabalho anterior e fiz adaptações necessárias, especialmente ao modelo de geração de dados adotado e às variáveis sociais. Além disso, considerei os resultados de pesquisas relevantes referentes à análise variável de terceira pessoa do plural⁹⁰

4.4.4.1 A VARIÁVEL DEPENDENTE

As desinências número-pessoais consideradas aqui na produção variável de terceira pessoa do plural são:

- 0 – não marcação da desinência
- 1 – sem nasalização
- 2 – com nasalização

Apesar de serem três os fatores da variável dependente, as análises são binárias. Uma análise opõe a presença à ausência da marca de concordância, ou seja, tem natureza morfosintática. Nesse caso, as variantes '1' e '2' serão amalgamadas. A

⁹⁰ Ver Capítulo 3 deste trabalho.

outra, de natureza fonológica, desconsidera a variante '0', opondo a presença à ausência da nasalização.

4.4.4.2 AS VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

A fim de examinar a produção oral das crianças sobre o uso variável da desinência da terceira pessoa do plural me vali das variáveis apresentadas a seguir.

4.4.4.2.1 SALIÊNCIA FÔNICA

Nesta variável, proposta inicialmente por Lemle e Naro (1977), examina-se a influência que a quantidade de material fônico da desinência, em relação à forma dita 'não-marcada', de terceira pessoa do singular, opera na manutenção da desinência relativa à concordância verbal. A hipótese que embasa a variável é que uma maior quantidade de material fônico na oposição entre a forma de terceira pessoa do singular e a forma alvo do plural torna o dado linguístico mais saliente, conduzindo a uma maior aplicação da marca de concordância. O exame se dá a partir de uma escala, indo dos primeiros níveis, menos salientes, aos mais salientes.

Adotei, aqui, a escala de Almeida (2006):

- 1 – As formas verbais apresentam a mesma posição da sílaba tônica (paroxítone) e a diferença entre singular e plural existe devido ao processo de nasalização da vogal final /e/ na forma verbal singular que passa a ser um ditongo nasalizado /ey/ na forma verbal plural. Ex.: *come/comem, fale/falem*.
- 2 – As formas verbais apresentam a mesma posição da sílaba tônica e a diferença entre singular e plural existe devido ao processo de nasalização da vogal final /a/ na forma verbal singular que passa a ser um ditongo nasalizado /ãw/ na forma verbal plural. Ex.: *fala/falam, ia/iam*.
- 3 – A diferença entre plural e singular reside no acréscimo de uma vogal final átona, possivelmente nasalizada. Ex.: *faz/fazem, quer/querem*.
- 4 – A sobreposição de raiz e desinência, com acento, marca a diferença entre singular e plural nesse caso. Ex.: *dá/dão, está/estão, falará/falarão*.
- 5 – A diferença entre as duas formas não está na posição do acento na palavra, mas há uma diferença fonológica maior do que a simples nasalização: a troca do ditongo da sílaba final da forma verbal do singular para a permanência de uma

das vogais do ditongo ou a substituição dele por uma nova vogal, seguida do acréscimo de uma sílaba. Ex.: *sumiu/sumiram, comeu/comeram, falou/falaram*.
6 – Existe a mudança da posição da sílaba tônica e da raiz da forma verbal, seguida do acréscimo de duas sílabas. Ex.: *fez/fizeram, teve/tiveram*.

Casos únicos que não se enquadram nos níveis já descritos acima:

7 – Formas totalmente distintas para singular e plural: *é/são*.

8 – Caso único: *foi/foram*.

9 – Caso único: *veio/vieram*.

A codificação, então, foi a seguinte:

1 – *come/comem, fale/falem*.

2 – *fala/falam, ia/iam*.

3 – *faz/fazem, quer/querem*.

4 – *dá/dão, está/estão, falará/falarão*.

5 – *sumiu/sumiram, comeu/comeram, falou/falaram*.

6 – *fez/fizeram, teve/tiveram*.

7 – caso único: *é/são*.

8 – caso único: *foi/foram*.

9 – caso único: *veio/vieram*.

4.4.4.2.2 TEMPO VERBAL

Por meio da variável *tempo verbal*, pretende-se medir a influência dos tempos verbais na produção ou não da desinência de plural na fala das crianças. A composição da variável é a seguinte:

P – presente do indicativo

I – pretérito imperfeito do indicativo

M – pretérito perfeito do indicativo

E – futuro do pretérito do indicativo

F – futuro do presente do indicativo

S – presente do subjuntivo

K – pretérito imperfeito do subjuntivo

Y – futuro do subjuntivo

A – imperativo

4.4.4.2.3 TONICIDADE DA FORMA VERBAL

Nesta variável, está sob análise a influência da sílaba tônica da forma verbal sobre a presença ou não da desinência verbal de terceira pessoa do plural.

A hipótese levantada relaciona-se ao fato de as formas verbais que detêm a desinência na sílaba tônica serem mais salientes do que aquelas nas quais a desinência

não está na sílaba tônica (a mesma expectativa levantada para a variável saliência fônica). Assim, é esperado que os *monossílabos tônicos* favoreçam a aplicação da marca de concordância. As oxítonas deverão ser retiradas da análise, já que sua realização em contexto de terceira pessoa do plural indica necessariamente a não marcação da desinência. A codificação foi feita do seguinte modo:

M – monossílaboônico

O – oxítona

P – paroxítona

4.4.4.2.4 TIPO DE SUJEITO

A variável *tipo de sujeito* está relacionada à influência da forma como o sujeito é expresso (ou se é elíptico) na produção da marca de terceira pessoa do plural.

A hipótese testada por esta variável é de que o sujeito nulo favorece a produção da marca, já que a informação de número precisa estar no verbo se não está explícita no sujeito (cf. RODRIGUES, 1992), e que o SN pleno a desfavorece (cf. resultados obtidos também por RODRIGUES, 1992). Zilles (2000) aponta a tendência de o sujeito de tipo pleno ser colocado à direita do verbo, em construções VS, fato que favoreceria a tendência de este tipo de sujeito não conduzir à produção da desinência.

Dois fatores foram adicionados ao grupo inicial: *pronomes relativos* (q) e *sujeito não esperado para o contexto* (s). O tipo de sujeito *pronomes relativos* assinala minha análise para construções do tipo *aqueles coisinha que é de tomar choque* (dado 104). O fator *sujeito não esperado para o contexto* foi criado por que apareceram construções em que o sujeito é singular e o verbo, plural, como em *essa daí tão acordadim* (dado 65). Decidi por criar o fator para poder discutir essa particularidade quando percebi o mesmo tipo de construção na fala de mais de uma criança.

O grupo de fatores ficou organizado do seguinte modo:

p – SN pleno
r – pronome reto
n – nulo de pronome
d – pronome demonstrativo
q – pronome relativo
s – sujeito não esperado para o contexto

4.4.4.2.5 TIPO DE VERBO

Busca-se averiguar, pela codificação desta variável, se características de transitividade do verbo influenciam a produção da desinência de terceira pessoa do plural.

A hipótese é de que verbos transitivos, com caráter agentivo e selecionando argumentos com traço [+] humano como argumentos externos, juntamente com os intransitivos, cujos sujeitos também têm caráter agentivo, constituiriam estruturas com sujeito anteposto, favorecendo a presença da marca de concordância. Por outro lado, os inacusativos, que segundo a Hipótese Inacusativa⁹¹ são verbos cujos sujeitos possuem, na estrutura de superfície, características de objeto, ou seja, semanticamente a não agentividade, e gramaticalmente a não regência de concordância, constituindo estruturas de ordem VS, desfavoreceriam a presença da desinência.

A codificação considerada foi a seguinte:

t – transitivo
i – intransitivo e reflexivo
e – inacusativo
c – cópula

4.4.4.2.6 POSIÇÃO DO SUJEITO EM RELAÇÃO AO VERBO

O objetivo do grupo de fatores *posição do sujeito em relação ao verbo* é averiguar se a presença ou não da marca de concordância verbal de terceira pessoa do plural é influenciada pela posição que o sujeito ocupa em relação ao verbo, tendo em

⁹¹ Sobre a Hipótese Inacusativa ver Miotto (1995), Menuzzi (2001) ou a revisão feita em Soares (2006).

vista, também, a possível interferência que qualquer material fônico entre o sujeito e o verbo possa ter. A respeito desta variável, pesquisas sobre dados de adultos (LEMLE e NARO, 1977; VIEIRA, 1997; BATISTA e ZILLES, 2005), bem como a de Soares (2006) sobre dados de crianças revelam a tendência de o sujeito anteposto ao verbo favorecer a aplicação da marca, e o sujeito posposto a desfavorecer.

Desse modo, a hipótese testada em relação a esta variável é de que os sujeitos antepostos favoreçam a aplicação da marca de concordância e os pospostos a desfavoreçam. Para a codificação, os fatores que compõem o grupo são os mesmos que os de Soares (2006):

- a – anterior adjacente
- d – anterior com material interveniente
- p – posterior adjacente
- l – posterior com material interveniente
- n – não se aplica (casos de sujeito nulo)

4.4.4.2.7 PARALELISMO FORMAL

A análise do *paralelismo formal* pelo pesquisador permite averiguar a hipótese de haver uma tendência, de caráter funcional, de certas estruturas gramaticais, que desempenham funções semelhantes, ocorrerem em cadeia. É uma variável que tem se mostrado produtiva em pesquisas variacionistas de concordância nominal e verbal (NARO, 1981; SCHERRE e NARO, 1993; LOREGIAN, 1996; VIEIRA, 1997; AMARAL, 2003, entre outros).

O princípio proposto pela variável é examinado nas sequências discursivas em caráter regressivo, em que a produção de um determinado item influenciaria a produção do item seguinte. Conforme Scherre e Naro (1993) a tendência é de *marcas levarem a marcas e zeros levarem a zeros*.

Relativamente à concordância verbal, a série é definida com base em dois critérios: correferência entre a construção analisada e a construção anterior, ou seja, o

sujeito das duas orações deve ser mesmo, ou, se não for, a forma verbal deve ser a mesma, e elas não podem estar separadas por mais de dez sentenças ou pelo discurso de um interlocutor.

Neste trabalho, utilizei os mesmos fatores utilizados por Amaral (2003), que salienta que os fatores *verbo em uma seqüência com todas as marcas de concordância* (c) e *verbo de uma seqüência sem marcas de concordância* (s) deverão forçosamente ser retirados da análise em função de apresentarem resultados categóricos (100% e 0% de aplicação da marca respectivamente) não computados pelo programa estatístico. Os fatores que compõem a variável são:

- i – verbo em construção isolada
- p – primeiro verbo de uma série
- m – mistura de marcas em que o elemento anterior ao elemento analisado é marcado
- n – mistura de marcas em que o elemento anterior ao elemento analisado é não marcado
- c – verbo em uma seqüência com todas as marcas de concordância
- s – verbo de uma seqüência sem marcas de concordância

4.4.4.2.8 ANIMACIDADE DO SUJEITO

Com essa variável, quero verificar se o *status* de animacidade do sujeito influencia a produção de desinência verbal. A hipótese é de que sujeitos [+] animados favoreçam a produção da desinência e sujeitos [-] animados desfavoreçam.

- A – sujeito [+] animado
- N – sujeito [-] animado

4.4.4.3 AS VARIÁVEIS DISCURSIVAS

4.4.4.3.1 DISCURSO REPORTADO

Com a codificação da variável discurso reportado, o propósito é verificar a possível influência de vozes outras no discurso das crianças. Zilles e Faraco (2005) assinalam que:

“não se pode tomar os enunciados dos informantes simplesmente como dados homogêneos, isto é, não se pode desconsiderar que, na composição do dizer dos informantes, pode estar explicitamente presente a voz de outros (o chamado discurso reportado ou citado) e que isso pode motivar o uso diferenciado de variantes”.

Nas situações de geração dos dados tal como se deram na presente pesquisa, alguns momentos seriam propícios para a produção de discurso reportado direto. Na fazenda e no zoológico, tanto as pesquisadoras quanto as crianças manipulavam bonequinhos, e na loja, assumiam ‘personagens’ específicos (de comprador e vendedor). Nessas brincadeiras é possível perceber o discurso reportado quando há variação na voz, que ou mais grave ou mais aguda, é produzida de modo a que o interlocutor perceba que se trata da fala do personagem. As variantes consideradas aqui preveem as seguintes situações:

- P – discurso reportado de fala de personagem
- X – discurso reportado de outra natureza que não de personagem
- N – discurso não reportado

4.4.4.3.2 FOCALIZAÇÃO

Esta variável permite averiguar se o modo como os eventos se dispõem na estrutura narrativa em termos de foco discursivo influencia a presença ou não da desinênciade de número-pessoa no verbo. Os fatores considerados são:

- f – *foreground*
- b – *background*
- / – não se aplica (para dados de natureza não narrativa)

4.4.4.3.3 TEMA DA INTERAÇÃO

Essa variável permite examinar a influência do caráter estilístico na produção das crianças. Tendo em vista o roteiro de cada atividade (e sua ausência, no caso da interação inicial), a criança precisa lidar com tarefas relacionadas às regras de cada brincadeira: no zoológico e na fazenda, montar o respectivo brinquedo e depois

animar personagens; na loja, montar a loja e depois assumir os papéis de vendedor e comprador; no reconto, recontar a história; além disso, espera-se que haja a produção de relatos e narrativas letradas nas cinco interações principais (cf. seção 4.3.2). A hipótese referente à variável (cf. SIMÕES, 2005; SCHNEIDER, 2012) é de que os fatores que traduzam experiências letradas conduzam ao favorecimento da aplicação da marca de concordância. Os fatores considerados são os seguintes:

- Y – interação inicial
- X – zoo
- K – loja
- W – fazenda
- Q – reconto
- I – relato pessoal na interação inicial
- Z – relato pessoal no zoo
- L – relato pessoal na loja
- F – relato pessoal na fazenda
- R – relato pessoal no reconto
- M – narrativa letrada na interação inicial
- N – narrativa letrada no zoo
- P – narrativa letrada na loja
- T – narrativa letrada na fazenda
- B – narrativa letrada no reconto

4.4.4.4 AS VARIÁVEIS SOCIAIS

Nesta subseção apresentarei os grupos de fatores de cunho social que compuseram o envelope de variação, discutindo em que medida eles foram ajustados às características da amostra. Das variáveis socioeconômicas, duas são tomadas dos construtos sociológicos já tradicionalmente presentes na pesquisa sociolinguística (*gênero e faixa etária*), e três surgiram localmente da configuração social existente na comunidade (*ocupação do pai, ocupação da mãe e microrregião*); além dessas, duas dizem respeito ao caráter interacional da geração de dados (*pesquisador e participante*). Passo a defini-las.

4.4.4.4.1 GÊNERO

O gênero, tomado como um aspecto da identidade do indivíduo construído através das práticas culturais e sociais, têm se apresentado bastante relevante nos estudos variacionistas. As pesquisas na área mostram que a diferença nos papéis sociais de homem e mulher relativamente à comunidade em que vivem tende a se refletir na linguagem através do uso da regra variável.

Para Eckert e McConnell-Ginet (2003), a dicotomia menina-menino está na base de nossa identidade social, sendo o papel feminino ou masculino aprendido pela criança através das práticas sociais da comunidade à qual pertence. Segundo as autoras, o padrão linguístico utilizado, a maneira de brincar e os brinquedos escolhidos pelos pais em relação aos filhos são parte do tratamento diferenciado que os adultos dão às crianças relativamente aos papéis de gênero. Além disso, meninos e meninas são socializados em grupos diferentes na medida em que durante parte da infância e adolescência se envolvem com grupos do mesmo gênero (KERSWILL e WILLIAMS, 2000; ECKERT e MCCONNELL-GINET, 2003; CAMERON, 2010).

Segundo Cameron (2010), como parte do processo de aquisição da linguagem, as crianças tendem a reproduzir correlações entre gênero e formas linguísticas encontradas na fala adulta da comunidade. Como os padrões de produção variável dos adultos do Beco das Palmeiras não são conhecidos, sob essa perspectiva não é possível tecer hipóteses quanto à produção variável de concordância de terceira pessoa do plural na fala das crianças. No entanto, com base em estudos anteriores (SOARES, 2006) tendemos a crer que as meninas produzam mais marcas padrão que os meninos. A codificação da variável é a seguinte:

F – feminino
M – masculino

4.4.4.4.2 FAIXA ETÁRIA

A estratificação por faixas etárias seguiu o critério de idade cronológica, haja vista a impossibilidade de que fosse realizado um estudo etnográfico de longo tempo a partir do qual fosse possível estabelecer critérios relacionados a estágios de vida das crianças na comunidade (cf. ECKERT, 1998). Além disso, é o critério utilizado pela maioria dos estudos variacionistas sobre dados de adultos, bem como por estudos variacionistas sobre dados infantis (ROBERTS, 1997, 2002; CAMERON, 2010; KERSWILL e WILLIAMS, 2000).

De acordo com Eckert (1998)⁹², a estratificação por idade, além de assinalar o processo dinâmico que distingue etapas do desenvolvimento, estabelece o sentido social de pertencimento a cada etapa de vida. Cameron (2010) assinala que a variação encontrada na infância apresenta aspectos que a distinguem da variação encontrada na fala adulta. Soma-se a isso o fato de as crianças observadas na presente pesquisa ainda estarem, possivelmente, em fase de aquisição do sistema de concordância verbal.

Assim, com a estratificação por idade, espera-se poder verificar, por um lado, através do cruzamento com variáveis linguísticas, questões de desenvolvimento envolvidas na aquisição da regra variável de terceira pessoa do plural, e por outro, pelo cruzamento com as variáveis sociais, aspectos que singularizem a variação linguística na infância, relativamente às faixas etárias observadas, na comunidade do Beco das Palmeiras.

As faixas etárias consideradas neste estudo são:

- 3 – 3 anos
- 4 – 4 anos
- 5 – 5 anos

⁹² Cf. Capítulo 2 desta tese.

4.4.4.3 AS VARIÁVEIS DE ESTRATIFICAÇÃO SOCIOECONÔMICA

Três das variáveis utilizadas para o exame das diferenças socioeconômicas entre as famílias do Beco foram estabelecidas a partir de configurações sociais surgidas localmente na observação participante⁹³. Elas estão relacionadas, por um lado, ao modo de obtenção de renda dos pais, independentemente de estarem juntos ou separados, e, por outro, da microrregião em a criança mora. São elas *ocupação do pai*, *ocupação da mãe* e *microrregião de moradia*.

Os fatores que compõem as variáveis *ocupação do pai* e *ocupação da mãe* querem distinguir o efeito da obtenção regular de renda (em oposição aos que não possuem renda regular), relativamente ao significado social que cada uma das situações pode representar nas experiências de vida da criança.

A opção pela nomenclatura *formal* e *informal* quer sintetizar dois tipos de situação social. Na primeira, os pais que possuem emprego formalizado, como atendente de creche, auxiliar de serviços gerais, montador de móveis, pizzaiolo, padeiro/confeiteiro, balconista, entre outros, que podem desfrutar de vantagens, por um lado, estabelecidas por lei (como seguro desemprego, por exemplo), e por outro, da situação social que a condição representa, tal como poder preencher todas as informações solicitadas na ficha de anamnese da instituição em que o filho está matriculado, como profissão e telefone do emprego. Além disso, o fator inclui as ocupações que promovem estabilidade financeira pela maior oferta de trabalho (como os trabalhadores da construção civil). Na segunda condição (*informal*) foram considerados os que não possuem renda regular e também aqueles cuja renda o

⁹³ Cf. discutido na subseção 1.4.

associa, socialmente, a alguém com *status* inferior (faxineira, reciclador, cadeeiro e os que vivem de Bolsa Família)⁹⁴.

O que eu quis dizer anteriormente com “efeito da obtenção regular de renda” na vida das crianças é que no Beco, tal como discutido na subseção 1.4, ter mais dinheiro disponível significa, para a criança, ter mais experiências fora da comunidade (como passeios ao McDonald’s – seja nos shoppings, seja no centro da cidade) e ter maior quantidade de bens culturais – como livros, dvds, etc. Ou seja, a situação que o fator *ocupação formal* sinaliza é, em última instância, uma maior inserção da criança em experiências letradas, um menor isolamento da experiência da criança no entorno imediato do Beco e, em muitos casos, a adoção pela família de valores ligados à família nuclear tal como se conhece em contextos de classe média: maior individualização da experiência familiar, com posse de brinquedos, quarto ou cama próprios, usufruto de bens de consumo, como mochilas e outros artefatos levados à escola, entre outros índices percebidos na convivência com as crianças. E a hipótese levantada, portanto, é de que filhos de pais com ocupação formal tendem a produzir mais marcas de concordância. A situação social oposta, relacionada a experiências letradas muito ausentes ou rigorosamente instrumentais e não ligadas ao mundo do trabalho ou a representações culturais exógenas, estaria relacionada ao desfavorecimento da produção da desinência de concordância verbal. As variáveis e os respectivos fatores são:

OCUPAÇÃO DO PAI

f – formal
i – informal

⁹⁴ No Brasil, existe a CONCLA (Comissão Nacional de Classificação), ligada ao Ministério do Trabalho e Emprego, cuja função é normatizar as classificações utilizadas por órgãos administrativos e de pesquisa, como o IBGE, por exemplo. Um dos documentos criados pela comissão é a CBO (Classificação Brasileira de Ocupações), um documento que reconhece, nomeia e codifica e descreve as ocupações no mercado de trabalho brasileiro. Para maiores informações, consultar: <http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/saibaMais.jsf>.

OCUPAÇÃO DA MÃE

F – formal

I – informal

A escolha dos códigos (maiúsculas para a ocupação da mãe, e minúsculas para a do pai) está relacionada à expectativa de que a influência da mãe seja mais importante que a do pai, em razão de haver dois tipos de constituição familiar no Beco (cf. discutido na subseção 1.4). Enquanto que no tipo *família pobre* o contato da criança com o pai pode ser esporádico, a presença da mãe é constante nas duas condições familiares.

A divisão da vila em microrregiões foi notada no discurso dos moradores ao longo de todo o trabalho de campo⁹⁵, em grande medida relacionada à heterogeneidade socioeconômica. A dificuldade para esta pesquisa foi estabelecer os limites territoriais. A opção que pareceu mais promissora foi aquela relacionada à história da vila, a que diferentes momentos de ocupação correspondem diferenças na distribuição espacial dos moradores. Os mais antigos se estabeleceram, principalmente, ao longo da Av. Conquista. As ocupações mais recentes são mais próximas ao valão. Fatos narrados nas entrevistas feitas por nós dão conta de que muitos dos moradores antigos conseguiram se estabilizar financeiramente, mas nunca deixaram a vila. Outra situação levada em conta relativamente à divisão em microrregiões é que a organização viária da vila se dá, principalmente, por acessos. Fora a Av. Conquista, só existe uma rua, R. Esperança. A hipótese levantada por esta variável é que as crianças moradoras da Av. Conquista seriam aquelas a apresentarem maiores índices de produção da marca, seguidas pelas da Rua Esperança. As

⁹⁵ Termos como “os de lá e os de cá”, “os de perto do valão”, “o pessoal dos acessos” davam indícios de territorialidade. Uma discussão mais aprofundada da questão pode ser vista no capítulo 1.

moradoras dos acessos apresentariam os menores índices de marcação de concordância.

Assim, o arranjo do grupo de fatores foi o seguinte:

MICRORREGIÃO

- 1 – Av. Conquista
- 2 – Rua Esperança
- 3 – acessos

4.4.4.4.4 PESQUISADOR

Esta variável permite averiguar a possível influência da pessoa do interlocutor que brincava com a criança no momento de geração dos dados na produção de concordância verbal variável dos participantes da pesquisa. O trabalho de geração de dados foi feito por seis pesquisadoras, sendo quatro delas bolsistas de graduação, tal como relatado na seção 1.6. Os pesquisadores⁹⁶ são:

- 1 – Adriana
- 2 – Ilana
- 3 – Eduarda
- 4 – Queila
- 5 – Laura
- 6 – Silvana

4.4.4.4.5 PARTICIPANTE

O objetivo desta variável é obter um índice de aplicação da marca por participante. Isso permite que eventuais discrepâncias possam ser relacionadas a informações de ordem qualitativa. Nas análises em que as outras variáveis sociais forem incluídas, a variável *participante* será excluída, para que não haja problemas de distribuição de dados na amostra. Cada participante foi identificado por pseudônimo:

A	Andressa	u	Catarina	K	Clarissa
B	Betina	v	Yamara	L	Manuela
C	Glória	w	Carine	M	Lúcia

⁹⁶ São utilizados pseudônimos na codificação da variável.

D	Jasmin	x	Carina	N	Adriane
E	Kelly	y	Melissa	O	Sara
F	Augusto	z	Iago	P	Marcelo
G	Breno	\$	Caio	Q	Reinaldo
H	Evandro	%	Fernando	R	Cristóvão
I	Márcio	@	Paulo	S	Daniel
J	Tierre	+	José	T	Manuel

4.5 A PESQUISA COM CRIANÇAS DE CLASSE BAIXA: INTEGRAÇÃO ENTRE METODOLOGIAS E ADAPTAÇÕES NA GERAÇÃO DE DADOS

Ao longo deste capítulo, apresentei e discuti questões relativas ao método utilizado no desenrolar da investigação. Pretendi mostrar, nas duas primeiras seções, o quanto os procedimentos metodológicos, tanto de geração de dados quanto de análise, segundo critérios qualitativos e quantitativos, foram combinados. Os dados gerados por técnicas de pesquisa interpretativa foram cruciais: na seleção das crianças, no entendimento da dinâmica social da comunidade e na caracterização socioeconômica de cada uma das crianças pesquisadas. Por outro lado, somente a partir dos resultados da primeira rodada estatística (com os dados das crianças de 5 anos) foi possível vislumbrar, através de índices que mostravam uma certa polarização da amostra, que havia outras variáveis sociais atuando na fala variável das crianças. Nesse sentido, a integração entre as duas metodologias foi fundamental para a realização dos objetivos previstos no projeto.

Outro aspecto importante abordado no presente capítulo foi a descrição da geração de dados para a análise quantitativa, mostrando as estratégias utilizadas na elicitación dos dados (em que medida a entrevista sociolinguística sofreu adaptações necessárias) em virtude das faixas etárias pesquisadas, e também relativamente aos

interesses em examinar um determinado tipo de variação estilística na fala das crianças.

Por fim, a partir da descrição do aparato quantitativo, pretendi estabelecer em que medida, e através de quais variáveis, os dados das crianças serão comparados aos de adultos; e em que medida, através da criação de variáveis socioeconômicas que tentam refletir aspectos sociais da comunidade, a fala das crianças é afetada socialmente.

No próximo capítulo, apresentarei e discutirei os resultados obtidos na análise estatística. A partir dele será possível avaliar a eficácia dos métodos utilizados na presente pesquisa.

5. RESULTADOS

O objetivo deste capítulo é descrever e discutir os resultados obtidos na análise estatística. Inicialmente, apresentarei a distribuição geral por tipo de desinência. Depois, discutirei a análise principal, que opõe a produção e a não produção da desinência de terceira pessoa do plural na fala das crianças do Beco. Nas duas seções que seguem, apresentarei alguns resultados de variáveis que foram excluídas da rodada principal e de rodadas secundárias, mas que parecem relevantes para a interpretação dos resultados obtidos. Por fim, tratarei da distribuição geral da presença/ausência da nasalização nas ocorrências com a desinência.

O primeiro resultado que devo reportar aqui se refere à quantidade de dados obtidos a partir dos métodos utilizados para sua geração nesta pesquisa, já que esta foi uma questão que perpassou o projeto desde seu início⁹⁷. Foram computados, no total, 1.475 dados observáveis de terceira pessoa do plural. Considerando as dificuldades envolvidas na produção deste contexto linguístico por crianças nas faixas etárias estudadas, conforme já discutido, posso concluir que a metodologia desenvolvida para a geração de dados foi exitosa. Antes da geração dos dados das

⁹⁷ Conforme discutido na seção 3.4 deste trabalho.

crianças de 3 anos, chegamos a pensar que talvez fosse necessário aumentar o número de participantes nessa faixa etária para que fosse obtida uma quantidade de dados comparável com a das outras faixas, o que não aconteceu.

5.1 RESULTADOS GERAIS

Quanto aos índices gerais de marcação da desinência, a primeira das análises preliminares considerou globalmente os três fatores:

- 2 – aplicação da marca com manutenção da nasalização (Eles *foram*);
- 1 – aplicação da marca sem a nasalização (Eles *foru*); e
- 0 – não aplicação da marca (Eles *fo*).

Para o total dos 1.475 dados analisados, a distribuição geral foi a seguinte:

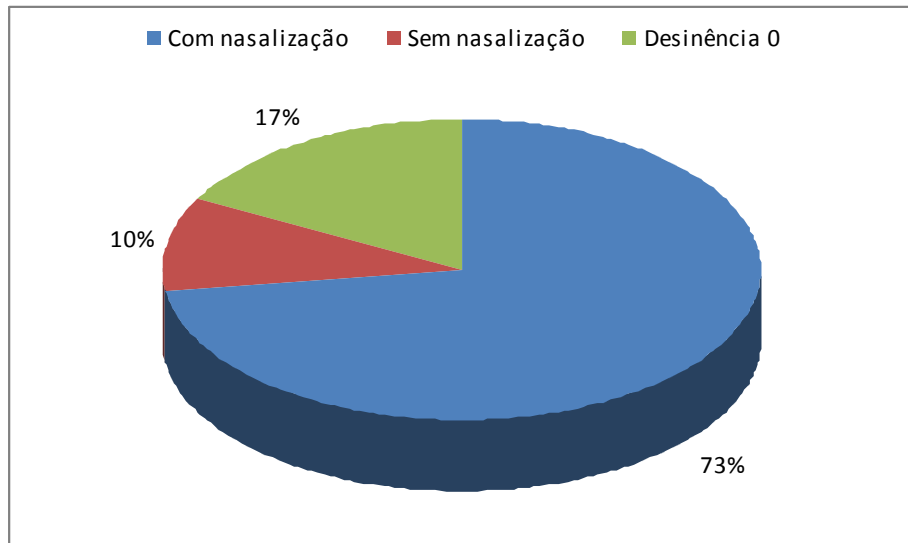
1.063/1.475, 73% de aplicação da marca com a nasalização (2);

159/1.475, 10% de aplicação da marca sem a nasalização (1); e

253/1.475, 17% de não aplicação da marca (0).

Foram computados 354 dados na faixa de 3 anos, 482 na faixa de 4 anos, e 639 na faixa de 5 anos. O Gráfico 1 mostra os percentuais.

Gráfico 1. Distribuição geral do tipo de desinência por porcentagem



Fonte: elaborado pela autora

Para efeito de comparação, a distribuição percentual relatada por Barden (2004), sobre dados de adultos escolarizados de Porto Alegre, seguindo a terminologia utilizada pela autora, é a seguinte:

concordância total: 752/1.321, perfazendo 57%;
concordância parcial: 287/1.321, 22%;
formas sem concordância: 282/1.321, 21%.

A diferença na fala das crianças do Beco é, sobretudo, relativa à distribuição dos dados com desinência, já que estas mostram um percentual significativamente superior de desinência com nasalização.

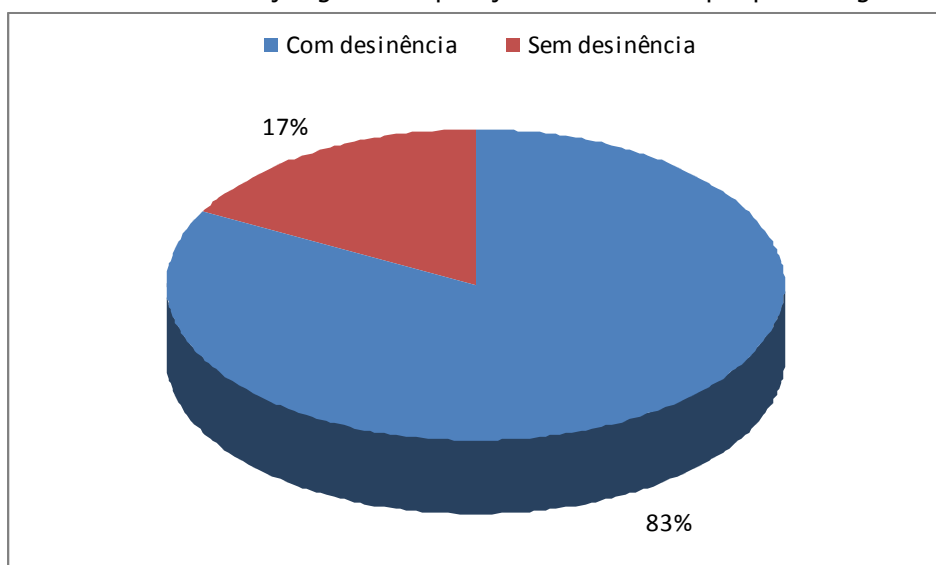
5.2 RODADA PRINCIPAL: PRESENÇA/AUSÊNCIA DA MARCA DE CONCORDÂNCIA

Esta análise focaliza a oposição entre as ocorrências com a presença da desinência (e para tanto foram amalgamados os dados inicialmente codificados como 2 e 1, desconsiderando se a marca tem ou não o traço fonético de nasalização) e a ausência.

Devido ao limite máximo de 60 células para que sejam feitas as rodadas estatísticas pelo programa *GOLDVARB* (e parti de 136 células), realizei rodadas preliminares para estabelecer alguns parâmetros e tomar algumas decisões quanto às variáveis que comporiam a rodada principal. Ao fim, a rodada contou com as seguintes variáveis: *saliência fônica, tempo verbal, tonicidade, tipo de sujeito, tipo de verbo, posição do sujeito, discurso reportado, animacidade do sujeito, focalização, tema da interação, pesquisador, gênero, faixa etária, ocupação do pai, ocupação da mãe e microrregião.*

Os percentuais gerais são de 1.222/1.475 dados de presença da marca, perfazendo 83%, e 253/1.475 (17%) de ausência, tal como visto no Gráfico 2:

Gráfico 2. Distribuição geral da aplicação de desinência por porcentagem



Fonte: elaborado pela autora

Comparativamente aos índices correspondentes obtidos em Soares (2006) (sobre dados de crianças de classe média, que estudavam em escola privada de educação infantil, filhas de pais com escolaridade superior ou média) que são de 87% e 13%, respectivamente, fica evidente que o contexto social desprivilegiado das crianças desta pesquisa não afeta de modo drástico sua produção de concordância

verbal de terceira pessoa. Ao que parece, no município de Porto Alegre, ao menos considerando os dados de crianças cuja aprendizagem do português falado em seu entorno se deu de 1990 para cá, o contexto linguístico variável de terceira pessoa do plural não é um estratificador de classe social⁹⁸.

Nos estudos labovianos no Brasil, o uso variável de terceira pessoa do plural têm sido frequentemente analisado em termos de um espectro dialetal que coloca, num extremo, os dialetos rurais, que apresentam baixos índices de produção da desinência, e, no outro, os dialetos urbanos, com altos índices de aplicação. O Quadro 13 foi produzido com dados do levantamento feito por Lucchesi et al. (2009:348), acrescido dos resultados de Batista e Zilles (2005), Almeida (2006) e Soares (2006) e do resultado geral encontrado na presente pesquisa.

Quadro 13. Percentuais de aplicação da desinência de terceira pessoa do plural em diferentes amostras.

	Amostra	Percentual de aplicação
(i)	Comunidades rurais afro-brasileiras do interior do Estado da Bahia	16%
(ii)	Comunidades de pescadores analfabetos ou pouco escolarizados, no norte do Estado do Rio de Janeiro (Cf. VIEIRA, 1997)	38%
(iii)	Analfabetos da cidade do Rio de Janeiro (Cf. NARO, 1981)	48%
(iv)	Indivíduos escolarizados das cidades do Rio de Janeiro e de Florianópolis (Cf. SCHERRE e NARO, 1997; MONGUILHOTT e COELHO, 2002, respectivamente)	73% e 79%, respectivamente
(v)	Comunidade de remanescentes de escravos em Restinga Segá, RS (Cf. ALMEIDA, 2006)	81%
(vi)	Crianças de comunidade de classe baixa em Porto Alegre (dados referentes a esta investigação)	83%
(vii)	Crianças filhas de pais escolarizados de Porto Alegre (Cf. SOARES, 2006)	87%
(viii)	Informantes do projeto Norma Urbana Culta do Rio de Janeiro, (Cf. GRACIOSA, 1991 <i>Apud</i>	94%

⁹⁸ Como parece ser o contexto de primeira pessoa do plural, tendo em vista a variação percebida nos casos de sujeito *a gente*, produzidos tanto sem desinência (como em *a gente pegava um baldezinho*) quanto com a desinência de primeira pessoa do plural (como em *a gente ainda demo água pras vaca*), fenômeno a ser examinado em pesquisa futura.

	LUCCHESI et al., 2009)	
(ix)	Indivíduos escolarizados da cidade de Porto Alegre (Cf. BATISTA e ZILLES, 2005)	95%

Fonte: Elaborado pela autora

Em relação a tal perspectiva, a produção da desinência na fala das crianças do Beco é superior àquela dos indivíduos escolarizados do Rio de Janeiro e de Florianópolis e inferior à das crianças de classe média de Porto Alegre anteriormente estudadas por mim, bem como dos falantes que compuseram a amostra do projeto NURC do Rio de Janeiro e dos falantes escolarizados de Porto Alegre, se aproximando da frequência de aplicação dos quilombolas de São José dos Pretos. De um modo geral, se poderia falar de um comportamento linguístico de fala urbana já sendo observado desde os três anos de idade numa comunidade de classe baixa. Entretanto, é necessário, nesse ponto, aprofundar a análise para relativizar tal afirmação, sobretudo por se tratarem de dados de crianças.

Não tenho dados de falantes adultos da comunidade estudada, que pudessem, esses sim, servir a uma comparação mais segura aos dados referentes a adultos obtidos em outros estudos. Uma questão que se coloca é a de entender a produção das crianças a partir da informação, levantada na geração de dados interpretativos, de que grande parte dos adultos da comunidade é analfabeta. O estudo de Rodrigues (1992), feito sobre uma amostra de dados de falantes analfabetos ou semiescolarizados de uma comunidade de favelados da periferia de São Paulo, reporta um percentual de aplicação de desinência de terceira pessoa do plural de 29%.

Um quadro evidente sobre as crianças do Beco é que elas convivem diariamente num ambiente escolarizado, que é a creche⁹⁹; elas reconhecem (e são

⁹⁹ Cf. discutido na seção 1.5 deste trabalho.

diariamente levadas a isso pelas educadoras) a importância da escrita na sociedade em que vivem. O dado abaixo, retirado de um diário de campo, exemplifica a questão:

Hoje, a turma do Jardim B estava sob os cuidados da mãe de uma das alunas do Jardim A. Estavam todos envolvidos na tarefa de escrever sua carta para o Papai Noel. Individualmente, a educadora voluntária escrevia num papel o que cada um queria dizer e o aluno deveria copiar. Quando chegamos, ela estava numa das mesas com três alunos. Ela comentou: "esses não sabem nem copiar", referindo-se a eles. Por conta disso, com esses três, ela segurava a mão da criança com o lápis e escreviam assim. Perguntei se eles não poderiam desenhar o que queriam pedir, e ela respondeu que não, enfatizando que a carta deveria ser escrita. Ficamos na sala, a Eduarda e eu, e várias crianças nos pediram ajuda na tarefa. Para três dessas crianças, eu disse que poderiam desenhar, querendo ver sua reação. Nenhuma acatou a proposta. Então, fiz como a educadora, segurando a mão da criança com o lápis, escrevendo assim. Três ou quatro deles eram canhotos, o que dificultava a tarefa para mim que sou destra. A educadora, no final da atividade, também comentou que isso era uma dificuldade para ela. Fui ajudar o Tiago, que ainda estava com a folha vazia enquanto outros trabalhavam. Diante da dificuldade da criança, eu disse, novamente, que ele poderia desenhar, que o papai Noel iria entender o que ele queria. Mais uma vez ouvi como resposta que tinha que ser escrito. E ele não sabia escrever. Segurei a mão dele com o lápis, como a profe estava fazendo, e escrevemos PAPAÍ NOEL. Ele então disse que poderia fazer aquela letra, apontando para o P. Ele copiou a letra P e me mostrou, muito satisfeito, que tinha conseguido.

(Excerto de diário de campo, 01 de dezembro de 2009.)

Na situação narrada, é possível perceber que a crença da educadora voluntária/mãe de uma das crianças é da ordem de valorização do objeto escrito; e talvez as crianças não tenham acatado a opção de desenhar a fim de executarem adequadamente o que lhes havia sido solicitado. De qualquer forma, nenhuma delas cogitou a possibilidade de produzir uma carta para o Papai Noel que não fosse escrita, apesar das dificuldades envolvidas. O trabalho de Silva (2012) mostra que eventos de letramento escolar estão em pauta no dia a dia das crianças¹⁰⁰, assim como, por exemplo, conversas sobre preços de brinquedos contidos num anúncio, sobre uso de cartão de crédito, a tarefa de fazer compras no mercadinho, entre outras.

A meu ver, há dois caminhos para refletir sobre a questão. Um deles é que, na comunidade, a relação das crianças com experiências de letramento escolar é

¹⁰⁰ Vale lembrar que se trata de algumas das crianças que compõem a amostra da presente pesquisa.

recente, experiências essas que talvez os adultos não tenham tido. Dessa perspectiva, está-se falando de crianças que não são alfabetizadas, mas que são mais escolarizadas ou tão escolarizadas quanto alguns adultos.

Outra possibilidade é que a presença da desinência seja um tipo de produção característica da infância no Beco, fruto da convivência diária com o meio escolarizado que é a creche. Talvez, em algum momento do percurso da criança para a vida adulta, sua produção variável de terceira pessoa do plural mude, tendo em vista, por exemplo, a avaliação social que se estabelece no meio escolar sobre alunos oriundos de comunidades populares (LAHIRE, 2008).

De qualquer forma, pensando também nos achados de Almeida (2006), parece que a produção variável de terceira pessoa do plural é mais complexa do que aquela que toma a perspectiva de dialetos rurais e urbanos. Ao que parece, a fala das crianças da comunidade do Beco das Palmeiras confirma esse achado, uma vez que revela haver efeitos de contínuo entre a produção vista como rural e aquela vista como urbana nos estudos realizados no Brasil. De qualquer modo, há aspectos da produção das crianças aqui pesquisadas que talvez demandassem outras formas de investigação para que fosse possível alcançar interpretações mais seguras. Seria importante, por exemplo, averiguar o efeito das experiências letradas das crianças em sua fala variável. Para tanto, seria preciso reunir todos os dados gerados na observação participante que possam fornecer evidências sobre as práticas letradas, escolares e não escolares, das crianças, e, a partir daí, categorizar tais dados de forma a possibilitarem uma rodada estatística que incluísse somente as crianças para as quais se tivessem tais dados. Este é um trabalho a ser feito futuramente.

Na próxima seção, passarei à discussão das variáveis selecionadas estatisticamente.

5.2.1 AS VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

Cinco variáveis linguísticas foram selecionadas como relevantes pelo programa estatístico: *saliência fônica*, *tempo verbal*, *tonicidade*, *tipo de sujeito* e *posição do sujeito*. Nesta seção, apresentarei e discutirei os resultados obtidos.

5.2.1.1 SALIÊNCIA FÔNICA

As primeiras análises foram realizadas com os fatores 1 a 8, conforme determinados inicialmente, já que não houve ocorrências do fator 9 (*veio/vieram*). Os resultados, apresentados na Tabela 10, não se mostraram interpretáveis segundo a hipótese da variável. A forma que apresentou menor peso relativo (0,07) foi uma das que possui grande quantidade de material fônico na distinção com a forma não marcada (*fez/fizeram*). A seguir, com igual peso relativo, também muito baixo (0,14), vêm dois fatores que ocupam os extremos do espectro de saliência fônica, tal como proposto inicialmente (1 e 8). O fator que mostrou maior favorecimento da presença da desinência foi 4 (*dá/dão; está/estão*), com peso relativo de 0,79. Em relação ao fator 7 (*é/são*), que se mostrou favorecedor da aplicação da marca com peso relativo de 0,57, é preciso pensar que, dependendo do contexto, este pode ser um verbo formulaico significando *sim*. O excerto abaixo exemplifica esse uso:

Paulo_4anos_zoo

Pa: Paulo

P: pesquisador

18:54 P: Eles são irmãos?

18:56 Pa: São.

Nas faixas etárias aqui consideradas, este uso formulaico pode competir com a diferença fonética existente entre as duas formas, e obscurecê-la, uma vez que é possível à criança memorizar as formas possíveis de responder a uma pergunta focal em português como entradas lexicais não analisadas.

Um problema mostrado na tabela, também, é que os graus 3 e 6 apresentavam uma quantidade de dados inferior ao mínimo desejado.

Tabela 10. Relação entre a aplicação da desinência e a variável *saliência fônica*

	Ocorrências	/	Total	%	Peso Relativo
<i>Dá/dão; está/estão</i> – 4	377	/	412	91	0,79
<i>É/são</i> – 7	131	/	202	64	0,57
<i>Faz/fazem</i> – 3	23	/	32	71	0,47
<i>Sumiu/sumiram</i> – 5	301	/	333	90	0,43
<i>Fala/falam</i> – 2	220	/	271	81	0,40
<i>Come/comem</i> – 1	61	/	98	62	0,14
<i>Foi/foram</i> – 8	91	/	107	85	0,14
<i>Fez/fizeram</i> – 6	18	/	22	81	0,07
TOTAL	1222	/	1475	82	

Fonte: elaborada pela autora

Para ser produtivo, então, o grupo de fatores deveria ser rearranjado. Na proposta inicial, Lemle e Naro (1977) e Naro (1981) salientaram haver dois graus de atuação do princípio de saliência fônica em relação ao acento da forma verbal. No primeiro, o acento do verbo é na raiz; no outro, é na desinência. Assim, nos três primeiros níveis tem-se o contraste entre singular e plural somente na desinência, não coincidindo com o acento. A hipótese da variável é de que os níveis de menor saliência na escala, 1, 2 e 3, conduziram à não aplicação da marca. Segundo os autores, o quarto nível é o primeiro cujo contraste está na sobreposição da desinência com o acento. Nos resultados obtidos por Lemle e Naro (1977), o quarto nível é o primeiro a apresentar favorecimento da aplicação de concordância em relação aos outros três primeiros. Monguilhott e Coelho (2002) examinaram a fala de informantes cultos de Florianópolis e, em relação à saliência fônica, encontraram o maior peso relativo de ocorrências com marca no nível quatro, tal como nos dados das crianças de Soares (2006).

Uma questão importante que perpassa a literatura sobre o sistema morfossintático de concordância variável (GUY, 1981; LOREGIAN, 2001; AMARAL, 2003; SCHERRE, NARO e CARDOSO, 2007;) é o quanto a atuação desta variável está cruzada com a atuação de outras variáveis morfossintáticas como *tempo verbal, tonicidade, vogal temática do verbo e apresentação do verbo* (AMARAL, 2002). Na codificação que usei inicialmente, o nível 7, por exemplo, era representado pelo verbo *ser*, somente, no presente do indicativo. Assim, não é possível saber se o que está favorecendo a produção da desinência é o tempo verbal, ou o fato de eventualmente ser um verbo formulaico, ou o fato de as formas de singular e de plural terem material fônico diferente e/ou a desinência recair sobre a sílaba tônica. Amaral (2002; 2003) sugere que as variáveis precisam estar organizadas em unidades tipológicas e serem hierarquizadas, para testagens posteriores. A hipótese do autor é a seguinte:

a variação de um item de fala em dado dialeto pode ser provocada e impulsionada fundamentalmente por um fator linguístico (ou, no máximo, pela sua interação com outro fator linguístico) (AMARAL, 2002:52).

Voltarei a esta questão na discussão das variáveis seguintes. Por ora, vale lembrar que o princípio geral que embasa o grupo de fatores, de saliência de certos materiais fônicos, é um princípio bastante caro às teorias de aquisição da linguagem por crianças (SLOBIN, 1980). A questão é estabelecer os graus em que a distinção fônica se dá. Assim, se num nível o contraste se dá em relação à quantidade de material fônico somente na desinência e no outro, além da quantidade de material fônico, há a relação com a mudança de tonicidade, pode-se esperar que quando a marca (representando maior quantidade de material fônico) recaia na sílaba tônica, este seja um contexto de máxima saliência. A recodificação da variável feita aqui, seguindo aquela proposta por Lucchesi et al. (2009), estabeleceu três níveis de saliência:

- A – pouca mudança fônica (fatores 1 e 2)
- B – muita mudança fônica sem acento na marca (fatores 3, 5, 6 e 8)
- C – muita mudança fônica com acento na marca (fatores 4, 7)

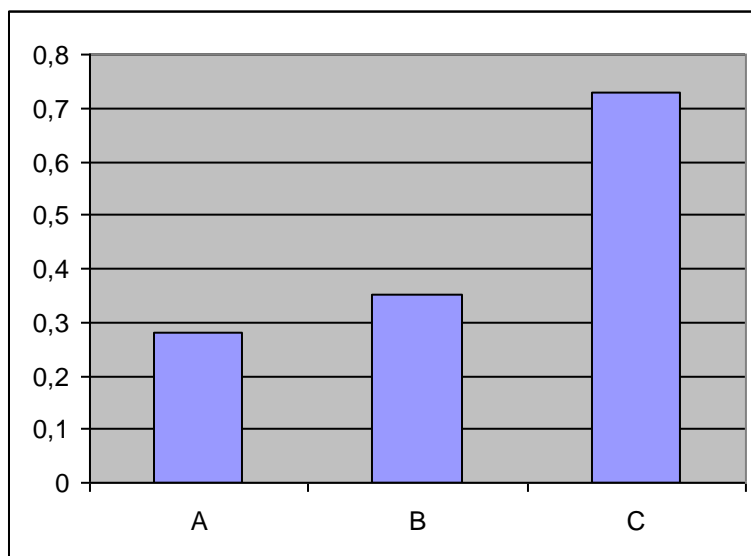
Tabela 11. Relação entre a aplicação da desinência e a variável *saliência fônica* recodificada

	Ocorrências	/	Total	%	Peso Relativo
Muita mudança fônica com acento na marca – C	508	/	612	83	0,73
Muita mudança fônica sem Acento na marca – B	433	/	494	87	0,35
Pouca mudança fônica – A	281	/	369	76	0,28
TOTAL	1222	/	1475	82	

Fonte: elaborada pela autora

Conforme os resultados apresentados na Tabela 11, os pesos relativos mostraram que, considerada desse modo, a variável teve um comportamento muito de acordo com o esperado, com as formas mais salientes (com muita mudança fônica e acento na marca) favorecendo fortemente a presença da desinência (0,73), seguidas das formas com saliência intermediária (com muita mudança fônica e sem acento na marca), e por último, desfavorecendo fortemente a produção da desinência (com peso relativo de 0,28), as formas menos salientes (pouca mudança fônica). O Gráfico 3 representa os resultados das formas menos salientes (A) para as mais salientes (C):

Gráfico 3. Atuação da variável *saliência fônica*



Fonte: elaborado pela autora

É importante notar, por fim, que do modo como tinha sido codificada inicialmente, era uma variável que interferia fortemente no efeito das outras, sendo selecionada em todas as análises. Depois de recodificada, isso deixou de acontecer, conforme veremos no seguimento da discussão dos resultados obtidos.

5.2.1.2 TEMPO VERBAL

Na amostra de fala das crianças do Beco, os tempos verbais produzidos foram consistentemente os do modo indicativo (presente, pretérito perfeito, pretérito imperfeito e perífrase de futuro), e, por isso, os demais foram retirados da análise. A Tabela 12 apresenta as frequências e pesos relativos de cada um dos fatores:

Tabela 12. Relação entre a aplicação da desinência e a variável *tempo verbal*

	Ocorrências / Total	%	Peso Relativo
pretérito perfeito – M	402 / 442	90	0,74
futuro do presente – F	169 / 186	90	0,46
pretérito imperfeito – I	90 / 114	78	0,45
presente do indicativo – P	552 / 717	76	0,35
TOTAL	1213 / 1459	83	

Fonte: elaborada pela autora

O *pretérito perfeito*, com 90% de frequência de aplicação e 0,74 de peso relativo foi o único fator a mostrar favorecimento da produção da desinência. O futuro do presente e o pretérito imperfeito, com 90% e 0,46 de peso relativo e 78% e 0,45 de peso relativo, respectivamente, se mostraram levemente desfavorecedores da marca. O tempo verbal com maior índice de desfavorecimento foi o *presente* com 76% de frequência e peso relativo de 0,35.

Os resultados relatados em Batista e Zilles (2005), sobre falantes de Porto Alegre, dados em termos de peso relativo do apagamento da desinência de terceira pessoa do plural, são semelhantes: o perfeito (peso relativo 0,06¹⁰¹) é fortemente relacionado à presença da marca; as outras formas verbais favorecem o apagamento: perífrase de futuro: 0,54; presente do indicativo: 0,58; imperfeito do indicativo: 0,70; presente do subjuntivo: 0,73; e infinitivo flexionado: 0,85. No entanto, outros trabalhos mostram resultados diferentes. Em Almeida (2006), todas as formas do indicativo favorecem a presença da marca, enquanto que as formas de subjuntivo a desfavorecem.

A hipótese levantada para esta variável relaciona-se à discussão apresentada anteriormente (AMARAL, 2002) a respeito da variável saliência fônica. Os tempos verbais cujas desinências produzem formas mais salientes seriam, por isso, os

¹⁰¹ Como a análise é realizada pelos valores de apagamento, os pesos relativos de índices menores são os que representam maior favorecimento à produção da desinência.

mais fortes a favorecerem a produção da marca, ao contrário daqueles que produzem formas menos salientes. Além disso, concordo com o autor quando afirma que ao pesquisador cabe buscar o fator linguístico que conduz à opção pela produção da desinência.

Com base nesta perspectiva, realizei alguns cruzamentos a fim de tentar verificar como, na amostra das crianças do Beco, a variável *tempo verbal* se relaciona com *saliência fônica* e *tonicidade*¹⁰², e, pensando no papel dos tempos verbais nos planos narrativos (figura/fundo), com a variável *focalização*¹⁰³. Os resultados dos percentuais de aplicação da marca, vistos na Tabela 13, mostram que esta amostra apresenta problemas de ortogonalidade entre estas variáveis já que há células com 100% de produção de desinência (e, portanto, nenhuma ocorrência sem a desinência) e células sem nenhum dado (aquelas assinaladas com 0).

Tabela 13. Cruzamento da variável *tempo verbal* com as variáveis *saliência fônica*, *tonicidade* e *focalização* em termos de percentuais de aplicação da marca.

	Saliência Fônica			Tonicidade		Focalização	
	C	B	A	monossílabo	paroxítona	foreground	background
presente	79%	71%	74%	80%	76%	89%	76%
perfeito	100%	91%	100%	100%	99%	93%	100%
imperfeito	0	80%	79%	0	90%	87%	77%
futuro	83%	0	0	99%	100%	100%	0

Fonte: elaborada pela autora

A partir destes resultados, prefiro considerar que não é possível averiguar o efeito da variável *tempo verbal* na amostra das crianças do Beco. Outros estudos são necessários, a serem feitos em pesquisas futuras, em vista das faixas etárias das crianças da pesquisa. É preciso examinar a possibilidade de a produção da desinência

¹⁰² As análises referentes às variáveis *tonicidade* e *focalização* serão apresentadas a seguir, nesta mesma seção.

¹⁰³ Embora o cruzamento com *focalização* só pudesse explicar uma parte pequena dos dados, já que esta variável foi codificada somente para as ocorrências em contextos narrativos.

de terceira pessoa ter relação com os tempos verbais que as crianças já adquiriram em cada faixa etária, pensando, por exemplo, que as poucas formas de subjuntivo foram produzidas somente por crianças de 5 anos. Além disso, o sistema de relações temporais na fala infantil sofre um processo de transição por volta dos 4 aos 5 anos de idade, quando, em estruturas narrativas, a locação temporal passa de monorreferencial, em que a dimensão do evento narrado é a mesma dimensão do ato da fala, para birreferencial, quando há pontos de referência relacionados (WEIST, 1986; WEIST et al., 1999).

5.2.1.3 POSIÇÃO DO SUJEITO EM RELAÇÃO AO VERBO

Com relação à variável *posição do sujeito em relação ao verbo*, o objetivo foi verificar a influência de construções opondo sujeito pré-verbal e pós-verbal na produção da desinência de terceira pessoa do plural pelas crianças, e também a possível interferência de material fônico entre o sujeito e o verbo. Na análise preliminar, o fator *posterior com material interveniente*, além de contar com um número bastante reduzido de ocorrências (somente 9), apresentou um percentual de aplicação (22%) próximo do fator *posterior* (que nessa etapa mostrou 27% de aplicação). Por isso, na rodada geral, os dois fatores foram amalgamados. Os resultados percentuais e de peso relativo referentes à aplicação da desinência na variável *posição do sujeito em relação ao verbo* podem ser vistos na Tabela 14:

Tabela 14. Relação entre a aplicação da desinência e a variável *posição do sujeito*

	Ocorrências	/	Total	%	Peso Relativo
Anterior adjacente – a	714	/	837	85	0,59
Anterior com material interveniente – d	80	/	103	77	0,41
Posterior – p	34	/	119	28	0,09
TOTAL	828	/	1059	78	

Fonte: elaborada pela autora

Segundo os índices, o único fator a favorecer a produção da marca é *anterior adjacente*, com frequência de 85% e peso relativo de 0,59. O fator *posterior* mostrou tendência bastante forte de desfavorecer a presença da desinência, com frequência de 28% e peso relativo de 0,09. Num nível intermediário, mas também com tendência a desfavorecer a marca apareceu o fator *anterior com material interveniente*, com 77% de frequência e 0,41 de peso relativo.

De forma geral, é possível dizer que os índices corroboram as expectativas da variável de maior presença da desinência com sujeito anteposto que com sujeito posposto. Resultados desta ordem foram relatados em Lemle e Naro (1977), Vieira (1997), Monguilhott e Coelho, (2002).

Os dois estudos realizados com dados de falantes adultos de Porto Alegre (BARDEN, 2004; BATISTA e ZILLES, 2005) também apresentaram resultados parelhos em relação a esta variável. E ambos também foi averiguado, na variável, a influência de material interveniente entre o sujeito e o verbo. No estudo de Barden, o grupo considerou quatro fatores. Os resultados mostraram que não só a posição, mas também a quantidade de material fônico influíram na produção da desinência pelos falantes. Estruturas com sujeito imediatamente anteposto ou anteposto com material interveniente de até três sílabas favoreciam a produção da marca, enquanto que aquelas com mais de três sílabas favoreciam a não marcação de concordância. Os índices em percentagem e peso relativo relatados na pesquisa são:

imediatamente anteposto: 414/502 (82%) e 0,63;
anteposto com 1 a 3 sílabas: 202/251 (80%) e 0,60;
anteposto distante (mais de 3 sílabas): 200/267 (75%) e 0,39;
sujeito posposto: 40/116 (34%) e 0,11.

Batista e Zilles (2005), considerando o apagamento da marca, obtiveram índices probabilísticos de presença da marca para sujeitos antepostos e contíguos ao verbo e de ausência da marca para sujeitos antepostos a não contíguos e sujeitos pospostos. Os números, em peso relativo, são os que seguem:

sujeito contíguo (ordem SV): 0,43;
sujeito não contíguo (ordem SV): 0,74;
sujeito posposto: 0,89.

Nesta perspectiva, a fala das crianças do Beco não difere da fala dos adultos escolarizados de Porto Alegre. Comparativamente à produção das crianças do estudo anterior (SOARES, 2006), nas crianças do Beco, a interferência de material interveniente foi importante. No estudo com as crianças de classe média, os fatores foram amalgamados em sujeito anterior e posterior ao verbo, já que a presença de material interveniente não se mostrou importante.

Neste ponto, vale ressaltar que o efeito desta variável é, em alguma medida, cruzado com o da variável *tipo de verbo*, já que as marcas de transitividade (agentividade, traço de [+] humanidade) do verbo tendem a produzir uma estrutura SV, ao passo que verbos inacusativos (não-agentivos, selecionando sujeitos com traços de objeto) estão fortemente relacionados à estrutura de ordem VS. Neste estudo, optei por distinguir *posição do sujeito* e *tipo de verbo* para poder averiguar a força de atuação das duas variáveis separadamente. E dentre as duas variáveis, somente *posição do sujeito* foi selecionada como relevante.

5.2.1.4 TONICIDADE

Em relação à variável tonicidade, os fatores *proparoxítonas* e *oxítonas* foram retirados da análise. Aquele por não apresentar nenhuma ocorrência; este, porque todas as ocorrências associadas a ele eram, necessariamente, de ausência da desinência, como pode ser visto exemplificado nas ocorrências abaixo:

(6) daí o Frederico e o ratinho foi na bicicleta e foi embora.

(Breno_5anos_reconto)

(7) Caiu os cavalo. (Catarina_4anos_fazenda)

(8) Os porquinho não morreu. (Reinaldo_3anos_zoo)

Na análise, então, o grupo contou com dois fatores: *paroxítonas* e *monossílabos tônicos*. Os resultados são apresentados na Tabela 15:

Tabela 15. Relação entre a aplicação da desinência e a variável *tonicidade*

	Ocorrências	/	Total	%	Peso Relativo
Paroxítonas – P	715	/	812	88	0,54
Monossílabos tônicos – M	504	/	587	85	0,44
TOTAL	1299	/	1399	87	

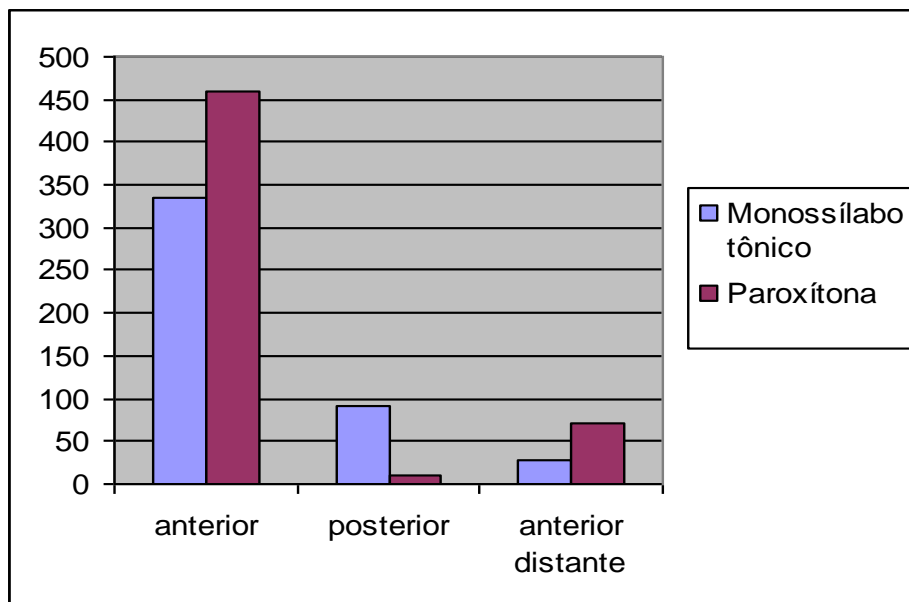
Fonte: elaborada pela autora

Segundo os índices, as paroxítonas favorecem a produção da marca, com 88% de frequência de aplicação e peso relativo de 0,54, enquanto os monossílabos tônicos desfavorecem a desinência, com 85% de frequência de marcação e peso relativo de 0,44. Tais resultados contrariam a hipótese levantada inicialmente de que os monossílabos tônicos favoreceriam a presença da marca por representarem contextos muito salientes (a desinência na sílaba tônica).

A fim de interpretar melhor estes resultados, realizei um cruzamento entre as variáveis *tonicidade* e *posição do sujeito*, já que esta última mostrou uma atuação

robusta de não produção da desinência em contextos de sujeitos pós-verbais. Os resultados são vistos no Gráfico 4:

Gráfico 4: Cruzamento entre as variáveis *tonicidade* e *posição do sujeito*.



Fonte: elaborado pela autora

Segundo o gráfico, a posição de anterioridade do sujeito ao verbo, independentemente de haver material interveniente, está diretamente relacionada ao maior número de ocorrências de paroxítonas, ao passo que a posposição do sujeito ao verbo ocorre com maior número de monossílabos tônicos. Como os pesos relativos dos dois fatores da variável *tonicidade* não se distanciam muito do ponto neutro (0,50), parece razoável supor que a posição do sujeito esteja atuando mais fortemente que a tonicidade na amostra aqui sob estudo.

5.2.1.5 TIPO DE SUJEITO

Com o grupo de fatores *tipo de sujeito*, eu tinha por objetivo avaliar se a produção da desinência de plural de terceira pessoa na fala das crianças do Beco sofre influência da forma de apresentação do sujeito (ou de sua elipse).

Não foi possível testar o fator *pronome relativo* na rodada geral por causa do baixo número de ocorrências (19). No entanto, sua atuação foi verificada antes de ser retirado da análise. O resultado em termos de frequência foi de 12/19 (62%) de aplicação da marca, um índice significativamente abaixo do índice geral de aplicação (que foi de 82%), e peso relativo de 0,21. Mesmo que não seja um resultado confiável, devido ao número pequeno de ocorrências, parece que a produção das crianças do Beco, em relação ao efeito do *pronome relativo* na produção da marca de concordância, é semelhante ao resultado de adultos. Dentre os estudos que incluíram o *pronome relativo* no exame do tipo de sujeito está o de Monguilhott e Coelho (2002), cujos achados para este fator são da ordem de 137/166 (83%) e peso relativo de 0,47. Lucchesi et al. (2009), cujo exame se deu através de uma variável que incluía posição e tipo de realização do sujeito, encontraram índices de aplicação do fator *pronome relativo* da ordem de 13/148 (9%) e 0,35 de peso relativo. Uma interpretação possível para esta situação é dada por Lucchesi et al. (2009:354):

Esse resultado ajusta-se à proposta de Ilza Ribeiro, apresentada no capítulo 7 deste livro, segundo a qual o relativizador em uma oração relativa com antecedente não teria uma natureza pronominal, e sim a de um complementizador neutro, desprovido dos traços de pessoa e número. Por não possuir tais traços, o relativizador não seria, em princípio, capaz de desencadear o processo de concordância verbal.

O resultado do fator *tipo de sujeito não esperado para o contexto* será comentado adiante, na próxima seção. Os fatores efetivamente testados na variável foram *sujeito nulo*, *pronome reto*, *pronome demonstrativo* e *SN pleno*. Os resultados são vistos na Tabela 16:

Tabela 16. Relação entre a aplicação da desinência e a variável tipo de sujeito

	Ocorrências	/	Total	%	Peso Relativo
Sujeito nulo – n	407	/	430	94	0,57
Pronome reto + Pronome demonstrativo	526	/	616	85	0,54
SN pleno – p	166	/	298	55	0,30
TOTAL	1213	/	1459	83	

Fonte: elaborada pela autora

O fator *sujeito nulo* foi o que mostrou maior favorecimento de produção da desinência, com frequência de 94% e peso relativo de 0,57, corroborando a hipótese levantada para a variável. Resultados como esse foram relatados nos estudos de Lucchesi et al. (2009), cujos índices de frequência e peso relativo para o fator *sujeito não realizado* foi de 80/297 (27%), e 0,61, e também no de Rodrigues (1992), que dados em termos de não aplicação da marca foram de 49/188 (26%) e 0,19 de peso relativo.

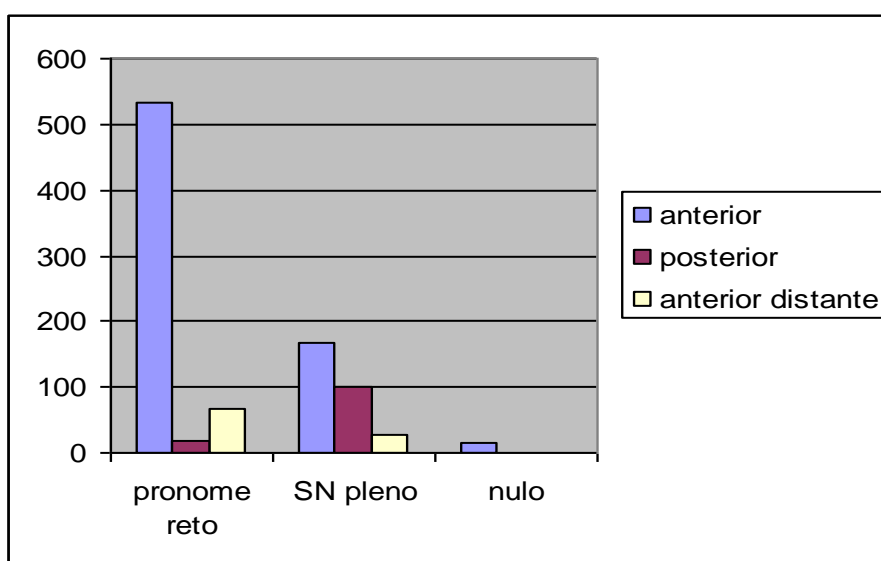
Os fatores *pronome reto* e *pronome demonstrativo* amalgamados¹⁰⁴ favorecem a presença da marca, com peso relativo de 0,54. Em Monguilhott e Coelho (2002) os dois fatores também foram amalgamados, e juntos, apresentaram o índice de maior favorecimento de aplicação do morfema de concordância: 629/717 (88%), 0,59.

O *SN pleno* foi o único tipo de sujeito a atuar no desfavorecimento da desinência. A proposta de Zilles (2000), um exame sobre variáveis atuantes na produção de estruturas VS (de posposição do sujeito), é de que os SN plenos estariam fortemente relacionados a estruturas de sujeito posposto. Realizei o cruzamento entre as duas variáveis (*tipo de sujeito* e *posição do sujeito*) para verificar se tal relação se estabelece também para a amostra da presente pesquisa. O Gráfico 5 mostra o

¹⁰⁴ Um teste de significância estatística confirmou a adequação deste procedimento.

resultado do cruzamento em termos do número de ocorrências de presença da marca. Olhando a distribuição dos sujeitos que estão na posição posterior ao verbo, vemos que é no SN pleno que se encontra o maior número de ocorrências desse fator. Assim, parece possível supor que nesta amostra os SNs plenos estejam, de fato, como sugere Zilles (2000), relacionados às ocorrências de sujeito posterior ao verbo.

Gráfico 5. Cruzamento entre as variáveis *tipo de sujeito* e *posição do sujeito* em relação ao número de ocorrências de presença da marca



Fonte: elaborado pela autora

5.2.2 A VARIÁVEL DISCURSIVA

A única variável discursiva selecionada pelo programa estatístico foi *focalização*. Para Hopper (1979) a narrativa pode ser constituída em dois planos principais. Os eventos que são ordenados cronologicamente formam o primeiro plano, ou *foreground*, abarcando a linha da história ou o esqueleto temporal da narrativa. As informações adicionais, ou de suporte, formam o plano de fundo, ou *background*, sem que haja a possibilidade de este narrar sozinho os eventos da estrutura principal.

Tomando o desenvolvimento do discurso narrativo tal como apresentado por Perroni (1992), tem-se a interlocução como um aspecto inerente ao próprio processo por que a criança passa. Zilles (1998), num estudo sobre o *background* e seu desenvolvimento no discurso narrativo infantil salienta o caráter interacional deste plano narrativo e afirma:

Do ponto de vista da aquisição da linguagem, o que é preciso para que a criança compreenda as funções do *BG* e assim incrementamente suas narrativas? Um aspecto importante parece ser a necessidade de levar em conta o interlocutor, seu estado de conhecimento, suas necessidades comunicativas. O desenvolvimento do *BG* põe em relevo o caráter interacional do discurso narrativo. (ZILLES, 1998:204)

É importante levar essa questão em conta aqui, porque a hipótese levantada com relação a esta variável é da ordem da manutenção da linha narrativa e da interlocução. Segundo Amaral (2002:66) *quando há inserção de um trecho discursivo que surge em virtude da necessidade de clareza impostas pela interação informante-entrevistador, há a adoção de um estilo menos formal*. Dessa forma, a expectativa é de que as orações que compõem o *foreground* favoreçam a produção da marca ao passo que as do *background* a desfavoreçam. A Tabela 17 mostra que a fala das crianças corrobora a hipótese, com o *foreground* apresentando 92% de frequência de marcação da concordância e peso relativo de 0,54, e o *background*, 77% e 0,34.

Tabela 17. Relação entre a aplicação da desinênci e a variável *focalização*

	Ocorrências	/	Total	%	Peso Relativo
Foreground – f	364	/	395	92	0,54
Background – b	88	/	114	77	0,34
TOTAL	452	/	509	88	

Fonte: elaborada pela autora

5.2.3 AS VARIÁVEIS SOCIAIS

Das variáveis sociais testadas inicialmente, três foram selecionadas pelo programa como estatisticamente relevantes: *pesquisador, faixa etária e ocupação da mãe*.

A seguir, apresento seus resultados.

5.2.3.1 PESQUISADOR

O objetivo de codificar essa variável era examinar se o indivíduo pesquisador teria influência na produção da marca de concordância pelas crianças. É interessante o fato de ela ter sido selecionada porque, por um lado, houve preocupação do grupo que estava fazendo a geração dos dados junto às crianças de que se produzisse uma fala que fosse variável, no sentido de que a fala do pesquisador influenciasse o menos possível na produção da criança. Por outro lado, salienta a relevância do aspecto de interlocução que entrevistas, tais como as que foram feitas nesta pesquisa, têm.

Um aspecto importante para se pensar o papel do pesquisador é levantado por Fine e Sandstrom (1988) a respeito do método etnográfico de observação participante com crianças, mas que diz respeito a outros métodos de pesquisa com criança. Segundo os autores, na pesquisa com adultos, pesquisador e pesquisado têm o mesmo *status* hierárquico um em relação ao outro. Na pesquisa com crianças, tal norma não se aplica totalmente, porque os papéis sociais dos participantes são, também, influenciados por idade, desenvolvimento cognitivo, maturidade física e responsabilidade social. E talvez seja interessante refletir sobre se isso pode vir a influenciar a fala das crianças. Não tenho uma resposta para esta questão aqui, mas uma possibilidade de encaminhamento da reflexão talvez seja tomar a própria

entrevista como objeto de análise (TALMY e RICHARDS, 2011), de uma perspectiva de evento de fala socialmente situado, tentando perceber as interpretações que a criança faz sobre quem o pesquisador é e o que ele faz ali, de modo a obter-se informações que possam iluminar os resultados desta variável na análise quantitativa.

Na seção 4.3 levantei a necessidade de adaptação dos pesquisadores à comunidade pesquisada, e citei o exemplo de uma das bolsistas que mostrou certa dificuldade em relação ao universo social das crianças. Na análise, o fator correspondente a ela precisou ser retirado pelo baixo número de ocorrências. Nas interações que ela conduziu, a quantidade de ocorrências de concordância verbal variável (de primeira e terceira pessoa) foi bem reduzida. A Tabela 18 mostra os resultados da variável na rodada. As interações com as pesquisadoras Laura e Silvana favoreceram a produção da marca pelas crianças, com índices de 87% e 0,60 de peso relativo e 84% e 0,55 de peso relativo, respectivamente. As interações com as outras duas pesquisadoras, Eduarda e Queila, desfavoreceram a produção da marca com índices de 80% e 0,40 e 74% e 0,35, respectivamente.

Tabela 18. Relação entre a aplicação da desinência e a variável *pesquisador*

	Ocorrências	/	Total	%	Peso Relativo
Laura – 5	400	/	458	87	0,60
Silvana – 6	311	/	366	84	0,55
Eduarda – 3	381	/	475	80	0,40
Queila – 4	118	/	159	74	0,35
TOTAL	1210	/	1458	82	

Fonte: elaborada pela autora

A interpretação desses índices é complexa, já que mesmo havendo treinamento para garantir a produção de concordância verbal variável pelas pesquisadoras, suas características socioculturais (como idade, experiências pessoais anteriores com crianças, experiências anteriores relacionadas ao meio social em que se

dá a pesquisa) podem influenciar as interações com as crianças a ponto de afetar sua fala variável. Dentre as entrevistadoras, Laura parece ser a que possui um estilo de fala que mais se aproxima da norma padrão e as crianças podem estar reagindo a isso. Além do mais, mesmo todas tendo sido treinadas para a tarefa de geração de dados, Laura, Silvana e Eduarda apresentaram plena adesão ao projeto, diferentemente de Queila, que num determinado momento, afastou-se do trabalho. E nesse sentido, o questionamento a ser levantado, e para o qual não tenho resposta no momento, é, de que modo o grau de engajamento do pesquisador no projeto pode operar na interação influenciando a produção variável de concordância das crianças?

5.2.3.2 FAIXA ETÁRIA

Nos estudos sociolinguísticos sobre concordância variável, o fator *faixa etária* tem se consagrado como de extrema relevância, já que é capaz de apontar tendências sobre mudança em tempo aparente ou ainda de relacionar o sistema variável a pressões sociais como as do mercado de trabalho.

Os resultados da variável na rodada, vistos na Tabela 19, mostram que as crianças da faixa de 4 anos são as que apresentam maior índice de produção da desinência, com 88% de frequência e 0,62 de peso relativo. Às crianças de 5 anos e 3 anos foram atribuídos índices de desfavorecimento da marca, de 80% e 0,62 e 79% e 0,40, respectivamente.

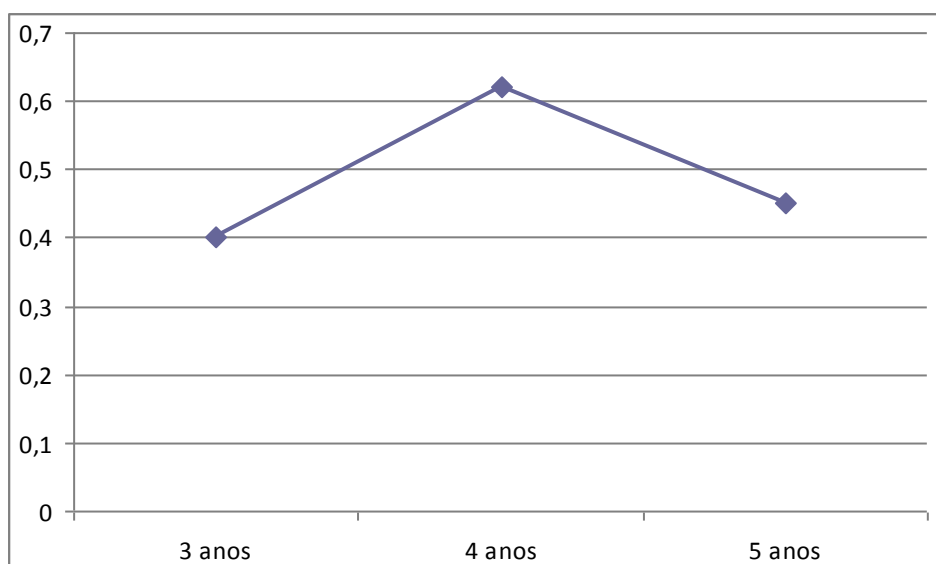
Tabela 19. Relação entre a aplicação da desinência e a variável *faixa etária*

	Ocorrências	/	Total	%	Peso Relativo
4 anos	428	/	482	88	0,62
5 anos	513	/	639	80	0,45
3 anos	281	/	354	79	0,40
TOTAL	1222	/	1475	82	

Fonte: elaborada pela autora

É possível que o incremento linguístico percebido em estudos sobre o desenvolvimento do discurso narrativo na fase dos 4 aos 5 anos, como aqueles relacionados a referências temporais e o uso de conetivos de sequencialidade (cf. PERRONI, 1992; WEIST, 1986) se reflita no sistema variável de concordância, de modo que as crianças de 4 anos focalizem a presença da desinência na faixa de 4 anos. No Gráfico 6, que mostra a representação dos pesos relativos de acordo com a faixa etária, pode-se ver o pico de produção da marca aos 4 anos.

Gráfico 6. Produção da marca de concordância de acordo com a faixa etária



Fonte: elaborado pela autora

É preciso ter em mente também que entre 3 e 6 anos, a rigor, a categorização das crianças na respectiva faixa etária pode estar sendo muito arbitrária, mais do que o é em relação a jovens e adultos. Seria preciso poder reagrupar as crianças em termos de índices de desenvolvimento, tal como, por exemplo, o número de verbos por enunciado, (cf. SIMÕES, 1997). Mas para isso ser feito adequadamente, as atividades de geração de dados com uma mesma criança deveriam ter o menor intervalo possível entre elas. Um problema com a produção da amostra desta pesquisa,

é que, com algumas crianças, isso não foi possível, devido a interveniências de diversas ordens (como, por exemplo, a época de férias da creche, ou quando uma delas quebrou o pé e ficou um certo tempo afastada). Este problema se evidenciou na conferência das gravações, em que era perceptível a diferença de maturidade linguística de algumas crianças entre diferentes atividades. Um trabalho a ser feito futuramente é o levantamento desses casos e a posterior rodada estatística sem estes participantes.

De qualquer forma, deve-se pensar que ao se tomar os três grupos etários tal como foi feito aqui, o grupo do meio é mais heterogêneo que os dos extremos, sendo esperado que seja ele aquele a mostrar um comportamento diferente dos outros.

Outra questão que pode estar afetando os resultados da variável diz respeito a como a amostra foi produzida em termos das categorias que foram criadas para examinar a condição socioeconômica das crianças. Não foi possível formar células em termos de representatividade para cada uma das categorias. Por isso, é possível que a atuação das outras variáveis sociais seja diferente em cada uma das faixas etárias. A fim de verificar esta situação, fiz três rodadas secundárias tendo como *corpus*, em cada uma delas, somente os dados de cada uma das faixas etárias separadamente. Dos resultados obtidos nestas análises, vou me ater à discussão das variáveis sociais selecionadas em cada uma destas rodadas. Os resultados referentes às variáveis não comentadas podem ser vistos no Anexo 3.

5.2.3.2.1 FAIXA ETÁRIA 3 ANOS

A primeira rodada considerou somente os dados das crianças de 3 anos. É preciso salientar que o baixo número de ocorrências provocou problemas de má

distribuição de dados nas células. As variáveis selecionadas como estatisticamente relevantes foram: *tempo verbal*, *tonicidade*, *tipo de sujeito*, *posição do sujeito* e *gênero*. Tal como anunciei anteriormente, vou me deter na análise da variável social.

De todas as análises produzidas ao longo do estudo, esta foi a única em que a variável *gênero* foi selecionada. A Tabela 20 mostra que dentre as crianças de 3 anos, as meninas tendem a favorecer a produção da marca (frequência de 84% e peso relativo de 0,60) e os meninos tendem a desfavorecê-la (frequência de 74% e peso relativo de 0,40). Os índices são próximos daqueles vistos em Soares (2006), com meninas favorecendo o uso da marca (0,68 de peso relativo) e meninos, desfavorecendo (0,30 de peso relativo).

Tabela 20. Relação entre a aplicação da desinência e a variável *gênero* aos 3 anos

	Ocorrências	/	Total	%	Peso Relativo
Feminino – F	146	/	172	84	0,60
Masculino – M	135	/	182	74	0,40
TOTAL	281	/	354	79	

Fonte: elaborada pela autora

A atuação do gênero nas três faixas etárias será discutida adiante.

5.2.3.2.2 FAIXA ETÁRIA 4 ANOS

Nesta rodada, as variáveis linguísticas selecionadas como relevantes pelo programa estatístico foram: *tempo verbal*, *tonicidade*, *posição do sujeito* e *animacidade do sujeito*; e as sociais: *pesquisador* e *ocupação do pai*.

A tabela 21 mostra os resultados da variável *pesquisador*.

Tabela 21. Relação entre a aplicação da desinência e a variável *pesquisador* aos 4 anos

	Ocorrências	/	Total	%	Peso Relativo
Silvana – 6	67	/	74	90	0,78
Eduarda – 3	118	/	123	95	0,68
Laura – 5	197	/	228	86	0,34
Queila – 4	40	/	48	83	0,29
TOTAL	422	/	473	89	

Fonte: elaborada pela autora

Nesta análise, os resultados relativos à atuação das pesquisadoras na fala das crianças são diferentes daqueles da análise principal. Aqui, à Silvana e à Eduarda são atribuídos índices de favorecimento da marca, de 90% e 0,78 e 95% e 0,68, respectivamente; à Laura e à Queila são atribuídos índices de desfavorecimento (86% e 0,34 e 83% e 0,29 respectivamente). Para além da discussão feita sobre esta variável na análise principal, é possível pensar que seu efeito esteja cruzado com o efeito de outras variáveis como *faixa etária*. No trabalho de geração dos dados, não controlamos (eu e as outras pesquisadoras) aprioristicamente a distribuição, entre as entrevistadoras, das diferentes atividades feitas com cada criança. Assim, é possível que os índices estejam sendo afetados pela frequência com que cada uma das entrevistadoras atuou junto àquelas crianças que mais produziram (ou que menos produziram) marcas, nas interações mais (ou menos) propícias à produção padrão. Essa é uma análise difícil de confirmar, já que seria necessário realizar um cruzamento entre mais de duas variáveis.

A atuação da variável *ocupação do pai*, visto na Tabela 22, reitera que filhos de pais com ocupação formal tendem a uma maior produção da marca, ao contrário das crianças filhas de pais de ocupação informal.

Tabela 22. Relação entre a aplicação da desinência e a variável *ocupação do pai* aos 4 anos

	Ocorrências	/	Total	%	Peso Relativo
Formal – f	161	/	177	90	0,64
Informal – i	176	/	206	85	0,37
TOTAL	337	/	383	87	

Fonte: elaborada pela autora

5.2.3.2.3 FAIXA ETÁRIA 5 ANOS

Nesta rodada, as variáveis selecionadas como relevantes pelo programa estatístico foram: *saliência fônica, tonicidade, tipo de verbo, posição do sujeito, tema da interação, pesquisador, ocupação do pai e local de moradia*. Apresentarei aqui os resultados referentes às quatro últimas.

A Tabela 23 apresenta os resultados do grupo de fatores *tema da interação*. Para a rodada, foram amalgamadas, num único fator, as narrativas; em outro, os relatos; e em outro, a *interação inicial* e a *loja*. Vê-se que a produção das crianças opera conforme a hipótese da variável, de que as narrativas e o *reconto* sejam fatores de favorecimento da marca, juntamente com o zoológico, e os outros fatores a desfavoreçam. O efeito desta variável será discutido mais detalhadamente na próxima seção.

Tabela 23. Relação entre a aplicação da desinência e a variável *tema da interação* aos 5 anos

	Ocorrências	/	Total	%	Peso Relativo
Narrativas – A	28	/	31	90	0,66
Zoo – X	167	/	205	81	0,59
Reconto – Q	218	/	245	88	0,54
Fazenda – W	61	/	89	68	0,32
Interação Inicial e Loja – Y	25	/	46	54	0,27
Relatos – E	14	/	23	60	0,21
TOTAL	513	/	639	80	

Fonte: elaborada pela autora

As Tabelas 24 e 25 mostram os resultados de *pesquisador* e *ocupação do pai*, respectivamente. Percebe-se que o efeito de *pesquisador* muda conforme o *corpus* considerado, o que faz pensar que a atuação desta variável está dependente do efeito de outra(s).

Sobre o fator *ocupação do pai*, filhos de pais com ocupação formal tende à produção da marca ao contrário daqueles que têm pais de ocupação informal. A dinâmica relacionada às categorias *formal* e *informal* se mostra bastante robustas. Voltarei à discussão destas categorias adiante.

Tabela 24. Relação entre a aplicação da desinência e a variável *pesquisador* aos 5 anos

	Ocorrências	/	Total	%	Peso Relativo
Laura – 5	127	/	140	90	0,75
Silvana – 6	170	/	202	84	0,42
Queila – 4	65	/	94	69	0,44
Eduarda – 3	145	/	195	74	0,40
TOTAL	507	/	631	80	

Fonte: elaborada pela autora

Tabela 25. Relação entre a aplicação da desinência e a variável *ocupação do pai* aos 5 anos

	Ocorrências	/	Total	%	Peso Relativo
Formal – f	361	/	427	84	0,63
Informal – i	108	/	137	78	0,45
TOTAL	469	/	564	83	

Fonte: elaborada pela autora

A única análise em que o programa selecionou a variável *microrregião* foi esta. A hipótese inicial era que as crianças moradoras da Av. Conquista, que em função do histórico da comunidade, abrigaria os moradores de melhores condições socioeconômicas, seriam as que mais favoreceriam a produção da marca, seguidas daquelas que habitam na Rua Esperança. As crianças moradoras dos acessos seriam

aquelas a desfavoreceram a marca, estando associadas às condições socioeconômicas mais baixas. Interessantemente, os resultados, vistos na Tabela 26 não se mostraram muito diferentes do esperado, com as crianças da Rua Esperança e da Av. Conquista apresentando índices bem próximos, de favorecimento da marca (79% e 0,67 e 86% e 0,64, respectivamente) e as crianças moradoras dos acessos desfavorecendo fortemente a marca (73% e 0,26). Mesmo que não tenha sido selecionada na análise principal, o que parece indicar que a relação entre a produção de concordância variável de terceira pessoa e a distribuição espacial em microrregiões é mais complexa do que imaginamos inicialmente, a variável parece refletir, em alguma medida, parte da dinâmica socioeconômica da comunidade.

Tabela 26. Relação entre a aplicação da desinência e a variável *microrregião de moradia* aos 5 anos

	Ocorrências	/	Total	%	Peso Relativo
Rua Esperança – 2	91	/	114	79	0,67
Av. Conquista – 1	243	/	281	86	0,64
Acessos – 3	179	/	244	73	0,26
TOTAL	513	/	639	80	

Fonte: elaborada pela autora

Os resultados das variáveis sociais das três rodadas mostraram que, de fato, se trata de três grupos com constituições socioeconômicas, tais como estão sendo abordadas aqui, distintas. Desse modo, há possibilidade de que a distribuição de ocorrências vista no Gráfico 6 esteja sendo influenciado por esta situação.

5.2.3.3 OCUPAÇÃO DA MÃE

Das variáveis criadas para medir o efeito da condição socioeconômica da família na produção variável de terceira pessoa do plural na fala das crianças, a única selecionada pelo programa como estatisticamente relevante, na rodada geral, foi

ocupação da mãe. Antes de apresentar os índices, discutirei a análise, que, como resultado apresentado no exame de qualificação desta tese (SOARES, 2011), me levou a perceber o encaminhamento da dinâmica social da comunidade, e, a partir daí pude definir as variáveis de estratificação socioeconômica que comporiam o trabalho.

Naquela etapa, procedi à análise dos dados de 9 das crianças da faixa etária 5 anos, considerando as variáveis linguísticas e, como variáveis sociais, *pesquisador e informante*, tendo sido esta última selecionada como estatisticamente relevante¹⁰⁵. A Tabela 27 reproduz os resultados.

Tabela 27. Relação entre a aplicação da desinência e a variável participante

	Ocorrências	/	Total	%	Peso Relativo
Kelly (E)	63	/	72	87	0,81
Evandro (H)	91	/	114	79	0,80
Márcio (I)	81	/	87	93	0,70
Andressa (A)	64	/	71	90	0,68
Betina (B)	62	/	82	75	0,43
Breno (G)	29	/	39	74	0,12
Jasmin (D)	17	/	27	62	0,17
Glória (C)	44	/	75	58	0,09
Augusto (F)	27	/	32	84	0,07
TOTAL	478	/	599	79	

Fonte: Soares (2010:119)

Excluindo os índices de Betina, as tendências expressas pelos pesos relativos à produção e à evitação da marca se mostraram bastante polarizadas, ou seja, ou a criança tendia fortemente a realizar a desinência de terceira pessoa, ou tendia, também fortemente, a evitá-la. Diante destes resultados, para os quais, naquele momento, eu não tinha elementos para aprofundar sua interpretação, voltei a campo em busca de maiores informações sobre as condições sociais destas crianças, e fiz um levantamento (Quadro 14) da ocupação do pai e da ocupação da mãe:

¹⁰⁵ Uma versão do trabalho pode ser vista em Soares (2010).

Quadro 14. Ocupação dos pais na faixa etária 5 anos

	Mãe	Pai
Kelly	Doméstica	-----
Evandro	Motoboy	Serralheiro
Márcio	Doméstica	Frentista
Andressa	Serviços Gerais na Creche	Mecânico
Betina	Educadora da Creche	Educador do Sase
Breno	Faxineira	Cuida de cavalos
Jasmin	Recicladora	-----
Glória	Recicladora	-----
Augusto	Faxineira	Reciclador

Fonte: elaborado pela autora

A partir do quadro foi possível perceber que a tendência em produzir ou não a desinência correspondia, par e passo, de um lado, com ocupações reconhecidas como tal no mercado de trabalho, e, de outro, com ocupações desprivilegiadas, tanto social como economicamente em comparação às primeiras. Assim, ficou evidente que a ocupação (cf. CHAMBERS, 1995) é um índice representativo da condição social das famílias no Beco, influenciando na fala variável das crianças. A partir do exame das ocupações, elaborei a variável, tal como descrita na seção 4.4.4.4.3 deste trabalho.

Voltando à discussão da variável *ocupação da mãe*, como visto na Tabela 28, os resultados corroboram a hipótese de que a ocupação da mãe, tal como estamos considerando *formal* neste trabalho, atua no sentido de favorecer a produção da desinência (com frequência de presença da marca de 87% e 0,60 de peso relativo), ao contrário do fator *ocupação informal* cuja tendência é o desfavorecimento da produção da marca de concordância (78% e peso relativo de 0,40).

Tabela 28. Relação entre a aplicação da desinência e a variável *ocupação da mãe*

	Ocorrências	Total	%	Peso Relativo
Formal – F	641	733	87	0,60
Informal – I	581	742	78	0,40
TOTAL	1222	1475	82	

Fonte: elaborada pela autora

Para entendermos com mais propriedade os resultados obtidos a partir deste grupo de fatores, é importante termos em mente que se trata de uma variável complexa, já que, tal como foi formulada, reflete a influência de diferentes aspectos sociais que potencialmente influenciam a fala variável.

Um aspecto é aquele que opõe *formal* a *informal*. Tal como discutido no capítulo 4, a codificação dada para *formal* abarcou tanto as situações de ocupações legalizadas, reconhecidas através da assinatura da carteira de trabalho, quanto aquelas ocupações cuja frequência de oferta de trabalho garante uma entrada regular de renda. A hipótese de que a *ocupação formal* tenderia a provocar a presença da marca, tal como corroborado pelos resultados, baseava-se no entendimento de que, ao incremento financeiro da família, estaria relacionado um incremento nas experiências letradas da criança, seja fora da comunidade, em passeios ao shopping, ao McDonad's, seja através do contato com itens como DVDs, livros infantis, etc. Mesmo que o efeito das experiências em que a escrita seja relevante para dar sentido ao contexto não possa ser avaliado se não indiretamente, o resultado da variável parece ser um indicativo de que as crianças da amostra são sensíveis, na produção da terceira pessoa do plural, às experiências da cultura escrita.

Outro aspecto abarcado por este grupo de fatores media a influência relativa à ocupação dos adultos responsáveis pelas crianças, distinguindo entre mãe e pai. A hipótese inicial (cf. Capítulo 4) era de que a ocupação da mãe prevaleceria sobre a do pai com base na observação da existência de dois tipos de constituição familiar na comunidade e que, nos dois casos, a presença da mãe na vida da criança era mais consistente que a do pai, situação esta, questionada, inclusive, na ficha de inscrição da

criança na creche (cf. Anexo 2). Esta hipótese também foi corroborada pelos resultados estatísticos.

No entanto, a formulação da variável permite que se pense para além do papel da mãe e do pai na fala variável da criança. Ela pode, também, refletir a distinção do papel do gênero na vida socioeconômica da família. Ou seja, a influência pode não ser somente da maior presença da mãe, mas do papel que a mulher tem no sustento da família. Numa das Cartas de Conjuntura da Fundação de Economia e Estatística¹⁰⁶ relativa ao ano de 2011 sobre aspectos da pobreza em Porto Alegre (MARTINS, 2011:3), tem-se que:

De todos os dados, contudo, o que mais se destaca é o que se refere às pessoas responsáveis pelos domicílios, ou seja, os chefes de família. No caso de Porto Alegre, ao se verificar a proporção por sexo, constata-se que a participação das mulheres na condução das famílias atinge quase 50% do total. Entre os pobres e extremamente pobres, porém, esses percentuais são ainda mais altos. Desse modo, nas famílias sem rendimento, 56,2% dos responsáveis são mulheres; entre as famílias com rendimento mensal *per capita* de R\$ 1,00 a R\$ 70,00, a participação feminina chega a 72,5%; e, nas famílias com rendimento mensal *per capita* de R\$ 71,00 a R\$ 140,00, a proporção é de 61,8%. Nesse contingente de mulheres chefes de família, entre as mais pobres, há uma concentração relativa na faixa de 20 a 24 anos.

No mesmo documento, a análise referente à composição etária da população também pode ajudar no entendimento da questão posta aqui. Diz o texto:

evidencia-se que, entre a população pobre e extremamente pobre na Capital gaúcha, a proporção de idosos (pessoas com 60 anos ou mais) é de apenas 6,5%, enquanto a média de idosos na população gaúcha como um todo é de 13,6%. Por outro lado, a participação de crianças de até cinco anos nesse conjunto da população de Porto Alegre chega a quase 14%.

A autora conclui que:

a pobreza e a extrema pobreza em Porto Alegre mostram uma face evidentemente urbana, mas também de predominância de famílias chefiadas por mulheres jovens, com crianças pequenas.

¹⁰⁶ Carta de Conjuntura é uma publicação mensal da FEE (Fundação de Economia e Estatística) cujo objetivo é analisar questões importantes da conjuntura econômica nacional e regional.

Mesmo que não tenhamos dados sobre a renda das famílias das crianças estudadas, e, portanto, não sabermos em que medida tal quadro descrito pelo documento é aplicável ao Beco das Palmeiras, é possível supor que as crianças reconheçam a variação linguística refletida na complexa rede sociolinguística inerente aos papéis de gênero e de chefia de família.

Há, por fim, outra questão a ser posta, que diz respeito ao fato de uma variável que mede condição socioeconômica ter sido selecionada como estatisticamente atuante na fala de crianças entre 3 e 5 anos de idade. Para Eckert (1998), na fala de crianças pequenas, a atuação da variação socioeconômica pode ser muito mais um caso de exposição seletiva que de diferenciação socioeconômica. Isso porque crianças pequenas tendem a ser mais isoladas em termos de classe social (diferentemente do que ocorre relativamente à atuação social do gênero). A circulação das crianças é muito limitada ao seu próprio universo socioeconômico.

O que ocorre no Beco, no entanto, parece ser diferente. Mesmo não conhecendo a circulação das crianças no todo da comunidade, é possível perceber os traços (sociais e linguísticos) das diferentes condições socioeconômicas existentes na comunidade dentro da própria creche, através das educadoras, funcionários, e das próprias crianças. Ao que parece, algumas crianças podem estar nesse isolamento, mas não todas, a depender dos pais como agentes de intercâmbio entre o Beco e os estratos de mais poder, externos à comunidade. E as crianças, ao que parece, reagem a isso.

5.3 AS ANÁLISES SECUNDÁRIAS

Duas análises secundárias serão apresentadas aqui. A primeira discute fatores e grupos de fatores que foram retirados da análise principal. A outra é o resultado de uma rodada secundária feita para examinar a variável *tema da interação*.

5.3.1 FATORES E GRUPOS DE FATORES RETIRADOS DA ANÁLISE

Uma das variáveis que teve fatores retirados da análise principal foi *tipo de sujeito*. O fator *q* (*pronome relativo*) teve que ser retirado por causa do número reduzido de ocorrências (19)¹⁰⁷.

Esta variável contava, ainda, com um fator que denominei *sujeito não esperado para o contexto* (s). Este fator havia sido incluído na codificação para que eu pudesse examinar os casos em que o sujeito da oração era singular e o verbo, plural. As ocorrências abaixo exemplificam este tipo de produção na fala das crianças observadas:

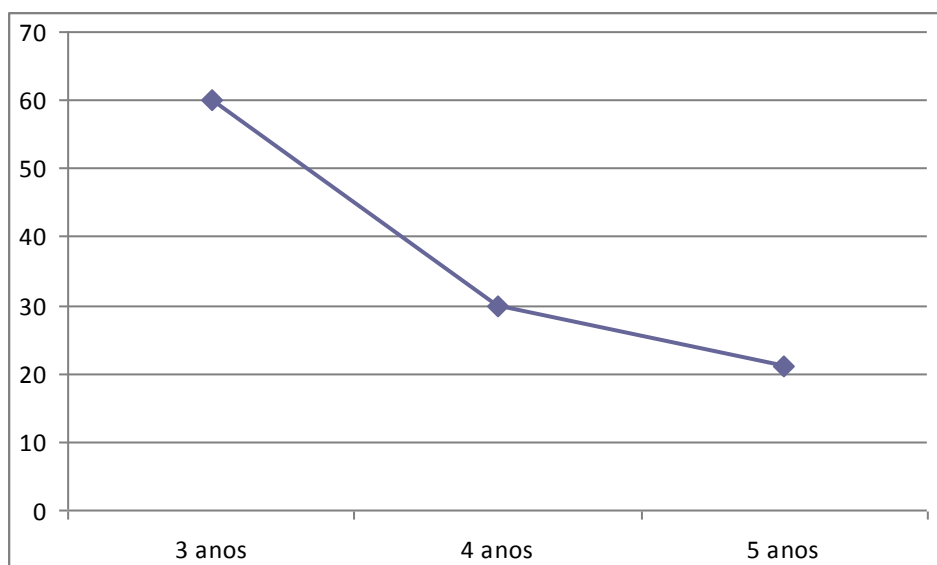
- (7) Agora ele tão sentado. O rabinho dele tá na água pra achar um peixinho. (Jasmin_5anos_reconto)
- (8) Não, ela vão ficar de pé aqui. (Paulo_4anos_fazenda)
- (9) Todo o porquinho são ali. (Marcelo_3anos_fazenda)

A fim de examinar uma possível relação entre a produção dessas construções de sujeito singular com verbo no plural e as diferentes etapas de desenvolvimento, representadas aqui pelas três faixas etárias, realizei um cruzamento entre as variáveis *tipo de sujeito* e *faixa etária*, analisando somente os casos de *sujeito não esperado para o contexto*. O resultado mostra que de um total de 112 ocorrências

¹⁰⁷ Mesmo assim, seu efeito foi discutido na seção 5.2.1.5.

de sujeito *s*, 60 foram produzidos na faixa de 3 anos, 30 na faixa de 4 anos e 21 na faixa de 5 anos. No Gráfico 6 é possível ver, na produção das crianças sob estudo, através da curva descendente, que dos três aos seis anos de idade, na medida em que as crianças crescem, a quantidade de ocorrências de estruturas desse tipo diminui.

Gráfico 7. Número de ocorrências de sujeito singular e verbo plural por faixa etária



Fonte: elaborado pela autora

Um levantamento das ocorrências da faixa de 5 anos mostra que, além de diminuir em número, a diferenciação de verbos utilizados com esta estrutura também se reduz. Das 21 ocorrências, 15 são da forma *ele tão*, conforme visto abaixo:

(10) Ele tão indo de ré. (Márcio_5anos_fazenda)

(11) Ele tão fazendo a fila? (Jasmin_5anos_interação inicial)

O problema criado por este fator na análise preliminar foi que das 112 ocorrências deste tipo de sujeito, a totalidade era com manutenção da desinência, como esperado, criando uma situação não computável pelo programa estatístico. Assim sendo, o fator foi retirado das análises seguintes.

A variável *paralelismo formal* foi eliminada integralmente da rodada principal. Seu objetivo era de examinar o princípio de que formas produzidas numa sequência tendem a ter a mesma estrutura. Em relação à concordância variável de terceira pessoa do plural, averigua o *status* de marcação das desinências verbais que se seguem na série, como visto no dado abaixo:

Caio_4anos_Reconto

[08:04] C: Depois eles foram brincar de de esconde-esconde. Esse aqui tava contando, o galinho, o Juvenaldo tava aqui e o porquinho tava aqui. Daí eles acharam um barco afundado e daí eles tiveram uma ideia: foram brincar de pirata. Daí daí daí tinha um furo no buraco, no barco e eles pediram pro porco sentar em cima.

As discussões que se deram nos últimos anos a respeito do *paralelismo formal* (SCHERRE, 1996; NARO, 1981) giram em torno do nível linguístico em que se daria a influência de uma marca sobre as seguintes, e também da definição de sequência ou série (AMARAL, 2003).

O problema na concepção do princípio de saliência como um procedimento mecânico atuando na preservação de estruturas, segundo Amaral (2003), é que, assim posto ele não é capaz de explicar os casos em que o primeiro verbo da sequência é marcado e os seguintes não são. Para o autor, as fronteiras entre sequências são determinadas por funções discursivas subjacentes, e não por procedimentos mecânicos. Dessa forma, o problema na concepção da variável estaria na definição de *sequência* ou *série*, que precisaria considerar funções discursivas ao invés de linearidade.

Outra questão importante levantada por Amaral (2003) é que, na perspectiva em que é concebida, a repetição na série não diz respeito somente à presença/ausência da desinência, mas acaba por refletir também o efeito do tempo

verbal e o tipo de morfema. Isso pode ser visto no exemplo apresentado anteriormente.

O resultado referente à frequência de aplicação da marca de concordância na fala das crianças estudadas é visto na Tabela 29.

Tabela 29. Frequências de aplicação da desinência da variável *paralelismo formal*

	Ocorrências	/	Total	%
Verbo em construção isolada (i)	903	/	1102	81
Primeiro verbo de uma série (p)	135	/	158	72
SUBTOTAL	1038	/	1260	
Verbo em uma sequência com todas as marcas (c)	167	/	167	100
Verbo em uma sequência sem marcas (s)	0	/	14	0
SUBTOTAL	1173	/	1441	
Mistura de marcas em que o elemento anterior é não marcado (n)	12	/	14	85
Mistura de marcas em que o elemento anterior é marcado (m)	6	/	20	30
TOTAL	1222		1475	

Fonte: elaborada pela autora

Os fatores foram divididos em blocos de acordo com seu *status* explicativo para a variável. No primeiro bloco, aparecem os fatores *verbo em construção isolada* e *primeiro verbo de uma série* com frequências de aplicação de 81% e 72% respectivamente, ambos abaixo do índice geral de aplicação de 82% conforme será mostrado na próxima seção. Os fatores *verbo de uma sequência com todas as marcas* e *verbo de uma sequência sem marcas* apresentam forçosamente 100% e 0% respectivamente de aplicação da desinência. Os fatores seguintes são *mistura de marcas em que o elemento anterior é não marcado* (com 85% de aplicação) e *mistura de marcas em que o elemento anterior é marcado* com 30% de frequência de aplicação da desinência. O efeito deste último índice precisa ser aprofundado em pesquisas futuras, porque parece indicar que a presença anterior de um verbo com a desinência pode ser suficiente para a não marcação no verbo seguinte. De qualquer

forma, o importante a fazer notar neste ponto da discussão é que, dentre as quatro categorias que de fato envolvem um exame de uma série de verbos na Tabela 5.13 acima, três apresentam um número excessivamente baixo de dados para que se realize uma análise estatística confiável.

Esse problema relativo ao número de dados para análise do efeito do fato “paralelismo formal” neste estudo diz respeito a uma questão importante de frequência dos fatores na amostra. A partir da Tabela 30, percebemos que a fala das crianças é caracterizada fundamentalmente por construções isoladas (74,8%).

Tabela 30. Frequências de distribuição dos fatores da variável *paralelismo formal*

	Ocorrências	/	Total	%
Verbo em construção isolada (i)	1102	/	1475	74,8
Primeiro verbo de uma série (p)	158	/	1475	10,8
SUBTOTAL	1038	/	1475	85,6
Verbo em uma sequência com todas as marcas (c)	167	/	1475	11,3
Verbo em uma sequência sem marcas (s)	14	/	1475	0,9
SUBTOTAL	181	/	1475	12,2
Mistura de marcas em que o elemento anterior é não marcado (n)	14	/	1475	0,9
Mistura de marcas em que o elemento anterior é marcado (m)	20	/	1475	1,3
SUBTOTAL	34	/	1475	2,2
TOTAL	1475	/	1475	100

Fonte: elaborada pela autora

Assim, como já observamos, considerando que os dois fatores do primeiro bloco não examinam o princípio descrito pela variável, e que somados constituem 85,6% dos dados, tem-se que a verificação adequada do grupo de fatores fica prejudicada. As construções em série vistas no segundo bloco, segundo uma questão levantada por Amaral (2003), precisam ser retiradas da análise por peso relativo já que constituem situações não examinadas pelo programa estatístico (os chamados *knockouts*). Os casos de misturas de marcas apresentam uma quantidade de

ocorrências por célula que é inferior ao desejado. Tal como a série é definida não há produção suficiente de ocorrências na amostra.

Assim, entendo que o modo como a variável está descrita na literatura não permite que ela seja examinada para a amostra das crianças sob estudo, seja porque, conforme Amaral (2003), o efeito da variável está cruzado com o de outras, seja porque é preciso haver uma redefinição da noção de *sequência* ou *série*.

Para um exame produtivo de dados de fala de crianças nas faixas etárias aqui consideradas, o conceito de série precisaria incluir a fala do adulto interlocutor no sentido proposto por Perroni (1996). A autora mostra que, na produção das protonarrativas e das narrativas iniciais de crianças em desenvolvimento, a história é coconstruída entre criança e adulto através de perguntas formuladas por este último, que, quando respondidas pela criança, produzem o texto. Na amostra, este tipo de situação é muito frequente. O dado a seguir mostra uma ocorrência:

Iago_4anos_reconto

I: Iago

P: Pesquisadora

05:36 I: Foram lá acordar o animais.

05:40 P: É? Foram acordar os animais? E como é que eles acordaram os animais?

05:48 I: A, a galinha tava fazendo cócó e acordou o porquinho.

05:57 P: É? E aí?

05:59 I: Daí o porquinho fazeu um X daí a vaca acordaram.

06:09 P: E o ratinho?

06:10 I: O ratinho tava, tava tava batendo na garrafa de de vidro.

06:17 P: É? Pra fazer barulho né X?

06:27 I: E tavam andando de bicicleta e tavam bem aqui.

Essa discussão por Perroni (1996), embora ofereça um caminho para a discussão do paralelismo formal em dados infantis, impõe um problema analítico e metodológico que envolveria toda uma discussão exclusiva, que escapa aos objetivos desta tese: é possível considerar a fala do adulto e da criança dentro de uma mesma

unidade narrativa para o exame sociolinguístico de regras de natureza gramatical, como ocorre nas séries para análise do paralelismo formal?

Ora, tal discussão demandaria, antes de mais nada, uma análise global dos efeitos do interlocutor na fala da criança e, além disso, implicaria estender uma interpretação discursiva, formulada por Perroni ao analisar o desenvolvimento da narrativa, a uma hipótese de continuidade gramatical entre a fala de dois interlocutores distintos. Sem dúvida, parece que essa discussão seria pertinente, uma vez que o paralelismo é um fator baseado em interpretações funcionalistas para as quais dados infantis seriam de enorme valia – as hipóteses funcionalistas são frequentemente interpretadas como operantes para questões de processamento e aprendizagem; contudo, neste trabalho, que procura interpretações mais panorâmicas da produção infantil a partir de variáveis já discutidas na literatura pertinente, não será possível realizar essa digressão.

Gostaria de fazer notar, ainda assim, que não foi possível obter dados suficientes de discurso encadeado usado por crianças de até seis anos de idade, de tal forma que a análise já consagrada do paralelismo se tornasse viável nesta tese, o que por si só já é um resultado relevante relativamente à hipótese do paralelismo formal. Assim, uma das variáveis excluídas da rodada principal, pelas razões aqui expostas, foi a do paralelismo formal.

Por fim, a variável *informante* foi retirada da rodada principal por intervir na distribuição dos dados, já que, quando colocada na análise juntamente às outras variáveis sociais, criam-se tanto células vazias, quanto células com preenchimento categórico.

5.3.2 A RODADA SECUNDÁRIA: TEMA DA INTERAÇÃO

Uma rodada secundária foi realizada para que fosse possível examinar o comportamento de uma variável que não foi selecionada pelo programa estatístico: *tema da interação*. Foi um fator planejado para avaliar a possível influência estilística relacionada a um gênero narrativo letrado, como o são as narrativas tradicionais (aqui chamadas narrativas letradas), um gênero narrativo que não tem ligação direta com estilos letrados (aqui denominados relatos pessoais), e gêneros de conversa livre, como o são as conversas que ocorrem durante brincadeiras, tendo em vista as especificidades das brincadeiras (cf. relatado na seção 4.3). A análise foi realizada com *tema da interação* e as variáveis sociais. Por um lado, porque a inclusão das variáveis linguísticas não permitiu sua análise. Por outro, havia interesse de examiná-la relativamente às variáveis sociais.

A proposta original da variável foi de distinguir o maior número possível de fatores a fim de poder verificar com mais acuidade sua atuação. Como o grupo contava inicialmente com 15 fatores, para a rodada principal alguns deles precisariam ser agrupados. Em relação aos fatores propostos originalmente, F (relato na fazenda), P (narrativa na loja) e T (narrativa na fazenda) foram eliminados da análise por não apresentarem ocorrências. Na rodada que relatarei aqui, foram incluídas, além de *tema da interação*, as variáveis sociais excluindo *participante*. A Tabela 31 mostra os resultados de *tema da interação* sem as amalgamações que foram feitas posteriormente.

Tabela 31. Relação entre aplicação da desinência e *tema da interação* sem amalgamações

	Ocorrências	/	Total	%	Peso Relativo
Narrativa no reconto – B	10	/	11	90	0,69
Narrativa na interação inicial – M	33	/	36	91	0,69
Reconto – Q	444	/	501	88	0,61
Zoo – X	383	/	456	83	0,50

Fazenda – W	243	/	307	79	0,41
Relato no zoo – Z	9	/	11	81	0,37
Relato na interação inicial – I	11	/	14	78	0,39
Interação inicial – Y	31	/	48	64	0,27
Loja – K	40	/	62	64	0,26
Narrativa no zoo – N	2	/	5	40	0,14
Relato no reconto – R	6	/	12	50	0,13
Relato na loja – L	1	/	5	20	0,03
TOTAL	1222	/	1477		

Fonte: elaborada pela autora

A partir dos resultados da tabela, vemos que os fatores que favorecem a aplicação da marca são as narrativas produzidas no *reconto* (0,69) e na *interação inicial* (0,69) e o *zoológico* não influencia a produção da desinênci (peso relativo 0,50), e a *fazenda*, os *relatos*, a *loja*, e a *interação inicial* desfavorecem a presença da marca de concordância. Há ainda a *narrativa no zoológico* desfavorecendo a presença da marca (0,14), mas com um resultado obtido a partir de cinco ocorrências somente.

A primeira tomada analítica a ser feita aqui é sobre a quantidade de dados de narrativas e relatos. Schneider (2012) utilizou exatamente as mesmas tarefas em sua geração de dados. Para a amostra de Novo Hamburgo, de crianças oriundas de um meio social fortemente letrado, a autora obteve a produção de 116 ocorrências em contexto de narrativa tradicional e 125¹⁰⁸ ocorrências em contexto de narrativa espontânea (aqui chamada de *relato*). Os dados de *narrativas* nesta pesquisa somam 59 ocorrências, e, de *relatos*, 43¹⁰⁹.

A explicação para tal divergência pode estar relacionada às diferenças nos modos de interação entre crianças e adultos nos dois grupos sociais pesquisados – um

¹⁰⁸ Os números correspondem àqueles obtidos na análise não atomística, que analisa o sintagma como uma unidade.

¹⁰⁹ Como o estudo de Schneider (2012) se refere a outro sistema linguístico (o de concordância nominal), a comparação entre os resultados só é possível a respeito da realização de cada um dos fenômenos observados em termos de números absolutos. Tais números servem como indicadores da produção dos gêneros textuais envolvidos nas atividades relatadas, pelas crianças das duas amostras.

grupo de classe média-alta altamente escolarizado e um grupo de adultos analfabetos ou com escolarização muito baixa, de classe baixa. Essas diferenças podem ser acentuadas no que toca à questão dos contextos narrativos e sua forte relação com as culturas de escrita (cf. HEATH, 1982; 1983; PERRONI, 1992; SILVA, 2012). Perroni (1992), para quem a interação social e o desenvolvimento da linguagem precisam ser vistos como processos interdependentes, destaca a importância do papel dos adultos como interagentes no desenvolvimento do discurso narrativo na produção de crianças nas faixas etárias consideradas aqui, a partir de pesquisa descritiva realizada em famílias brasileiras de classe média. Segundo a autora, o papel fundamental do adulto não se dá só nos “jogos de contar” e “jogos de narrar”, quando acontecem construções conjuntas de narrativas e relatos, mas é visto também em situações, que para as crianças de classe média que ela observou ocorrem em casa, de produção de textos que são exemplares para as crianças de estruturas narrativas. O adulto conta fatos, narra histórias em outras situações do cotidiano.

A respeito das práticas de interação das crianças com os adultos do Beco em seus respectivos lares não posso fazer afirmações. Não tenho dados dessa natureza. Mas é possível pensar que as práticas sociais relacionadas à leitura e à produção de narrativas sejam diferentes daquelas descritas por Perroni. E é possível pensar que, se o papel do adulto difere do contexto discutido pela autora, o desenvolvimento do discurso narrativo das crianças de classe baixa se dá em outras bases. Mesmo não podendo fazer afirmações a respeito das experiências de todas as crianças em casa, vale a pena tomar como indicador para essa reflexão as asserções interpretativas obtidas por Silva (2012), que realizou estudo sobre as orientações de letramento desta comunidade na creche (o que envolveu as crianças participantes

desta pesquisa de modo geral) e em casa (o que envolveu apenas oito das 30 crianças, selecionadas com crianças focais para aquele estudo).

Quanto ao papel da creche, Silva (2012:91) discute a função de *preparação para a escola* de várias das atividades que lá ocorrem. Há um dado que pode ser esclarecedor aqui, a partir do qual é possível depreender que a experiência das crianças com narrativas, na atividade chamada "Hora do conto", na creche, funciona sob uma perspectiva muito diferente daquela de ajudar a criança a narrar. No excerto, Ilma, a educadora, acabara de ler a história *Escovito Vito Vito* para a turma do Jardim:

Ilma: tu prestou atenção ou ficou só conversando com o Vítor?

Tierre: roxo

Ilma: a::: também se não soubesse essa né

Márcio: tá na capa do livro né pro

Ilma: Márcio, já disse que só fala quando eu chamar, tá

Ilma: e qual era o nome do amigo dele?

(2,4)

Ilma: Márcio.

Márcio: Escovito vito vito

Ilma: muito bem

Conforme Silva (2012), a mais proeminente função da hora do conto, tal como é organizada conjuntamente pelas educadoras e pelas crianças, é proporcionar socialização primária para a organização da fala em interação tida como preferencial na escola, o que é explicitamente dito pelas educadoras, conforme diversos registros de diários de campo e entrevistas. Nesse sentido, o ritual de escutar em silêncio e, em seguida responder a perguntas focais feitas pela educadora, por meio da seleção por ela da criança a oferecer a resposta, é a organização preferencial e dominante nas sessões de "Hora do conto" observadas. Desse modo, parece que a atividade pedagógica de contar histórias tem, naquele contexto, forte ligação com o disciplinamento da participação.

Assim, em resumo, as seguintes asserções interpretativas do estudo de Silva (2012) são relevantes para nosso entendimento das relações destas crianças com

a escrita e com o discurso narrativo: elas têm poucas oportunidades de brincar de contar, em situação não escolar ou mesmo escolar, e de contar histórias num engajamento conjunto com adultos; elas conhecem histórias pertencentes ao mundo da cultura de escrita, e as retomam em suas brincadeiras, de forma lúdica e significativa, embora sem uma estruturação de discurso típica das narrativas; tanto nas famílias como na creche, a escrita tem sua função instrumental enfatizada, sendo que, nas famílias, tal função é, com frequência, responsabilidade de membros mais jovens da comunidade, incluindo pré-adolescentes e até mesmo crianças recém alfabetizadas.

Parece-me que tais asserções são compatíveis com o fato de que o número de dados obtidos nas condições de geração de dados que continham narrativas foi menor do que aqueles obtidos em Novo Hamburgo. Além disso, parece-me que são também compatíveis com o fato de que, ainda assim, como veremos adiante, as diferentes condições de geração dos dados mostrarem-se relevantes para a realização de concordância, em conformidade com o que era esperado quando do planejamento desta pesquisa.

Voltando à Tabela 31, foram amalgamados os seguintes fatores: *interação inicial* e *loja* (além de apresentarem pesos relativos muito próximos, 0,27 e 0,26, respectivamente, eram as duas atividades não roteirizadas para a produção de concordância verbal); todos os *relatos*, e todas as *narrativas* (a *narrativa no zoológico* tem resultado diferente das outras, desfavorecendo a marca enquanto as outras favorecem, mas o número de ocorrências é muito baixo). Um teste de significância estatística mostrou que o *zoológico* e a *fazenda* não poderiam ser amalgamados.

Na rodada realizada após tais amalgamações e com manutenção apenas das variáveis sociais, os grupos de fatores selecionados pelo programa foram *tema da interação*, *faixa etária* e *ocupação da mãe*.

Como visto na Tabela 32, o reconto e as narrativas são favorecedores da produção da desinência, com peso relativo de 0,61 e 0,60 respectivamente; o *zoológico* se manteve no ponto neutro (0,50); e a *fazenda*, a *interação inicial* e *loja* amalgamados e os *relatos* se mostraram desfavorecedores da marca (com peso relativo de 0,42; 0,28; e 0,24 respectivamente).

Tabela 32. Relação entre a aplicação da desinência e a variável *tema da interação*

	Ocorrências	/	Total	%	Peso Relativo
Reconto – Q	444	/	501	88	0,61
Narrativas – A	52	/	59	88	0,60
Zoo – X	383	/	456	83	0,50
Fazenda – W	243	/	307	79	0,42
Interação Inicial e Loja – Y	71	/	109	65	0,28
Relatos – E	29	/	43	67	0,24
TOTAL	1222	/	1475	82	

Fonte: elaborada pela autora

Tais índices corroboram fortemente as expectativas quanto à variável. Como já apontei acima, mesmo produzindo um número pequeno de *narrativas* e *relatos*, ao que parece, as crianças associam as narrativas a estruturas letradas, e os relatos, não. Para as crianças do Beco, o reconto é a atividade que mostra maior favorecimento de produção do morfema de concordância, e há dados interessantes mostrando que para aquelas crianças, a atividade de *reconto* não era uma brincadeira, que o livro não era um brinquedo. Os excertos a seguir mostram esta situação. No primeiro, enquanto a pesquisadora contava a história do livro para Melissa, esta interrompe, perguntando se a pesquisadora trouxera brinquedo:

Melissa_4anos_reconto

M: Melissa

P: Pesquisadora

[06:13] P: Pois é, mas daí eles conseguiram tirar a cabeça do Frederico, do Juvenal, e resolveram ir dormir na casa do porquinho Valdemar. Só que o Frederico era muito fresco e achou que a casa do Valdemar era meio sujinha e não quis dormir lá.

[06:30] M: Mas e, não trouxe brinquedo?

[06:35] P: Espera aí, depois que eu contar, outro dia a gente pode brincar com outro brinquedo, hoje a gente vai brincar com o livrinho.

No excerto seguinte há a mesma situação. Ao final da atividade de *reconto*, Sara deixa claro que o livro não é um brinquedo:

Sara_3anos_reconto

S: Sara

P: pesquisadora

[18:41] P: eles brincaram, é?

[18:46] P: e depois...acabou!

[18:51] S: quero brincar com brinquedo.

Para as crianças do Beco, a atividade de recontar uma história recém contada pela pesquisadora, ambos manuseando um livro, é um contexto estilístico no qual, parece, as crianças reconhecem uma situação formalizada, letrada, embora seja preciso lembrar que a variável não foi selecionada na rodada principal.

As outras variáveis selecionadas nesta análise, *faixa etária* e *ocupação da mãe* seguem a mesma tendência de atuação que nas outras análises em que foram selecionadas e não serão discutidas aqui.

5.3.3 GÊNERO

O objetivo desta análise é discutir algumas questões referentes à variável *gênero*, que, mesmo não tendo sido selecionada como estatisticamente relevante na rodada principal, pode oferecer encaminhamentos importantes para pesquisas futuras.

A análise que apresento foi baseada naquela de Cameron (2010). O autor propõe que a diferença percentual na produção variável entre meninos e meninas aumenta com a idade:

se o grau de separação, e portanto, de distância, entre meninas e meninos aumenta durante a pré-adolescência, a taxa das variantes das variáveis

sociolinguísticas expressas por meninas e meninos pode também divergir na medida em que as crianças amadurecem.¹¹⁰ (CAMERON, 2010:319)

A proposta é examinar a diferença, em termos de pontos percentuais, na produção da desinência de terceira pessoa do plural em cada faixa etária e, então, compará-las. A Tabela 33 mostra os resultados.

Tabela 33. Diferença de percentual de aplicação entre meninos e meninas por faixa etária

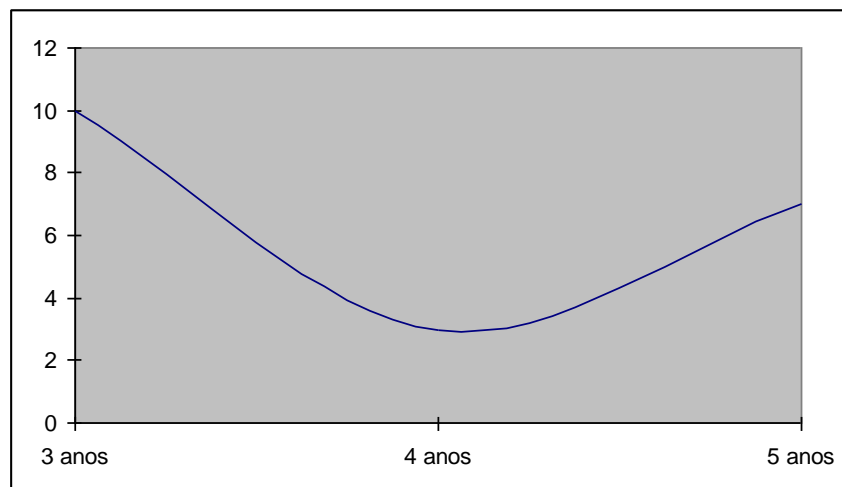
		3 anos	4 anos	5 anos
Meninos	N	135/182	273/311	264/315
	%	74	87	83
Meninas	N	146/172	155/171	249/324
	%	84	90	76
Diferença percentual		10 pontos	3 pontos	7 pontos

Fonte: elaborada pela autora

A primeira evidência, relativa às faixas etárias sob estudo na presente pesquisa, é que os resultados não corroboram a hipótese de que a diferença percentual aumenta com a idade. A faixa de 3 anos apresenta a maior diferença, que mostra uma queda significativa na faixa seguinte, voltando a subir na faixa de 5 anos. Colocando estes índices num gráfico, tem-se uma curva em U, vista no Gráfico 7:

¹¹⁰ If the degree of separation, and thereby distance, between girls and boys increases during preadolescence, the rates of variants of sociolinguistic variables expressed by girls and by boys may also diverge as the children mature.

Gráfico 8. Diferença de percentual de aplicação entre meninos e meninas por faixa etária



Fonte: elaborado pela autora

Conforme alguns estudos aquisicionistas (RUBINO e PINE, 1998; PERRONI-SIMÕES e STOELL-GAMMON, 1977), aos 3 anos, o sistema de flexão verbal da criança pode ainda não estar operando nos termos da língua adulta. A curva em U, nestes estudos, é um indicativo de que o processo de domínio do sistema linguístico ainda está em curso, e nesse caso, a variável estaria operando mais em termos linguísticos que sociais.

É importante salientar que as crianças para as quais tanto o estudo de Cameron, quanto o de Kerswill e Williams (2000) encontraram evidência positiva neste tipo de análise são pré-adolescentes, e que, além disso, não há qualquer evidência nos dados qualitativos gerados na creche de “segregação” entre meninos e meninas. Considerando que a variável não foi selecionada como relevante estatisticamente (assim como não o foi no estudo de Schneider (2012) nas mesmas faixas etárias), é possível supor que a segregação entre os gêneros, e sua consequente distinção linguística, seja um fenômeno relacionado a crianças mais velhas que estas.

Um ponto de difícil interpretação na tabela é que no grupo de 5 anos a produção de formas com a desinênci é maior dentre os meninos, resultado invertido

em relação aos outros dois grupos nos quais as meninas produzem mais formas marcadas. Conforme Eckert (1997), a maior standardização do discurso feminino e o uso mais acentuado de variáveis socialmente significativas por mulheres está relacionada com sua mais pronunciada necessidade de recorrer a recursos simbólicos na falta de recursos efetivos de poder. Será que se pode dizer isso das mulheres chefes de família no Beco? E que questões estão postas nas relações familiares, nas quais as crianças estão imersas, que seriam evidências de relações de gênero? Não tenho resposta para estas questões aqui, mas elas precisam ser levantadas para que seja possível entender a complexidade envolvida na produção das crianças em relação a gênero.

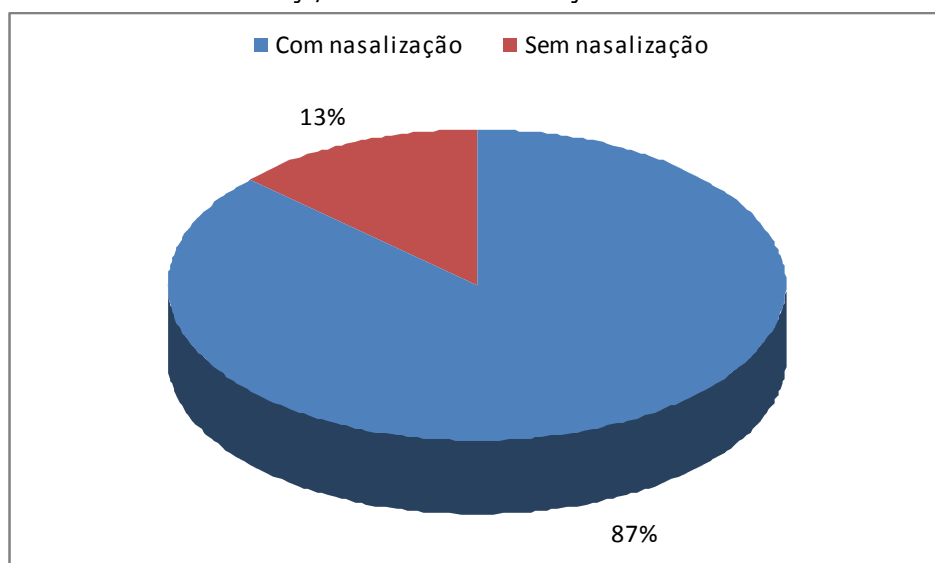
5.4 PRESENÇA/AUSÊNCIA DA NASALIZAÇÃO NA MARCA DE CONCORDÂNCIA

Esta análise examina a presença da nasalização na desinência de plural de terceira pessoa na fala das crianças observadas. Para tanto, considerou os seguintes fatores na variável dependente:

- 2 – aplicação da marca com manutenção da nasalização (Eles *foram*);
- 1 – aplicação da marca sem a nasalização (Eles *foru*).

Do total de 1.222 ocorrências, a distribuição geral dos percentuais foi de 1.063/1.222 (87%) de presença da nasalização e 159/1.222 (13%) de ausência. Os índices estão representados no Gráfico 9:

Gráfico 9. Presença/ausência de nasalização na desinênci



Fonte: elaborado pela autora

Devido ao baixo número de dados do fator *sem nasalização*, só pude contar, na análise, com as seguintes variáveis: *saliência fônica*, *tempo verbal*, *tipo de verbo*, *tipo de sujeito*, *tema da interação*, *pesquisador*, *gênero*, *faixa etária*, *ocupação do pai*, *ocupação da mãe* e *microrregião*. Além disso, na variável *saliência fônica*, o fator C (*muita mudança fônica com acento na marca*) foi amalgamado a B (*muita mudança fônica sem acento na marca*); na variável *tempo verbal*, o fator F (futuro do presente) foi eliminado; e no *tipo de verbo*, o fator c (cópula) também foi – todos por apresentarem *knockout* no fator *sem nasalização*. Mesmo com esses rearranjos, várias células ficaram com um número de ocorrências abaixo de 35; desse modo, os resultados apresentados nesta seção o foram a título de registro, uma vez que, dentro do quadro metodológico aqui assumido, a quantidade de dados não foi suficiente para uma análise segura. As variáveis selecionadas como relevantes pelo programa estatístico foram *saliência fônica*, *tempo verbal*, *faixa etária*, *ocupação do pai*, *ocupação da mãe* e *microrregião*.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise levada a cabo neste projeto de pesquisa revelou diversas evidências acerca da produção variável de terceira pessoa do plural na fala infantil. A partir de uma amostra constituída por dados de 30 crianças, estratificadas por gênero e três faixas etárias (3, 4 e 5 anos), de uma comunidade de classe baixa de Porto Alegre, realizei análise quantitativa que estabeleceu, através de frequências e pesos relativos, a dinâmica do processo de aprendizagem da regra variável de terceira pessoa ocorrendo concomitantemente ao processo de aprendizagem do sistema flexional do português como língua materna das crianças. Diante dos resultados obtidos, pude confirmar que a variação sociolinguística na infância responde tanto a fatores linguísticos descritos para a fala adulta, quanto a fatores sociais relacionados à dinâmica socioeconômica da comunidade onde vivem, bem como a fatores de aprendizagem.

O escopo da contribuição que os resultados relatados neste estudo podem oferecer em relação à pesquisa sociolinguística brasileira, fortemente centrada na pesquisa com adultos, é da ordem de evidenciar que há variação sociolinguística específica da infância. O que os dados apresentados mostraram foi a atuação das

crianças, através do uso variável de terceira pessoa do plural, incorporando e interpretando os papéis sociais que lhes competem. Se a variação linguística nos adultos é profundamente afetada pelo mercado de economia linguística, a variação nas crianças e adolescentes pode o ser por instituições escolares (ECKERT, 1998). Assim sendo, a necessidade de se acomodar à esfera socioeconômica ao longo do tempo conduz o desenvolvimento da linguagem das crianças, tendo como foco aspectos de identidade relacionados ao papel socioeconômico que o indivíduo desempenha. A análise mostrou que as crianças do Beco, nos termos da variável observada, estão atentas à condição social da família em termos locais, e às experiências letradas, tanto escolares quanto da sociedade urbanizada mais ampla.

O primeiro resultado reportado confirmou o êxito do modelo de geração de dados no sentido de ter garantido a quantidade suficiente de ocorrências para a realização de uma rodada estatística robusta, haja vista a tendência de baixa produção espontânea de formas de plural por crianças nas faixas etárias examinadas. A geração dos dados para a análise quantitativa contou com atividades planejadas especificamente para a situação de elicitación de produção de concordância. Além disso, optei por integrar ao método quantitativo uma geração de dados de cunho interpretativo, baseada em análise documental e observação participante, que foi fundamental para meu entendimento da dinâmica social da comunidade. A integração entre as duas metodologias permitiu que eu vislumbrasse condicionadores sociais que não haviam sido previstos inicialmente no projeto por estarem relacionados a particularidades da dinâmica social da comunidade observada.

Retomando os resultados gerais, o índice de produção da desinência, de 83%, não pôde ser interpretado nos termos do contínuo que coloca, de um lado, comunidades de classe baixa, com pouca escolarização e, no outro, as populações com

alto nível de escolarização. A análise apontou que a escolarização não é a questão central. Os resultados são melhor explicados quando relacionados ao contato da criança com a cultura escrita por meio de circulações não isoladas na sociedade mais ampla da cidade, o que se viabiliza pela ocupação mais rentável de pai, e ainda mais, mãe. Associado a isso, está o efeito da creche e sua "preparação para a escola", relacionada à socialização primária tida como preferencial na escola.

No que concerne às variáveis linguísticas, os resultados seguem, em grande medida, as expectativas levantadas pelas hipóteses iniciais:

i) em relação à *saliência fônica*, as formas mais salientes (com muita mudança fônica e acento na marca) mostraram mais força no favorecimento da desinência, seguidas das formas com *saliência intermediária* (com muita mudança fônica e sem acento na marca); as formas menos salientes (pouca mudança fônica) desfavoreceram fortemente a produção da desinência;

ii) no que tange a *tempo verbal*, o *pretérito perfeito* foi o único fator a mostrar favorecimento da produção da desinência. No entanto, seriam necessários estudos mais aprofundados que discutissem em que medida as crianças, nas faixas etárias observadas, dominam os tempos verbais disponíveis na língua adulta;

iii) a *posição do sujeito em relação ao verbo* mostrou atuação muito consistente, conforme o esperado, revelando a posição de anterioridade como favorecedora do emprego da desinência e a posição posterior ao verbo como desfavorecedora. Para os dados das crianças aqui observadas, a interpolação de material entre o sujeito anterior e o verbo também conduziu à não produção da desinência;

iv) a análise da variável *tonicidade* indica que sua atuação pode estar cruzada com a *posição do sujeito em relação ao verbo*, já que as formas paroxítonas,

favorecedoras da marca, se mostraram relacionadas à posição anterior ao verbo, sem material interveniente;

v) por fim, o resultado da variável *tipo de sujeito* apontou o *sujeito nulo* e os pronomes *reto* e *demonstrativo* como favorecedores da produção desinência, e os *SN plenos* como desfavorecedores.

A única variável discursiva selecionada foi *focalização*, que também se mostrou atuante conforme a hipótese de que as formas verbais que compõem o plano narrativo de *foreground* favoreçam a produção da desinência, contrariamente àqueles que compõem o *background*.

Em relação à *idade*, a análise apontou que nas faixas etárias observadas a categorização das crianças pela idade cronológica pode ser muito arbitrária, em razão de diferenças no desenvolvimento linguístico e na experiência social dentre elas. Seria adequado estabelecer critérios para reagrupá-las nas faixas etárias, e, a partir, daí revisar os resultados. Além disso, as faixas etárias eram muito "largas" e talvez tivessem mostrado resultados mais refinados se fossem estabelecidas com intervalos de seis meses de diferença de idade. As análises que realizei com cada faixa etária distintamente apontaram que os fatores sociais que influenciam a fala variável de terceira pessoa do plural em cada grupo, mesmo diferindo, seguem as hipóteses formuladas.

A variável *ocupação da mãe* também apontou resultados alinhados com a respectiva hipótese. A interpretação para o fato de filhos de mães com ocupação *formal* tenderem a realizar a desinência, contrariamente aos filhos de mães com ocupação *informal*, revelou a formulação complexa da variável. Por um lado, as crianças podem estar operando em termos de reconhecimento dos papéis de gênero

na comunidade; por outro, a renda maior da família proporciona uma gama maior de experiências letradas, dentro e fora da comunidade.

Quanto às limitações impostas à análise, seria necessária a realização de uma etnografia de longo tempo que mostrasse as particularidades relacionadas aos papéis de gênero na comunidade, bem como às experiências letradas que ocorrem na creche e na família para que fosse possível interpretar com maior acuidade as variáveis sociais. Além disso, a realização de questionário social com as famílias das crianças, com informações sobre renda, hábitos, etc. permitiria que fossem estabelecidas relações mais robustas entre as variáveis.

Os trabalhos a serem realizados futuramente a partir dos resultados postos aqui são vários. Inicialmente, seria importante aprofundar a análise, relacionando cada variável linguística com os grupos etários, para ver se há operação linguística especificamente ligada a processos de desenvolvimento. Em outro momento, realizarei a análise da produção variável de primeira pessoa do plural na mesma amostra. Num estágio futuro, meu objetivo é proceder à mesma análise realizada aqui nos dados das crianças de Novo Hamburgo examinadas por Schneider (2012). Mesmo que se trate de comunidades socialmente muito diferentes, a comparabilidade que existe entre os dois bancos de dados, em razão de terem sido adotados os mesmos procedimentos de geração dos dados, pode fazer avançar nosso conhecimento sobre os processos envolvidos no uso de regras variáveis por crianças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALI, M. S. (2001). *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos/ Brasília, DF: Editora UnB.
- ALMEIDA, A. P. de (2006). *A concordância verbal na comunidade de São Miguel dos Pretos, Restinga Seca, RS*. Porto Alegre: UFRGS. Dissertação de Mestrado.
- AMARAL, L. I. C. (2002). A importância de variáveis estilístico-discursivas para a análise de fenômenos lingüísticos. In: Vandresen, P. (org.) *Variação e mudança no português falado na Região Sul*. Pelotas: EDUCAT. p.47-67.
- _____ (2003). *A concordância verbal de segunda pessoa do singular em Pelotas e suas implicações lingüísticas e sociais*. Porto Alegre: UFRGS. Tese de Doutorado.
- _____ e BORGES, P. (2009). *Análise estatística e formação de bancos de dados sociolingüísticos*. Pelotas: Editora Universitária/UFPEL.
- ANDERSEN, E. (1990). *Speaking with style: the sociolinguistic skills of children*. New York: Routledge.
- ASH, S. (2003). Social Class. In: CHAMBERS, J. K., TRUDGILL, P. & SCHILLING-ESTES, N. *The Handbook of Language Variation and Change*. Cambridge: Blakwell.
- BARDEN, L. T. V. (2004). *A variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural*. Porto Alegre: PUCRS. Dissertação de Mestrado.
- BATISTA, H. H. R. B. e Zilles, A. M. S. (2004). A concordância verbal de primeira pessoa do plural na fala culta de Porto Alegre. Trabalho apresentado no 6º Encontro do CELSUL, mimeo.
- BATISTA, H. H. R. B. e Zilles, A. M. S. (2005). A concordância verbal de terceira pessoa do plural em dados de Porto Alegre: um Estudo de Painei. Trabalho apresentado no XVII Salão de Iniciação Científica da UFRGS, Porto Alegre, mimeo.

- BORTONI-RICARDO, S. M. (1984). Problemas de comunicação interdialetoal. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n.78, p. 9-32.
- BORTONI-RICARDO (1985). *The urbanization of rural dialect speakers. A sociolinguistic study in Brazil*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CÂMARA JR., J. M. (1982). *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 11ª ed.
- CAMERON, R. (2010). Growing up and apart: Gender divergences in a Chicagoland elementary school. *Language Variation and Change*, 22 (2010), 279–319.
- CAPELLARI, E. T. (2004). *A concordância nominal de número na fala infantil*. Porto Alegre: UFRGS. Dissertação de Mestrado.
- CHAMBERS, J. K. (1995). *Sociolinguistic Theory*. Cambridge: Blackwell.
- CEDERGREN, H. (1973). *The interplay of social and linguistic factors in Panama*. Linguistics. Ithaca, Cornell University.
- CORRÊA, R. (2010). Geração de dados sociolinguísticos da fala de crianças de Porto Alegre. XIV Semana de Letras da UFRGS, Porto Alegre, UFRGS/Instituto de Letras, 28 a 30 de setembro.
- CORRÊA, R.; VIEGAS, M. F.; BORDINHÃO, C.; CASTRO, N. (2010). Contação de histórias e pesquisa no "Beco" - grupo PET/Letras/UFRGS. XV ENAPET, Natal, Universidade Federal da Paraíba, 25 a 30 de julho.
- CUNHA, C. e CINTRA, L. (2010). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexicon.
- DURANTI, A., OCHS, E. e SCHIEFFELIN, B. (2012). *The Handbook of Language Socialization*. Oxford: Wiley-Blackwell.
- ECKERT, P. (s/d). *Three waves of variation study: The emergence of meaning in the study of variation*.
<www.stanford.edu/~eckert/PDF/ThreeWavesofVariation.pdf>

- ECKERT, P. (1997). The whole woman: sex and gender differences in variation. In: Coupland, N. e Jaworski, A. *Sociolinguistics: a reader and coursebook*. London: Macmillan Press, 1997. p. 212-228.
- _____ (1998). Age as a sociolinguistic variable. In F. Coulmas (ed.). *The Handbook of sociolinguistics*. Oxford: Blackwell, 1998. p. 151-67.
- _____ (2000). *Linguistic Variation as Social Practice*. Oxford: Blackwell.
- _____ (2008). Variation and the indexical field. *Journal of Sociolinguistics* 12/4, pp. 453-476.
- _____ e MCCONNELL-GINET, S. (2003). *Language and Gender*. Cambridge: Cambridge University Press.
- FIGUEIRA, R. A. (1998). Os lineamentos das conjugações verbais na fala da criança: multidirecionalidade do erro e heterogeneidade linguística. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 33, n. 2, p. 73-80, 1998.
- _____ (2000). L'acquisition du paradigme verbal du portugais. Les multiples directions des fautes. *CALAP*, Paris, v. 20, p. 45-64, 2000.
- FINE, G. A. e SANDSTROM, K. L. (1988). *Knowing Children: Participant Observation with Minors*. Sage University Paper Series on Qualitative Research Methods, Vol.15. Beverly Hills, CA: Sage.
- FREIRE, E. D. et all. (2000). *Lomba do Pinheiro*. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura. Projeto Memória dos Bairros.
- FONSECA, C. (1987). Aliados e rivais na família: o conflito entre consanguíneos e afins em uma vila porto-alegrense. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, ANPOCS, n. 2, v. 4, p. 88-104.
- _____ (2004). *Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violências em grupos populares*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

- FUNCK, A., CRUZ, C. M. e GALLEGU, L. B. (2002). *Passo das Pedras*. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura. Projeto Memória dos Bairros.
- GOODWIN, M. (1990). *He-Said-She-Said: Talk as Social Organization among Black Children*. Bloomington: Indiana University Press.
- _____ (1997). Children's Linguistic and Social Worlds. *Antropology Newsletter* vol. 38, n. 4.
- _____ (2003). The Relevance of Ethnicity, Class, and Gender in Children's Peer Negotiations. In: *Handbook of Language and Gender*. Janet Holmes and Miriam Meyerhoff, eds. Pp. 229-51. Oxford: Blackwell.
- GUIMARÃES, A. M. de M. (1995). *Relatório: Projeto Desenvolvimento da Linguagem da Criança em Fase de Letramento*. Porto Alegre, mimeo.
- GUY, G. (1981). *Linguistic Variation in Brazilian Portuguese: Aspects of the Phonology, Syntax, and Language History*. Pennsylvania: University of Pennsylvania. PhD dissertation.
- GUY, G. e ZILLES, A. M. (2007). *Sociolinguística Quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial.
- HAMMERSLEY, M. e ATKINSON, P. (1983). *Ethnography: principles in practice*. London/New York: Routledge.
- HEINE, H. (2006). *Amigos*. São Paulo: Ática. Tradução de Luciano Vieira Machado.
- HEATH, S. B. (1982) What no bedtime story means: narrative skills at home and the school. *Language and society*, v. 11, pp. 49-76.
- _____ (1983) *Ways with words*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HOPPER, P.J. (1979). Aspect and foregrounding in discourse. In T. Givon (Ed.), *Syntax and Semantics 12: Discourse and Syntax* (pp. 213-241). New York: Academic Press.

- HYAMS, N. (1992). Morphosyntatic development in Italian and its relevance to parameter-setting models: comments on the paper by Pizzuto e Caselli. *Journal of Child Language*, Cambridge, vol.19, p. 695-709.
- JUNG, N. M. (2009). *A (re)produção de identidades sociais: na comunidade e na escola*. Ponta Grossa: Editora UEPG.
- KERSWILL, P. e WILLIAMS, A. (2000). Creating a New Town koine: Children and language change in Milton Keynes. *Language in Society*, v. 29, pp. 65-115.
- LABOV, W. (1963). The social motivation of a sound change. *Word* 18: 1-42.
- _____ (1966). *The social stratification of English in New York City*. Washington, DC: Center for Applied Linguistic.
- _____ (2008) [1972]. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial.
- LAHIRE, B. (2008). *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*. São Paulo: Ática.
- LAND, S. G. (2011). Letramento em cena: atenção, escuta e performance na atividade de contar histórias para crianças pequenas. XXIII Salão de iniciação científica. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 03 a 07 de outubro.
- _____ (2011b). Letramento em cena: atenção, escuta e performance na atividade de contar histórias para crianças pequenas. X Fórum FAPA do conhecimento - conhecimento em perspectiva, Porto Alegre, Faculdades Porto-alegrenses, 19, 26 de novembro e 03 de dezembro.
- LEMLE, M. e NARO, A. (1977). *Competências Básicas do Português*. Rio de Janeiro, MOBRAL.
- LOREGIAN, L. (1996). *Concordância verbal com o pronome tu na fala do sul do Brasil*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis, UFSC.

- _____ (2001). Sobreposição de variáveis lingüísticas: saliência fônica versus tempo verbal. *Anais do 4º Encontro do CelSul*, Curitiba.
- LUCCHESI, D., BAXTER, A. e RIBEIRO, I. (Org.) (2009). *O Português Afro-Brasileiro*. Bahia: EDUFBA.
- MALDONADE, I. R. (2005). Erros na aquisição da flexão verbal: uma interpretação interacionista. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, 47 (1) e (2).
- _____ (2009). Erros na aquisição verbal: a posição do sujeito e a divisão entre língua e fala. *Anais do SILEL*. Simpósio Nacional de Letras e Linguística. Vol.1. Uberlândia: EDUFU.
- _____ (2010). Erros na aquisição da flexão verbal: reflexividade e constituição do paradigma verbal. *Estudos Linguísticos*. São Paulo, 39 (2).
- MARTINS, C. H. B. (2011). Aspectos da pobreza e da desigualdade em Porto Alegre. In: Governo do Estado do Rio Grande do Sul/Secretaria do Planejamento, Gestão e Participação Cidadã/Fundação de Economia e Estatística. *Carta de Conjuntura FEE*. Ano 20, nº11, p.3. Acessado em maio de 2012 no endereço eletrônico: http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/publicacoes/pg_boletins_carta.php
- MENUZZI, S. (2001). *A ordem verbo-sujeito no português do Brasil: para uma comparação das abordagens formalistas e funcionalistas*. (mimeo)
- MIOTO, C. (1995). Linguística e Ensino da Gramática. *Anais do Seminário Linguística e Ensino de Língua Portuguesa*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- MONGUILHOTT, I. O. (2001). *Variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala dos florianopolitanos*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação de Mestrado.

- MONGUILHOTT, I. O. e COELHO, I. L. (2002). Um estudo da concordância verbal de terceira pessoa em Florianópolis: *In: Vandresen, P. (org.) Variação e mudança no português falado na Região Sul*. Pelotas: EDUCAT. p.189-216.
- MONTEIRO, C. (1995). *Porto Alegre: urbanização e modernidade. A construção social do espaço urbano*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- NARO, A. J. (1981). The social and the structural dimensions of a syntactic change. *Language*, vol.57, n.1, p.63-98.
- NICOLAU, E. M. D. (1998). Sobre a aquisição do sistema de flexão do português do Brasil: a representação morfofonológica dos traços de pessoa e número nas gramáticas iniciais de crianças brasileiras. *Letras de Hoje*. Porto Alegre. vol. 33, n.2, p.191-201.
- OCHS, E. e SCHIEFFELIN, B. (1997) O Impacto da Socialização da Linguagem no Desenvolvimento Gramatical. In: Fletcher, P. e MacWhinney, B. *Compêndio da Linguagem da Criança*. Porto Alegre: Artes Médicas. p.69-84.
- PERRONI, M. C. (1992). *Desenvolvimento do discurso narrativo*. São Paulo: Martins Fontes.
- PERRONI-SIMÕES, M. C. e STOEL-GAMMON, C. (1977). The acquisition of inflections in Portuguese: a study of the development of person markers on verbs. *Journal of Child Language*, Cambridge, vol.6: 53-67.
- PIZZUTO, E. e CASELLI, M. C. (1992). The acquisition of Italian morphology: implications for models of language development. *Journal of Child Language*, Cambridge, vol.19, n.3, p. 401-557.
- ROBERTS, J. (1997). Acquisition of variable rules: a study of (-t,d) deletion in preschool children. *Journal of Child Language*, vol 24, 1997 a, 351 – 372.

- _____ (2002). Child Language Variation. In: CHAMBERS, J. K., TRUDGIL, P. e SCHILLING-ESTES, N. *The Handbook of Language Variation and Change*. Oxford: Blakwell.
- ROBINSON, J., LAURENCE, H. e TAGLIAMONTE, S. (2001). *GOLDVARB 2001*. <<http://privatewww.essex.ac.uk/~patrickp/lg654/GoldVarb2001forPCmanual.htm>>
- ROCHA, A. L. C. da, e ECKERT, C. (2008). Etnografia: saberes e práticas. In: PINTO, C. R. J. e GUAZZELLI, C. A. B. *Ciências Humanas: pesquisa e método*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- RODRIGUES, A. (1992). Língua e contexto sociolingüístico: concordância verbal no português popular em São Paulo. Publicação do curso de Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa. Araraquara, UNESP – Campus de Araraquara, n.2, p.153-171.
- RUBINO, R. J. e PINE, J. M. (1998). Subject-verb agreement in Brazilian Portuguese: what low error rates hide. *Journal of Child Language* vol.25, p.35-59.
- SANTOS, C. S. (2005). *Letramento e variação na fala infantil: o caso da concordância nominal*. Trabalho de Conclusão de Curso, Porto Alegre, Instituto de Letras, UFRGS.
- SARTI, C. A. (1994). A família como ordem moral. *Caderno de Pesquisa*. São Paulo, n.91, p.46-53.
- SCHERRE, M. M. P. (1976). A regra de concordância de número no sintagma nominal em português. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado.
- _____ (1988). *Reanálise da concordância de número em português*. 1988. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tese de Doutorado.

- _____ (1996) Sobre a influência de três variáveis relacionadas na concordância nominal em português. In: SCHERRE; SILVA (Org.). *Padrões Sociolinguísticos : análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.
- SCHERRE, M. M. P. e NARO, A. J. (1993). Duas dimensões do paralelismo formal na concordância verbal no português popular do Brasil. *D.E.L.T.A.*, vol.9, n.1.
- SCHERRE, M. M. P., NARO, A. J. e CARDOSO, C. R. (2007). O Papel do Tipo de Verbo na Concordância Verbal no Português Brasileiro. *D.E.L.T.A.*, vol. 23, n. especial.
- SCHIEFFELIN, B. e OCHS, E. (1986). *Language socialization across cultures*. Cambridge: Cambridge University Press.
- SCHNEIDER, S. D. (2009). *Concordância nominal na fala de crianças de 3 a 6 anos de idade do município de Novo Hamburgo: variação lingüística na infância*. Porto Alegre: UFRGS. Tese de doutorado.
- SCLIAR-CABRAL, L. (2007). Emergência gradual das categorias verbais no português brasileiro. *Alfa*. São Paulo, v.51, n.1, p.223-234.
- SILVA, B. C. (2012). *É na creche que se aprende a ir pra escola: um estudo sobre as orientações de letramento das crianças em uma creche comunitária na periferia de Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS. Dissertação de Mestrado.
- SILVA, H. (2009). A situação etnográfica: andar e ver. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 15, n.32, jul./dez., p.171-188.
- SILVA, J. A. A. da (2005) *A concordância verbal de terceira pessoa do plural no português popular do Brasil: um panorama sociolinguístico de três comunidades do interior do estado da Bahia*. Salvador: UFBa. Tese de Doutorado.
- SIMÕES, L. J. (1997) *Sujeito nulo na aquisição do português brasileiro: um estudo de caso*. Porto Alegre: PUCRS. Tese de Doutorado.

- _____ (2005). Concordância nominal de número e a aquisição de regras variáveis. *Cadernos de Pesquisa em Lingüística*. Porto Alegre, vol. 1, n. 1, p. 39-42.
- SIMÕES, L.; VIEGAS, M. F.; LAND, S. G. (2009). Orientações de letramento de crianças e educadoras de uma creche comunitária de periferia em Porto Alegre. *Anais do IV Encontro Nacional de Língua e Literatura - ENALLI*. ISBN: 978-85-7717-089-0. FEEVALE, Novo Hamburgo, IV ENALLI, 29 de setembro a 2 de outubro de 2009.
- SLOBIN, D. I. (1980). *Psicolinguística*. São Paulo, Ed. Nacional/Ed. da Universidade de São Paulo.
- SOARES, S. M. (2001). A concordância verbal de primeira pessoa: um estudo em aquisição. Monografia de final de curso. Porto Alegre: Instituto de Letras, UFRGS.
- _____ (2006). *A concordância verbal na fala de crianças de Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS. Dissertação de Mestrado.
- _____ (2010). Concordância verbal na fala de crianças de classe baixa da cidade de Porto Alegre. *Cadernos do IL*. Porto Alegre: UFRGS, n.40, pp. 106-122.
- _____ (2011). *A concordância variável de terceira pessoa do plural na fala de crianças pequenas de Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS. Documento apresentado para o Exame de Qualificação do Doutorado.
- SOUZA, A. L. E. e CARDOSO-MARTINS, C. (2010). A Aquisição da Morfologia de Verbos Regulares no Português Brasileiro: uma abordagem da Linguística Cognitiva. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23 (1), 151-160. Porto Alegre.
- TALMY, S. e RICHARDS, K. (2011). Theorizing Qualitative Research Interviews in Applied Linguistics. *Applied Linguistics*. vol.32, n.1, p.1-5.
- TRUDGILL, P. (1974). *The social differentiation of English in Norwich*. Cambridge: Cambridge University Press.

- TÜRCK JÚNIOR, C. A. e GRASSO, M. G. (2000). Programa Arroio não é valão! Uma Conquista da Educação Ambiental. XXVII Congresso Interamericano de Engenharia Sanitária e Ambiental. Porto Alegre: Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental.
- VIEGAS, M. F., LAND, S. G. (2010). Orientações de letramento de crianças e educadoras de uma creche comunitária de periferia em Porto Alegre. XIV Semana de Letras da UFRGS, UFRGS/Instituto de Letras, 28 a 30 setembro de 2010.
- VIEGAS, M. F. S.; SIMÕES, L. J. (2011). Concordância nominal na fala de crianças de classe baixa na cidade de Porto Alegre. XXIII Salão de iniciação científica. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 03 a 07 de outubro.
- _____ (2011b). Concordância nominal na fala de crianças de classe baixa na cidade de Porto Alegre. X Fórum FAPA do conhecimento - conhecimento em perspectiva, Porto Alegre, Faculdades Porto-alegrenses, 19, 26 de novembro e 03 de dezembro.
- VIEIRA, M. C. P. (2006). *A emergência do padrão flexional de 3ª pessoa do plural na aquisição de PB como L1*. Rio de Janeiro: UFRJ. Dissertação de Mestrado.
- VIEIRA, S. R. (1997). A não-concordância em dialetos populares: uma regra variável. *Graphos*. Revista do Pós-Graduação em Letras da UFPB. vol. 2, n. 1, pp. 115-133.
- WEIST, R. M. (1986). Tense and Aspect. In: P. Fletcher & M. Garman (eds.), *Language acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press.
- WEIST, R. M., ATANASSOVA, M., WYSOCKA, J. & PAWLAK, A. (1999). Spatial and temporal systems in child language and thought: A cross-linguistic study. *First Language*, 19, 267–311.
- ZILLES, A. M. S. (1998). O desenvolvimento do *background* em narrativas de crianças de 4 a 9 anos. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v.33, n.2, p.203-211.

- _____. (2000). A posposição do sujeito ao verbo no português falado no Rio Grande do Sul. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, vol. 35, n.1, p. 75-96.
- ZILLES, A. M., MAYA, L. e SILVA, K. (2000). A concordância verbal com a primeira pessoa do plural em Panambi e Porto Alegre. *Organon*, vol. 14, n. 28 e 29, p.195-219.
- ZILLES, A. M. e FARACO, C. A. (2005). Considerações sobre o discurso reportado em *corpus* de língua oral. In: Vandresen, P. (org.) *Variação e mudança no português falado na Região Sul*. Pelotas: EDUCAT. p.15-46.

ANEXOS

ANEXO 1

Informações Sociais: ocupação dos pais

Faixa Etária: 3 anos

Participante	Pai mora em casa	Ocupação dos pais	Fonte da Informação
Clarissa	Sim	Pai: segurança (de condomínio)/ funcionário da ótica São José	Ficha de anamnese/ Entrevista semiestruturada realizada por mim com Rosane em 25/11/2011.
		Mãe: babá doméstica	Ficha de anamnese
Manuela	Não	Pai: carpinteiro	Ficha de anamnese
		Mãe: desempregada/”faz eventos” e trabalha como “promotora” (“bicos”, não de carteira assinada)	Ficha de anamnese/ Entrevista semiestruturada realizada por mim com Rosane em 25/11/2011.
Lúcia	Às vezes	Pai: cadeeiro (detento do regime semi-aberto)	Entrevista semiestruturada realizada por mim com Rosane em 25/11/2011.
		Mãe: recicladora; ganha Bolsa Família	
Adriane (irmã de Augusto)	Sim	Pai: balconista	Ficha de anamnese
		Mãe: auxiliar de serviços gerais	Ficha de anamnese
Sara (irmã de Tierre)	Eventualmente	Pai: técnico em eletrônica	Ficha de anamnese
		Mãe: faxineira	Entrevista semiestruturada realizada por Bibiana com a mãe da criança em 28/10/2010.
Marcelo	Sim	Pai: instalador hidráulico	Ficha de anamnese
		Mãe: do lar	Ficha de anamnese
Reinaldo	Sim (na época da geração de dados)	Pai: trabalha em obra	Entrevista semiestruturada realizada por mim com Rosane em 15/03/12.
		Mãe: do lar/ diarista	Ficha de anamnese/ Entrevista semiestruturada realizada por mim com Rosane em 25/11/2011.
Cristóvão	Não	Pai: pizzaiolo	Ficha de anamnese
		Mãe: cozinheira	Ficha de anamnese
Daniel	Sim	Pai: motorista	Ficha de anamnese
		Mãe: auxiliar de serviços gerais/ dona de uma Lan-house na comunidade	Ficha de anamnese/ Entrevista semiestruturada realizada por mim com Rosane em 15/03/12.
Manuel	Sim	Pai: tem um armazém	Entrevista semiestruturada realizada por mim com Rosane em 25/11/2011.
		Mãe: dona de casa (porque está com filho pequeno)	

Faixa Etária 4 anos

Participante	Pai mora em casa	Ocupação dos pais	Fonte da Informação
Catarina	Sim	Pai: servente	Ficha de anamnese
		Mãe: manicure	Ficha de anamnese
Yamara	Sim	Pai: desempregado/vende churrasquinho na vila	Ficha de anamnese/ Entrevista semiestruturada realizada por mim com Rosane em 15/03/12.
		Mãe: vigilante (em uma escola)	Ficha de anamnese
Carine	Sim	Pai: monitor de piscina (em clube)	Ficha de anamnese
		Mãe: doméstica	Ficha de anamnese
Carina	Não	Pai: informação não obtida	
		Mãe: doméstica/"trabalha na noite"	Ficha de anamnese/ Entrevista semiestruturada realizada por mim com Rosane em 25/11/2011.
Melissa	Sim	Pai: montador de móveis	Ficha de anamnese
		Mãe: do lar/ educadora da creche	Ficha de anamnese/Entrevista feita na creche
Iago		Pai: falecido	Entrevista semiestruturada realizada por mim com D. Noeli (bisavó do menino) em sua casa em 25/11/2010.
		Mãe: educadora	Era uma das educadoras da creche no início da pesquisa
Caio	Não	Pai: motoboy/taxista	Ficha de anamnese/ Entrevista semiestruturada realizada por mim com Carla (educadora e avó do menino) em 15/03/12.
		Mãe: promotora/trabalha numa padaria	Ficha de anamnese/ Entrevista semiestruturada realizada por mim com Carla (educadora e avó do menino) em 15/03/12.
Fernando	Nim	Pai: faz frete com carroça e rinha de galo	Entrevista semiestruturada realizada por Bibiana na casa do menino em 28/10/10.
		Mãe: dona de casa	
José	Sim	Pai: padeiro,confeiteiro/ carroceiro e trabalha em obra	Ficha de anamnese/ Entrevista semiestruturada realizada por mim com Rosane em 25/11/2011.
		Mãe: faxineira/ recicladora	
Paulo	Não	Pai: informação não obtida	Entrevista semiestruturada realizada por Bibiana na casa do menino em 28/10/10.
		Mãe: doméstica/ recicladora/ Desde novembro de 2011 é auxiliar de serviços gerais na creche	

Faixa Etária 5 anos

Participante	Pai mora em casa	Ocupação dos pais	Fonte da Informação
Andressa	Sim	Pai: mecânico	Ficha de anamnese
		Mãe: auxiliar de serviços gerais	É uma das funcionárias da cozinha da creche
Betina	Sim	Pai: artesão/ educador	Ficha de anamnese/ É o educador do SASE que funciona paralelamente à creche
		Mãe: atendente de creche	Ficha de anamnese/ É uma das educadoras, atual coordenadora da Instituição.
Kelly	Não	Pai: informação não obtida	
		Mãe: antes: “na noite” Desde um mês atrás: faxineira	Ficha de anamnese/ Entrevista semiestruturada realizada por mim com Rosane em 25/11/2011.
Jasmin	Não	Pai:	
		Mãe: recicladora/Desde novembro de 2011 é auxiliar de serviços gerais na creche	Entrevista semiestruturada realizada por Bibiana na casa da menina em 28/10/10.
Glória	Não	Pai:	Entrevista semiestruturada realizada por mim com Rosane em 25/11/2011.
		Mãe: recicladora; ganha Bolsa Família	
Evandro	Não	Pai: serralheiro	Ficha de anamnese
		Mãe: motoboy	Ficha de anamnese
Márcio	Sim	Pai: mecânico	Entrevista semiestruturada realizada por Bibiana na casa do menino em 01/09/10.
		Mãe: atendente de creche	
Tierre	Eventualmente ¹¹¹	Pai: técnico em eletrônica	Ficha de anamnese
		Mãe: desempregada; faxineira	Entrevista semiestruturada realizada por Bibiana com a mãe da criança em 28/10/2010.
Breno	Não	Pai: comerciante informal	Entrevista semiestruturada realizada por mim com Breno em 11/11/2011.
		Mãe: atualmente: funcionária de um bar/ desempregada na época da pesquisa (vivia de “bico”)	Entrevista semiestruturada realizada por mim com Breno em 11/11/2011. / Entrevista semiestruturada realizada por Bibiana com a mãe do menino em 09/12/10.
Augusto	Sim	Pai: vendedor/ trabalha numa oficina	Ficha de anamnese/ Entrevista semiestruturada realizada por Bibiana na casa do menino em 28/10/10.

¹¹¹ Esta informação foi extraída da ficha de anamnese da criança.

ANEXO 2

INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL TERRA SANTA FICHA DE ANAMNESE

Dados de Identificação

Nome de criança:

Data de nascimento:

Tipo sanguíneo:

Endereço:

Telefone:

Nome da mãe:

Profissão:

Telefone do emprego:

Nome do pai:

Profissão:

Telefone do emprego:

O pai mora com a família?

Em caso de emergência chamar:

Endereço e telefone neste caso:

Quem entrega e retira a criança na escola? OBS.: TEM QUE SER MAIOR DE 12 ANOS. Nome e parentesco:

Informações sobre a criança

Ambiente familiar e hábitos

- a) Quem vive na mesma casa com a criança?
- b) Quem atende a criança quando ela fica em casa, como em dias que não tem escola?
- c) Tem irmãos? Quantos? Idade?
- d) A criança relaciona-se bem com os irmãos e outras crianças que convivem no seu ambiente familiar?
- e) É alérgico a algum tipo de alimento? Qual?
- f) A criança se alimenta bem?
- g) O que ela gosta de comer?
- h) O que ela não gosta?
- i) Tem algum hábito? () chupa bico, () dorme com fralda, () chupa dedo, outro ____
- j) O que você costuma fazer quando seu filho se comporta de maneira inadequada?
- k) Seu filho gosta de ajudar?
- l) Costuma guardar os brinquedos?
- m) Sabe dividir suas coisas com outras crianças?
- n) Na casa há pátio para a criança brincar?
- o) Tem água encanada, luz elétrica, esgoto?
- p) Que assuntos você gostaria que fosse o tema da reunião de pais?
- q) Já frequentou alguma escolinha? Se sim, quanto tempo?
- r) Que programas de TV seu filho costuma assistir?
- s) Vocês controlam os programas que seu filho assiste?

- t) Vocês costumam brincar com seu filho?
- u) Quais as brincadeiras que seu filho mais gosta?
- v) Costumam contar histórias para a criança?
- w) A família costuma passear com a criança?
- x) Seu filho costuma dormir tarde?
- y) Como é o sono da criança? () Normal () Agitado.
- z) Como é o comportamento da criança em casa no dia a dia?
- aa) Quando seu filho é contrariado como ele reage?
- bb) A família costuma participar de reuniões na comunidade como: Assembléia, Posto de Saúde, reuniões ou atividades sociais de alguma igreja, Orçamento Participativo, ou outros?
- cc) Por que optaram pela Instituição Terra Santa?
- dd) O que esperam da escola?
- ee) Os horários de chegada e saída da escola vão lhe trazer transtornos no trabalho? Por quê?

Antecedentes pessoais e de saúde

A criança tem algum problema de saúde?
Teve doenças peculiares da infância? Quais?
É alérgica a algum medicamento?

“Responsabilizo-me por todas as informações contidas nesta entrevista, pois são verdadeiras.”

Porto Alegre, de de

Responsável:

Educador:

Coordenadora Pedagógica:

ANEXO 3



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Letras
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
Prédio Administrativo do Instituto de Letras – Campus do Vale
Av. Bento Gonçalves, 9500 – Caixa Postal 15002 – 91501-970 Porto Alegre, RS



TERMO DE CONSENTIMENTO

Somos alunas e pesquisadoras da UFRGS e estudamos a aprendizagem da linguagem.

Através deste documento, solicitamos a sua participação no projeto de pesquisa “Concordância variável na socialização da linguagem: efeitos da classe social e das orientações de letramento na fala de crianças brasileiras”, que prevê registro de observações em notas de campo, entrevistas individuais e gravações em áudio e vídeo das crianças e/ou educadoras da Instituição de Educação Infantil Jerusalém, na comunidade Beco dos Coqueiros.

Este documento garante que 1) as identidades dos participantes da pesquisa serão mantidas em caráter confidencial pelo uso de pseudônimos; 2) os dados não serão disponibilizados para qualquer propósito que não se encaixe nos termos da pesquisa; 3) as notas de campo e gravações de áudio e vídeo serão estudadas somente pelos pesquisadores envolvidos no projeto e por outros pesquisadores interessados no tema; e 4) as notas de campo e as transcrições das gravações de áudio e vídeo serão divulgadas apenas em publicações científicas, apresentações públicas acadêmicas e em salas de aula, para fins de estudo.

Agradecemos pela colaboração. Se quiser saber mais sobre as nossas atividades e propósitos de pesquisa, ou se quiser esclarecer alguma dúvida, estamos à disposição.

Assinando seu nome nesta folha, você autoriza as gravações e observações de seu filho, atestando seu consentimento para a realização de nossos estudos.

Atenciosamente,

Bibiana Cardoso da Silva
bibiana@yazigi.com
(51) 93159566

Simone Mendonça Soares
ssoares@portoweb.com.br
(51) 96883385

Nome do responsável: _____

Nome da criança: _____

Assinatura: _____

Data: _____

ANEXO 4

Instruções para as transcrições

1. Nome do arquivo: codinome da criança, underline, interação.
Ex: Andressa_Fazenda
2. Título do documento: codinome da criança, traço, interação.
Ex: José – Reconto
3. Abaixo do título, colocar o cabeçalho a seguir (que não será preenchido no trabalho de transcrição, e sim, após a revisão final):

<p style="text-align: center;">Tempo total: Nº de ocorrências de CV: P4: P6: Nº de ocorrências de CN: Pesquisador:</p>
--

4. O nome verdadeiro da criança NÃO APARECE em hipótese alguma; aparece somente o codinome. Quando a entrevistadora (ou a criança) disser o nome da criança, será transcrito, no lugar, o codinome.
5. No início da linha, colocar o tempo do arquivo (sem colchetes, para agilizar a tarefa). A seguir, indicar quem fala: Criança: letra maiúscula do codinome; Pesquisadora:
Ex: 07:28 P: e o que que eles fizeram depois, olha ali?
07:30 K: brincaram de pirata.
6. Transcrição da produção geral: a transcrição das falas é ortográfica, ou seja, escreve-se o que foi produzido pela criança ou pela entrevistadora seguindo a ortografia. Assim, se a criança disse, por exemplo, “biqueta” para “bicicleta”, transcrever conforme a segunda forma.
7. Transcrição das formas sob estudo: a transcrição dos itens de concordância nominal produzidos pelas crianças devem corresponder ao que foi dito em

relação à marcação de plural. Por exemplo, se a criança disse “os anel”, transcrever dessa forma; o mesmo para “as flor”, “as vaca”, “os pórcos”, etc.

8. Em relação aos itens de concordância verbal de terceira pessoa (“eles vão descer”) na fala das crianças, transcrever segundo o que foi produzido. Por exemplo, “as vaca também fica aqui ó”, “ele tão indo de ré”, “daí eles acharam um barco”. Assinalar também se falta a nasalização (o /m/ final da forma de terceira pessoa do plural). Por exemplo, “depois foru pra casa”, “eles ficaru brincando no sonho”, “e aí tentaru ir na casa da galinha”.
9. Em relação aos itens de concordância verbal de primeira pessoa do plural (“nós brincamos de casinha”, “a gente saiu cedo”) transcrever, também, segundo o que foi produzido. Por exemplo, “a gente gostamo de ir no pátio”, “nós damo água pros pato”, “isso daqui nós planta pra dar pros bicho”, “nós fomos na vó”. Assinalar a presença ou não da marca de plural do morfema, por exemplo, “vamos”, “vamo botar os bicho pra dentro”.
10. Sobre segmentos que não entendemos com certeza:
 - a. se acho que entendi mas não tenho certeza: transcrever o segmento tal como achar que foi dito e colocá-lo entre [] e, imediatamente após, o sinal ?. Ex.: “nos tava na [pracinha] ? naquele dia”
 - b. se não entendi nada: se for uma palavra, colocar X; se for um segmento maior, colocar XXX. Ex.: “a minha irmã foi XXX”.

OBS.: Antes de decidir por utilizar essas marcações (nos casos dos itens sob estudo) ouvir várias vezes o segmento para tentar ser o mais preciso possível.